

Dia 1

Data: 25 de Março de 2011

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: O meu primeiro ensaio de teatro com o grupo

Cheguei ao bairro Horta da Areia ainda não eram 16 horas. Tal como a Júlia me tinha dito, quando cheguei soube logo onde estavam, pois do pré-fabricado de madeira perto da estrada conseguiam ouvir-se vozes de crianças e a da Júlia Entendi que estavam a fazer um exercício de voz, pois estavam a gritar coordenadamente ao som das indicações dela. Aproximei-me e espreitei pela janela aberta, tendo visto um grupo de crianças já a desmobilizar-se. Pareceram-me ser na maioria ciganas, pelos traços do rosto e cor do cabelo e da pele. Estavam a despedir-se dela, algumas com um abraço. Foi difícil conseguir que olhasse para mim mas depois de chamá-la uma terceira vez, já estava a sala mais vazia, fez-me sinal para que desse a volta. Foi o que fiz. Entrei pela porta da frente do centro comunitário e dirigi-me à sala para ir ter com ela. Pelo caminho cruzei-me com as crianças em fila, coordenadas por uma mulher loura.

Já com a Júlia, falámos sobre eu ir ter uma conversa com o Paulo para lhe explicar as minhas intenções e pedir formalmente uma autorização uma vez que até lá só tinha exposto o assunto à Mafalda. Levou-me até ao gabinete dele, logo à entrada do centro. Pelo caminho a apresentou-me a tal mulher loura, a Sónia, como sendo a animadora do centro. No gabinete estavam a Mafalda e o Paulo, à volta de uma pequena mesa redonda, acompanhados de papéis e um calhamaço que me explicaram depois ser o doutoramento de alguém. A Mafalda estava a folheá-lo. Apresentou-me ao Paulo perguntando se já nos conhecíamos. Ambos dissemos que sim, mas só de vista. Ofereceram-me café mas eu não aceitei dizendo que não tenho o hábito de o beber. A conversa com o Paulo fez-se num tom bastante informal. Eu expliquei-lhe rapidamente quais eram as minhas intenções e que a conselho da Júlia ia participar também no trabalho com o grupo de jovens, que os jovens tinham concordado e que era uma forma de me integrar aproveitando que precisam de uma pessoa para a peça. O Paulo concordou, disse para eu estar à vontade e que não há problema nenhum. A Mafalda perguntou-lhe se ele não tinha pergunta nenhuma para me fazer e ele respondeu que não, que só vai querer ver depois o projecto de investigação assim que eu o tiver. A Mafalda sublinhou que, tal como me tinha já dito, ali é tudo assim, muito informal e sem levantar grandes entraves.

Voltei então para a sala, a Mafalda acompanhou-me. A Júlia já tinha começado o trabalho com o grupo de jovens. Encontrei 7 jovens na sala a representar a peça, com idades entre os catorze e quinze anos parece-me. A sala estava como uma sala de aulas e cinco deles faziam o papel de alunos sentados à secretária, um de professor e a Júlia estava a fazer o papel de auxiliar educativa que a Mafalda me disse que seria depois o meu papel. Numa outra mesa ao lado da suposta sala de aula estava uma outra rapariga, que percebi depois ser a “directora da escola”. Assisti à peça.

Era a história de um grupo de alunos da “Urbanização das Rolotes” que, na escola, estavam sempre a ser gozados pelos alunos do Bairro Chique Choque, que vestiam roupas mais caras e mandavam bocas foleiras. Havia ainda o professor Isidoro que acabava sempre por defender os alunos do Bairro Chique Choque e expulsar da sala os alunos da Urbanização das Rolotes. A auxiliar e a Directora também estavam do lado do professor.

Representaram uma vez e a Júlia disse-me quando saiu de cena que a seguir eu poderia falar com eles e explicar o que é que estava ali a fazer, apesar de ela já ter falado na semana passada e que poderia logo começar a ensaiar. Assim se passou. O ensaio decorreu normalmente, comigo a tentar construir ainda a minha personagem e com eles a aperfeiçoar as suas. Começámos por representar a peça sem utilizar sons e voz, para trabalhar a expressão corporal. Ao início eles perguntaram como é que iam representar sem falar, mas depois fizeram-no sem problemas. Todos eles me pareceram interessados, pela forma como representaram uma e outra e outra vez ajustando-se às indicações que a Júlia ia fazendo. Havia um que estava distraído e que disse mesmo que “hoje não me apetece”, com uma cara franzida, mas ainda assim foi participando. Achei engraçado o interesse deles pela língua materna da Júlia, pois de vez em quando perguntavam-lhe como é que se dizia qualquer coisa em francês. Ela dizia e eles repetiam. Aquele que estava distraído chegou mesmo a folhear o dicionário de português - francês antes do fim dos ensaios. Quando o ensaio terminou fizemos dois exercícios divertidos, o primeiro era o do mosquito e eu fiquei de fora para ver como se fazia porque não conhecia e ao que me pareceu, requeria algum ensaio de coordenação. O segundo exercício eu também não conhecia mas um deles disse antes de começarem: “A Vânia também entra” e então fiz com eles.

No fim a Júlia disse-lhes que está a tentar arranjar um sítio para apresentarmos a peça, uma vez que a apresentação mais próxima está agendada para Junho. Disse que ia tentar arranjar uma antes, para Maio. Eles saltaram de alegria. Depois falou-se de uma possível construção de cenários, da utilização de perucas e outros adereços para a

caracterização das personagens... eles ouviram com atenção e entusiasmo, sem fazer barulho. No fim todos arrumámos a sala e quando a Sónia chegou pediu-lhes que fechassem as janelas e arrumassem os livros. Assim fizeram e foram saindo despedindo-se de nós. Nós ainda ficámos uns dez minutos fora do centro a falar com a Mafalda e o Paulo e acabámos por vir todos embora.

Dia 2

Data: 1 de Abril de 2011

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

Cheguei ao centro faltavam dez minutos para as 16h. Surpreendi-me quando cheguei à sala de ensaios, com as persianas corridas para baixo e vi os jovens já à volta da mesa e do computador da Júlia. Iam assistir às filmagens que tinham sido feitas num dos ensaios da peça, antes de eu entrar. Estavam silenciosos. Cumprimentei todos e aproximei-me também da mesa. Eu levava um dvd para entregar à Júlia, onde estavam gravadas fotos das nossas actividades conjuntas, desde 2007. Antes de começar a ver o filme estivemos ainda a ver algumas fotos do ensaio da primeira formação em teatro do oprimido que fizemos em Faro à procura de uma onde aparecêssemos a actuar, já devidamente “mascarados”. Quando passámos ao visionamento do filme a Júlia recomendou aos jovens que prestassem atenção a algumas falas que lhes saíram espontaneamente e que seriam interessantes de se repetir e a eventuais erros que detectassem. A mim disse-me que ficasse atenta à actuação da Lídia que estava a fazer provisoriamente de Márciozinha. Entretanto comentou-se ainda que faltavam 3 elementos do grupo, mas decidimos começar a ver sem eles pois tinham avisado que se iam atrasar. Vimos todo o ensaio. A Júlia foi fazendo correcções, dizendo que havia partes que estavam muito compridas e que entretanto agora já estão melhor, destacando frases chave ditas pelas distintas personagens e que deveriam ser repetidas, destacando alguns gestos, etc. Eu limitei-me a ver o filme e o restante grupo ia destacando os momentos mais engraçados e as falhas de alguns a nível de discurso, quando gaguejavam, ou de actuação quando demoravam muito tempo a reagir a algo. Quando chegaram os restantes três elementos que faltavam, os outros quiseram ver o filme outra vez mas a Júlia disse que não, que depois não tínhamos tempo para ensaiar e deixou-os só mostrar alguns momentos que tinham achado mais engraçado. Começámos então a

(des)arrumar a sala, para ficar com a disposição de sala de aula e criar os diferentes espaços onde se desenrola a peça. Eu ainda não sei o nome de todos por esta altura, mas uma delas ajudou-me a preparar a bandeja com os materiais para lhe levar o café e bolinhos na parte em que contracenamos. Esqueci-me de dizer que haviam um elemento novo no grupo, uma rapariga, que inicialmente pensei que ia só assistir ao ensaio, mas antes de começarmos a contracenar a Júlia perguntou aos miúdos qual poderia ser o papel dela. Chegou-se à conclusão que seria uma aluna neutra, amiga do grupo dos meninos ricos e do dos meninos pobres. Decidido isto todos foram para os seus lugares, sentados nas mesas e a Júlia lembrou-lhes que a peça começa com eles a entrar na sala de aula, portanto todos se levantaram das cadeiras para ir para o corredor. Começámos a ensaiar e alguns estavam distraídos porque tinham em cima da mesa desenhos para pintar e estavam a fazê-lo. A Júlia teve que lhes chamar a atenção umas quantas vezes. Os restantes elementos do grupo trataram de chamar a atenção aos que estavam distraídos, dizendo que queriam ensaiar. Contracenámos três vezes e no fim voltámos a arrumar a sala como estava. E depois falou-se de apresentar a peça em Junho e que até lá poderíamos fazer cenários, tais como desenhar em papel de cenário uma cidade com prédios e um bairro de barracas. Ele pareceram entusiasmados dizendo “que fixe!”. A Júlia disse que no próximo ensaio vamos trocar de papéis porque eles parecem já fartos de ensaiar sempre a mesma coisa e isso traz-lhes um novo desafio.

Dia 3

Data: 8 de Abril de 2011

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

Cheguei à horta da areia faltavam dez minutos para as 16h e já os jovens estavam na sala, sentados no sofá entretidos uns com os outros á espera que a Júlia acabasse com o grupo dos Dreds da Horta. A Júlia estava sentada em círculo com o grupo das crianças, eram uns sete e estavam a fazer um exercício sentados nas cadeiras. Quando entrei as crianças olharam para mim e perguntaram “Quem é aquela?” e ela respondeu “É uma amiga minha.” “E o que é que 'tá aqui a fazer?” “Depois eu explico, vamos continuar.” Fiquei a pensar que se calhar não devia ter entrado assim e deveria ter esperado para ela acabar para não perturbar, mas depois apercebi-me que a minha presença só suscitou uma curiosidade inicial que logo foi esquecida pois voltaram a

concentrar-se no exercício. Aproximei-me do sofá dos jovens, cumprimentei-os, alguns cumprimentaram-me, as raparigas sorriram, o João disse-me “Boa tarde Vânia” e o Márcio e o Henrique continuaram a conversar. *[Acho que a minha presença não causa neles os dois nenhuma reacção em especial, dá-me a sensação que lhes passo um bocado ao lado como se estivesse ali mesmo só para fazer o meu papel na peça. Já o M., desde o início, é aquele que me parece que mais se esforça por me integrar, por ser simpático e porque se não me quisesse ali sinto que, pelo que se passou no final do ensaio, eu já deveria ter dado por isso. Mas lá chegarei.]* Esperámos que a Júlia acabasse. O João perguntou-me se eu queria um “Mentos”, eu aceitei. Enquanto esperávamos que a Júlia acabasse com as crianças consegui observar os jovens e a forma como lidam uns com os outros. Apesar das brincadeiras e embirrações quase constantes uns com os outros, há pequenos momentos em que tratam de chamar a atenção a dizer “aleijaste-me, tem cuidado!” ou ficam mesmo a conversar sobre algum assunto de interesse, para além de partilharem entre si algumas coisas como os “Mentos”, o Magalhães do Márcio ou o leitor mp3 do João *[A forma como se relacionam fez-me pensar que apesar de tudo parecem gostar uns dos outros e têm uma dinâmica própria de um grupo já habituado a coexistir.]*

Quando a Júlia acabou com as crianças e estas saíram disse ao grupo que temos uma apresentação antes da que estava prevista em Julho e explicou-lhes que vai ser em Junho, na Universidade. Eles ficaram entusiasmados, saltaram de alegria e quiseram logo saber onde é a universidade. A Júlia explicou que é na Penha. O João disse que vão gozar com eles, a Júlia disse “Não vão nada, eles não sabem fazer teatro e vocês sabem!”. Entretanto a Júlia acrescentou que eu já lhe tinha dado o vídeo da peça que fizemos que tínhamos falado na semana passada e que não tinha trazido o computador para ver, mas que víamos depois para eles perceberem o que é um fórum e como funciona. Perguntaram porque é que não podíamos ver logo e ela repetiu pacientemente a informação que tinha acabado de dar. O João perguntou se podemos fazer essa peça, com o “Toninho” e a Júlia explicou que não tem muito a ver com eles e que por isso não vamos fazer para já.

E com isto começámos a (de)sarrumar a sala para começar o ensaio. Ainda demorámos um bom bocado a começar porque era o dia de trocarmos de papéis e primeiro que eles decidissem que é que ia ser quem, ainda levou um bocado e a Júlia teve que lhes chamar a atenção para o facto de irmos ensaiar várias vezes e depois poderiam trocar de papéis outra vez. Eu fiquei quieta enquanto se decidiam, porque

estavam mesmo muita confusão. [*Acho que ainda estou a tentar definir o meu papel no grupo, pelo menos quando não estamos a ensaiar, porque aí sei o que fazer. Não sou curinga como a Júlia, por isso não acho que deva intervir quando está a haver confusão, ou de os corrigir, mas também não sou da idade deles o que faz com que não me envolva nas discussões e brincadeiras próprias da dinâmica que já têm uns com os outros. E isto coloca-me talvez na posição perfeita para os observar, parece-me, mas isso ainda me causa alguma estranheza. Enfim... acho que ainda me sinto um bocado deslocada, espero que acabe por passar com o tempo.*] Todos trocaram de papéis e eu mantive-me quieta até que alguém disse (já não me lembro quem) “A Vânia também tem que trocar!” e a Júlia disse que sim e tratou de me arranjar um papel. Para mim trocar foi complicado porque entrei recentemente na peça e mal consegui decorar o meu papel, ou as minhas falas-chave, quanto mais as deles. Nesse aspecto eles pareceram-me bem mais à vontade. A Rita por exemplo, acrescentou sempre algo de interessante às personagens que interpretou e fá-lo bem, parece-me bastante expressiva e imaginativa. O João no último ensaio distraiu-se tanto com a vassoura da “Zézinha” que a Júlia teve que lha arrancar das mãos, mas antes de estar distraído foi dando dicas aos colegas que interpretavam o papel de professor, que normalmente lhe pertence “Agora tens que dizer isto ou fazer aquilo...”. O Márcio fez uns dois ensaios antes de acabar a dormir/descansar no tapete. Começo a pensar que ele é preguiçoso, ou depois de ensaiarmos uma ou duas vezes, desinteressa-se facilmente. As outras três raparigas de quem ainda não decorei os nomes sinto que têm mais dificuldade a nível das falas, bloqueiam um pouco às vezes, mas estão sempre interessadas e divertidas.

O último ensaio foi um desastre pareceu-me, já eram quase 17h e eles quiseram ensaiar mais uma vez, mas demoraram novamente a escolher quem era quem e às tantas entraram duas raparigas, não reparei exactamente quando porque devia estar de costas, mas parece que ainda os distraíram mais. A custo lá fomos fazendo a cena, com a Júlia sempre a tentar apressar e pôr ordem na situação. Até eu me estava a sentir desconcentrada! No fim do ensaio as duas raparigas perguntaram se podiam participar na peça e aí as coisas dividiram-se com o João e a Rita em posições opostas. A Rita disse que “sim, claro”, o João dizia que não e acrescentou a dada altura que se elas entrassem ele saía. A Júlia chamou-lhes a atenção, especialmente ao João e disse que não são eles que decidem, que isso tem que ser uma decisão tomada por todo o grupo e que além disso ainda vai ter que se falar com a Lúcia e a Sónia e o Paulo porque a última decisão tem que passar sempre por eles. Entrou a Lúcia entretanto e exposta a situação

ela falou da questão da idade, as raparigas têm 18 anos e não frequentam o centro, pelo que estão fora do público que se pretende para aquele grupo, além disso teriam que vir mesmo aos ensaios. Ficou mais ou menos estipulado que não vão entrar no grupo pela questão da idade e de não serem frequentadoras do centro, mas ficou no ar a possibilidade (que a Júlia já me tinha dito que estava a ser falada) de se criar um outro grupo de teatro, de adultos e aí elas poderiam participar. Saímos todos do centro e o João estava ainda claramente contrariado. A Júlia foi falar com ele, chamar-lhe a atenção para o facto das decisões terem de ser tomadas em grupo e de ele não poder simplesmente decidir assim que não. Ele voltou a manter a sua posição de que “se elas entrarem eu saio” [*e isso fez-me pensar que para ele aquele grupo de teatro, tal como está, tem um significado que poderá ir mais além do que os ensaios. Será talvez um sítio onde se sente bem acima de tudo, no meio dos amigos? Esta questão é algo que eu tenho que explorar um pouco melhor futuramente, parece-me. E fez-me também pensar que se ele não me tivesse aceitado no grupo, por esta altura eu já teria dado por isso.*]

Dia 4

Data: 13 de Maio de 2011

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

Quando cheguei já estavam todos. A Júlia estava a despedir-se do grupo anterior e os Minoria do Gueto estavam sentados no sofá à espera. Faltava uma das raparigas, mais dois dos rapazes. A rapariga foi substituída por uma menina que costuma andar lá pelo centro e que penso que pertence ao grupo anterior, o grupo das crianças. Os dois rapazes que faltavam, o Márcio e o outro ainda não sei o nome, tinham ido a um encontro de capoeira em Portimão. Ou pelo menos um deles tinha, alguns elementos do grupo disseram que viram o outro a andar de bicicleta junto à ria, porque o pai não o tinha deixado ir a Portimão.

Ensaíamos uma vez. Depois ficámos a falar sobre a peça e a música que vamos utilizar. Ao início pensámos como poderíamos colocar as miúdas a dançar música cigana, mais as raparigas ricas a dançar as suas músicas, como se fosse uma *battle*. Eu sugeri que se colocasse ao início, antes de entrarem para a “aula”. A Júlia achou boa ideia. Começámos então a escolher nos cd’s que eles tinham algumas músicas ciganas que poderiam dançar. Andávamos á procura de uma música que fosse cigana, mas recente, para mostrar um género diferente daquele que é usual ouvir. As miúdas

começaram a dançar e é incrível o jeito que têm, eu não tinha coragem de dançar ao pé delas porque ia fazer má figura de certeza! Pensámos também numa música para a Directora e para a Márciozinha. Passámos o resto do tempo a escolher as músicas, até ao fim da hora. Às cinco começámos a arrumar e a Júlia disse que ia fazer uma compilação das músicas no MP3 para usarmos depois.

Quando saímos estavam a ser distribuídos ovos da Páscoa pelos jovens, que estavam a dividi-los entre eles e nos perguntaram se nós as duas queríamos.

Dia 5

Data: 13 de Maio de 2011

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

Cheguei atrasada. Na verdade tinha-me esquecido do ensaio, porque estava no núcleo a preparar a apresentação para a aula do Jim e nem me lembrava que era sexta-feira. Passavam uns dez minutos das 16h quando recebi uma mensagem da Júlia que dizia: “É só para saber se vens ao ensaio”. Liguei-lhe a dizer que ia, que estava quase a chegar e pus-me imediatamente a caminho. Quando cheguei percebi que ainda não tinha perdido nada. Estavam ainda a organizar a sala, a Júlia disse que tinham acabado de começar. Cumprimentaram-me, pedi desculpa pelo atraso e quando a sala estava na disposição correcta, ensaiámos uma vez.

Como faltavam a Márcio e a Natália, a Márciozinha não entrou em cena e eu fiz de Directora, a personagem da Natália. A Júlia fez o papel da Rita. Para além das miúdas a dançar no recreio antes de entrarem na sala, acrescentámos a cena da capoeira no intervalo, enquanto forma de confronto entre o André Saga e o menino rico. Ainda não sei o nome de todas as personagens, claro, nem de toda a gente do grupo, ou não fosse eu um desastre para decorar nomes!

Como a Directora fica sentada ao lado do professor Isidoro, representado pelo João, ficámos os dois na sala enquanto a “turma” foi lá para fora para entrar na sala de aulas. Ele lembrou-me que faltam três semanas para apresentar a peça na universidade. Eu disse-lhe “vais ver que vai ser divertido”. *Fiquei a pensar que está um pouco preocupado com isso, na verdade ele foi o único que ao início quando soube da notícia da apresentação da peça, disse que iam gozar com eles lá na universidade.*

Ensaíamos uma vez. Com a capoeira na peça, alterámos um pouco a coisa e o que acontece é que a Directora agora vai ter que interromper os dois rapazes e mandá-los para dentro da sala, chateando-se por eles estarem a lutar. Ensaíamos uma e outra vez. Depois ficámos a decidir qual a música de capoeira que deveríamos cantar. Os dois rapazes da capoeira ensinaram-nos algumas músicas e ficámos a treinar cantar e fazer ritmos, enquanto eles iam lutando. A Júlia tinha dito para a Directora interromper a luta deles e como eu era a directora, foi o que fiz, durante a “luta” deles, aproveitei que um se desequilibrou e caiu no chão e avancei gritando com as mãos na cabeça: “Parem que vocês ainda se matam!”. O Márcio que estava ao pé de mim disse-me com as sobrancelhas franzidas “Não faz mal, isto é mesmo assim!”. E eu, ainda na personagem, disse-lhe: “É mesmo assim não, não é suposto vocês andarem a lutar no intervalo!”. E foi então que a Júlia nos interrompeu e disse: “Estamos a representar Márcio!”. E desatámos todos a rir.

Acho giro que possamos utilizar o que eles sabem fazer para integrar a peça. Os rapazes jogam capoeira, as raparigas dançam e já para não falar do potencial que cada um deles tem para representar! A Rita criou uma personagem tão consistente que ninguém a consegue substituir, por exemplo. Faltam-nos sempre os tiques de “betinha” que só ela sabe fazer.

Perto do fim falámos da criação de um cenário, que deveria conter num lado uma cidade com prédios alto e no outro lado barracas. Ficámos de construir isso juntos num dos próximos ensaios.

No fim disse à Júlia que me tinha esquecido, ela disse que não queria mandar mensagem, mas os jovens estavam a perguntar por mim e a insistir para ela ligar. Quando saímos ficámos no gabinete a falar com a Mafalda, a Lídia e a Sónia sobre a apresentação da peça na ESEC. Falou-se do transporte e de uma outra apresentação que será feita em Olhão, algures em Junho (já não sei o dia exacto, tenho que apontar na agenda depois). A Júlia disse que eu não preciso de participar se não quiser, mas eu acho importante ir.

Dia 6

Data: 20 de Maio de 2011

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

Este foi o último ensaio antes da apresentação da peça na universidade, no dia 7 de Junho. O último ensaio para mim, porque eles vão ter um no dia 3 de Junho, às 17h, mas eu não vou poder participar porque vou estar a dar aula. Talvez consiga ir meia hora só, tenho que ver.

Quando cheguei ao Centro Comunitário faltavam vinte minutos para começar o ensaio. Já lá estavam a Filipa e a Rita. A Júlia estava com o grupo das crianças e eu fiquei cá fora, no corredor, para não ir perturbar. As 4 também estavam num dos gabinetes a conversar. Sentei-me no banco e passado um bocado chegou a Ana. Cumprimentou-me e juntou-se às outras. Passado um bocadinho de estarmos à espera chegou o Henrique, que me disse: “Ainda faltam vinte minutos”. Entretanto chegou a Lídia que mandou as 3 para a rua dizendo que elas estavam a fazer barulho e a equipa estava a tentar trabalhar e que ainda faltava algum tempo para o teatro e elas estavam ali desde as 15h30. Então saíram para a rua.

Entretanto o Henrique disse-me que ia chamar o João e o Márcio e a Filipa pediu à Lídia para arranjar um pano. Quando tinha o pano foram para a rua e perguntaram-me se eu queria ir, para jogarmos ao lencinho da botica. Eu fui. Ficámos à porta do centro na parte de cimento e aí começámos a jogar. Eu fiz equipa com a Ana, a Filipa segurou o lenço e a Rita ficou a jogar contra nós as duas. Mesmo com a Rita a jogar sozinha, acabámos por perder. Depois ficou a Rita a segurar no lenço e a Filipa a jogar, aí acho que ganhámos. Mas não tenho a certeza porque a verdade é que às tantas deixámos de contar os pontos e ficámos só a jogar. Gostei de jogar com elas, senti-me bem e consegui perceber que são de facto um grupo de miúdas bem-educadas. E escrevo isto porque houve uma ou duas vezes que a Rita me pisou e pediu-me desculpa, para além de que mesmo entre elas têm uma relação de respeito e tratam-se da mesma forma. Entretanto o João chegou e juntou-se a nós, pelo que a equipa ficou equilibrada e começámos a jogar 2 contra 2.

Às 16h entrámos, para o ensaio. Já estávamos todos menos a Natália e a rapariga de cabelo preto que ainda não sei o nome, que chegaram passado pouco tempo. A Natália disse que estavam na praia e que só conseguiram chegar a tempo porque disseram que tinham ensaio de teatro e não queriam faltar.

A Júlia levou perucas e alguns adereços como óculos e uma bata e então começámos por escolher e experimentar os adereços para ver quais os que ficavam melhor a cada personagem. Os miúdos estavam entusiasmadíssimos, todos queriam ficar com uma peruca, depois experimentavam os óculos, depois trocavam, depois

davam palpites... enfim, foi a confusão total. O Márcio e o Henrique trouxeram a roupa da capoeira uma vez que na peça vão lutar capoeira e decidiu-se que o Márcio ia usar uma peruca cor-de-laranja com um ar punk e uns óculos de sol. A Natália foi a casa rapidamente buscar um vestido e umas socas, para dar um ar adulto à sua Directora. A Rita arranjou uma mala rosa-choque e colocou uns óculos de ver com uma graduação enorme e o João uma peruca, um bigode e uns óculos. À Zezinha calhou uns longos cabelos grisalhos e a bata. A Júlia ficou de trazer ainda uma peruca para a Directora, para compor ainda mais o seu figurino. O difícil foi conseguir explicar aos restantes que não podiam levar perucas porque eram os oprimidos e nós não gozamos com os oprimidos, só com os opressores. A Júlia teve que repetir umas quantas vezes que eles tinham que ir vestidos normalmente para mostrar às pessoas que os jovens da Horta da Areia não se vestem mal, são crianças normais. Acabaram por se conformar e começámos a ensaiar.

O ensaio da peça foi o de sempre, uns a querer concentrar-se e outros a perturbar. Houve uma altura em que o João e o Márcio começaram a picar-se um ao outro e aí a Júlia teve que se chatear a sério. Depois o João ficou com uma atitude de contrariado e com um ar aborrecido. Sentou-se na sua cadeira com uma cara séria, dizendo que já não queria fazer o papel dele e que já estava farto de ensaiar que já sabia tudo. Entretanto a Júlia disse-lhes que aquele era o último ensaio e que nas próximas duas semanas não iam ensaiar porque ela não ia estar aí. Aí já mudaram de atitude, com o Henrique e algumas das raparigas, por exemplo, a dizerem aos outros que queriam ensaiar e a tentar meter uma certa ordem no resto do grupo.

Fizemos então um ensaio e a Natália atrapalhou-se um bocado com as falas. O João estava claramente chateado, voltou para a mesa dele e começou a reclamar que ela se enganava sempre. A Júlia disse “É a maneira que ela sabe fazer João” e ele sentou-se mais uma vez de braços cruzados. A Júlia perguntou se na peça ele também ia sair se alguém se enganasse e depois disse que tudo pode acontecer na apresentação de uma peça, uma peruca cair, alguém se esquecer de uma fala e que eles têm que se ajudar uns aos outros se alguma atrapalhação acontecer.

Quando acabámos o ensaio faltavam quinze minutos para as cinco horas. O Henrique estava a insistir para que ensaiássemos mais uma vez, mas acabámos por não ensaiar. Em conversas com eles a Júlia acabou por dizer que só se fizessem um ensaio num outro dia que não à sexta-feira e foi então que combinaram para uma quarta-feira, às 5h da tarde. Depois falou-se das músicas, o Márcio disse que não gostava que nós

estivéssemos a cantar quando eles faziam capoeira porque isso os desconcentrava e parecia que nós estávamos a morrer de tédio, por isso sugeri arranjar uma música fixe. A Júlia disse para as raparigas lhe darem o nome de algumas músicas para ela poder arranjar na internet e acabaram por trocar e-mails e de se procurarem no *facebook* para irem comunicando durante a ausência dela. Eu depois avisei a Júlia que não ia poder estar no ensaio na quarta-feira, ela disse que não faz mal porque eu já sei e que eles também já sabem e que não está preocupada que já sabe que na altura vão fazer tudo bem. Falámos também as duas dos cenários, ela disse eu fazer qualquer coisa em casa rapidamente. E falou-se de fazermos um ensaio geral no dia 7, com todas as músicas e todos os cenários e figurinos, porque nunca fizemos tudo junto.

Dia 7

Data: 27 de Maio de 2011

Local: Casa

Assunto: Recordando uma conversa com a Mafalda

Lembrei-me hoje que durante a viagem à Turquia, falei com a Mafalda sobre aquela situação de terem aparecido aquelas raparigas no ensaio e de se quererem juntar ao grupo de teatro. Quando lhe falei da reacção do João, ela disse-me que ele é um pouco preconceituoso e que acha que isso tem que ver com a educação que recebe dos pais, que são retornados, têm algumas posses e são um pouco racistas em relação a alguns elementos da etnia cigana do bairro. Eu disse à Mafalda que no grupo de teatro há ciganos e que ele se dá muito bem com eles, ao que ela me respondeu que no grupo de teatro é diferente, porque ele conhece-os, mas aquelas raparigas que apareceram, ele não gosta nada delas.

Isto deu-me que pensar, porque de facto dentro do grupo de teatro o João relaciona-se com ciganos e com uma mulata e com nenhum deles me parece ter uma relação má, fora as habituais brigas que são típicas de jovens daquela idade que têm alguma empatia! Será que a amizade deles já existia antes do grupo de teatro? Porquê gostar deles e não das outras raparigas? Parece-me que esta situação seria interessante de eu tentar perceber um pouco melhor, segundo a perspectiva do próprio João.

Dia 8

Data: 6 de Junho de 2011

Local: *Bairro Social Horta da Areia*

Assunto: *Ensaio geral da peça de teatro, integrado na festa do 13º aniversário do centro.*

Cheguei ao centro por volta as 14h30. A única coisa que eu sabia na altura é que ia haver um ensaio geral e que ia ser uma primeira apresentação pública da peça, a realizar-se no bairro. Foi a única coisa que a Júlia me disse por mensagens. Cheguei à hora combinada e quando me aproximava de carro do bairro, vinda da entrada sul, a primeira coisa que ouvi foi música alta. Não demorei muito a deparar-me com uma série de gente na rua, na parte de trás do centro. Havia gente a dançar, outros sentados, mesas, cadeiras, tendas montadas... e mais do que outra coisa, marcou-me mesmo a música alta. Era música cigana. Saí do carro a pensar onde raio haveria de me dirigir. Estava um vento irritante que me atirava o cabelo para a cara. Fui caminhando em direcção à entrada do centro, no lado oposto da festa, como faço todas as sextas. Estavam lá umas crianças do bairro, disse-lhes “olá”, eles responderam de volta e percebi que o centro tinha a porta fechada. Fui então na direcção da música.

Chegada lá, olhei à direita e vi crianças e jovens a dançar, raparigas sobretudo. Ana estava lá e Natália também. À esquerda estavam as mesas e as cadeiras, com algumas tendas para fazer sombra e os adultos lá sentados. Numa outra tenda, junto ao “palco” de dança improvisado no quadrado de cimento que me parece sempre ser o chão de uma casa demolida que ficou para trás, estava uma outra tenda, com umas painelas grandes. Aí avistei a Lídia e a Sónia. Fui nessa direcção. Cumprimentei-as e acho que a segunda coisa que perguntei logo à Lídia foi o que se estava a passar ali. Explicou-me que é a festa do 13º aniversário do centro comunitário. Depois perguntou-me se eu queria comer. Agradei, mas não aceitei. Tinha almoçado mesmo antes de sair de casa. A Sónia estava a servir alguém e vi que o almoço era carne à jardineira. Ali junto à tenda haviam caixas de fruta empilhadas, com mangas. Umas já estavam vazias, mas a maioria ainda tinham fruta. Fiquei por ali, a observar a animação geral. Junto à parede do centro debaixo de uma tenda estava o sistema de som e alguns rapazes lá de volta. Uma senhora já com uns quarenta e tal anos, de cabelo atado e saia comprida, foi para lá, pegou no microfone e começou a cantar a música que estava a tocar na altura. Cantava assim: “É felicidadí. É felicidadí. Ééé felicidadí...”. As raparigas continuavam a dançar. A amiga do André saga viu-me e fez-me adeus. Entretanto vi a Júlia, tinha acabado de chegar e estava rodeada pelos mais novos. Fui ter com ela. Eu disse-lhe que

não sabia que havia uma festa assim e ela disse-me que também não, só de manhã a tinham avisado e não tinha percebido bem o que era. Ela foi ao centro comunitário e eu fui atrás. A porta nesta altura estava encostada e entrámos. Lá dentro, na sala onde ensaiamos, encontrámos o grupo de dança do centro, “Las niñas”. Estavam a preparar-se para ir dançar, estavam a vestir-se. A Rita, Filipa e a Cristina, pertencem ao grupo de teatro Minorias do Gueto e dos mais pequenos uns quantos pertencem ao grupo de teatro Dreads da Horta e todos eles incorporam também o grupo de dança. Havia um problema porque os Dreads da Horta, algumas meninas não tinham sapatos.

A Sónia estava a dizer que não sabia o que tinham feito aos sapatos, que desapareceram do centro. As restantes já estavam calçadas com saltos altos e arranjavam os cabelos e a maquilhagem, mas havia o problema dos sapatos das pequeninas. As outras conseguiram arranjar sandálias, mas havia uma que só tinha uns chinelos cor-de-rosa muito sujos. Aliás, ela própria tinha um cabelo desganhado e os próprios pés estavam tão ou mais pretos do que os chinelos. A Sónia, enquanto atava o cabelo a uma pequena, perguntou à mãe da pequenina se não ela não tinha mais nenhuns sapatos para calçar, ao que esta disse que não. Lá mandou então a pequena ir lavar os pés e calçar então os chinelos e ela foi. Quando voltou estavam um pouco melhor e a Sónia tinha dito que não queria que ela dançasse de chinelos, mas eu lá a vi depois a dançar com os ditos chinelos. Entretanto a Sónia continuava sem saber o que tinha acontecido ao saco de sapatos que elas tinham para dançar. Passado um bocado aparece uma menina com um par de sapatos pretos com um ligeiro tacão e a Sónia quando viu perguntou onde é que ela tinha ido arranjar aquilo, que eram sapatos iguais aos que ela tinha para dançarem. Ela disse que a pessoa X, que não me lembro o nome, lhe tinha dado. Entretanto mais tarde elas vieram a descobrir que tinha sido alguém do Centro Comunitário que sem se dar conta tinha deitado o saco dos sapatos para o lixo. Falou-se que o que possivelmente aconteceu é que alguém os encontrou depois junto ao lixo e isso explica porque é que a rapariga os tinha.

Encontrei-me com a Rita no corredor e eu ia sair mas ela começou a chamar “Zezinha, Zezinha”, só que eu não respondia, porque não estava a associar que a Zezinha sou eu, até que finalmente lembrei-me e olhei então para ela, que começou a dizer que a Zezinha tem que engordar, que tem que se lhe arranjar uma barriga bem grande para pôr por debaixo da bata. O Henrique, por sua vez, andava de camisa e tinha uma gravata para fazer o nó. Mas ninguém sabia dar um nó na gravata. A Júlia, que estava a ajudá-lo, perguntou se eu sabia, ao que eu disse que não. Ele ia também dançar.

Entretanto fui para a rua. A Natália, Carina e Cristina ainda estavam a dançar. O João estava junto ao sistema de som com um grupo de rapazes que eu ainda não tinha visto. O Márcio andava também na rua com a roupa da capoeira porque eles iam fazer também uma demonstração de capoeira.

Entretanto começaram as actividades e o grupo de dança foi o primeiro a actuar. Estava já na altura mais vento. Enquanto os miúdos dançavam o palco foi invadido por adultos, toda uma família com marido, mulher e filha mais velha, a dançar no palco improvisado, que era um grande tapete preto estendido n chão. Como a seguir a Júlia ia fazer uma demonstração de alguns exercícios que faz no teatro com os mais novos, pediu a mim e à Mafalda que arranjássemos tudo o que fosse preciso para o teatro dos Minoria do Gueto. Levámos algumas cadeiras para a rua, que iam ser precisas e eu reuni o grupo para os levar para o centro para mudarem a roupa. Distribui os adereços por eles e fomo-nos preparando. Entretanto chegou a irmã do João, ou pelo menos na altura concluí que era irmã porque era mais velha um pouco, com a mesma estrutura física (gorda) e pelo discurso apercebi-me qual era o grau de parentesco. Eu não percebi muito bem o que se tinha passado, mas pela voz grossa e o tom alto, com que estava a falar com ele, pareceu-me que estava chateada com alguma coisa. Queixava-se que ele tinha deixado o irmão sozinho e que tinha que voltar para casa. O João estava a pedir-lhe para ela o deixar ficar mais um bocado, disse qualquer coisa como “Fogo, deixa-me só fazer o teatro”. Depois perguntou-me quanto tempo demorava para começar a peça, eu respondi-lhe que era só o tempo da Júlia acabar a demonstração com os Dreads da Horta. A irmã saiu porta a fora e mais tarde, quando eu estava a ir para a parte de trás do centro, onde íamos apresentar a peça, vi-a a passar com um menino mais novo, também ele gordinho, ao seu lado. Calculo que fosse então o outro irmão do João. Enquanto passava por eles ouvi-os a falar e ela disse que não sei quem estava no hospital. *Calculo que estivesse a haver ali algum problema com alguém da família.* Entretanto ela acabou por ir assistir à peça de teatro.

Antes de começar a peça ficámos um instante lá fora, a assistir aos exercícios dos mais novos. Eu e as meninas ficámos sentadas e os rapazes andavam por lá. A Natália estava preocupada com a peruca, tirava e punha e disse-lhe montes de vezes que aquilo estava bem, mas ela estava sempre a ver-se no reflexo do vidro da janela do centro e a compor-se. Eu também estava preocupada com a minha mas por motivos diferentes, é que com o vento que fazia estavam os cabelos grisalhos a vir-me sempre para a cara. Enquanto estávamos de pé a Filipa, que estava ao meu lado, encostou a

cabeça ao meu ombro. Depois mostrou-me uma ferida que tinha no pé, por causa dos sapatos e perguntou o que é que fazia. Estava a deitar um pouco de sangue. Eu disse que era melhor ela limpar com água e que podíamos ir ao centro desinfectar e colocar um penso já que ela ainda tinha que ficar com os sapatos um bocado. Ela encolheu os ombros e disse que não valia a pena, que não doía muito. [*Achei que era uma forma de ela demonstrar carinho por mim, assim como a brincadeira da Rita com a barriga da Márciozinha*]. A apresentação da peça correu bem, dadas as circunstâncias. Estávamos num espaço aberto o que não ajuda com a projecção de voz. Além disso, estava uma ventania cada vez pior. E tínhamos um público muito particular, que era constituído pelas crianças pequenas que praticamente invadiram o palco. Lembro-me que a Natália, no seu papel de Directora, sentada na sua secretária, quase não se via porque tinha um aglomerado de miúdos à volta da “secretária” a olharem para ela muito atentamente. A Mafalda ou a Júlia, alguma delas comentou depois comigo que o respeito pelo palco e a noção de respeitar o espaço do outro tinha ainda que ser trabalhada com os mais pequenos. Ainda assim, mesmo com a invasão do palco, todos se desenrascaram muito bem e pareceram-me muito tranquilos, tendo em conta que era a primeira vez que estávamos a apresentar em público. Parece-me sobretudo que eles estavam em casa!

No final da peça o João foi logo embora. O restante grupo juntou-se e estivemos a falar de amanhã, da apresentação da peça na universidade. Combinámos as horas, eu disse-lhes que ia ser fixe porque íamos ter uma sala, umas cortinas pretas e tudo. Eles pareciam curiosos, pelas perguntas, de quem é que ia lá estar, onde é que era a universidade...

Depois de falarmos ajudei a Júlia a arrumar e tive que ir embora porque tinha ainda que ir para a universidade.

Dia 9

Data: 7 de Junho

Local: ESEC

Assunto: 1ª Apresentação da peça “A minha camisola vale mais que a tua casa” e análise da filmagem.

Quando cheguei à sala 55 o grupo já tinha chegado. Andavam atrás das cortinas pretas, a Júlia estava com um outro rapaz, que foi com eles, a ver o sistema de som. Estavam o Paulo, o Pedro e a Mafalda também. A música que se ouvia era Hip-hop e lá

atrás a malta divertia-se a dançar enquanto colocavam os acessórios. Juntei-me a eles, coloquei a bata e a cabeleira e a Mafalda disse para tirarmos umas fotos todos juntos. Tivemos a pousar para as fotos. Depois a preocupação que se vivia atrás da cortina era a de que estava pouca gente. O Márcio e o João fartavam-se de espreitar e diziam sempre: “Não está quase ninguém!”. As raparigas pediram à Júlia se podiam dançar no fim da peça, todas, no palco e ela disse que sim. O Henrique manteve-se praticamente calado o tempo todo.

Depois a Júlia tratou de nos reunir a todos, atrás da cortina preta e fizemos um pequeno exercício de concentração, antes de começar em que ela falou connosco e advertiu para se alguma coisa acontecer que não é esperado improvisamos, se alguém se esquecer de alguma coisa, os colegas ajudam e disse que não é grave se isso acontecer. No fim juntámos as mãos ao centro, umas em cima das outras e gritámos todos “Minorias do Gueto!”. A Júlia saiu de trás da cortina, começou a cumprimentar o público, a apresentar o teatro do oprimido. Perguntou o que é o teatro do oprimido, do parte do público algumas pessoas já conheciam então uma explicou. Depois perguntou “E é um teatro que vem de onde? De que país?”. Alguém deve ter dito alguma coisa porque ela respondeu: “O país da Rebeca, exacto. Vem do Brasil.” E contou a história do Augusto Boal, nos anos 60. Entretanto o barulho lá atrás tinha-se intensificado.

Pela filmagem da peça consegue ver-se que atrás da Júlia está a cortina preta e alá atrás, junto à cortina, só se vê os pés dos atores. Isto é porque lá atrás eles não paravam quietos. Eram os saltos das raparigas que faziam barulho no soalho de madeira enquanto elas andavam entusiasmadas de um lado para o outro, era o Márcio com a sua cabeleira laranja deitado no chão para espreitar por debaixo da cortina, era a Natália que continuava preocupada com a sua cabeleira azul e tirava e punha ignorando que eu lhe dissesse que estava bem... enfim, a Júlia teve mesmo que pedir “silêncio aos actores, obrigado”. Eu, como não queria fazer barulho, não estava a conseguir calá-los lá atrás porque o entusiasmo era demasiado.

Então a Júlia continuou, falando do contexto de ditadura e de como Boal decidiu utilizar a metodologia do teatro “para falar dos problemas das pessoas a sobretudo para pensar em alternativas. Portanto não é um teatro triste, é um teatro que propõe soluções e alternativas.”, sendo que acrescentou que é o público quem dá essas alternativas. E explicou as regras do jogo: “Nós vamos propor-vos uma história que tem um fim triste, nós achamos que é um fim triste e vamos pedir a vocês de pensarem connosco como é

que faríamos para resolver essa situação.” E explicou o conceito de espetadores, concluindo que “Isto são as grandes linhas, são as regras do jogo.”

Em seguida fez um jogo para aquecer o público e lá atrás continuava um rodopio de pés por debaixo da cortina, se bem que agora já mais silenciosos.

Quando acabou começou a apresentar o grupo. Disse: “Este grupo é um grupo muito especial. Primeiro é um grupo de adolescentes, portanto são actores jovens. É a primeira vez que ‘tão num palco digamos assim. Ontem tivemos um ensaio geral um pouco particular, no meio do vento, no bairro deles. Aa tínhamos público também no palco, portanto foi um pouco caótico mas foi com muita energia e muita alegria e isto foi importante. Mas é a primeira vez que apresentamos assim numa sala que parece um pouco uma sala de teatro, etcetera. Eles ainda nunca fizeram fórum portanto eu acho que também para eles vai ser aprendizagem, o que é que vai ser o fórum não é? Aa e é uma história que construímos em conjunto. Eles escolheram os papéis que queriam fazer, os diálogos também foi eles que fizeram, escolhemos as músicas, os adereços, os nomes das personagens, o nome do grupo e o nome da peça. Eu facilitei, digamos assim. A peça chama-se ‘A minha camisola vale mais que a tua casa’ e o nome do grupo chama-se ‘Minoria do Gueto’. É um nome bem forte. Esses jovens vêm dum bairro que chama-se ‘Horta d’Areia’ e a minha participação com estes jovens vem através de um projecto que é da Cruz Vermelha que é o projecto ‘Mais Próximo’ que a Mafalda é uma das representantes aqui e ‘tou a trabalhar no centro comunitário da Horta da Areia que também aqui há voluntários e técnicos aqui sentados no público, portanto se calhar também no fim querem fazer perguntas a essas pessoas que trabalham diariamente com esses jovens, podem á vontade. É uma forma de aprender coisas novas! Pronto!”. E em seguida disse: “Então vamos começar. Tenho o prazer de apresentar a peça ‘A minha camisola vale mais que a tua casa’ e o grupo ‘Minoria do Gueto’. Palmas!” Ouviram-se palmas, alguma bagunça de vozes lá atrás, os sapatos a circular por debaixo da cortina e a Júlia fez: “Shiuuu” antes de colocar com o Valentim a música a tocar. Ao som da kizomba entraram a Natália e o João que ocuparam os lugares nas suas secretárias. Logo em seguida as três meninas, Ana, Filipa e Cristina, a dançar sob o olhar reprovador da personagem da Rita e do Márcio. Ficámos lá atrás eu e o Henrique. Ele estava sentado em cima de um cubo e depois levantou-se para se aproximar da cortina, porque estava quase a entrar e olhou para mim e em jeito de desabafo disse-me: “Estou nervoso”. Eu sorri-lhe e disse “Não estejas” e foi a vez de entrarmos.

Durante a apresentação, numa altura em que o Márcio e a Rita estão a gozar com o Henrique e a Ana a Rita escorregou e disse: “O teu bafo já me deixa cair”, continuando em seguida como se nada se tivesse passado. Outra coisa que achei engraçado foi a Ana. Antes da peça começar a correia do sapato dela partiu-se então cortou a correia do outro e ficou com o sapato tipo chinelo, o que não era muito confortável para andar. Quando teve que se levantar para ir meter a carta debaixo da secretária da Directora da Escola, como não estava a conseguir andar muito bem, simulou que torceu o pé e depois disse: “Fogo, parti o sapato”, colocou a carta e foi-se embora.

A peça correu melhor do que em qualquer ensaio. Na verdade ainda não tínhamos ensaiado tudo nas devidas condições, com as cenas todas, a música e o cenário, sem interrupções de maior. Quando a peça terminou todos dançaram, à maneira das suas personagens e depois a Júlia chamou-nos todos à frente para o público bater palmas. Antes dela começar o fórum, o Paulo pediu desculpa por interromper e disse que tinha que se ir embora mas que não queria sair sem dizer uma coisa: “Estou muito orgulhoso de vocês, eu sei que têm trabalhado muito. Nunca parei para ver o resultado final, só vos vejo a entrar e a sair, mas ‘tá mesmo muito bom e acho que se devem sentir orgulhosos do trabalho que têm ‘tado a fazer até agora. Os meus parabéns também à Júlia e obrigado à Mafalda.” E todos bateram palmas. Na verdade o primeiro a começar a bater palmas, com um sorriso nos lábios, foi o Márcio. Enquanto o Pedro falava vi os sorrisos da Filipa, Cristina, Ana e Rita a surgirem.

A Júlia perguntou ao Pedro se era verdade aquela história, ao que este disse que sabe que são situações que acontecem com alguma frequência e faliu que não só na escola, mas também ao nível do emprego, “em que as pessoas mesmo com habilitações escolares e alguma formação profissional têm mais dificuldade em arranjar emprego do que outros só porque moram no bairro”. Referiu que isso é muitas vezes fruto do desconhecimento das pessoas e que é por isso que no centro fazem questão de incentivar as visitas de estudantes e outras pessoas que queiram conhecer a realidade do bairro. “Os sítios são feitos por pessoas, são iguais em todo o lado, a questão é que umas tiveram a sorte de nascer numa cidade e outros não tiveram essa sorte, simplesmente é isso. Mas volto a dar-vos os parabéns ‘tou mesmo muito orgulhoso de vocês.” E desta ouviu-se “Obrigada.”.

O João, no público, faz o resumo do que se passou na peça, explicando que há “um professor que é um sacana que não gosta dos tais alunos que não são betinhos...”

“da urbanização das rolotas, sim”, acrescenta a Júlia. “E uma directora que é má e que apesar de não gostar do professor também acaba por cooperar e a senhora auxiliar de educação entra no mesmo estilo não é? Continua a ajudar o professor a expulsar os alunos.”. “haha, ok. Portanto ‘tamos de acordo com a história, perceberam quem é quem, quem faz o quê etecetra.” E em seguida pergunta ao público como é que acham que podia-se mudar aquela história. “Porque afinal de contas ‘tão sempre expulsos nunca têm aulas não é?” O público mantém o silêncio. “Ou não mudamos e ficamos aqui e bye bye!”. O João voltou a intervir, disse que punha o professor a viver na urbanização das rolotas. O Márcio levantou o braço e estava a sorrir. A Júlia disse que é uma hipótese, mas que normalmente tentam ser realistas e essa não seria uma opção realista mas que é uma hipótese válida e que é o que se tenta sempre fazer, levar pessoas ao bairro, grupos para visitar, portanto podia-se fazer isso, o conhecimento do outro é importante. Mas voltou a frisar, naquela situação específica da escola, com as personagens que estão a discriminar, como fariam para se confrontar com aquelas personagens, estando na pele dos oprimidos?

Uma outra pessoa do público sugere, após um período de silêncio, que em vez de escrever a carta à Directora, fosse lá pessoalmente falar com ela e contar-lhe o que se passa na sala de aula. A Júlia disse que é uma opção válida, ultrapassar o medo e enfrentar a directora e a Aurora foi convidada a ir ao palco experimentar. Então ela foi falar com a Directora e contou-lhe o que se passa, argumentando que não é por morar num bairro que são menos do que os outros e que têm direito a aprender sem ser discriminados pelo professor. Como a Directora ainda estava na dúvida sugeriu que esta fosse assistir a uma aula deles ou que colocasse câmaras na sala.

Quando a Aurora quis acabar a Júlia perguntou se mudou alguma coisa ou não e da parte dos actores ouviu-se um “Mudou”. “Mudou e o que é que mudou?”. “A reacção da directora.”, disse alguém que pela voz me parece ser a Rita. O João com a sua cabeleira acrescentou: “E mudou a reacção da Mariana que em vez de entregar a carta foi falar com a directora”. Do público alguém intervém debruçando-se numa reflexão sobre o papel da directora naquela história: “seria considerada um opressor mesmo ou a directora seria um mediador que, como ainda não viu o que aconteceu poderia ou não estar dum lado ou noutro não é? Quer dizer, será que houve aí com a directora uma opressão específica ou é com o professor que eles têm que se confrontar?”, ao que a Júlia perguntou: “Como é que vê a directora aqui nesta cena?” “Ela aceitou o pedido da aluna”, diz alguém do público, sendo que neste caso ela está no lado da aluna. Na cena

anterior ela estava do lado do professor, falou-se, porque viu a confusão que estava a sala de aula e então acreditou no professor. Para clarificar as mudanças que a representação da Aurora trouxe, foi que “acrescentou uma nova fonte de informação. Não sabemos se a directora vai tomar isto em consideração ou não, mas é uma fonte de informação, não é a única do professor. Ok?”. Em seguida discutiu-se a estratégia que ela utilizou para comunicar com a directora. Os espetadores observaram que ela foi simpática, que não teve medo e que calmamente explicou as razões dela. A Júlia acrescentou que ela disse ainda que se precisar de alguma coisa a directora pode contactá-la. “Ela se põe um pouco ao serviço do problema.”

Uma outra solução apontada foi o de os alunos não responderem ou falarem perante a provocação dos outros e do professor, para o professor ficar sem argumentos para os mandar para a rua. O João foi convidado a vir ensaiar no palco a solução que tinha sido apontada. Iniciou-se na parte em que o menino André Saga chega atrasado à sala de aula, com uma bola na mão e escoltado pela auxiliar educativa. Normalmente ele teria atirado a bola contra a Rita, mas não o fez. Sentou-se no seu lugar, pediu desculpa pelo atraso, justificou o porquê de ter chegado atrasado e lançou calmamente a bola ao professor quando este ordenou: “Dá cá a bola.”. Depois disse: “Desculpe ter atirado, foi sem querer.”. O professor Isidoro perguntou o que se tinha passado no intervalo que ouviu dizer que alguém tinha andado à luta. A Carina Lagarto disse que tinham sido “elas”, referindo-se às 3 meninas que estão sempre a ser gozadas. Estas não disseram nada. “Não dizes nada?”, perguntou o professor à Ana. A Carina Lagarto disse que ela estava a roer as unhas porque tinha fome, não devia ter mais nada para comer. Então as atenções do professor viraram-se para o aluno que chegou atrasado e perguntou-lhe: “E tu ‘tás aí tão caladinho, o que é que ‘tás a fazer?”. “Estou a prestar atenção senhor professor”, respondeu educadamente. “Já passaste o que ‘tá no quadro?”. “Não, por acaso não.”. “Então vai para a rua”, disse o professor Isidoro. Este começou a implorar e a pedir desculpa, acrescentando “Não faça isso professor.” O professor acabou por chamar a auxiliar, Dona Zezinha, com quem o aluno tentou dialogar também. Esta sugeriu que ele fosse buscar um caderno ao centro comunitário, então os alunos saíram para ir buscar o caderno. A Júlia chamou-os, pois foram para trás das cortinas e disse que ele já tinha conseguido ficar mais tempo do que normal. Quanto à estratégia, foi simpático, questionou o porquê de certas coisas. A Júlia perguntou ao público se essa será uma boa estratégia, tentar cair nas boas graças do professor e se funcionou ou não. A Rita por detrás dos seus óculos graduados de Carina Lagarto, respondeu que não.

“Não, o prof continua na mesma, não gosta dele”, acrescentou a curinga. Alguém do público acha importante a última parte em que a auxiliar disse ao aluno para ir buscar o caderno ao centro comunitário, porque assim na próxima aula já tem o material.

A Júlia pergunta: “Como é que se faz para lutar contra alguém que discrimina, que tem um preconceito. Porque ele tem preconceitos sobre esses quatro meninos. ... como é que se faz, sem bater?” “Tentá-lo fazer perceber que ‘tá errado.” “Confrontá-lo. Dizer de uma maneira calma, clara”, disseram na plateia. “Então vem tentar” e uma outra pessoa foi chamada a subir ao palco. Escolheu entrar no papel do Henrique. Começa por justificar o porquê de ter chegado atrasada, sendo que a Carina Lagarto disse logo: “És sempre a mesma”. O professor começa a perguntar se trouxe mochila, ao que ela responde que só uma folha porque não tem caderno, mas depois não tinha folha nenhuma. “Então peça uma folha aos seus colegas”, disse, complacente. Ela pediu, mas a Carina Lagarto e o irmão, que tinham um caderno, disseram: “Nós não precisamos destas folhas” e o Márcio levantou-se dizendo que ia deitá-las para o lixo. Atirou-as para o chão e a espetatriz foi apanhar. “Está aqui professor.”. “Então e onde está a caneta?”, perguntou. “Foi buscar ao lixo. Vê-se logo donde vem”, comentou a Carina Lagarto. A aluna tenta argumentar com o professor, dizendo que não tem culpa de ser pobre e não ter o material. “...mas sou humilde, eu não tenho o caderno porque não tenho dinheiro, não tenho caneta porque não tenho dinheiro, não é porque eu não queira estudar, nem queira estar na aula. Agora o professor tem que me dar oportunidade de eu aprender e por isso pode-me emprestar uma caneta ou alguém.”, diz calmamente. O prof diz que só tem uma caneta. “peça a alguém se não vai para a rua, já lhe disse.” E ela continua a falar com ele, pedindo desculpa por estar a confrontá-lo. A conversa continua e o prof acaba por perguntar se alguém tem uma caneta que lhe empreste. Como todos começam a falar ao mesmo tempo, a Júlia interrompe, pede silêncio e diz: “Última tenFilipava, ela vai tentar pedir uma caneta. Acção.” Quando ela volta a perguntar se alguém tem uma caneta o Márcio responde: “Temos mas não damos”. Como ela não consegue arranjar o prof acaba por mandar os quatro para a rua. Chama a dona Márciozinha. Ela tenta falar com a auxiliar, perguntar se ela tem uma caneta, ao que esta responde que não. E acaba por ir para a rua.

A Júlia pergunta o que é que mudou. O facto de ela ter conseguido ficar mais tempo, ir buscar as coisas ao caixote do lixo, pedir aos colegas, tentar convencer o professor de que estava interessada em estar na aula. Explicou a situação. “... e no fim ela disse ‘eu vou embora por Vossa causa’, também responsabilizou o resto da turma

pelo facto de que ela ia-se embora. ... o problema começa a alargar-se um pouquinho mais.”, resumiu a Júlia. “Ganhou tempo. Isto é importante.”

O que mais se pode fazer... “tentar encontrar mais aliados”, diz-se na plateia. “Que tipo de aliados?”. “Adultos”. “A auxiliar”. “Outros professores, por exemplo a professora de matemática que até vem ver o teatro dos alunos”, disse alguém referindo-se a uma professora dos miúdos que foi ver a peça e estava na plateia. “Outros aliados porque todos os professores não são assim. De acordo? Há professores diferentes?”. Depois a curinga pergunta a nível legal, o que é que se pode fazer. Chamar a directora quando se contacta que não têm material é outra solução. “O que é que significa chamar a directora dentro da sala de aula quando há um problema?”. “Ela é superior.” “Ela é superior exactamente. O passar por cima do professor e acima de tudo testemunhar, não é? É ter testemunhos. Eu acho que é muito importante, além dos aliados que eu acho extremamente importante, tentar alargar o problema. ... é um problema de mais gente.”

A próxima solução apontada era tentar convencer os colegas a fazer queixa do professor, então uma nova espetatriz foi ao palco ensaiar a sua solução. Depois de algumas tentativas falhadas de comunicar com o professor, a auxiliar acabou por ser chamada para os levar para a rua mas surgiu outra opção, que foi irem falar com a directora. E foram, em grupo, expor perante a directora o que se estava a passar na sala de aula. [To be continued... está filmado, ver gravação].

Quando acabou retirámos os adereços e saímos da sala, ficando no pátio da ESEC. Eu, a Júlia e a Mafalda fomos perguntando o que é que eles tinham achado e de forma geral todos estavam satisfeitos menos a Natália e o Henrique. A Natália porque se tinha fartado de rir no improviso e estava tristíssima por isso. A Júlia disse- lhe que era normal, acontecia a todos e ainda por cima era a primeira vez que apresentávamos a peça em público. Pareceu-me que tentou sobretudo desvalorizar a situação e a Natália, essa sim, estava realmente triste com o seu desempenho pois continuava a insistir na ideia. O Henrique disse simplesmente: “Foi uma seca.” E nós compreendemos que tinha sido porque enquanto os restantes estiveram sempre a representar, ele, por ser o oprimido, foi sempre substituído e acabou por passar a maior parte do tempo sentado depois da primeira representação.

O João e o Henrique estavam a brincar com uma bola e depois o João acabou por ficar a jogar com um outro João que é voluntário no centro comunitário. Entretanto, acabaram os dois por cair no chão e foi a risota total entre os dois. O Henrique, por sua vez, continuava a brincar com a bola à parte e às tantas começou a dar pontapés na bola.

Eu estava abstraída a observar a brincadeira dos dois Migueis quando o Henrique atirou a bola e bateu-me na cabeça. Não me aleijou, eu agarrei a bola e disse para ele ter cuidado que ainda ia aleijar alguém a sério e atirei-a de volta para ele. Entretanto continuei ali, a falar com alguém que já não me lembro quem e nem sobre o quê, mas às tantas a bola volta a vir contra mim e bate-me na cabeça novamente. Mais uma vez não me magoou mas desta vez achei que o Henrique já estava a abusar e levantei um pouco a voz, disse-lhe que uma vez era aceitável mas duas vezes era de mais e que ele já estava a abusar. Não lhe devolvi a bola e fui para dentro da sala. Ele ficou a olhar para mim sem dizer nada e depois fiquei a pensar que se calhar abusei e que estraguei alguma coisa na nossa ainda tão frágil relação, mas ao mesmo tempo pareceu-me que ele tinha que ser corrigido.

E passado pouco tempo, acabaram por ir embora.

Dia 10

Data: 17 de Junho de 2011

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

Quando cheguei fiquei no gabinete a falar com a Mafalda, que estava de visita e o Paulo e acabei por perguntar se têm alguns dados sobre as famílias da Horta da Areia, que me permitam caracterizar a população e conhecê-los minimamente, ainda que não faça uma caracterização profunda. O Paulo disse que sim, mas que esses são dados confidenciais que têm que ser trabalhados no centro. Propôs-me ainda que isso fosse como que uma troca, eles dão-me os dados e eu dou-lhes a análise que fizer dos mesmos, sendo que analiso só aqueles que precisar, uma vez que os dados mais recentes que têm ainda não estão tratados. Por mim tudo bem.

Fui ter com os miudos à sala e foi então que vi que só lá estavam a Filipa, Rita, o Henrique e o João. Estavam a arrumar a mesa. Perguntei pelo resto do pessoal e eles disseram-me que eles só saíam da escola às 17h, por isso não vinham. O arrumar a mesa na sala de ensaio tinha sido uma condição imposta pelo Pedro, eles arrumavam a mesa e então poderiam ir para o computador. É importante explicar que esta é uma mesa grande, de grupo, que no entanto tem a particularidade de ser constituída por mesas mais pequenas, pelo que sempre que se usa a sala desmonta-se a mesa grande para ganhar espaço ao centro. Mas ela tem, depois, que ser novamente montada para ficar

com uma forma de losângulo. Quando estava a mesa montada, fomos então, com a Júlia, para uma sala com um computador. O Henrique estava impaciente porque o computador demorava muito tempo a ligar. A Filipa e a Rita estavam numa excitação que não percebi e andavam na risota de um lado para o outro. Tanto que o Pedro mandou-as para a rua, disse-lhes que era melhor irem para a rua apanhar ar para se acalmarem e que logo voltavam. O João teve que ir, pois parece que a mãe estava à espera dele lá fora e quando ele saiu para falar com ela já não voltou. A Filipa e a Rita lá foram para a rua e nós ficámos com o Henrique supostamente a ver as fotos, só que entretanto o computador levou algum tempo a reconhecer o disco externo da Júlia. Entretanto a Filipa e a Rita andavam a espreitar pela janela e acabaram por se juntar a nós. Só então é que começámos a ver as fotos.

As fotos que vimos eram da peça de teatro na ESEC, mais algumas do grupo de dança “Las ñinas” numa actuação que tinham feito no mercado municipal de Faro. Enquanto víamos as fotos o Henrique perguntava onde é que poderia revelá-las. A Júlia explicou-lhe que em qualquer loja de fotografias em Faro, basta levar as fotos num cd ou numa pen e que não é muito caro. Acabou por deixar as fotos no computador para eles puderem usar depois se quisessem. A Júlia contou que um amigo dela filmou um espectáculo de dança deles, penso que no telemóvel e que a filha dele passou os dez dias que tiveram cá de férias, a ver a filmagem. *Eu acho que o facto da Júlia lhes contar isto é bom para eles, fá-los sentirem-se valorizados.*

Acabámos depois por falar do facebook. A Filipa estava a queixar-se que tinha umas quatro contas, porque tinha ido criando contas e queria apagar três e ficar só com uma, mas não sabia como fazer. Eu disse que sabia apagar mas entretanto ela não se lembrava nem dos e-mails nem das passwords de acesso e sem isso nada feito. A Rita também tinha criado uma conta e tentou aceder mas também não se lembrava do mail nem da password. Disse que tinha apontado e que isso estava em casa. Depois falaram de nos adicionar e como é que se escrevia o número da Júlia para poderem procurá-la no facebook.

Houveram duas situações que me chamaram a atenção e que já tinha achado interessante quando jogávamos ao lencinho da botica no outro dia. Desta vez, quando estávamos no computador eu estava sentada ao lado da Rita e ela sem querer deu-me um toque com o cotovelo e pediu-me desculpa. Também a Filipa se interessou pelo meu piercing na orelha e pediu-me licença para mexer. Não foi nada de mais, mas de facto

em pequenas coisas vou percebendo que eles são miúdos que têm atenção à forma como se relacionam com as pessoas, seja lá o que for que isso significa!

Dia 11

Data: 30 de Junho de 2011

Local: Faro

Assunto: Conversa com Mafalda e Júlia

Como hoje tive com a Júlia e a Mafalda acabámos por falar da Horta da Areia. Perguntei-lhes se amanhã há ensaio, porque a semana passada não houve e elas disseram que sim. A Mafalda começou a dizer à Júlia que se calhar tinham que se encontrar logo de manhã, pois parece que os pais do João estão a levantar alguns problemas quanto a ele ir a Olhão no sábado à tarde, ao festival multicultural da Moju. A ideia era de manhã irem falar com os pais dos miúdos, sobretudo os do João, para os convencerem a deixá-los ir.

Mais tarde estava a falar com a Mafalda e a tese dela e ela referia-me a dificuldade de entrevistar alguns ciganos, pois tem que se ser muito claro a formular as perguntas. Eu disse que também me preocupa um pouco as entrevistas que vou ter que lhes fazer, sobretudo pelo Henrique que me parece ser o mais retraído e tímido e não sei se será fácil conseguir que me responda. Depois referi-lhe que ainda por cima me chateei com ele no dia da apresentação da peça na ESEC e contei-lhe o episódio da bola. Ela disse que nem parece dele, que normalmente é muito tranquilo, mas que nesse dia devia estar louco por estar na universidade. Acrescentou que do grupo, ele é que o vive em piores condições: com uma casa só com uma divisão onde vivem os pais, ele e os dois irmãos. Fiquei a saber que a Rita é sua irmã e que têm ainda um irmão mais novo.

Dia 12

Data: 1 de Julho de 2011

Local: Horta da Areia e Bairro da Atalaia

Assunto: Ensaio de teatro

Cheguei à Horta da Areia às 10 para as 4h da tarde. Estacionei em frente ao centro comunitário, que estava fechado e tirei umas folhas e livros que tinha em cima do banco para pôr no porta-bagagens. Quando estava a dar a volta ao carro vi o João, que

vinha na minha direcção. Cumprimentámo-nos, falámos sobre o calor infernal e ficámos à sombra à espera do resto do pessoal. Reparei que apesar do calor ele trazia o mesmo género de calças de fato-de-treino de algodão, grossas, que traz sempre.

Ele perguntou-me onde ia ser o ensaio, ao que eu respondi que achava que ia ser na Atalaia mas que entretanto a Mafalda me tinha telefonado a dizer para ir ter à Horta da Areia. Tinha ficado combinado encontrar-me com eles na Atalaia, portanto já não tinha certeza de onde era o ensaio. Ele disse-me que estava a ver que a mãe não o deixava ir amanhã a Olhão, mas que esta manhã a Júlia falou com ela e ela deixou logo. Eu perguntei se ele sabia porque é que ela não deixava e ele encolheu os ombros. Depois perguntei se os pais dele não gostam que ele ande no teatro e aí já ouvi um “Gostam!” decidido. Acrescentou que a mãe não sabia o que se ia passar em Olhão e por isso não deixava mas que quando a Júlia explicou, deixou logo. [*A mim parece-me interessante o facto dos pais não os deixarem sair com facilidade do bairro. Terá que ver com o quê? Medo que se metam em sarilhos? Medo que aconteça alguma coisa de mal?*]

Depois chegou a Cristina. Vinha de vestido curto, sandálias e o cabelo preto solto como sempre. Cumprimentou-nos. Logo atrás veio uma rapariga cigana loira, daquelas que o João não quis que entrassem no grupo de teatro. Penso que se chama Fátima. Enquanto esperávamos, pus-me a observar o espaço. A rua, de terra, estava tranquila. Havia alguns cães a circular com as caudas em baixo e as línguas de fora, penso que devido ao calor. Observei com atenção as barracas à volta do centro, pela primeira vez. São pré-fabricadas, muitas com a tinta a saltar. Todas tinham janelas fechadas e muitas com persianas em baixo, outras com persianas partidas e outras mesmo sem persianas. Há ainda umas duas que têm um acrescento em latão, que faz um género de marquise cerrada e não deixa ver a entrada. Vi algumas mulheres ciganas a entrar para uma dessas e passado pouco tempo saíram a transportar uma cadeira. Cada uma pegava num dos lados da cadeira e transportavam-na com tanto cuidado ou dificuldade que pensei por momentos que tinha alguém lá sentado, uma pessoa idosa pensei eu. Quando pousaram a cadeira ao sol e a viraram ligeiramente na nossa direcção é que percebi que não havia ninguém na cadeira, apenas um monte de mantas. Num barracão logo junto á estrada, de onde o João vinha, estava um rapaz de roda de uma carrinha branca, grande e com um aspecto novo. Tinha as portas abertas mas não percebi o que fazia lá dentro, não me pareceu que estivesse a limpá-la. Junto ao centro, chegou uma carrinha vermelha de dois lugares. Vinha um homem lá dentro que aí ficou,

com a música em volume alto. De vez em quando, de dentro da barraca à porta da qual estacionou, saía uma cigana, com roupa toda molhada e com mantas que estava a levar para uma outra barraca ao lado. Perguntei-me se estariam a lavar a casa ou se seria algum problema de inundações, o que me parece improvável no verão.

Entretanto a Fátima, que me trata por você, estava ao meu lado e perguntou se aquele era o meu carro. Eu disse que sim e perguntou-me logo em seguida se eu sou casada. Disse-lhe que não. E como a pergunta sobre o casamento veio tão ligada à pergunta sobre o carro, achei que poderiam estar ligadas e então perguntei-lhe porquê, para tentar perceber se na cabeça dela poderia ter que ver uma coisa com a outra. “Por nada, só queria saber”, respondeu. “E tu, és casada?”, perguntei-lhe. Disse-me que não, mas que já está prometida e “ela também”, disse referindo-se à Cristina. A Cristina desviou a cara e não consegui ler-lhe o que estava a pensar. Talvez um dia lhe pergunte sobre isso. Perguntei o que é que elas acham disso, de estar prometidas e ela só repetiu a ideia de que está prometida com um ar que me pareceu muito natural. Perguntei-lhe a idade. 18 anos, disse-me.

Entretanto a Júlia chegou na sua bicicleta e com ela o Márcio que estava a dizer que se ia embora e que não ia ao ensaio, tinha “coisas mais importantes para fazer”. Como entretanto me foquei neles, fiquei sem perceber o que se passava na casa onde circulavam as pessoas molhadas, até porque a “marquise” improvisada em latão contribui muito bem para manter a privacidade. Quando a carrinha vermelha se foi embora o silêncio voltou e nem dentro da barraca se ouvia qualquer som, mesmo estando ocupada.

O João e o Márcio começaram a simular uma luta junto ao meu carro. A Júlia, que chegou com o rabo molhado por causa da bicicleta e que levou logo com uma pergunta por parte de uma das raparigas: “Porque é que tens o rabo molhado?”, perguntou pelo resto do pessoal. Faltavam o Henrique, a Ana, Rita, Filipa, Rita e Natália. O João disse-me que viu a Ana a sair de carro com o pai. E nesse preciso momento avistamos a Ana a chegar, a pé. Trazia uma caixa de dvd na mão. O João perguntou se ela não tinha saído com o pai e ela disse que não, que tinha ido à biblioteca. O João contou que tinha visto o pai dela a sair e que iam duas raparigas de cabelo comprido com ele e que uma parecia ser ela. A Júlia chamou-o de cuscú.

A Ana mostrou o dvd, era do Harry Potter. A Júlia perguntou qual o número, mas ela não sabia. Entretanto a conversa saltou para as classificações de fim de ano. A Ana disse a sorrir que passou para o 6º ano. O João disse que ainda não viu mas que

acha que também passou, com uma negativa a educação física e música. Eu perguntei-lhe porquê a música, se ele não gosta. Começou a rir-se e escondeu-se atrás do pilar que sustende o alpendre onde estávamos. A Ana disse que é que porque ele não se porta muito bem. Eu perguntei o que é que ele faz. Ele ainda a rir-se disse: “Depende dos dias!”. A Ana disse então que acha que vai ter um 5 a inglês. “Um 5 Ana? Boa! Inglês é difícil.”, disse-lhe eu. “Eu gosto”, respondeu-me. E acrescentou que o teste foi fácil. A Cristina, no outro lado, disse que acha que vai chumbar. A Júlia perguntou porquê e como é que ela sabe se ainda não viu as notas, ao que ela respondeu: “Porque vou ter 4 negas, a matemática, português, a ciências ou lá o que é...”. A Júlia partilhou então com ela a sua estratégia quando andava a estudar. Disse que quando começou a ficar farta da escola, começou a aplicar-se mais que era para não chumbar o ano e se livrar rapidamente daquilo.

Entretanto o Márcio, quando chegou novamente, porque entretanto tinha ido não sei onde, perguntou se tinha tempo de ir a casa. A Júlia disse que sim e ele explicou que ia rápido a casa refrescar-se. E foi exactamente o termo “refrescar-me” que utilizou. Passado um bocado, vi-o a espreitar junto à sua casa, lá ao longe, junto à casa do João. Tinha os braços no ar para nos chamar a atenção, mas como estava quase toda a gente de costas só eu é que o vi. Fez-me sinal com a mão aberta, a pedir para esperarmos. Quando voltou vinha com o cabelo molhado, penteado e tinha mudado de roupa. A Júlia meteu-se com ele: “Ui, o Márcio foi tomar banho.” Enquanto esperávamos pelo Pedro chegou uma rapariga mulata, a outra que o João não queria que entrasse para o grupo. Vinha descalça.

A Natália chegou também, acompanhada de uma rapariga a que chamaram de “Chinesa”. Já tinham falado dela quando estavam a falar das notas, porque o João estava a dizer á Ana que ela se calhar ia ficar na turma da Chinesa. Foi fácil perceber porque é que tinha essa alcunha, é que apesar de ser branca, tem uns olhos rasgados que fazem lembrar os olhos dos asiáticos. A Natália trazia consigo uma mala de computador portátil. Perguntei-lhe se ia levar o computador para o ensaio ao que me disse que sim. Entretanto chegou a Rita, vinha também acompanhada com uma rapariga cigana loira, mais nova, que ficou a meio caminho.

A Fátima e a rapariga mulata, que são mais velhas do que os outros, estavam a pedir à Júlia para ir amanhã a Olhão, com o grupo. A Júlia explicou que não cabíamos todos na carrinha, que só cabia o grupo e a Mafalda e que ela própria vinha comigo no meu carro. Acrescentou que elas até poderiam vir no meu carro não fosse o problema

de, em caso de acidente, eu não pertencer ao centro portanto não estar coberta pelo seguro do centro e poderia ser complicado se lhes acontecesse alguma coisa. Sugeriu que fossem de comboio porque é perto e não muito caro. Explicaram que sozinhas não podem “eles não deixam ir”, disseram referindo-se aos pais. Entretanto a Júlia lembrou-se que um dia devíamos de fazer uma viagem com eles. Talvez ir de autocarro até Coimbra. A rapariga mulata atravessou o pátio de terra e pedra descalça até casa, mas a Fátima ficou connosco. A Cristina perguntou à Júlia se amanhã podem dançar, no fim da peça. A Júlia disse que sim, claro, como fizeram na universidade.

Passado um bocado a Júlia retomou a ideia da viagem e foi então que o Paulo chegou na carrinha. A ideia da viagem era irmos ao Porto de avião, aproveitando os voos da ryanair. A Ana e o João disseram logo que não. A Ana disse que ia ter um ataque de pânico. A Júlia tentou explicar que é giro e que podiam ver a Horta da Areia lá de cima. O Paulo saiu da carrinha e deu uma breve explicação sobre o atraso, devido a uma reunião complicada onde estava e entrou no centro. Cá fora, a conversa sobre a possível viagem de avião mantinha-se. Eu disse que lhes dávamos uns calmantes para tomarem e não iam sentir nada. A Júlia acrescentou que lhes dávamos um copo de bagaço, eles adormeciam e quando acordavam já estavam dentro do avião e não havia nada a fazer. A Ana insistia em dizer que não queria viajar de avião.

A Rita chegou entretanto a perguntar pela Filipa e o Henrique e logo em seguida disse “Eu é que não vou chamá-los”. Depois perguntou-me, passado um bocado, qual é o meu nome. Eu disse “Vânia”. “Não, o outro nome”. Disse o meu nome completo. “É tu Rita, qual é?”. Ela disse-me. Eu fiquei sem perceber o porquê da pergunta, mas entretanto começou-se a falar que já era muito tarde, tinha passado praticamente meia hora e já não havia tempo para ensaiar. O Márcio e o João perguntavam se podíamos ficar a ensaiar até às 18h. A Júlia disse que no máximo podíamos ficar até às 17h15 e ensiávamos só meia hora. Como o Henrique e a Filipa não apareceram, fomos mesmo sem eles. A Fátima foi também e como ainda sobrava um lugar na carrinha pois a Júlia veio comigo, acabámos por chamar a rapariga mulata.

Ao chegar ao bairro da Atalaia, estacionámos à porta da fundação António Aleixo. O ensaio ia ser num espaço informática, numa das salas de formação. Entrámos e a senhora que estava responsável pelo espaço perguntou-nos, antes de nos deixar entrar, quantas raparigas tínhamos connosco. A Júlia disse-lhe e só então podemos entrar. Não percebi, mais uma vez, o porquê da pergunta. Ao entrar foi-nos exigido o máximo silêncio. O Márcio começou a meter-se com uma rapariga preta que estava num

dos computadores com a irmã mais nova e a senhora veio logo reclamar e mandar calar. Entrámos na sala e arrumámos tudo à nossa maneira rapidamente. A Júlia instruiu as duas *outsiders* do grupo pois já que ali estavam, iam substituir o Henrique e a Filipa. Explicou-lhes o que tinham que fazer. Mas entretanto foi a Júlia quem acabou por fazer o papel do Henrique, por ser mais complexo. Reparei que durante o ensaio, que correu como sempre, as duas *outsiders* e a Cristina estavam o tempo todo a olhar lá para fora, ainda que as persianas estivessem meio corridas e não desse para ver o exterior na perfeição. De vez em quando, se não estavam a contracenar, lá segredavam qualquer coisa com risadinhas entre elas. Lá fora, pelo que consegui ver, no outro lado da rua encostados ao seguinte bloco de apartamentos, estava um grupo de rapazes.

O ensaio foi rápido e apesar de não ensaiarmos desde o dia da universidade, correu bem. A Natália pareceu mais confiante, não gaguejou tanto nas suas falas e levantava mais a voz.

Quando saímos da sala, depois de termos voltado a colocar tudo como tínhamos encontrado, ficámos à volta da rapariga preta que estava com a irmã no computador. O Márcio não parava de se meter com ela e às tantas eu disse-lhe que já vi tanto ódio dar em amor, ao que ele respondeu que ela é que “Ela é que já gostou de mim, era da minha turma”. Como eles estavam a fazer algum barulho lá veio a senhora responsável mandá-los calar explicando que estava a decorrer uma formação, pelo que achámos melhor levá-los para a rua. Lá fora, o Márcio continuou a meter-se com a irmã mais nova da rapariga, que entretanto saiu atrás dele para lhe bater.

Enquanto o Márcio brincava, as três maiorzinhas, a Cristina e as 2 *outsideres*, procuraram um sítio estratégico para se sentarem. E eu digo estratégico porque desde o momento em que saímos do edifício que os olhos delas estavam naquele grupo de rapazes que socializava junto ao bloco ao lado de onde estávamos. Era o mesmo grupo que observavam da sala onde fizemos o ensaio. Primeiro observaram-nos a partir da estrada, mas depois sentaram-se ainda a comentar qualquer coisa ao mesmo tempo que olhavam. Passado um bocado levantaram-se e disseram à Júlia que “Iam só ali”. A Júlia esperou um bocadinho e acabou por ir ter com elas mas eu não vi onde foram porque entretanto distraí-me com a Rita e a Natália. A Natália, disse-me que faz anos amanhã. A Rita entretanto começou a dizer-me que a Natália anda “à gangster”. Eu perguntei como é que isso é, que nunca tinha reparado e a Natália pôs-se a caminhar para eu ver, balançando o corpo para um lado e para o outro. Eu disse que não faz mal ela andar “à

gangster” porque se lhe calhar esse papel em alguma peça de teatro é só vestir umas calças largas e já está.

Entretanto a Júlia e as meninas voltaram. O Márcio e o João também se aproximaram. Combinámos que amanhã saímos às quatro da HA, ensaiamos uma vez em Olhão, antes da apresentação e depois de apresentar a peça vamos comer um gelado. Entretanto o Paulo, que estava na Fundação António Aleixo, saiu e voltámos para a Horta da Areia.

Dia 13

Data: 2 de Julho de 2011

Local: Olhão (Sociedade Recreativa e Jardim Pescador Olhanse)

Assunto: Apresentação de peça de teatro no âmbito do festival Multicultural “Olhares” e passeio pelo Jardim para ver o festival

Cheguei à Horta da areia pontualmente. Tínhamos combinado para as 16h. A primeira coisa que reparei foi que o bairro estava sossegado, sem grande movimentação na rua ou mesmo barulho. Não que costume ter muito barulho, mas normalmente há pessoas na rua, crianças a brincar na rua, cães a ladrar... Vi o João com a irmã e a mãe, em frente à sua casa. Elas estavam sentadas em redor de uma mesa. Ele assim que me viu entrou dentro de casa. Estacionei o carro fora do bairro, para ficar à sombra e enquanto caminhava em direcção ao centro comunitário vi o João a sair de casa com uma mochila às costas. Segui o meu percurso até ao centro e passado pouco tempo o João foi lá ter comigo. Como o centro estava fechado, ficámos debaixo do alpendre.

Quando ele se aproximou reparei que tinha umas calças de algodão de fato-de-treino do género das que costuma usar. A t-shirt que trazia pareceu-me nova, ou pelo menos estava com um aspecto de ter sido pouco usada. Perguntei-me se ele não teria calor com aquelas calças que me pareceram tão quentes. Não me lembro do que conversámos entretanto, tenho a sensação de que dissemos qualquer coisa sobre o calor que se estava a sentir e passado um bocado ele disse-me que ia à casa do Márcio chamá-lo.

Fiquei a vê-lo ir. Foi à parte de trás da casa e ficou junto a uma janela algum tempo. Pareceu-me que estava a falar com alguém. Depois deixei de o ver.

Entretanto chegou a Filipa e perguntou-me logo pelo pessoal, ao que eu contei o que sabia até ao momento. Estava de vestido azul, curto, cai-cai, com umas lantejoulas à frente. Calçava umas sandálias de salto raso e tinha o cabelo molhado. Além disso,

cheirava muito bem. E não é que costume cheirar mal, mas é que nem era preciso estar muito perto dela para se sentir o cheiro a perfume ou creme.

Entretanto também ela me disse que ia chamar as raparigas e fiquei sozinha mais uma vez, pelo menos até ao regresso do João. Quando voltou este disse-me que o Márcio não estava em casa, que falou com o irmão dele mas que este não sabia para onde é que ele tinha ido. Eu contei-lhe que a Filipa tinha estado ali e ele disse que se cruzou com ela e que lhe pediu para “ir chamar as outras”.

Entretanto chegaram a Rita, Natália e Elizabete. Também elas vinham todas cuidadosamente produzidas, com maquilhagem e tudo. A Rita e a Natália traziam os vestidos que usam para o figurino das suas personagens. O da Rita é um vestido cor-de-rosa choque, cai-cai, até ao joelho. O da Veronica é um vestido azul escuro com pequenas bolas brancas como padrão e tem um cinto incorporado que lhe dá um ar elegante e clássico. A Rita calçava umas sandálias de salto alto prateadas e a Natália umas socas pretas, também de salto. A Cristina trazia também um vestido giro e umas sandálias de salto alto calçadas. Trazia uma caixa de sapatos com umas sandálias de salto raso, penso que para calçar depois. Mas às tantas perguntou-me se podia calçar as sandálias que tinha na caixa e eu disse-lhe que sim, claro e que até podia usá-las para a peça, não precisava de usar saltos altos.

Ficámos à espera que chegassem a Júlia e a Mafalda. As meninas falavam de maquilhagem. A Natália tinha trazido uma bolsinha com maquilhagem e estava a colocar sombra nos olhos da Rita. Entretanto a Filipa e a Ana juntaram-se. A Ana vinha com uma roupa confortável como usa normalmente. Tinha uns calções curtos de ganga e uma blusa de alças. A Natália colocou-lhe uma sombra azul nos olhos.

Entretanto chegou um rapaz de bicicleta a pedal. Era de etnia cigana. Para além da pele escura, falava de uma forma diferente e eu nem sempre entendia o que ele estava a dizer. Começou a falar com a Rita. Tratava-a por “meu amor” e ela lidava com ele com um grande à vontade e sem paninhos quentes, mesmo aparentando ele ser bem mais velho do que ela. No fundo parecia que ela estava a lidar com alguém da sua idade.

Entretanto chegou o Henrique. Trazia as calças brancas e a t-shirt da capoeira. Passado um bocado juntou-se um outro rapaz, aparentemente mais velho e também ele cigano, que vinha de uma das casas junto ao centro comunitário, uma daquelas que tem uma marquise de latão. Ficou a falar com o Henrique e o João. O rapaz da bicicleta juntou-se a eles. O Henrique e o João estavam a gozar com o rapaz mais velho, por causa dos dentes. Perguntavam-lhe se ele tinha ido ao dentista já que lhe faltavam uns

dentes ali à frente e depois riam-se. Às tantas os dois que não são da Minoria do Gueto começaram a falar entre eles e o Henrique e João ficaram a ouvir, mas depois começaram a sorrir entre eles. Às tantas comentaram com os outros dois o que é que eles estavam a dizer, que estavam a falar à cigano e não se percebia nada, disse o João, também ele a tentar forjar um sotaque parecido. Foi então que eu percebi que eles os dois, tal como eu, também pareciam estar com dificuldade em perceber aquele dialecto que parecia uma mistura de português com espanhol e um sotaque olhanense.

Entretanto, tinha já passado uma meia hora, chegaram a Mafalda e a Júlia na carrinha branca, de nove lugares, da cruz vermelha. A Mafalda pediu desculpa pela demora, que se deveu, segundo explicou, a um atraso da pessoa que tinha ficado responsável por abrir a cruz vermelha e entregar-lhe as chaves da carrinha.

Quando chegaram a Mafalda, ao sair da carrinha, não tirou as chaves. A porta ficou aberta e o Henrique e o João andavam de volta da carrinha. Nós estávamos distraídas se bem me lembro a falar do Márcio e de como íamos fazer a peça sem ele, quando o Henrique ligou a carrinha que arrancou mas felizmente foi logo abaixo, ou teria ido contra uma das casas junto a centro. A Mafalda foi imediatamente tirar a chave da ignição e levaram um raspanete.

Entretanto o problema do Márcio mantinha-se. O Henrique foi à procura de uma pessoa que, segundo disse, devia saber onde estava o Márcio. Entretanto, sendo o Márcio uma personagem fundamental da peça por fazer de opressor juntamente com a Rita, começava já a pensar-se quem iria fazer o papel do Márcio. Pensou-se numa das raparigas, mas entretanto havia a questão da cena da luta de capoeira protagonizada pelo Márcio e Henrique. O rapaz da bicicleta a pedal disse que ele podia fazer, mas não era uma situação viável porque ele não sabia lutar capoeira, nem sabia quais as deixas do Márcio, nem o que tinha que fazer. Teria que ser alguém que conhecesse a peça. A Júlia sugeriu então que fosse a Rita a lutar com o Henrique e que podia fazê-lo batando-lhe com a mala, por exemplo. E ficou assim.

Entretanto o Henrique tinha já regressado, sem ter encontrado o Márcio.

Quando foi altura de entrar para a carrinha, sobrava então um lugar, uma vez que o Márcio não estava. A Fátima, tinha entretanto aparecido, também ela toda bem vestida e cheirosa. Perguntou se podia ir mas a resposta foi que não, ao início, mas uma vez que tínhamos agora um lugar a sobrar, a Júlia e a Mafalda acabaram por a deixar ir connosco. Perguntaram se ela tinha avisado os pais e já estava tudo tratado, ela vinha como público, para assistir.

A Mafalda levou-os na carrinha e eu e a Júlia fomos atrás, no meu carro.

Ao chegar a Olhão, estacionados os carros perto da Sociedade Recreativa e enquanto caminhávamos para o edifício, atravessando uma praça, uma gaivota ou um pombo que deviam de ir a voar por cima de nós cagaram e a poia veio justamente cair em cima do meu nariz. Desatámos todos a rir e está claro que foi motivo de gozação por parte sobretudo dos rapazes. Quando entrámos na sociedade a Júlia pegou num folheto que estavam num expositor à entrada e mostrou às raparigas que o nome “Minorias do Gueto” e da peça de teatro estava lá escrito. Elas quiseram ver todas entusiasmadas e perguntaram se as pessoas vinham ver só a apresentação da nossa peça. Ela disse que sim, mas depois corrigiu explicando que no jardim iam haver outras actividades. Fomos entrando e na ausência de alguém para nos receber ou orientar, fomos atravessando o corredor em direcção a uma porta aberta ao fundo, que dava acesso a um pátio exterior. As raparigas sentaram-se logo nas cadeiras que ali estavam, colocadas à volta de mesas de café. O Henrique e o João foram para uma espécie de pequeno lago artificial que ali estava, delimitado por pedras e que tinha peixes vermelhos grandes e água verde. Começaram a brincar. Arrageçaram as mangas e meteram as mãos dentro de água até quase ao cotovelo para tentarem apanhar os peixes. A Mafalda ainda lhes chamou a atenção uma ou duas vezes mas acabou por deixá-los estar. Aí ficaram uns minutos até que um homem foi ter com eles. Era um sujeito magro, alto, de cabelo escuro, na casa dos 50 e muitos anos. Começou a chatear-se com eles. Ouvi o Henrique a dizer que não fizeram nada, que estavam só a lavar as mãos e o homem disse-lhes “estavam a lavar as mãos nestas água toda porca? E mexeram nesta pedra que isto não estava assim...”. Enfim, nem a Júlia ou a Mafalda interviram, pois eles já tinham sido avisados. A Mafalda foi lá ter depois e disse-lhes que era bem-feita que tivessem apanhado um sermão.

Esperámos pela Rita, que era quem era suposto vir receber-nos e esta vinha a caminho vinda de Tavira. Entretanto estava lá um homem de trinta e tal anos que acabou por nos receber. Disse ser o professor de teatro da Moju e contactou o Luis que era quem o responsável pela organização do festival ou algo do género. Este disse que estava lá em baixo, no jardim, mas informou sobre o lugar onde iríamos actuar. Era um pátio ali ao lado, com mesas e cadeiras e um palco meio desfeito, com um estrado de madeira e cortinas pretas com ar de quem estava prestes a rasgar-se. Dirigimo-nos para lá todos, para preparar o cenário. Como o espaço em cima do estrado era pequeno, decidimos que o Professor e a Directora, por uma questão simbólica de superioridade,

deveriam ficar em cima do palco, ao passo que os alunos ficariam em baixo, no chão, frente à plateia. Também decidimos que os dois teriam uma secretária ao passo que os alunos estariam apenas sentados em cadeiras. A Rita, a opressora, era a única aluna com secretária e deveria ficar sentada à frente dos restantes alunos. Pegámos também nos elementos decorativos que estavam espalhados pelo pátio e usámos para adornar o nosso cenário. O pessoal achou muita graça a uma estátua sem cabeça que estava na rua, pelo que usaram-na e começaram a tirar fotos colocando-se atrás da estátua e usando as cabeleiras também para fazer experiências. A estátua serviu-lhe de mote para imensas fotografias e passaram um bocado ali a divertir-se. A Júlia varreu o chão que estava cheio de folhas e começámos a colocar as cadeiras em ordem, para os espetadores se sentarem. Aos poucos fomos colocando os adereços também, de cada personagem.

Quando a Rita chegou apercebemo-nos de que havia um problema com o sistema de som, que não tinha colunas. Enquanto a Rita foi tentar arranjar colunas a assistência começou a chegar. Os do grupo de teatro da Moju juntaram-se para participar também na peça. Chegou um grupo de jovens da Amadora que se revelaram, durante o fórum, bastante participativos e contámos também com a presença de um grupo de raparigas da Casa de Protecção à Rapariga, de Faro. Foi o suficiente para encher o espaço de jovens.

A Júlia começou a fazer o aquecimento com eles, fez uns três exercícios para empatar enquanto a Rita não chegava. Quando esta chegou, trazia não as colunas mas um rádio que tinha ligação MP3, mas depois chegámos à conclusão que não conseguíamos seleccionar as músicas que queríamos utilizando o sistema MP3 portanto acabámos por fazer a peça sem música o que tirou um pouco o impacto. A peça em si não correu muito bem. Apesar de termos repetido a peça no dia anterior e de já todos sabermos de cor o que fazer, a verdade é que os miúdos não estavam concentrados. Eu acho que foi da brincadeira e da excitação de estar num lugar novo e como o público começou logo a entrar não pudemos fazer nenhum exercício de concentração antes de começar, pelo que ficou a fazer falta esse momentos de “encarnar a personagem”. A Rita contracenou sozinha, sem o Márcio e a mala que era suposto ela usar para bater na personagem do Henrique encalhou-se no cabelo, pelo que andou um bocado atrapalhada. Houve também uma altura no fim, em que a Natália era suposto dizer rua e como não disse houve um momento em que ficámos todos em silêncio até que eu tive que lhes dizer baixinho para continuarem.

Enfim... nada de grave, tanto que o público percebeu a história e foram participativos e criativos nas soluções. O mais interessante das soluções apresentadas é que, por virem de jovens que já passaram por situações semelhantes, as soluções ensaiadas foram mais concretas e menos abstractas que as apontadas pelos adultos que assistiram à peça na ESEC. Houve uma rapariga que disse: “Eu quero falar com ela”, dirigindo-se à Rita. Antes que a Júlia lhe dissesse para vir para o palco já ela estava de pé a caminho, disposta a confrontar a personagem da Rita. Foi o que fez. Perguntou-lhe porque é que ela era assim má para ela, que mal é que lhe tinha feito e por aí adiante. Houve ainda um rapaz que tentou falar com o professor durante a aula e chamá-lo à razão, tentando respeitosamente que este não o expulsasse da aula. Quis ainda falar com a Directora para que esta pedisse algum tipo de apoio escolar a nível de material e também para se queixar sobre o comportamento do professor. E um outro rapaz quis substituir o professor e fazer ele de professor e o João de aluno. Normalmente não se substitui os opressores mas a Júlia deixou sendo que no fim quando fazia o resumo das soluções apontadas, referiu que substituir o opressor não é uma solução.

Antes de começar a apresentação da peça, quando estávamos a arrumar o espaço, a Cristina esteve o tempo todo a perguntar à Júlia se no fim da peça podiam dançar. A Rita fez a mesma pergunta. A Júlia disse que sim, claro, mas quando chegou a parte de dançar estavam cheias de vergonha e depois de muita hesitação acabaram por dançar timidamente, de costas para o público. A Rita nem foi dançar, apenas A Filipa, Cristina e a rapariga loira. A Cristina como estava virada de frente para mim, pois eu estava ali ao lado, dizia-me baixinho: “Diz à Júlia para parar!” – sendo que estava desejosa que ela parasse a música. Só que a Júlia não estava a olhar para mim então eu não conseguia transmitir-lhe a mensagem. Outro aspecto interessante a apontar durante a peça foi o ataque de riso da Natália enquanto estava a contracenar, sendo que desta vez saiu-se melhor do que na ESEC e conseguiu controlar-se pelo que durou menos tempo a risada. O João, quando confrontado com a situação de ter que passar de professor – opressor para aluno oprimido, esteve também muito bem na minha opinião. Toda a expressão corporal dele mudou, tinha uns ombros caídos e um olhar baixo, submisso, de quem não consegue encarar os outros de frente.

No fim falou-se um pouco sobre como correu. A Júlia disse que não correu muito bem, que estavam desconcentrados, mas não fez grande alarido disso e disse que para a próxima logo corre melhor. Do grupo ninguém parecia muito chateado pelo contrário, continuavam animados e divertidos. Saímos do edifício e a ideia era irmos

comer um gelado. Voltámos para o carro. Já na rua passámos por uma das salas da Sociedade recreativa onde tínhamos estado. Tinha a janela aberta e lá dentro um grupo de mulheres tinham ensaio de dança oriental. O João fez um comentário sobre uma das senhoras que estavam a dançar, disse para os outros rapazes: “Olha lá aquela velha!” e desataram a rir.

Fomos de carro para o jardim dos Pescadores, onde estava a decorrer o resto do festival. Logo quando chegámos, estacionámos num parque de terra perto da PSP. Eles saíram da carrinha e eu e a Júlia do carro e dirigíamo-nos a pé para a passadeira para atravessar a estrada quando um senhor cujo carro estava parado no parque perto dos nossos e que mexia no porta-bagagens do mesmo, atirou qualquer coisa na direcção da Rita. Ela assustou-se, porque não estava à espera e era um pacote de batatas-fritas pequeno que acabou por cair no chão e depois um dos rapazes apanhou. Então o senhor continuou a atirar mais 2 ou três pacotes de batatas-fritas e 1 Bolicão que foram parar às mãos de alguém. Agradeceu-se, a Mafalda disse-lhes para antes de comerem verificarem se estava dentro da validade e de facto estava, portanto eles foram partilhando as coisas que tinham ganho connosco e entre eles sem termos percebido muito bem porque é que aquilo se tinha passado.

Quando estávamos a atravessar a passadeira o Henrique disse-me que tinha estado em Olhão há pouco tempo, com o grupo de capoeira. Ao chegar ao jardim a primeira coisa que vimos foi uma estrutura de “Air bug” montada. Os miúdos ficaram logo muito interessados, sobretudo o Henrique que foi o que mostrou logo vontade de andar, então a Júlia e a Mafalda disseram que não sabiam se eles podiam andar ou se estava a funcionar, porque na altura aquilo parecia estar parado. Disseram para ele perguntar se podia andar, mas ele estava com vergonha pelo que a Júlia e Mafalda acabaram por perguntar a uma senhora que entretanto se aproximou. Esta disse que o Air Bug abria a partir das oito horas e que era para crianças dos 6 aos 16 anos, se bem me lembro. A melhor notícia foi que era gratuito, portanto como ainda não estava na hora de abrir, concordámos ir dar uma volta pelo festival, comer o gelado e depois voltar.

Íamos a caminhar junto à parede que veda o acesso à Ria e o Henrique e o João saltaram o muro para o outro lado, justamente onde era suposto não estarem porque podiam escorregar e ir parar dentro de água. A Mafalda chateou-se com eles e eles diziam que não fazia mal, o João insistia que não era perigoso, mas ela insistiu e acabaram por pular o muro de volta para o nosso lado.

No festival a primeira coisa que vimos foram as bancas de artesanato. As raparigas ficaram interessadas em ver os chinelos marroquinos, então aproximaram-se de uma banca que estava a vender marroquinarias. A Rita perguntou o preço dos chinelos, 7 Euros disse o vendedor. A seguir interessaram-se pelas essências, porque o homem disse que também vendia perfumes. Saiu de trás da banca, pegou num dos fracos que estavam expostos à frente e deu a cada uma delas a cheirar e puderam experimentar também. Cada uma colocou um pouco de perfume no braço. Apesar de cheirar bem era muito intenso e ficou um cheiro a perfume no ar. Elas todas gostaram e andaram a mostrar o cheiro a mim à Júlia e Mafalda. Depois fomos andando e observando tudo calmamente, mas mais nenhuma banca lhes suscitou tanto interesse como a primeira das marroquinarias. O que reparei que durante o tempo que estávamos lá suscitou interesse às raparigas, foram os rapazes que por lá andavam. Sempre que passavam por um grupo de rapazes ou um grupo passava por elas, elas ficavam a olhar, comentavam qualquer coisa entre elas e davam risadinhas. Um outro aspecto que me chamou a atenção foi a tranquilidade do Henrique porque quase não se deu pela presença dele o tempo todo. Parámos logo a seguir ao pé do “Carrossel Pimpé – a experiência queremos pôr-nos de pé!”, uma invenção do Cenógrafo Tó Quintas que permite ter uma experiência similar a estar de pé, o que do ponto de vista de quem não pode andar deve ser muito interessante.

Ficámos algum tempo a observar duas pessoas que estavam a experimentar e eu tirei a minha máquina fotográfica da mala para fotografar. Então uma das raparigas pediu-me para lhe tirar uma foto e foi aí que começou a nossa sessão fotográfica em pleno jardim. Começámos com as fotos de grupo às raparigas, à Cristina e à Carla. Depois a Filipa juntou-se a elas. Depois as raparigas todas, mais a Mafalda. Depois eu sugeri que fossemos para perto da Ria, para tirar mais fotos. Elas concordaram e aí tirámos bonitas fotos a pares e individuais com a Ria Formosa e os barcos como pano de fundo. Acho que elas se estavam a divertir porque não queriam parar e estavam sempre a fazer novas poses fotográficas. Quase que pareciam modelos fotográficas, super à vontade frente à câmara e a cada foto que tirava, elas queriam ver como tinham ficado. No fim a Filipa perguntou se eu podia revelar as fotos para lhes dar. Eu disse que revelar não, mas que depois deixava no computador do centro comunitário e ela podia fazer o que quisesse com elas.

Depois a Mafalda e Júlia chamaram-nos, para irmos comer o gelado. Juntámo-nos e tirei uma foto de grupo, com as raparigas do teatro mais a Mafalda e a Júlia. Disse

ao João para se juntar às meninas, já que estava ali a olhar para nós, mas ele não quis. Disse para ir eu que ele tirava mais uma foto. Tirámos então a foto e fomos para a geladaria onde cada um escolheu um gelado com uma bola. A Mafalda pagou, com dinheiro do projecto. À medida que íamos sendo despachados, fomos saindo da geladaria. Eu, a Júlia e Mafalda fomos as últimas a sair encontrámos o pessoal sentado num banco de madeira frente à geladaria, entretidos a comer o seu gelado. O Henrique estava sentado com as raparigas e o João andava ali por perto.

Ainda tirámos umas fotografias enquanto ali estivemos e depois fomos embora. Para trás fiquei eu e a Natália porque ela ainda queria que eu lhe tirasse mais fotos a comer o gelado e ficaram também o Henrique, João e Ana que tinham acabado de descobrir um monóculo para observar a Ilha da Culatra ao longe e estavam interessados a tentar ver alguma coisa. Acho que não conseguiram ver nada porque tinham que colocar uma moeda de 50cêntimos. Entretanto a Natália juntou-se a eles e tive que os chamar umas quantas vezes porque o resto do grupo já tinha avançado. A Mafalda e a Júlia como viram que eles estavam entretidos e que aquilo era coisa para demorar foram andando para os apressar a juntarem-se ao grupo.

Entretanto não sei como, quando chegámos ao pé do restante grupo a Mafalda entregou a cada um de nós uma senha para uma bebida grátis, na banca da Moju. Dos Minoria todos escolheram refrigerantes para beber, coca-cola especialmente. Quando estávamos a passar pelo mercado pela segunda vez, estava um grupo de rapazes e aí as raparigas quando eles passaram ficaram a olhar e a segredar coisas entre elas com risadinhas. A Mafalda comentou isso comigo, que elas ficam sempre a olhar para os rapazes e que é normal, porque estão sempre condicionadas no bairro e que estas saídas são oportunidades de experimentarem coisas diferentes e de estarem à vontade noutra ambiente.

Chegámos então ao Air bug, onde estava uma fila de crianças que aguardavam a sua vez de andar. O Henrique colocou-se imediatamente na fila, depois juntaram-se a ele a Natália, Ana e Rita. Como a Rita estava de vestido, atou-o em baixo para fazer de calções, caso contrário ia-se ver tudo cá de baixo. Primeiro entrou o Henrique e só na ronda seguinte é que puderam ir as meninas. A Ana atinou com aquilo de tal forma que conseguiu logo fazer mortais para trás e para a frente. A Rita às tantas atrapalhou-se com o vestido e ia-o perdendo. Como este era caicai foi descendo até ela ficar com um peito de fora. Quando viu puxou logo o vestido para cima e desatou a rir. A Natália desceu numa dada altura e esteve a falar com o monitor do Air Bug. Penso que havia

qualquer coisa a magoá-la, porque depois eles mexeram nas correias e ela voltou a subir.

O João não foi, mas a partir do chão ia dando indicações sobretudo à Ana, para dar um mortal assim e assado. Havia uma rapariga a fazer com elas que já dominava os mortais, então o João incitava a Ana a fazer o que ela fazia. A Júlia disse ao João que era fácil estar ali a dizer, mas porque é que ele não ia lá fazer também.

Quando acabou a ronda das meninas fomos andando de volta para o carro. Fiquei um pouco para trás com a Rita porque as sandálias dela eram mais difíceis de calçar porque tinham correia, então fiquei a segurá-la para ela não se desequilibrar enquanto atava a sandália. Mas ela não conseguia então tive que ser eu a atar uma. A outra ela já conseguiu. No caminho a Filipa ainda me voltou a falar da questão das fotografias. Perguntou se eu podia colocar as fotos dela no seu facebook. Eu disse que não, que não sabia a palavra passe e que além disso parecia-me melhor que fosse ela a escolher as fotos e a colocar lá se quisesse. Voltou a perguntar-me se eu queria revelar as fotos e a Mafalda disse que ia fazer o mesmo que eu, levar para o Centro as fotos e deixar no computador.

No caminho a Mafalda vinha a comentar comigo que assim é fácil sair com miúdos, porque eles são muito obedientes e respeitadores e acabam por não dar trabalho nenhum e que para ela é um prazer sair com eles.

Ao chegarmos aos carros abri a porta do meu e o Henrique estava a olhar lá para dentro, então eu disse-lhe que ele se podia sentar se quisesse. Sentou-se ao volante e perguntei se queria ser ele a conduzir até ao centro, ao que ele respondeu imediatamente que sim.

A Mafalda e os miúdos iam na carrinha à frente, de volta para o bairro e eu e a Júlia íamos atrás no meu carro. Então tivemos oportunidade de observar as maluquices que se passavam dentro daquela carrinha. Já quase e chegar ao bairro, na circular, faziam uma gritaria cada vez que passavam por alguém a pé ou de bicicleta a pedal. Punham os braços de fora a esbracejar e gritavam “Minorias do Gueto!”. As pessoas ficavam a olhar, outras riam-se.

Quando chegámos ao bairro a Mafalda vinha-se a rir dentro da carrinha, estavam todos a rir imenso. A Mãe do João, apareceu logo a perguntar se o João se tinha portado mal e a Mafalda disse que não, que todos eles se portaram muito bem. Elas tinham dito que íamos chegar às oito e meia e eram mais ou menos oito e quarenta e cinco, portanto

não houve problemas. Despedimo-nos uns dos outros e foi assim que terminou a aventura por terras de Olhão.

Dia 14

Data: 20 de Julho de 2011

Local: ESEC

Assunto: Conversa informal com a Júlia

A Júlia disse-me que ela e a Mafalda vão amanhã com os miúdos da Ala 10 mais os da Horta da Areia para a Ilha da Culatra, apanhar marisco, todo o dia. Convidou-me para ir. Eu disse que sim.

Começámos a falar do projecto e ela disse que os constrangimentos que os miúdos sentem vêm não só da forma como os de fora da comunidade os vêem e os rotulam, mas também da própria comunidade. Falou-me de que os próprios ciganos acham que não devem fazer isto e aquilo e que passam essa ideia aos filhos. De que não podem ser médicos se quiserem, ou estudar, porque os ciganos não devem fazer isso, não lhes servirá de nada. Ela disse que uma das primeiras coisas que começa a trabalhar com os miúdos quando faz teatro e isso aconteceu na Horta da Areia também, é o facto de que eles podem ser tudo o que quiserem.

Disse-me que há famílias que não encaram bem o teatro exactamente porque não acreditam que os filhos, ciganos, possam fazer teatro. E que a aceitação leva algum tempo, mas que acontece. E que aos poucos, quando os vêem a fazer, começam os próprios pais a acreditar que isso é possível, quando vêem que eles até têm jeito. Falou do caso da mãe do João que pensavam que não ia dar autorização para ele ir a Olhão. O Paulo tinha-a avisado e à Mafalda, que ia ser difícil convencê-la. No entanto ela deixou. E uma vez que ela chegou ao bairro e uma senhora cigana veio falar com ela e estavam a falar da peça que eles apresentaram na festa da comemoração do aniversário do centro e esta estava muito surpreendida a dizer que a Rita tem muito jeito. Tudo isto são pequenos passos e pequenas coisas que vão tornando possível introduzir novidades como o teatro.

Eu falei-lhe de que além disso o teatro ajuda a que eles tenham outras experiências, fora do bairro e ela concordou que isso também é muito importante.

Dia 15

Data: 22 de Julho de 2011

Local: Ilha da Culatra

Assunto: Ida à praia

A Júlia e a Mafalda convidaram-me para ir à Culatra com elas e com os miúdos da Ala 10 e Horta da Areia.

Eu cheguei à praia antes deles, porque apanhei o barco em Olhão ao passo que eles entraram no barco em Faro. Enquanto caminhava com a Aurora e a Sara em direcção à praia, liguei à Mafalda que me disse que já tinham chegado mas que tinham parado no café e que os miúdos já estavam a fazer asneiras. Ficámos de nos encontrar na praia. Passaram uns 15 ou 20 minutos até que chegaram. À frente vinham os jovens da Ala 10. Vi duas raparigas destacadas do grupo e fiz-lhes sinal para que viessem ter connosco. Elas fizeram-me adeus apesar de não me conhecerem. Acho que me devem ter confundido com alguém porque quando estavam mais perto de nós ouvi-as dizer “Não é nada, devem ser as amigas delas.”. Mais atrás um pouco vinham os rapazes da Ala 10 com a Mafalda e a Júlia. O Márcio acompanhava com eles. Ainda atrás deles, depois, chegaram a Filipa e a Cristina.

A Mafalda quando chegou ao pé de nós disse logo que eles já tinham feito asneiras e começou a enumerar o quê: começou logo no barco com o Márcio, que parece que estava a brincar com alguém e o chinelo acabou por ser atirado borda fora do barco. E ainda por cima queria atirar-se do barco para recuperar o chinelo. Depois foi ao chegarem à ilha, quando os rapazes da Ala 10 se enfiaram no café e queriam começar a comer hambúrgueres e gelados logo às 9 da manhã. A Mafalda comentou connosco que é um sinónimo da educação alimentar que têm em casa, pois já os tem visto a comer porcarias de manhã junto dos pais e eles acham normal.

A Júlia entretanto comentou que descobriu no barco que a Cristina está prometida. E que parece que é com um rapaz mais novo, que tem uns quinze anos.

A Filipa e a Cristina colocaram a sombrinha e as toalhas à parte, longe dos restantes que se tinham instalado junto de nós. A Júlia lá insistiu com elas para que trouxessem as coisas, que não tinha jeito nenhum ficarem à parte, mas elas insistiam que queriam ficar mais longe. Foi quando a Júlia lhes disse para colocarem a toalha ao lado da minha que elas cederam e lá trouxeram as coisas e colocaram ao lado das minhas. Em seguida foram as duas para trás das dunas vestir os biquínis. Entretanto perguntei à Júlia o que era feito do resto do pessoal da Horta da Areia, ao que me respondeu que não apareceram e que o mais provável era terem-se deixado dormir.

Quando a Filipa e a Cristina voltaram tinham os biquínis vestidos, mas a Filipa tinha uns calções de ganga e a Cristina tinha uma saia de praia curta. Chamaram-me e virando-se de costas para toda a gente perguntaram-me se se via muito os peitos. Eu

disse que não, que se via tanto quanto os meus, que era normal já que estavam na praia e que não havia problema nenhum. Mas elas estavam envergonhadas e preocupadas com os rapazes da Ala 10, que iam olhar, diziam-me elas. Eu olhei para eles que estavam ali ao lado a confaterizar entre eles e não os vi a olhar para elas. Aliás, durante as cerca de 4 horas que lá estivemos em momento algum os vi a olhar para elas, ou dirigirem-se a elas fosse para serem simpáticos ou para gozar. Era quase como se elas não estivessem ali.

Perguntei-lhes se elas não iam tirar a parte de baixo ao que me disseram que não. Mais uma vez pareceu-me que estavam com vergonha. Eu disse que os rapazes não estavam a olhar mas tudo bem, que fossem então para dentro de água com os calções e a saia, mas que se entretanto se sentissem mais à vontade, podiam tirar. Isso não chegou a acontecer.

Entretanto foram acontecendo as coisas do costume, a Mafalda e a Júlia tiveram que estar de vigia para não se afastarem muito para o fundo, dentro do mar, ou para não se afastarem na areia. Pareceu-me que as preocupações eram sobretudo com os da Ala 10, por serem mais, talvez. Os 3 da horta da areia mantiveram-se por perto, normalmente dentro de água ou debaixo da sombrinha, mas não aconteceu que tivessem que ser repreendidos. A dada altura houve um rapaz da Ala 10 que desapareceu. Não o viam na água nem na areia a brincar com os outros junto à rebentação. Já a Mafalda e a Júlia estavam aflitas quando descobriram que afinal estava umas sombrinhas ali ao lado, pelo que entendi com uma professora que tinha entretanto chegado. Levou um raspanete por não ter avisado para onde ia.

Houve uma vez que fui a banhos com a Filipa e o Márcio, porque me deixei convencer pela Filipa, apesar da água estar demasiado fria para o meu gosto. Fomos andando dentro de água e acabei por me molhar depois deles, que andavam a nadar à minha volta. Achei curioso que não me tentassem molhar ou atirar água para cima, como às vezes o pessoal se lembra de fazer. A maré estava vazia portanto tínhamos bastante espaço para andar e nadar. A Filipa e o Márcio estavam sempre a insistir comigo para nadar mais um bocadinho, para longe, para ver se tinham pé. E assim se iam afastando. Eu, que entretanto já tinha mergulhado, acabei por ir com eles mas adverti-os que era melhor não se afastarem porque depois iam ouvir raspanete da Júlia e da Mafalda. Consegui então que deixassem de se afastar, mas acho que só porque insisti algumas vezes na ideia de que a Mafalda e a Júlia se iam chatear e não porque tivesse tentado impor a minha autoridade. Autoridade que eu nem acho que tenho, por isso é

que recorri à omnipresença da Júlia e Mafalda. Entretanto juntaram-se a nós três rapazes da Ala 10. O Márcio começou a brincar com eles. Colocavam-se às cavalitas uns dos outros e toca de mergulhar. Perguntei à Filipa se sabia os nomes deles ao que me respondeu: “Eu não!” com uma entoação desinteressada. Perguntei-lhes então os nomes e ali nos apresentámos, se bem que má como sou a decorar nomes, já esqueci. Enquanto eles foram brincando eu e a Filipa começámos a caminhar para sair da água. Pelo caminho perguntei-lhe se não fala com o pessoal da Ala 10 ao que me disse que não. Perguntei-lhe se não gosta deles. Respondeu-me que não. Perguntei porquê ao que me respondeu: “Não sei, porque não.” Depois acrescentou: “Eu não os conheço. Não confio neles”. “Ah, mas se calhar se os conhecesses até ias gostar deles, ou não?”. “Não me parece”, respondeu-me muito convictamente. Depois começou a falar-me duma rapariga da Ala 10, que estava lá na praia connosco, a mais velha de todas. Disse-me que dela então é que não gosta nada. Mais uma vez eu quis saber porquê. Disse-me que não sabe, ninguém gosta dela. “Ela é estúpida”, acrescentou. E ficámos por aqui com esta conversa.

Mais tarde comentei isto com a Júlia, ao que ela me disse que se apercebeu que as raparigas da Ala 10 têm inveja das da Horta da Areia porque estas são bonitinhas e andam sempre todas arranjadas e bem vestidas.

Entretanto chegou a hora de irem mariscar. A ideia era irem para a ria apanhar berbigão, aproveitando a maré baixa. Os jovens tinham vindo munidos de garrações de água de 5 litros vazios, para colocarem os berbigões. Acabaram por ir quase todos, ficaram três rapazes mais velhos da Ala 10, mais os 3 da Horta da Areia. A Júlia ficou connosco e a Mafalda foi mariscar com o resto do pessoal.

A Filipa o Márcio e a Cristina começaram a brincar. Eu acho que o termo mais certo seria embirrar, sobretudo o Márcio e a Cristina, que começaram a embirrar um com o outro. O Márcio chateava a Cristina, empurrava-lhe a cabeça, roubava-lhe coisas e fugia para as dunas... eu disse que já vi tanto ódio dar em amor e a Júlia concordou e ainda meteu mais água na fogueira. Enquanto eles brincavam os da Ala 10 estavam ali à parte, ao sol. Estavam a ouvir música no telemóvel. Era música cigana. O mais velho estava a fumar. Às tantas levantou-se e disse ao Márcio para lhe ir buscar qualquer coisa que já não me lembro. O Márcio estava deitado debaixo da sombrinha a implicar com a Cristina e disse-lhe brandamente “Vai tu, a sério.”. O outro insistiu. Ele já tinha feito o mesmo com os outros mais pequenos que o rodeavam, umas duas vezes e aconteceu que

eles foram buscar aquilo que ele pediu. Mas o Márcio não foi e ele acabou por ter fazer o resto do percurso até à sombrinha.

Entretanto o Márcio pediu à Júlia para ir comprar um gelado. A Júlia deixou-o ir, acrescentando que confia nele, ele porta-se bem e não deve haver problema. Enquanto o Márcio foi a correr, as meninas trocaram de roupa. Tiraram a roupa de praia e vestiram o vestido, a Cristina, e a blusa, a Filipa. Depois puseram música no telemóvel. Música cigana. E envergonhadamente começaram a dançar, muito juntinhas e a rir-se uma para a outra. Digo envergonhadamente porque dançavam um bocadinho, com gestos tímidos e pouco exuberantes e depois riam-se e paravam, ou comentavam qualquer coisa. E evitavam olhar para nós.

Entretanto o tempo tinha passado e estava na altura de a Mafalda e os mariscadores chegarem. Tinham combinado recolher as coisas às duas da tarde e fazer uma caminhada pela praia até ao Farol, para apanharem o barco, uma vez que havia barco mais cedo nesse porto do que no porto da Culatra. Quando a Mafalda chegou com os miúdos, perto da hora combinada, vinham com cara de desapontados, ou então de cansados por causa do calor. Traziam meio garrafão com berbigões e pouco mais. A pescaria tinha corrido mal, portanto. Queixaram-se que não havia quase berbigões.

Começaram então a arrumar as coisas. O Márcio também já tinha chegado entretanto. Houve um problema com uma lata de sumo que ficou na areia. Ninguém queria apanhá-la e responsabilizar-se por pô-la no lixo, até que um dos rapazes da Ala 10 acabou por ir buscá-la. Reparei que a Filipa e a Cristina pareciam estar desejosas de se ir embora. Enquanto que foram as últimas a chegar, foram as primeiras a ir embora.

Dia 16

Data: 28 Setembro 2011

Local: ESEC

Assunto: Conversa informal com a Júlia

Encontrei-me com a Júlia. Ela tinha dito que na sexta-feira passada ia reunir com o Paulo para decidir como continuar com o TO na Horta da Areia e quando nos encontrámos hoje disse-me que trazia boas e más notícias. Começou pelas más. A família da Rita e do Henrique foi expulsa da comunidade e portanto, os dois já não vão poder continuar no grupo de teatro. Parece que o pai dos deles bebeu mais do que devia e acabou por discutir com o patriarca da comunidade, que os expulsou. Mudaram-se

para Torres Novas, tanto quanto sabemos. A Júlia disse-me “A Rita, que tinha tanto jeito!” e lamentou-se ainda pelo Henrique que para além do teatro estava também muito envolvido na capoeira. “Mas é assim, é assim que funciona a comunidade”, disse-me com um tom de quem ao mesmo tempo que não gosta da situação, também não pode fazer nada para mudar as coisas. Disse-me ainda que parece que a comunidade para onde se mudaram é pobre e que não sabe se os miúdos vão ter algum tipo de apoio social, ou actividades como estas a que tinham acesso aqui. Falou-me de uma rede que eles já tinham construído e que lhes dava acesso a tudo, podiam frequentar a biblioteca e a partir daí utilizar os computadores, ler, ou ver filmes. Disse que lá vão ter começado do zero. Disse-me que quando o Márcio e o João souberam que o Henrique se ia embora disseram “Mas por causa de bebida?”. Também ficaram tristes, contou-me a Júlia. Sobretudo o Márcio que era próximo do Henrique.

E no meio disto tudo a boa notícia é que o teatro continua. Com dois elementos a menos, é certo, mas ainda assim o projecto vai continuar. Parece que se vai fazer uma pequena fusão entre os elementos de um outro grupo da comunidade com quem a Júlia trabalha, os Dreads da Horta. São mais novos, mas parece que há dois elementos que já são mais um pouco mais maduros e a Júlia acha bem colocá-los a ensaiar com o Minorias do Gueto para os incentivar. E depois há o Valentim que é amigo do Henrique, Márcio e João e que esteve connosco na apresentação da peça na ESEC. Parece que ele estava interessado em entrar, por isso vai passar a fazer também parte do grupo. O próximo ensaio vai ser às 15h30, mas depois vai-se decidir a que horas passarão a ser definitivamente, por causa do horário da escola dos miúdos.

Dia 17

Data: 30 Setembro 2011

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

Quando cheguei à comunidade estava o Valentim com dois rapazes mais novos na rua, à porta do centro. Ouvi-os a comentar “Quem é aquela” quando me viram. A Sónia apareceu na rua entretanto, a chatear-se com eles e perguntou-me se a Júlia não vinha. Eu disse que sim, ela deveria estar a chegar e depois de cumprimentar os rapazes, entrei. No gabinete da direcção estava o Pedro. Deixei o projecto em cima da mesa e disse que ficava ali para lerem depois. Ele disse-me ok. Fui até à sala de ensaios e entretanto os 3 novos elementos do grupo entraram também. O Valentim é um rapaz

alto, magrinho, com o cabelo despenteado. Ou então está penteado à maneira dele, porque lhe dá um certo estilo “dread”. Os dois outros rapazes são mais pequenos. O mais pequeno de todos é de pele branca e bem falante. Tem cabelo castanho. O outro tem a pele um pouco mais escura, pareceu-me um pouco gozão, porque estava a meter-se cm a Natália e depois com o Valentim.

Na sala, sentada num puff, estava a Natália. Perguntei-lhe como foram as férias, disse que foram boas e que agora já pode vir ao teatro todas as sextas à tarde porque não tem aulas. A Cristina não me disse nada. Estava sentada com uma secretária à frente e entretinha-se com um compasso a fazer círculos numa folha branca. “Mudaram isto não mudaram?” perguntei, referindo-me à sala. Estava mais ampla e tinha novos cortinados e pinturas na parede. “É, eles mudaram”, respondeu-me a Natália.

Sentei-me ao pé da Cristina. Um deles, já não me lembro qual, perguntou pela Júlia e se eu é que ia fazer o ensaio. Eu disse que a Júlia já devia estar a chegar, mas entretanto começaram a brincar e acabei por não explicar mais nada. O Valentim e o “gozão”, vou chamar-lhe assim por enquanto, começaram uma guerra de almofadas. Entretanto entrou a Sónia e chateada perguntou o que é que eles estavam a fazer. Eles começaram a falar com ela e pouco depois ela saiu a dizer que estava a ficar farta deles e que estava ali sozinha e não tinha que os aturar. Eu comecei a pensar que seria melhor fazer alguma coisa para se entreterem entretanto, portanto comecei a perguntar se queriam brincar a alguma coisa enquanto esperávamos pela Júlia. Os dois mais novos disseram que podia ser. Perguntei-lhes se conheciam algum jogo que tivessem feito com a Júlia, para me ensinarem porque pensei que isso podia motivá-los mais. O mais pequeno de todos, explicou-me um exercício que tinha que ver com uma quinta e fogo, se não me engano. No fim de explicar disse-me que precisamos de 5 cadeiras e entretanto a Sónia entrou e em simultâneo o meu telemóvel começou a tocar. Era a Júlia. Atendi e enquanto ouvia a Júlia a dizer-me que o ensaio tinha sido cancelado porque os miúdos se estavam a portar mal, ouvia a Sónia a mandá-los fechar as janelas e persianas para se irem embora que já não havia teatro. A Júlia pediu-me para lhes dar um recado que é o de para a próxima se portarem bem porque não pode ser assim se querem ter ensaio. Eu transmiti-lhes o recado e sem me dizerem nada, foram-se embora.

Dia 18

Data: 18 de Outubro de 2011

Local: Casa

Assunto: Novidades no facebook

Na semana passada não houve ensaio de teatro. Recebi mensagem da Júlia a dizer que o Pedro avisou que não ia haver ensaio por causa da feira de Santa Iria, que começou justamente na sexta-feira da semana passada.

Esta semana tive novidades no facebook, referentes ao grupo. O João fez upload de algumas fotos do grupo de teatro que tirámos quando apresentámos a peça na ESEC e identificou o pessoal do grupo nas fotos. A Lendra e a Natália comentaram algumas, a Filipa também embora no perfil de facebook apareça com o nome de Mara, o que me fez não conseguir identificá-la logo. A foto mais comentada foi uma de grupo em que estamos todos juntos à excepção do Henrique.



A Ana escreveu: “Belos mumentos no tiatro”. O João disse: “Memo a serio”. A Ana disse: “A cara da Filipa ta linda e a cara do Márcio então no meio de 2 gajas ui ui” E deixou outro comentário a seguir: “O JOÃO E O KE TA MAIS ENGRAÇADO E TA BOE FIXE ADOREI****”. “Ya” disse a Mara/Filipa. “Tão giros que estamos :D Muito fixe. Devíamos criar um grupo no facebook... assim podíamos partilhar fotos. O que acham?”, perguntei eu. A Ana colocou um “Gosto”. A Rita escreveu: “epa entao e eu ja nao conto amigos do meu coracao”, ao que a Ana disse: “ohohoh tao fofinha ke e a

nossa zildinha“. “ya claro que contas zizi me amori lol :D”, respondeu o João. A Natália comentou por sua vez: “Ahahah Grandes malucos ahahahah”.

Eu tinha enviado uma mensagem no dia 10 à Rita a perguntar: “Estás bem minha linda? Como correm as coisas aí na nova terra?”, ao que esta semana ela me respondeu, no dia 14: “mal nao gosto de tar aqui”.

Também houve uma foto em que ela colocou um comentário, por baixo de um comentário da Júlia. Dizia: “Dá-me o teu numero”.

Acho que ela deve sentir a falta do grupo e dos amigos. Ainda vou voltar à conversa com ela no facebook.

Dia 19

Data: 28 de Outubro de 2011

Local: Santa Luzia

Assunto: Conversa informal com a Júlia

Hoje fui com a Júlia a uma reunião na Associação Âncora e quando acabou ficámos na rua a conversar sobre os ensaios de teatro. Vão arrancar na quarta-feira da semana seguinte, dia 2 de Novembro, porque entretanto houve um problema com o grupo, que foi detectado e resolvido pela Sónia, do Centro Comunitário. Parece que o problema foi com a Natália que quando aparecia no centro estava sempre sozinha e distanciada do grupo. A Sónia em conversas com a Júlia achou que isso se devia a uma rapariga da comunidade que, por não poder fazer parte do grupo de teatro, andava a voltar a Natália contra os restantes membros do grupo e vice-versa e disse-lhe que ia investigar e resolver a situação. E assim foi. Descobriu o eu se passava, pregou um raspanete aos envolvidos e entretanto parece que as coisas melhoraram. A Júlia disse-me ainda que vai haver um elemento mais novo no grupo, que eu ainda não conheci, mas que tem muito jeito para o teatro e que percebeu muito bem como funciona. É do grupo de teatro dos mais novos, com quem ela também trabalha, mas ela achou que para o motivar seria bom passá-lo para os ensaios dos mais velhos.

Disse-me que no outro dia o encontrou na rua e que ele ia com os colegas da escola e uma professora. Ao vê-la, correu para ela e apresentou-a à professora que o acompanhava como “a professora de teatro”. A Júlia disse-me que a professora respondeu: “Ah, então é verdade?”. Ou seja, pelos vistos ele tinha contado que andava no teatro e ela deve ter achado que ele estava a mentir. Quem sabe tenha pensado que os miúdos do bairro não fazem teatro, disse-me a Júlia.

Contou-me ainda que talvez o grupo vá a Lisboa apresentar uma peça. Isto porque a Fundação António Aleixo, a quem pertence o centro comunitário, tem em Lisboa uma escola de formação de animadores ou algo no género e que o Paulo sugeriu que seria um bom local para

se mostrar uma peça. Então temos agora um objectivo para a criação da nova peça de teatro, que é apresentá-la em Lisboa.

A Júlia contou-me ainda que o grupo dos mais pequenos “Os dreads da Horta”, pegaram na história dos mais velhos, “A minha camisola vale mais que a tua casa” e fizeram uma história parecida, também envolvendo a escola, se bem que modificaram-na um pouco. Criaram a história de uma rapariga que é julgada como sendo muito bem comportada e que é sempre protegida pela mãe, mas que na verdade se comporta muito mal e é uma peste e implica com os colegas, professores e todos. A Júlia diz que um dos que faz de professor queria utilizar falas parecidas com o que o João usa e que a Júlia teve que lhe dizer que não pode porque o professor da outra peça é mau e este é bom.

Os ensaios retomam quarta-feira e não vou poder ir porque vou estar em viagem, mas quando voltar já vou poder assistir. A Júlia diz que eles perguntam sempre por mim.

Dia 20

Data: 15 de Dezembro de 2011

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro e conversa informal com o Paulo

Tínhamos ensaio marcado para as 16h30 e eu cheguei uns 10 minutos antes. O bairro estava calmo como sempre. Não se via ninguém na rua mas ouvia-se música cigana que me pareceu vir de uma das habitações perto do centro comunitário.

A porta do centro estava trancada mas lá dentro luzia alguma claridade. Quando saí do carro vi também que alguém fechava uma persiana na sala onde temos os ensaios de teatro. Bati à porta, vi o Pedro à porta do gabinete e este abriu-me a porta. Fui-lhe falar e ao Paulo que estava sentado à secretária. O Paulo perguntou-me que tal de férias, eu disse-lhe que foram longas de mais e logo em seguida perguntou se já acabei a minha tese, em tom de brincadeira. Respondi-lhe que ainda agora está só a começar enquanto pousava a minha mala em cima da mesa redonda no lado esquerdo do pequeno gabinete. Depois disse-lhe que precisava de falar com ele porque há algumas questões culturais que eu deveria de saber sobre a cultura cigana, mais especificamente sobre aquela comunidade da Horta da Areia. Ele disse que podemos falar, mas para eu ser mais específica.

Comecei pelos casamentos ciganos. Ele explicou-me que antes as famílias prometiam os filhos logo em pequenos e que esse compromisso entre as famílias era normalmente concretizado. Mas acrescentou logo em seguida que hoje em dia já não é bem assim e que ainda há esse compromisso assumido pelas famílias, mas que já não é necessariamente levado até ao fim. Acontece que os “prometidos” arranjam maneira de ficar com quem escolhem e com

quem gostam, que é fugir. E o fugir significa na maioria das vezes ir juntos passar duas horas no fórum Algarve, por exemplo. Quando um rapaz e uma rapariga gostam um do outro combinam para fugir só o tempo suficiente para que ambas as famílias dêem pela sua falta. Como no bairro as notícias correm depressa, rapidamente todos na comunidade se apercebem da falta dos dois e como quando regressam ninguém sabe o que estiveram a fazer porque afinal de contas, estiveram sozinhos e para evitar que a honra da rapariga seja questionada, os pais autorizam o casamento e apressam-se a casá-los. Ou então, se um rapaz gosta de uma rapariga e não sabe o que ela sente por ele, para evitar ir falar com a família e passar a humilhação da rapariga lhe dizer que não, combina, em segredo, fugir com ela. Se ela aceitar e fugir, casam. Se não, ele já não passa a vergonha de ela lhe dizer que não frente à família.

O Paulo acrescentou ainda que a Cristina por exemplo, já não deve faltar muito para casar ou fugir com alguém. Eu perguntei se ela ainda está prometida e ele disse que estava sim, com um rapaz de quinze anos mas que aconteceu a tal coisa, ele gostava de outra e fugiu com ela portanto o compromisso deles ficou sem efeito. Perguntei-lhe ainda se eles só escolhem pessoas da comunidade ou se podem casar com pessoas de fora, mesmo pessoas não ciganas por exemplo. Ele disse que podem casar com pessoas de fora, mas muitas vezes é dentro da comunidade. Acrescentou ainda que são mais os homens que casam com pessoas não ciganas, pelo menos na comunidade Horta da Areia. Acrescentou que isso já implica questões mais complexas e que nas mulheres nem sempre é muito bem aceite que ela fuja com alguém fora da comunidade, o que poderá implicar uma rotura com a família em alguns casos.

Em seguida falei-lhe da reacção da Filipa e da Cristina na praia. Ele diz que é uma questão de não serem faladas. Para já porque sabem que os rapazes da Ala 10 não são de fiar e depois porque isso está muito incutido nelas, a questão de preservarem a honra.

Achei curioso. Acho que isto já me deve ajudar a perceber algumas coisas. Acho que tinha mais coisas para lhe perguntar mas como na altura não me lembrei, hei-de perguntar depois. Em seguida falámos da tese dele, ele diz que é sobre isto das tradições e cultura cigana. Ele está a fazer um levantamento das comunidades ciganas de Faro e a ideia é fazer propostas de intervenção para trabalhar com estas populações. Pareceu-me bastante interessante. Disse para ele se apressar que se calhar me vai dar jeito e ele disse que falar comigo sobre isto é bom para ele também porque ajuda a pensar nestas questões das tradições.

Terminada a conversa fui até á sala de ensaios. Estava escura, a porta encostada e havia gente lá dentro. Estavam a Sónia, a Filipa e uma miúda mais nova que não conheço sentadas junto a um projector que reflectia no quadro de ardósia da parede o filme d'A Bela e o Monstro. O Pedro chegou depois com um papel de cenário e a ideia era ver se tornava a imagem melhor colocá-lo à frente do quadro. De facto tornava a imagem mais clara, mas sem o papel de cenário via-se bem também, portanto depois de algumas tentativas a Sónia acabou por decidir projectar no quadro. As mesas estavam colocadas em volta da sala e tinham doces (rebuçados

sobretudo) lá em cima. Quando a Júlia chegou perguntou o que era aquilo ao que a Sónia explicou que vai haver uma festa amanhã a partir das duas e que é para verem um filme e comerem algumas coisas.

Entretanto saímos da sala. A nós juntou-se entretanto o Valentim. Trazia um pulôver com uns losangos à frente e umas calças de ganga pretas justas, mais uns ténis. Tinha o cabelo mais curto do que eu me lembrava na última vez que nos tínhamos cruzado lá pelo centro. Também foi mais simpático, perguntou-me o meu nome e se eu ia fazer teatro com eles. Parecia mais crescido, na outra vez que o vi pareceu-me um pouco rebelde mas de facto aquele devia ser um dia em que eles andavam travessos, porque hoje pareceu-me um rapaz bastante interessado pelo teatro, simpático e tímido, com uma forma meiga e delicada de falar comigo. Ele estava a perguntar à Júlia quando é que começavam os ensaios. Ela disse que era para ser hoje mas não estava quase ninguém, além disso a sala estava toda arrumada para a festa amanhã e se fôssemos ter ensaio eles iam comer os rebuçados todos, gracejou. Ele riu-se. Entretanto a Filipa juntou-se e passado pouco tempo a Cristina. Falou-se dos horários deles, a que horas saiam da escola. A quinta-feira parecia ser o dia mais apropriado para os ensaios, mas ao mesmo tempo faltavam alguns. Entretanto chegou um rapazinho pequenino, dos novos. Ainda não sei o nome dele, mas já o tinha visto no outro dia quando o ensaio foi cancelado. Ele disse que o João tinha dito que não vinha porque o pai não deixava.

A Júlia disse que temos mesmo que temos que ensaiar porque vamos a Lisboa apresentar uma peça. O Valentim disse que o pai não o deixa ir a Lisboa. A Júlia disse que depois falávamos com ele. Ele insistiu na ideia de que ele não deixa e parecia-me muito convicto daquilo que estava a dizer. Às tantas disse mesmo que se ele não o deixou ir a um sítio que era mais perto, como é que o ia deixar ir a Lisboa? Eu disse para ele começar já a falar com ele que é para começar a convencê-lo. Ele disse que então isso ainda era pior. A Júlia disse que mesmo que ele não vá a Lisboa não faz mal, que também vamos apresentar a peça noutra lado mais perto, de certeza. Disse também que no início os pais do João também não o deixavam sair e que no outro dia o deixaram ir a Olhão. O Valentim disse: “Mas Olhão é perto!”. Entretanto a Júlia perguntou à Filipa e Cristina se elas podiam ir, que vamos de manhã e voltamos à noite. Elas disseram que sim.

Entretanto o Valentim começou a falar de irmos a Vendas Novas apresentar uma peça, para poderem ver a Rita e o Henrique. Depois disse “Fogo tenho saudades dele” e abanou a cabeça. Eu dei comigo a pensar que também eu tenho a sensação de que a qualquer momento eles vão entrar pela porta e juntar-se a nós.

Entretanto alguém perguntou alguma coisa à Cristina e pela resposta dela pareceu-me que tinha que ver com namoros ou casamento. Ela disse que não gostava de ninguém, que ainda não tinha encontrado ninguém que lhe interessasse.

Depois falou-se da dor de dentes da Filipa, que foi ao dentista esta semana, na Junta de Freguesia da Sé se não me engano. Vai tomar medicação primeiro e depois mais tarde vai arrancar o dente. Parece que também a Cristina anda com dor de dentes porque a Júlia perguntou se ela também já tinha ido ao dentista. Ela disse que não, que tem medo. Eu perguntei porque é que tem medo ao que me disse que nunca foi, mas que não vai porque a mãe não quer.

Dentro do outro gabinete estava o Pedro, sentado a cortar uma cana. Era uma cana grossa e ele estava a fazer aquilo que os miúdos chamaram de um incendiário. Eu perguntei o que raio era isso e a Júlia mostrou-me um que estava dentro dum saco com roupa. Era um daqueles suportes para queimar incenso. Ao que parece o Pedro fá-los e para isso usa cana. Justamente em cima da mesa onde ele estava, haviam duas caixas com montes de sacos lá dentro. O Valentim começou a mexer nos sacos e como cada saco tinha uma etiqueta com um nome, ele esteve a ler os nomes à procura do dele. Eram duas caixas com presentes, que pela conversa que a Sónia e a Júlia estavam a ter percebi que era para entregarem aos miúdos no dia seguinte na festa.

O amigo do Valentim, o rapaz mais pequeno, queria que ele fizesse uma coreografia qualquer que tinham ensaiado. O Valentim não queria, estava com vergonha. Ia fazer mas depois arrendia-se e começava a rir. A Júlia disse ao mais pequeno porque é que ele não fazia sozinho. Porque precisava de alguém que atirasse, explicou ele. A Júlia disse que ela fazia se ele a ensinasse, mas o Valentim acabou por fazer. A Júlia disse que depois podíamos usar coisas assim, coreografias e dança na peça.

Acabou portanto por não haver ensaio mais uma vez. A Júlia ficou de aparecer na segunda-feira, quando todos já estão de férias, para falar com todos ao mesmo tempo e marcar um horário definitivo para os ensaios.

Dia 21

Data: 5 de Janeiro de 2012

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

Cheguei ao centro às 16h, sem me lembrar muito bem a que horas começava o ensaio. Quando cheguei a Júlia ainda não estava, mas encontrei a Filipa junto a uma das casas a falar com uma rapariga que já conheço de vista e que é mulata, às vezes acompanha a Sara. Quer dizer, quanto à Filipa, na verdade o que vi foi uma rapariga de cabelo loiro, calças de ganga, botas estilo “nature” e camisa justa azul. Estava de costas e a uma certa distância pelo que me pareceu ela mas não tive logo a certeza.

Fui para o centro. Desde o lado de fora, pelos vidros da porta de entrada, vi a Cristina. Cabelo preto solto como sempre, umas calças de ganga, blusa preta justa, sapatilhas e nas pernas umas plainas de lã. Quando entrei apercebi-me que falava com a Sónia, que estava na cozinha. A Cristina estava encostada à ombreira da porta da cozinha. Cumprimentámo-nos. A Sónia quando saiu da cozinha viu-me e perguntou se a Júlia vinha dar ensaio. Eu disse que sim. Depois ouvi a voz do João na sala de ensaio e fui lá ter. Tinha uma blusa de algodão fina, azul, que lhe ficava justa. Estava sentado à mesa e com ele estavam uns pequeninos da comunidade. Não conheci nenhum deles, são das crianças mais novinhas, eram rapazes, quatro ao todo. Um tinha cabelo mais escuro e era mais gorduchinho, mas os restantes tinham cabelo claro desgrenhado e pele mais escura. Todos eles eram ciganos. Jogavam a um jogo. Era o João quem segurava uns cartões redondos junto ao peito e tentava em vão ensinar um dos pequenos a dizer “cerveja”. O puto acabava sempre por dizer “ferveja” e quando as várias tentativas de o fazer pronunciar bem a palavra resultaram infrutíferas o João acabou por dizer: “Não interessa” e continuou a jogar dizendo-lhes que era para comer. Dos outros mini jogadores saíram palavras como “arroz” entre outras e o João dizia que não, mas que andava lá perto. Pedi-lhe para me mostrar o cartão. Tinha lá escrito massa e um desenho desse alimento.

Voltei ao corredor e sentei-me ao lado da Filipa, que tinha entretanto chegado, e da Cristina. Estavam sentadas num banco no corredor, frente à janela do gabinete dos técnicos. A Filipa lembrou-me de lhe levar as fotos de Olhão para ela pôr no facebook, eu pus um lembrete no telemóvel e prometi levar para a próxima. Perguntei-lhes se já tinham resolvido os problemas delas com os dentes, a Filipa disse que vai arrancar dia 29 e a Cristina diz que ainda não foi ao dentista. “Não marques não”, disse a Filipa. “E não foste porquê?” perguntei-lhe já sabendo a resposta. “Não gosto”. Eu disse à Filipa que arrancar é das coisas que gosto menos de fazer porque é estranho e contei-lhe o que achava da sensação. Ela perguntou-me se dói, ao que respondi que não dói nada.

Entretanto chegou a Sara (finalmente hoje decorei o nome dela, pois penso que tenho andado a referir-me a ela como Fátima ou outsider). Tinha com ela aquele que penso que será o irmão mais novo, pois de cara são parecidos. Quando a vi estava no lavatório com ele a lavar-lhe as mãos. Reparei no cabelo castanho escuro dela, mas até então sempre a tinha visto loira, por isso perguntei-lhe se pintou. Disse-me que sim. Disse-lhe que lhe fica bem e é verdade, realça-lhe os olhos. Sorriu e disse-me “obrigado”. Entretanto o irmão estava a choramingar. Ela acabou de lhe lavar as mãos e o miúdo colocou-se ao pé de mim e foi então que vi que tinha o braço esquerdo partido, pois estava engessado. Era um gesso que já tinha passado de branco para cinzento. No polegar da outra mão que não estava engessada mas que estava igualmente escura tinha uma unha cinzenta e aquilo que me pareceram ser pontos, cozidos com uma linha escura. Perguntei à Sara o que é que se passou com o dedo dele ao que me disse que o entalou na porta do carro. “E aquilo são pontos?”, perguntei. “Sim, levou dois.” Então apareceu o Pedro

e foram para o outro gabinete, onde o miúdo começou a choramingar que lhe doía o dedo quando percebeu que o Pedro ia desinfecá-lo e colocar um penso. O João ficou comigo e da porta observámos a choradeira do miúdo antes e durante de o Pedro lhe tocar, mas este fez-lhe o curativo com muita calma sempre conversando com ele e dizendo-lhe que não estava a doer.

Entretanto a Júlia chegou e falou com a Sónia, que tinha um papel na mão. Falaram sobre juntar o teatro e o hip-hop pois a Sónia está a tentar formar um grupo. A Sónia tinha apontado os nomes dos elementos do grupo de teatro. Falaram sobre um Sérgio, a Sónia dizia que ele é muito criança, sempre a amuar e que não tem paciência para aturar gente assim nas aulas e estava a dizer que não sabia se o haveriam de pôr no teatro. Ficaram de ver como ele se portava. Entretanto a Sónia comentou que tinha que mandar os mais pequenos que estavam na sala de ensaio para casa e que ia chamá-los para lhes dar um bolo, que eles “funcionam à base de doces”, disse.

Entretanto estávamos a ver quem faltava: a Natália estava quase a chegar da escola, o Valentim também estava quase a chegar e o Márcio parece que andava “por aí”. A Filipa foi chamar a Ana que parece que não podia vir ao teatro porque a mãe não deixava, estava de castigo. A Júlia perguntou à Sara se ela queria ficar e participar na peça. Ela acabou por dizer que sim e foi levar o irmão a casa. A Sónia deu um bolo ao irmão da Sara e disse-lhe para ele dizer obrigada. Ele não disse e ela insistiu. Mas ele não disse, parecia estar meio envergonhado, petiscando o seu bolo com creme à porta do centro. A Sónia chamou-o, tirou-lhe o bolo e insistiu docemente para ele dizer obrigada, mas ele não disse. O João disse que ele ficou “afectado da fala” depois do Pedro ter feito o penso.

Quando os mais pequenos foram para casa “subornados” pela Sónia, juntámo-nos na sala de ensaio. A mesa grande estava montada, por isso sentámo-nos em volta da mesma. A Sónia juntou-se a nós. Dos jovens estavam o João, a Filipa, Cristina e Valentim. Depois chegou a Natália que me pareceu mais alta e claramente mais magra. Além disso tinha o cabelo esticado e atado num rabo de cavalo. Vestia umas calças de ganga e uma blusa polar, calçava umas sapatilhas e trazia uma mala azul que dizia “Adidas”. A Júlia comentou com ela que ela estava mais magra assim como a Filipa, que emagreceram durante o verão e cresceram. A Sónia perguntou à Natália se ela queria um bolo, ela disse que não, que bolos foi o que comeu o dia todo, dois pastéis de nata. A Sónia chateou-se, disse logo que não é a comer bolos nem a ficar tanto tempo sem comer que ela vai ficar magra e chamou-lhe a atenção para isso.

Depois o Valentim estava a brincar com o telemóvel e quando a Júlia e Sónia queriam começar a falar estavam todos distraídos a mexer nos telemóveis e a falar, pelo que a Sónia acabou por mandar o Valentim lhe dar o telemóvel, já que era ele quem tinha começado. Depois surgiu a conversa sobre o Márcio. A Sónia pediu à Natália para lhe enviar uma mensagem pois ela tentou escrever uma mensagem a partir do telemóvel do Valentim mas não conseguiu entender-se com o teclado. A Filipa disse que a Natália podia ligar porque “ele também é

estravaganza”, referindo-se ao tarifário. A Natália escreveu a mensagem, mas como não obteve resposta, passado um bocado a Sónia ligou do telefone do centro, mas ele não atendeu.

Já com todos mais concentrados, falou-se da disponibilidade de cada um para participar nos ensaios de teatro e de hip-hop, sendo que os ensaios de teatro começarão às 16h30 e os de hip-hop quando acabar o de teatro. O Valentim tinha um problema, que era o futsal, à quinta-feira. “E quantas vezes tens futsal por semana?” perguntaram a Júlia ou a Sónia. “Duas, à terça e à quinta”, respondeu o Valentim. “Então falas com o teu professor e pedes para faltar à quinta.”, atalhou a Sónia. Voltou a frisar a ideia de que ele tinha é que falar com o professor. A Sónia disse ainda que íamos juntar o hip-hop e o teatro numa peça, eles ficaram contentes e a Júlia acrescentou que vamos ter que criar uma peça que tenha dança pelo meio.

Entretanto chegou o tal Sérgio. É mulato, pequeno e gorducho, sentou-se à mesa e a Sónia perguntou se ele quer participar no teatro e hip-hop à quinta-feira. Ele tem o mesmo problema que o Valentim. A Sónia disse-lhe o mesmo que já tinha dito, para faltar num dia, mas ele retorquiu que não pode porque se não o treinador não o convoca para os jogos. A Sónia fez uma cara de descontentamento mas disse que então não, mais vale não faltar. Mas que ele falasse com o treinador de qualquer, forma e depois logo se via o que ele dizia. Entretanto chamou também a atenção à Natália que era melhor ela avisar a tia que estava no ensaio de teatro. Ela disse que não, que a tia estava a trabalhar e que só chegava a casa lá p’ras nove da noite. A Sónia insistiu que mais vale ela avisar que é para não haver problemas, mas ela manteve a ideia de que não ia haver problema.

Começou-se então a falar da peça de teatro e a pensar como se poderia enfiar a dança ali no meio. A Natália estava cheia de ideias. Falou de dois grupos rivais, de um rapaz e rapariga de cada grupo que se apaixonavam e tinham que namorar às escondidas. A Sónia disse que ela se andava a inspirar nos filmes e que isso é plágio. Ninguém sabia o que plágio significa, pelo que a Sónia explicou. A Júlia disse que sim, podiam ser grupos de dança, um de valsa e outro de hip-hop. Eles não sabiam o que é a valsa, ao que ela explicou que é um estilo mais clássico do que o hip-hop.

Depois falou-se de como poderia ser o fim e a Natália disse que não queria fazer como na outra peça, que era chato. Ela referia-se a fazer um fórum. A Júlia disse que está bem, não fazemos e que podíamos ensaiar três fins por exemplo, um bom, um mau e um surreal e que depois no fim da peça o público escolhia o fim que queria ver. E a ideia do fim surreal deu aso à imaginação do pessoal, começando pela Natália que estava muito faladora e começou a divagar sobre vampiros e aí a conversa começou a dispersar. Às tantas só a Sónia e a Natália é que estavam a falar e eu percebi que a conversa tinha ido parar ao último episódio da saga “Twilight/Crepúsculo”. A Sónia disse à Natália que ela tinha acabado de lhe contar o fim do filme, com um ar de descontentamento.

Entretanto voltou-se à construção da peça, a Júlia insistiu para que se decidisse como deveria ser a história, para ela apontar. Resultou então que eram dois grupos de música, um de ballet e outro de hip-hop e que eles eram rivais mas que uma rapariga e um rapaz se apaixonavam e que acabavam por ter que namorar às escondidas. “E depois podiam fugir...” disse mais uma vez a Natália. “Já agora fogem para o fórum”, acrescentou a Sónia, acabando a rir. Olhei para a Cristina e Filipa, a Cristina revirou os olhos. As duas mantiveram-se caladas a maior parte do tempo, mas creio que essa é uma postura normal delas. Pensou-se então quem deveria ser os protagonistas, o casal. Falou-se na Cristina e no Márcio, ao que a Cristina disse que com o Márcio não. Eu lembrei-me deles na praia, a embirrarem um com o outro. Então a Cristina e o Valentim, foi outra proposta. O Valentim pareceu agradado, a falar carinhosamente com ela, mas a Cristina também não se deixou convencer. Então o João e a Sara, porque são os dois grandes, sugeriu-se. Mas depois a Sónia disse que a Sara vai casar e que aquilo ainda ia dar problemas. Depois gozou-se com o João que ainda ia ter os ciganos todos atrás dele. Rimo-nos. Falou-se do Márcio com a Natália. A Natália gostou da ideia, mas a Júlia disse que o Márcio é bom a fazer papel de mau e que se ele já não está muito entusiasmado para o teatro é capaz de não querer fazer par romântico com ninguém porque vai achar uma seca. E penso que no final ficaram a Natália e o Valentim, mas já não tenho a certeza. P’ra semana vamos ver. A Júlia tomou nota das ideias para a peça, para os 3 fins diferentes e depois vimos quem seriam os que iam fazer as personagens dos grupos de ballet e de hip-hop. Eu e o João ficámos como professores, eu de ballet e ele de hip-hop. Isto porque o João não pode participar no grupo de hip-hop como dançarino porque os pais não deixam. Na verdade surgiu na conversa que era fixe juntar o hip-hop com o teatro porque assim quando fosse para sair, podíamos aproveitar uma saída para fazer logo duas coisas e que assim é mais fácil convencer os pais. O João disse que quase nem o deixavam ir a Olhão quanto mais, ao que a Júlia disse que falamos com eles, que da outra vez também não queriam que ele fosse e depois deixaram.

A Natália pareceu entusiasmada, já perto do fim disse que “esta peça vai ficar mais fixe do que a outra”.

E assim se passou mais um ensaio.

Dia 22

***Data:** 12 de Janeiro de 2012*

***Local:** Centro Comunitário Horta da Areia*

***Assunto:** Ensaio de Teatro*

O centro estava fechado quando cheguei. Abriam-me a porta quando bati à porta e no gabinete estavam o Paulo e o Pedro. Na sala encontrei a Júlia com a Filipa, Cristina, Ana e

Natália. Havia ainda uma menina loira que é a filha do Paulo. A Júlia estava com as miúdas a conversar, sentadas à volta da mesa. Cumprimentei-as a todas e disse à Ana que há muito tempo que não a via, sendo que ela sorriu. A Cristina e a Filipa, sentadas ao lado uma da outra, brincavam as duas com o telemóvel, cada uma com o seu. A Filipa começou a telefonar para alguém que atendeu, mandou-nos calar a todas e no outro lado ouvia-se a voz de um rapaz que acabou por desligar porque não obteve resposta. A Júlia perguntou o que é que elas estavam a fazer e quem era aquele, ao que elas disseram o nome de um rapaz e que ele é capaz de ter ouvido a voz da Júlia porque ela estava a falar quando ele atendeu. Disse à Filipa que tinha as fotos dela comigo e ela contente disse-me “Vânia adoro-te” e levantou-se. Depois eu disse-lhe que tínhamos que passar para um computador porque eu tinha na pen e ela disse para fazermos isso e que queria que fosse eu a fazer com ela. O problema é que não tínhamos ali um computador à mão com internet. Eu disse eu descarregava as fotos no computador do centro e que ela podia vê-las depois mas ela disse que não, por isso ficou sem efeito.

A propósito das fotos a Natália disse que não gostava das fotos que o João tinha posto no facebook. A Júlia falou da ideia de criarmos um grupo privado e assim podemos colocar lá as fotos que ninguém para além de nós vê. A Natália disse que assim podia ser. A Júlia perguntou porque é que ela não gostava das fotos que ele pôs, ao que ela respondeu que foi na altura em que estava gorda. Entretanto acrescentou, mudando de assunto, que não avisou o avô que vinha para o centro comunitário.

O Pedro entrou entretanto e colocou na mesa à frente da Cristina umas folhas impressas. Vi que eram da wikipedia e que continham informação dos Rollin Stones. Perguntei-lhe se aquilo era para um trabalho na escola. Ela disse que sim. Depois perguntei se ela é que tinha escolhido fazer sobre aquele grupo. Disse-me que sim. “E porque é que escolheste os Rollin Stones?”, perguntei ainda. “Porque é musical.”, respondeu-me. A Júlia perguntou se elas sabiam o que queria dizer em português Rollin Stones. Responderam que não e ela explicou.

Entretanto como mais ninguém vinha a Júlia pensou começar a fazer alguns energysers. Começámos pelo “Zip, Sap, Boing”. A ideia é estarmos em círculo, de pé e atentas ao que as outras estão a fazer para podermos responder quando for a nossa vez, dizendo um dos seguintes comenados: “Zip, Sap, Huco, OoooTouro!”. Elas perceberam o exercício à primeira quando a Júlia explicou, porque executavam os comandos, mas estavam desconcentradas e por isso não conseguimos fazer muito rápido. A Filipa sobretudo estava distraída e às tantas disse que lhe doía o dente. Aos poucos foram entrando no jogo e conseguimos acelerar um pouco o ritmo, mas havia sempre alguém que se enganava.

Em seguida fizemos uma coreografia com os nossos nomes. Ainda em círculo, de pé, cada uma de nós tinha que fazer uma mini coreografia tendo em conta os nossos nomes. Então ao início vimos em quantas sílabas podiam ser divididos os nomes, cada um deles. Depois cada uma tinha que encontrar tantos gestos/movimentos diferentes para o seu nome quantas sílabas

tinha. Depois de fazer o restante grupo repetia. Todas fizemos, mas quando chegou a vez da Filipa ela disse que não sabia o que fazer porque já tínhamos feito tudo. Voltou ainda a frisar que não lhe apetecia muito por causa do dente. Mas acabou por aceitar uma sugestão de coreografia da Ana e fez.

O exercício seguinte chama-se “Quantos A’s há num A” e a ideia é que se diga uma palavra de formas diferentes, para passar diferentes tipos de emoção, por exemplo. Foi engraçado. Elas estavam super à vontade e sobretudo a Ana e a Natália para além de terem muitas ideias diferentes, percebi que estavam muito à vontade com a sua expressão corporal. A Filipa participou um pouco, mas mais comedida, por causa do dente talvez e a Cristina também parece ter-se divertido e explorado à vontade a sua criatividade. Não só elas sugeriam diferentes palavras para dizer quanto usaram não só a voz mas o corpo para exprimir aquilo que queriam mostrar. Achei interessante porque conhecendo o jogo original e já o tendo feito com diferentes tipos de pessoas, normalmente as pessoas acabam por utilizar a voz para com diferentes entoações dizer uma mesma palavra e mostrar aquilo que querem transmitir, mas elas acrescentaram espontaneamente a expressão corporal.

O exercício seguinte, “Homenagem a Magritt”, consistia em usar um objecto de formas diferentes, sendo que começámos por uma caixa de vídeo vazia. A Júlia disse: “Isto não é uma caixa” e a partir daí cada uma transformou aquela caixa num objecto diferente. Em seguida fizemos o mesmo com uma cadeira. Surgiram coisas como um telemóvel, um computador, uma escova de pentear o cabelo, um chapéu... a Natália especialmente, parecia ter sempre mais uma ideia. A seguir a Júlia complicou um pouco mais e com a cadeira e a caixa de vídeo tínhamos que fazer um único objecto. A Natália quase de imediato fez um abajour, colocando-se em cima da cadeira, colocando a caixa na cabeça e utilizando ainda os braços para fazer a parte de cima do abajour. A Ana começou a fazer um computador e um livro, mas a Júlia disse que com as duas peças tinha que ser um só objecto e exemplificou fazendo um computador, sendo a caixa o rato. A Landra disse que a ideia do computador e livro era ser a palavra “estudar”, mas explicámos que estudar é um verbo e o que se quer é mesmo um objecto. Aí ela percebeu. A Natália teve ainda a ideia de fazer “escadas”, sendo que utilizava a cadeira, os seus joelhos sentada e a caixa para fazer a elevação dos diferentes degraus. Uma ideia surpreendente.

Entretanto chegou a Sónia. Falou-se de onde andavam as pessoas que estavam a faltar. Ninguém parecia saber muito bem onde estava o João. Quanto ao Valentim, disseram que estava no futsal mas deveria estar a chegar. O Márcio enfim... andava mesmo desaparecido do teatro. A Sónia disse que assim não pode ser e que não pode começar os ensaios de hip-hop sem estarem todos porque se vai começar a ensaiar uma coreografia depois os que faltarem ficam atrasados e tem que começar de novo. Então disse que era melhor marcar um próximo ensaio, última oportunidade, quem viesse vinha e participava, quem não viesse já não podia entrar.

Viram-se os horários para amanhã, sexta. A Filipa era a única que terminava as aulas mais tarde, às 17h, portanto o ensaio ficou marcado para essa hora.

Mas as miúdas queriam ensaiar hoje, tendo a Júlia dito que não dava, éramos poucos e não tínhamos rapazes. Mas entretanto chegou o Valentim também, dizendo que esteve no futsal. Como elas insistam em ensaiar, a Júlia disse que então íamos ter que pensar melhor na história da peça e a Natália disse logo que já sabia como ia ser e começou a contar. Ela era uma rapariga nova que tinha chegado à escola e que estava inscrita nas aulas de ballet. Depois conhecia o rapaz do grupo de hip-hop mas ela não sabia que os dois grupos eram rivais e apaixonava-se por ele. Começámos então a pensar nas cenas uma a uma, todos em conjunto, sendo que se iam aproveitando as melhores ideias de cada um. A Júlia sugeriu que se comesse com uma cena para se perceber que protagonista, a ser interpretada pela Natália, era nova na escola. Então criou-se a cena da mãe a deixá-la na escola e a desejar-lhe um bom primeiro dia de aulas. Ao lado estava uma imagem do grupo de hip-hop, que quando ela passava ficava a observá-la. As duas cenas seguintes passavam-se nas aulas de hip-hop, um ensaio e depois na aula de ballet, onde a protagonista chegava atrasada. Depois havia uma cena no autocarro, onde o Valentim, que fazia o par amoroso com a Natália, se levantava para lhe dar lugar, já que não haviam mais lugares sentados disponíveis. Aí trocavam algumas palavras e o amor nascia. A cena seguinte, ficou definido que seria uma cena deles a namorar às escondidas e a seguir desenrolar-se-ia uma *battle* entre os dois grupos que terminava com cada grupo a puxar um para cada lado, separando-os. Toda esta parte da *battle* envolve dança e será a parte da coreografia que a Sónia terá que criar com eles. Aí eles teriam que decidir ficar juntos, ou continuar a pertencer aos seus grupos. Ensaíámos tudo isto uma vez e quando acabámos a Júlia apontou no caderno o que se passava em cada cena, escrevendo também os nomes que cada um queria dar à sua personagem.

A Cristina não participou no ensaio porque estava com a Sónia a fazer o tal trabalho sobre os Rollin Stones. Algures antes do ensaio começar lembro-me de ter visto de relance a Sónia a retirar uma cartolina cor-de-rosa de cima de um dos armários e com um marcador escrevia qualquer coisa. A Cristina estava com ela. Depois desapareceram e quando o ensaio acabou não sabíamos de nenhuma das duas. Eu e a Júlia percorremos o pequeno centro á procura delas mas tudo estava escuro. Espreitámos pela janela da porta de entrada, para a rua. Vi o carro cinzento da Sónia estacionado frente ao centro. Na parede de uma das casas habitadas por ciganos vi reflectidas as chamas amareladas e quentes de uma fogueira acesa na rua, à entrada da casa. À frente estava estacionada uma carrinha, mas percebi pelas cabeças que vi que haviam pessoas à volta da fogueira. Ao lado, dois homens conversavam. Um tinha um cavalo, montava-o sem sela ou estribos, tinha só a cabeçada. Calculei que comentassem os dois sobre o cavalo, pois o que estava a pé parecia observar o bicho e mexeu-lhe na cabeça e nas patas. A Júlia disse-me: “Uma cena idílica”.

Regressámos para a sala de ensaio e passado pouco tempo reapareceram a Cristina e a Sónia. Ficou então combinado encontrarmo-nos amanhã para novo ensaio. E quando saí do centro, sob o céu escuro das 6 da tarde, prevalecia aquele crepitar das chamas da fogueira projectadas nas paredes de latão da casa. E já dentro do carro, à volta da fogueira, vi então homens ciganos a conversar.

Dia 23

Data: 13 de Janeiro de 2012

Local: Biblioteca da Penha

Assunto: Conversa informal com a Mafalda

Encontrei-me com a Mafalda e a Aurora na biblioteca, cada uma para trabalhar na sua tese. A Mafalda estava a ouvir entrevistas que fez aos ciganos sobre o RSI e acabou por conversar sobre isso comigo. Disse-me que entrevistou o Paulo do Centro comunitário, no outro dia e que ele foi rápido a responder às perguntas dela, muito claro, mas que lhe deu informação importante e interessante.

Bom, isto tudo para me dizer que como a entrevista com ele terminou mais rápido do que ela estava a pensar e uma vez que tinha ali o gravador à mão, resolveu andar a falar, um pouco em tom de brincadeira, com quem estava lá no centro comunitário naquele momento. E aconteceu que estavam lá a Filipa, Cristina e Ana. A Mafalda disse que elas pareciam não saber nada sobre o RSI. Que apenas tinham uma ideia que é dinheiro que é pago pelo Estado e que têm que ir à escola. Disse-me que a Filipa pareceu um pouco reticente ou mesmo nervosa, ela pensa que por causa da presença do gravador apontado a ela. Disse-me ainda que conseguiu saber que elas não gostam de morar lá na Horta da Areia, disseram-lhe que há sempre barulho à noite, gritos, que não conseguem dormir, que há conflitos e que gostariam de morar noutra sítio.

Partilhou ainda comigo e com a Aurora o que os ciganos que tem entrevistado lhe dizem sobre a lei cigana. Ela diz que das pessoas que entrevistou ainda não houve uma que concordasse com a lei cigana, ou que a achasse uma coisa boa. Todos acham que já não fazem sentido coisas como os homens deixarem crescer a barba quando estão de luto, por exemplo.

Nós perguntámo-nos se ninguém concorda, porque é que não a mudam? A Mafalda diz que não sabe, não compreende. Que um cigano lhe disse que se deixasse de haver a lei cigana se calhar acontecia que deixava de ser “cigano”. Para mim tem que ver com aquele esquema dos macro e micro factores que o Fragozo fez para o artigo dos idosos. As tradições estão tao enraizadas e as representações da família nos ciganos são tão importantes para eles que têm medo sequer de pensar em questionar uma coisa tão cigana quanto a lei pela qual se regem, não vá a família rejeitá-los e depois o que é que lhes acontece? Deixam de ser ciganos? Quase

como se não houvesse espaço aos ciganos para serem sujeitos individuais, apenas membros de uma família cigana que se rege pelas leis e tradições ciganas, logo o espaço que têm para pensar e agir de forma diferente, deve ser algo muito reduzido. Mas isto digo eu em forma de raciocínio rápido e pessoal... talvez consiga um dia perceber melhor isto.

Data: Ainda no mesmo dia...

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

Ao chegar ao centro comunitário foi a Cristina quem me abriu a porta. Ouvia-se música. No gabinete dos técnicos encontrei a Sónia, ao computador, a mostrar as músicas que tinha escolhido para as coreografias que vão integrar a peça. A Júlia estava sentada no outro lado da secretária e estavam ali também a Ana e a Natália.

A Júlia disse que tinha uma prenda para mim, por causa dos meus anos e tirou da mala qualquer coisa embrulhada numa platina. Era uma forma de silicone com formato de coração, para fazer ovos estrelados. Muito original e dá bastante jeito. Os meus ovos vão ficar muito mais bonitos a partir de agora :D

Mas passando em frente para o que para aqui interessa, as músicas que a Sónia escolheu são músicas modernas, uma mistura de pop com hip-hop, cada uma delas com um significado e uma mensagem que se encaixa em cada cena da peça. Numa das músicas que saiu há cerca de um ano, a Natália comentou “Esta música já é velha!”. A Sónia disse que não e a Júlia acrescentou: “Uma música de um ano é velha?”, Acrescentando por outras palavras que os jovens de hoje vivem mesmo numa época em que tudo se torna ultrapassado e fora de moda muito rapidamente.

Em seguida a Sónia entregou o cd com as músicas à Júlia e fomos para a sala de teatro, onde a Júlia colocou o cd na aparelhagem. Então reparei na Natália que tinha vestidos uns calções brancos e por baixo umas calças pretas. Perguntei-lhe o que lhe tinha dado para se vestir assim, se era para ficar com mais estilo para dançar. Respondeu-me encolhendo os ombros que estava “a experimentar roupa à bocado” e que depois tinha ficado assim.

Entretanto perguntei pelo João, porque me preocupava que ele não viesse, o que tendo em conta o que a Sónia disse ontem, significaria que ele não ia participar na peça. Mas a Ana disse que ele é da turma da Filipa e que só saiam às 17h da escola, por isso deviam estar quase a chegar, visto que passavam alguns minutos da hora. A Sónia disse

que não ia haver ensaio de hip-hop a seguir porque tinha que ir embora que ia ter uma reunião, mas que na próxima semana começavam.

Esperámos um pouco e entretanto chegaram o Valentim e o Sérgio que começaram a brincar entre eles qual quem simula lutas, o que veio provocar alguma agitação na sala. Enquanto a Natália ouvia as músicas da peça e dava uns passos de dança, o Valentim e Sérgio andavam às turras. A Cristina entrava e saía da sala e a Ana estava ali connosco, sentada em cima da mesa. Entretanto fomos revendo as cenas da peça e pensando melhor nelas, até que chegaram a Filipa e o João. Juntamente com eles entrou a Sónia que disse logo à Ana para sair de cima da mesa e que um dia ainda fica com hemorróidas de tanto ela lhe dizer. A Natália perguntou “o que é hemorróidas?” e a Sónia explicou muito simplificada que são umas feridas no rabo.

Como a Filipa quando chegou tinha vestida uma blusa de tecido fino e algo decotada, sem trazer casaco, perguntei-lhe se não tinha frio ao que me respondeu que não, que tinha saído de educação física.

Estávamos então em condições de começar não fosse a Cristina ter desaparecido. A Sónia deu a entender que poderia saber para onde ela tinha ido e que era algo frequente dela ultimamente, ir para aquele lugar. Já não me lembro se ela chegou a pedir a alguém para ir chamar a Cristina, mas ela passado um bocado voltou. Outra coisa que aconteceu durante a estadia curta da Sónia na sala foi que distribuiu pelas miúdas uns sacos pretos com roupa, dizendo-lhes que vissem se gostavam da roupa que ela tinha escolhido para elas. Deu, se não me engano, dois sacos à Ana e disse à Filipa que a irmã dela já tinha levado para as duas durante a tarde.

Entretanto a Júlia fez um resumo da história da peça e recordou o que se ia passar nas diferentes cenas. Depois perguntou a todos os nomes das suas personagens e apontou no seu caderno.

Começámos então a representar, com grande dificuldade. Entretanto a Sónia e todos do centro tinham-se ido embora e estávamos sozinhas com os miúdos. O Sérgio, João e Valentim continuavam com as suas brincadeiras, sendo que o Valentim parecia de todos o mais interessado no ensaio, pois estava a dizer a dada altura para eles ouvirem a Júlia, se bem que depois acabava ele próprio por brincar com os outros dois. Também as raparigas foram metidas na festa e às tantas andava a Filipa a correr atrás do Sérgio porque este lhe tinha atirado uma almofada à cabeça. A Júlia tentava pacificamente chamá-los à razão, em vão. Começou a repreendê-los calmamente mas às tantas teve que se chatear a sério e chamou mesmo a atenção ao Sérgio, que parecia ser

quem estava a desestabilizar todos os outros, também um pouco com a ajuda do João. O João estava numa atitude de desinteresse e de rabugice. A Júlia disse no início que tínhamos mesmo que ensaiar porque depois vamos a Lisboa e ele disse que os pais não o vão deixar ir. A Júlia disse que depois vemos isso, mas que primeiro temos que criar uma peça para ter alguma coisa se queremos apresentar. Mais tarde quando começou o ensaio o João disse que não sabia como fazer o papel de professor de hip-hop e a Júlia disse que depois ele via como a Sónia faz, mas que para já não é preciso fazer nada de mais, só ser um prof duro que quer que os alunos trabalhem. Ele sentou-se e disse que não sabia fazer pelo que a Júlia disse que ela fazia para ele ver e depois quando ele quisesse entrava.

Entretanto como a brincadeira não parava a Júlia começou a chatear-se mais a sério e mesmo sem levantar muito a voz ou gritar com eles, tentava chamá-los à razão. Disse que de manhã teve ensaio com os pequenos e disse o nome de alguns rapazes que pelo que me pareceu devem ser mesmo traquinas e que eles se comportavam muito bem e que já estavam a criar uma peça e que nós não tínhamos nada ainda. Depois falou para o Valentim e Sérgio, porque eles estavam sempre a reclamar que já não queriam fazer teatro com os pequenos mas que agora que estavam nos grandes tinham que se comportar como tal. O Sérgio apontou as culpas para o João, disse que ele é que o estava a chatear e aí a Júlia disse: “Desculpa lá Sérgio, mas não estejas a empurrar as culpas para cima dos outros”, continuando a dizer que ele é que estava a desestabilizar todo o grupo e que se ele não queria levar o ensaio a sério então era melhor que se fosse embora. Enquanto tudo isto se passava lembrei-me de uma vez há umas semanas que entrei no centro e estava a Sónia super chateada com o Valentim e dois rapazes, um deles lembro-me agora que era mulato, pequeno e gorducho. Era o Sérgio. Foi nessa vez que ela acabou por cancelar o ensaio.

Uma das raparigas disse à Júlia porque é que ela não dava uma chapada nos rapazes, ao que ela respondeu que nunca deu uma chapada a ninguém, mas que estava com muita vontade de o fazer naquele momento, sim.

Passado este maior momento de exaltação e depois de ter chamado a atenção ao Sérgio, lá conseguimos então começar o ensaio, já com algumas músicas pelo meio. O João ficou a assistir e entretanto a Júlia disse-lhe que lhe dava mais uma semana para ele pensar se queria ou não entrar na peça. A mim deu-me a ideia de que ele se não quisesse participar tinha-se ido embora, porque houve mesmo uma altura no meio da confusão de os tentar acalmar em que a Júlia o colocou contra a parede e que disse que

se ele não queria estar ali então que não desestabilizasse e se fosse embora. Ele ficou sentado, cabisbaixo e não disse nada, mas também não foi embora. A Júlia sabe do envolvimento dele com o teatro e por isso depois falou a bem com ele e foi então que lhe disse que tinha a tal semana para se decidir, acrescentando ainda que sabe que ele tem jeito e que seria uma pena não podermos contar com ele. Eu pergunto-me se o suposto desinteresse dele se deverá ao facto de pensar que os pais não o deixarão ir a Lisboa, o que o faz pensar para que é que vai ensaiar, ou se poderá ser por vergonha ou por não se identificar com a peça ou a sua personagem. Mais tarde a falar com a Júlia sobre o desempenho deles, quando ficámos as duas sozinhas, ela disse-me que no início o João também agiu assim, na outra peça e que ela sabe que no fundo ele quer, por isso não foi muito dura com ele.

Quando conseguimos alguma concentração, o ensaio foi engraçado. A Natália e o Valentim tiveram alguma reticência em dar as mãos numa das cenas, mas acabaram por conseguir muito envergonhados. Simulámos a parte das danças e da “battle” porque vai ser em coreografia, mas treinámos a parte das falas, sendo que houve uma cena em que o Valentim gritou, falando com o seu grupo de hip-hop que os queria separar: “Larguem-me. Vocês não podem fazer isto. Eu gosto dela!”. Eu acho que com a banda sonora e tudo mais algumas estratégicas cénicas pontuais que vamos trabalhar depois, a peça vai ficar muito emocionante. Acabámos a cena quando chegou a parte de supostamente o público escolher os três fins, mas ainda não falámos sobre o que se passará em cada fim.

Entretanto quase no fim do ensaio, a Natália também tinha entretanto trocado uma mensagem com o Márcio que lhe disse que ia ao ensaio na próxima semana. Vamos ver. A Júlia pareceu não acreditar muito nisso, disse apenas: “Vamos dar-lhe uma última oportunidade”, mas depois acrescentou que o Márcio é sempre a mesma coisa.

Com o ensaio terminado eles foram saindo. A Natália quis mostrar a mim e à Júlia as roupas que a Sónia tinha separado para ela. Disse que algumas podiam ser boas para a mãe dela usar, referindo-se assim à Ana que faz papel de mãe na primeira cena, quando a deixa na escola para o primeiro dia de aulas. Começou a tirar algumas roupas: uma túnica florida, um vestido comprido, entre outros. Mas a Júlia teve que ir até à cozinha e quando voltou a Natália disse-lhe que lhe queria mostrar as roupas e que ela não estava a ver. A Júlia disse chateada que é impossível estar atenta a alguma coisa com os rapazes na cozinha a brincar com uma faca. Como eu já tinha visto a roupa fui

até à cozinha pois vi que o João ainda estava lá dentro. Na altura já não andavam com facas, devem ter apanhado um raspanete da Júlia. A Filipa e Cristina foram as primeiras a sair e em seguida a Ana levando consigo os dois sacos cheios de roupa. Depois saiu a Natália e os rapazes foram os últimos.

Eu e a Júlia ficámos um pouco a conversar sobre o ensaio. Falámos do João, foi então que ela me disse que também não tinha sido fácil na outra peça, o início. E o Sérgio disse que se ele continuar assim não vai poder participar porque está a desestabilizar todo o grupo. Mas na próxima semana já vão estar na linha porque a Sónia vai estar ali. E de facto quando ela está eles não se atrevem a fazer grandes estragos.

A Júlia ficou encarregue de fechar o centro. Teve alguns problemas com a fechadura, a porta não trancava porque a chave não rodava. Finalmente conseguiu mas antes teve que activar o alarme. Entretanto estávamos a falar na rua, enquanto ela equipava a sua bicicleta com as luzes nocturnas e tirava o cadeado e chegou o Valentim. Então ela perguntou-lhe: “Tu achas que o ensaio hoje correu bem, Valentim?”, ao que ele respondeu muito francamente e sem hesitar: “Eu acho que não”. Então ela pediu-lhe para falar com os amigos e dizer para na próxima vez eles se portarem bem porque se não vamos conseguir ensaiar e que até o grupo das crianças se está a portar melhor do que eles neste momento. Acho engraçado a forma como a Júlia fala com eles ou mesmo como lhes ralha. Eu analiso isso como uma relação horizontal, em que ela fala de igual para igual, sem dar lições de moral, apenas tentando apelar ao bom senso perfeitamente ciente de que eles já têm idade para compreender o que é certo ou errado. Com o Valentim falou assim, sem condescendências, sem lições de moral, apenas uma conversa normal. E ele respondeu de forma igual. Depois disse-lhe ainda: “Porque é chato, ainda por cima a Vânia não é de cá, vem de propósito para ensaiar com vocês e depois vocês portam-se assim!”. Ele virou-se para mim: “Vens só para ensaiar?”. Confirmei. “E moras muito longe?”. Disse-lhe que em S. Brás, a uma meia hora de caminho. “E vais a pé para casa?”. Disse-lhe que de carro, se fosse a pé nunca mais chegava.

E assim ficámos de nos encontrar na próxima semana, ficando ele encarregue de falar com o grupo.

Ah... falta-me só acrescentar uma coisa... algures durante o ensaio, não me lembro exactamente onde, ouvi uma conversa dos rapazes a provocar as raparigas... O Sérgio ou o João estavam a dizer em tom de provocação que a Filipa e a Natália iam para as salinas dar uma

volta, ao que elas reviraram os olhos. Não tivesse eu conversado uma vez com a Júlia sobre as tais “salinas” e teria ficado completamente a apanhar do ar. É mais um daqueles aspectos comunitários que só quem vive lá é que sabe, parecido com o fugir para o Fórum. Então parece que ir às salinas é um sinónimo de fazer sexo, porque numas conversas de mulheres que a Júlia e a Mafalda têm agora com as ciganas mais velhas e que integram uma actividade para um projecto da CVP em que a ideia é que as mulheres ciganas possam ter um espaço para falar sobre o que quiserem, sem a presença de maridos ou filhos, surgiu essa conversa. Como nas casas da Horta da Areia a privacidade é uma coisa difícil, parece que os casais dão as suas escapadelas para as salinas para ter alguma privacidade, segundo o que as mulheres contaram.

Dia 24

Data: 14 de Janeiro de 2012

Local: Rua do Compromisso (intervalo do workshop de TO)

Assunto: Conversa informal com a Júlia

Já não me lembro como surgiu a conversa no intervalo do workshop de TO sobre as raparigas do Minoria do Gueto. Ah... estávamos a falar de piolhos, a Júlia começou a contar-nos como tem apanhado piolhos neste último ano, por causa do grupo das crianças. Depois disse-me para eu ter atenção, ao que lhe respondi que uma das primeiras coisas que a Mafalda me disse quando fui ao centro para o primeiro ensaio foi que levasse o cabelo atado, por causa dos piolhos. Mas acrescentei que acho que com o grupo dos mais velhos não faz mal, porque eles não têm. Ela disse que sim, que realmente o problema são os mais pequenos. E disse ainda que é incrível como é que as miúdas do Minorias do Gueto andam sempre com o cabelo todo arranjado e sempre bem vestidas e todas limpinhas. Porque afinal elas não têm casa de banho em casa. A Aurora perguntou como é que elas tomam banho, se tomam no centro. Ela disse que acha que não, que devem tomar em casa dentro dum alguidar, com água aquecida. Ainda por cima com a casa cheia de gente e a falta de privacidade que têm, deve ser complicado, acrescentou. “E elas nunca cheiram mal!”, disse. Depois acrescentou que os homens é que às vezes vão tomar banho ao centro, se têm alguma entrevista ou assim.

A Júlia contou-me ainda que uma vez foi à casa da Rita e que puderam entrar. E que a casa estava tão organizada e tão limpa que nem se via um pingo de sujidade. Eu disse à Júlia que a Mafalda uma vez me contou que eles eram a família que vivia em piores condições habitacionais, ao que a Júlia me disse que sim, mas que em termos de higiene e limpeza a casa estava ótima.

Dia 25

Data: 20 de Janeiro de 2012

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

A Cristina mais uma vez veio abrir-me a porta do centro, quando cheguei, já que ela estava no corredor. Reparei ao entrar que a janela do gabinete dos técnicos tinha a persiana corrida, lembrei-me que talvez porque estava a decorrer alguma reunião ou conversa privada, pois vi à entrada do centro, estacionado, um carro preto que me é estranho ali. Comentei com a Cristina como ela estava gira, pois tinha uma blusa branca estilo corpete, acetinada. Agradeceu-me e sorrindo contou-me que ia passar o fim-de-semana na casa da irmã, que a Sónia ia levá-la a seguir ao ensaio. Perguntei se a irmã mora em Faro, ao que me respondeu que sim. “E gostas de ir para lá?”. “Sim”, disse-me ainda sorridente, mantendo uma boa disposição visível. Na verdade eu estranhei pois normalmente é de muito poucas palavras comigo e mantém sempre um ar distante, com poucas conversas. Já várias vezes me questionei se isso significa que não goste ou confie em mim, mas acho que é mais timidez e ainda pouco à vontade. Noto o mesmo com a Filipa.

Anyway... depois perguntei-lhe se a irmã vive numa casa ou apartamento e passou-me ainda pela cabeça incluir na lista de tipos de casa a palavra barraca, mas não o fiz. Fez ela. Disse que mora numa barraca e que a avó, que mora lá ao pé, é que tem uma casa. Depois encolheu os ombros, ainda a sorrir. “E ela mora numa comunidade cigana?”, perguntei ainda. “Há lá ciganos também”, respondeu. Entretanto arrepiei-me e disse-lhe que mesmo com o dia de sol, está frio lá fora. Ela concordou. Mostrou-me um pequeno saco de plástico onde tinha colocado meias e cuecas, para mudar durante a curta estadia com a irmã. Entretanto chegou o João, para alegria minha. Estava então resolvida a questão da birra da semana passada, ele estava ali para participar. Vestia uns calções de praia, que achei frios. Tinha também uma blusa branca, de algodão, que lhe ficava justa, talvez demais. Não me pareceu ter frio, por aqueles lados na verdade parece que sou a única pessoa com frio na maior parte das vezes! Falava com o Sérgio, que veio com ele.

Eu disse à Cristina que ia ver o que se estava a passar na sala de ensaios, onde estava a ouvir gente a conversar. Ela acompanhou-me. Vi a Filipa sentada perto da Sónia e uma pessoa de costas que só quando se virou para mim é que percebi que era a Lídia, a fazer uma visita. Cumprimentei todos. A Natália disse-me que o Márcio lhe

disse que vinha ao ensaio. Eu disse-lhe “Vamos ver, era bom que sim”. Estava ali também o Valentim que enquanto eu pousava a mala no banco encostado à parede veio perguntar, com o telemóvel na mão, se eu conseguia pôr aquilo a escrever mensagens como antes. Deu-me o telemóvel e ficou ali comigo. Era um telemóvel de ecrã tátil, moderno de mais para mim que estou habituada a coisas com botões e teve que me explicar como é que eu mexia naquilo. O meu telemóvel ainda é da época passada, qualquer um deles tem um mais *hi-tech* que o meu! Um dia ainda lhes pergunto onde arranjam aqueles telemóveis, mas calculo que já sei a resposta e que aquele é um dos aspectos positivos de viver naquela comunidade... há todo um mercado interno que lhes permite ter acesso a coisas aos preços mais baratos que os do mercado normal. Ou isso, ou estou a ser uma grande preconceituosa! Enfim... voltando ao telemóvel, percebi que o problema é que tinha a escrita automática de mensagens (ou o dicionário inteligente) activado. Lá andei às voltas e consegui desactivar aquilo. Ele experimentou e disse que era mesmo aquilo, agradecendo. Entretanto a Filipa já tinha mudado de lugar para se sentar junto ao quadro de ardósia a falar com a Cristina. Acabei por me sentar perto delas e continuaram a falar como se eu ali não estivesse, mas não fiz nenhum esforço para perceber do que estavam a falar pois não quis sentir-me intrometida. Pareceu-me que devia ser algo muito delas.

Chegou a Ana entretanto e cumprimentou a Lídia. Depois veio a Júlia e falou algum tempo com a Lídia e quando esta saiu, acompanhada da Sónia, começámos o ensaio. Eu e a Júlia desarrumámos algumas mesas e cadeiras para libertar mais espaço na sala. Reparei por esta altura que o ambiente estava claramente mais calmo do que na semana passada e antes de começarmos o ensaio a Júlia informou, em tom de aviso, que não ensaia mais nas condições da semana passada.

A Natália entretanto colocou música na aparelhagem, do cd que a Sónia tinha gravado para a peça e começou a dançar alguns passos de hip-hop. Fez um movimento de mexer o pescoço tão perfeito e natural que quase parecia que o pescoço não fazia parte do resto do corpo. Perguntei-lhe onde aprendeu a fazer aquilo, respondeu-me “sozinha” como se fosse a coisa mais banal do mundo.

No corredor, vi entretanto o Paulo, com um homem de sobretudo e uma pasta na mão. Sim, deveria mesmo estar numa reunião. Fez-me adeus quando reparou que eu o vi no corredor e foi-se embora.

Estávamos a começar o ensaio quando chegou o Márcio, todo pimpão. Calcinha de ganga larga e *sweat*, com o cabelo com um corte de cabelo original, mais curto de

lado e comprido em cima, devidamente espetado. Bamboleava-se de um lado para o outro quando entrou, com um ligeiro sorriso nos lábios. Ficava-lhe bem o corte de cabelo. Fizemos uma ovação quando o vimos entrar e ele lá se sentou ao canto a sorrir. A Júlia começou a relembrar as cenas a ensaiar e olhei para ele. Ele também olhou para mim e riu-se, desviando o olhar logo em seguida. Começámos o ensaio, concordando que o Márcio ficaria a ver uma vez para saber o que se passava.

Ensaíamos uma vez e depois ficámos a pensar como seria o primeiro fim... o fim feliz. Acabou por ser construído pela imaginação de todos, já que cada um partilhou as suas ideias. Ficou assim: os dois grupos rivais tinham que arranjar forma de se entender, então alguém ia raptar a protagonista e depois o seu par, que observava de longe, juntava os dois grupos para a salvar. Nesta cena o Márcio já entrou, enquanto raptor da rapariga. Quando acabámos de ensaiar o Márcio saiu a correr da sala. Quando voltou disse que tinha ido ver como estava o cabelo, pois para fazer de raptor tinha colocado o capuz na cabeça. Vaidoso, portanto! Com estas novas ideias para o primeiro fim, pensámos ensaiar outra vez. A Natália disse que queria que o Márcio fosse o seu “par romântico”, acrescentando que era “por causa da química”. A Júlia disse que podia ser se ele quisesse e o Valentim não se importasse. O Valentim disse logo que não se importava, que queria fazer de mau. O Márcio também não se importou e ensaiámos então mais uma vez, já com o Márcio a encarnar a sua personagem.

Acabado o teatro, começou o ensaio de hip-hop, com a Sónia. Primeiro ensinou-lhes os passos sem música, da coreografia “do amor” como lhe chamamos. A Natália parecia estar tensa ou estranhamente rígida e lembrei-me do à vontade dela para dançar, normalmente. A Sónia precisava que ela se dobrasse para fazer um passo mas ela não estava a conseguir. Então a Sónia chamou a Filipa para mostrar o que pretendia e a Filipa deixou-se levar. Na verdade a Sónia explicou-lhes os passos uma vez e depois começaram logo a fazer, com pequenos ajustes e correcções. Todos decoraram logo o que tinham que fazer, à excepção da Ana e Cristina que se esqueceram uma ou duas vezes mas depois encarrilharam. Passadas umas duas ou três vezes de repetirem os passos, começaram a ensaiar com música. O efeito final foi espectacular, a música tem um impacto forte e a coreografia está muito gira. Além disso deu para perceber que de facto a Natália tinha razão, entre ela e o Márcio há uma “química” qualquer, quase que dava arrepios de ver eles os dois a dançar e a forma como ele, com um ar sério e profissional, a segurava e lhe acariciava a cara num dos passos, olhando-a mesmo nos olhos. Muito giros os dois, mesmo. O João quis tirar fotos e a Júlia emprestou-lhe a

máquina dela, com a condição de que aquelas filmagens não seriam para pôr no facebook. Falaram os dois de se criar o tal grupo privado para partilharmos fotos, mas acho que a Júlia está à espera que seja ele a criar, já que está bastante envolvido e é sempre ele que coloca fotos do grupo no facebook.

Ensaïaram umas duas ou três vezes com música e ficou linda a coreografia. Foi então que o ensaio terminou e todos se apressaram a ir para casa. A Cristina saiu com a Sónia e vi-as a sair juntas.

Dia 26

Data: 27 de Janeiro de 2012

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

Quando saí do carro senti logo o vento mais forte do que no resto da cidade. Lembrei-me daquela ventania que estava quando fizemos aquele ensaio geral apresentando a peça à comunidade. Talvez pela proximidade da ria, ali faz sempre um pouco mais de vento. Cheguei ao centro comunitário e encontrei as portas fechadas, as luzes apagadas e nenhum sinal de movimento. Numa das casas/barracas ali ao pé, a única onde há sempre movimento na rua, vi aquela rapariga a que costumava referir-me aqui como outsider, mas que agora sei que se chama Fátima e que apesar de não parecer, é uma rapariga cigana. Digo que não parece pois tem a pele mulata, o cabelo em carapinha. Os olhos são claros, mas sempre pensei que os pais eram de origem africana. Como sempre, estava descalça. Já anteriormente a vi a caminhar pelo bairro sem sapatos. Também já a vi calçada por isso calculo que simplesmente gosta de andar assim, com os pés na terra. Vestia uma blusa cai-cai preta, sem mangas, apesar do frio normal de um fim de tarde invernal, às 5 da tarde. Bati à porta mas ninguém abriu. Silêncio total. No outro lado da rua ouvi dizer, quando bati pela segunda vez: “Senhora, o centro já está fechado”. Olhei. Era a Fátima. “Mas vai haver ensaio de teatro agora. Não está ninguém lá dentro?”_ perguntei. “Não sei, respondeu-me.”. Decidi dar a volta e ir bater à janela da sala de ensaio. Então ouvi vozes. E pelas cortinas vi primeiro um vulto mas depois consegui ver por uma nesga do cortinado que era o Márcio. Estava no quadro de ardósia a escrever qualquer coisa. Bati. Não se mexeu. Voltei a bater. Bati com mais força no vidro e então olhou. Disse: “Está ali a...” e calou-se, obviamente porque já não se lembrava do meu nome. Fui até à porta do centro, onde vi a Cristina a

vir em direcção à porta, sorridente. “És sempre tu que me abres a porta, já reparaste?”. “É verdade.”, respondeu, a rir. “És a minha porteira de serviço”. Entrei, fechei a porta e fui até à sala onde encontrei o Márcio ainda no quadro, a Sónia de volta de uma estante com cassetes de vídeo, o Sérgio e o Valentim. A Cristina voltou e pegou num saco preto do lixo, para onde a Sónia estava a atirar algumas cassetes que ia escolhendo. Eram filmes de animação para crianças e pelo que me pareceu já estavam a encher o terceiro saco preto do lixo. Sentei-me, a Sónia perguntou se fechei a porta do centro. Quando olhei para o quadro onde o Márcio escrevia, vi que estava a escrever em inglês aquilo que me lembrei de escrever também quando andava no ensino básico. A data por extenso, com data, mês, dia da semana, ano e escrevia ainda umas quantas coisas mais. E escreveu tudo sem erros. Meti-me com ele e disse que estava tudo muito bem escrito, que ele dominava o inglês. Pouco depois apagou e começou a fazer um desenho daquilo que me pareceu ser um *alien*. O Sérgio juntou-se a ele. O Valentim não vi nessa altura, mas passado um pouco a Sónia começou a chamar por ele e a dizer que “hoje” estava impossível, que ela não estava para se chatear com ele. Ele apareceu vindo da cozinha, não sei o que estava a fazer. Ah... estava a Natália também na sala quando cheguei. Estava perto da aparelhagem, ouvia-se rádio e ela dava uns passos de dança como sempre. O Márcio e o Sérgio fizeram o seu desenho e o Márcio escreveu os nomes de todos os elementos do grupo à volta do seu extraterrestre. Entretanto chegou a Júlia. Alguém a viu a passar, pela janela e eu fui abrir a porta. Estacionava a sua bicicleta e falou com a Fátima lá ao fundo. Lembro-me que lhe perguntou se ela não tinha frio, ao que esta respondeu que não, que estava cheia de calor. Eu e a Júlia estávamos com blusas grossas e todas encasacadas.

Regressámos à sala de ensaio onde a Natália perguntou à Sónia se podia ir buscar um bolo. Esta disse que sim e a Natália correu para a cozinha. Regressou com um croissant de chocolate. O Sérgio quando viu quis também. Perguntou onde ela tinha arranjado, ela disse na cozinha e ele disse que queria também. “Pede à Sónia”, disseram a Júlia e a Natália quase em uníssono. Pouco tempo depois chegou o Sérgio à sala também com um bolo em mãos e uma cara de guloso sorridente.

Entretanto a Júlia perguntou o que é que a Sónia ia fazer com aqueles filmes. “Vou dar”, disse a Sónia. A Júlia aconselhou-a a vender, na internet, que há pessoas que compram porque são coleccionadores e que era bem capaz de ela conseguir algum dinheiro, vendendo no “miau” ou “custo justo”. Ela, enquanto testava algumas cassetes colocando-as no vídeo, disse que não, que ia dar à Cristina que ela levava lá para a outra

comunidade dela. Pareceu-me que foi isto que disse, mas como estava a falar baixo não tenho a certeza. Calculo que se referisse ao sítio onde a Cristina tinha ido passar o fim-de-semana anterior.

Entretanto falou-se de começarmos pelo ensaio de dança, para a Sónia se poder ir embora mais cedo. A Júlia concordou. Entretanto falou-se do resto do pessoal, que deveriam estar a chegar. A Sónia foi buscar um pastel de nata para ela e disse que não lhe apetecia comer doces, mas uma sandes. A Júlia começou então a falar-nos do seu almoço e de um peixe que tinha um cheiro suspeito, que optou por não o comer. Entretanto começou a falar-se de intoxicações alimentares e estávamos nesse ponto da conversa quando o João chegou. Perguntou-se pela Filipa e Ana, que o João explicou que tinham ido a casa da Ana. E acrescentou que a Ana se calhar não vinha ao teatro porque normalmente quando ia a casa a mãe depois já não a deixava vir. Então a Sónia pediu à Natália que fosse a casa da Ana buscá-las e perguntar se vinham ao teatro ou não, mas que não se demorasse, que voltasse logo. Entretanto o Márcio tinha começado a fazer uns malabarismos, o pino e coisas do género e a Sónia pediu-lhe que fizesse umas coisas que reconheci como sendo passos de hip-hop. Ele fez, embora um deles com dificuldade. A Natália foi e passado pouco tempo já estava de volta, pois a Ana e a Filipa já estavam a chegar ao centro.

Íamos começar o ensaio quando reparámos que faltava a Cristina. Mas ela chegou passado pouco tempo. Estávamos então com condições de começar, já tinha passado uma meia-hora ou mais desde que eu tinha chegado.

Começaram por dançar a coreografia que tinham aprendido no dia anterior e só depois começaram a ensaiar a nova, que era a do momento da *battle* entre os dois grupos. Ao início notei que estavam desconcentrados, mas com o tempo foram-se deixando envolver e acabaram o ensaio a dizer que estava a ficar muito fixe. A Júlia entregou a máquina fotográfica dela ao João que ficou a filmar e fotografar. Eu fiquei ao lado dele com a minha e houve uma altura em que lhe disse: “Vamos tirar uma fotografia de nós os dois”, mas ele afastou a cabeça e disse que não, que não gostava. Eu disse-lhe que é só uma foto, mas ele não pareceu minimamente interessado em mudar de ideias. Lembrei-me daquela vez em Olhão em que também não quis participar na foto de grupo. Parece que só o conseguimos fotografar quando não está “vestido” de João, mas no figurino de uma personagem qualquer.

Quando o ensaio acabou chegou-se à conclusão que já não íamos ensaiar a peça. Primeiro porque a Cristina ia ter que ir embora com a Sónia, que pelo que entendi ia, à

semelhança da semana passada, deixá-la em qualquer lado que calculo que seja a casa da irmã. Depois já era tarde, eram quase seis e meia. A Júlia achou melhor ficarmos por ali e assim foi. Quando saí do centro vinha a mãe do João a caminhar na minha direcção. Quando me viu parou e perguntou-me se o João demorava muito, ao que respondi que o ensaio acabou e ele já estava mesmo quase a sair. Ela agradeceu e foi-se embora. No ar sentia-se um cheiro agradável a churrasco. A Ana enroscou-se com frio quando saiu do centro, comentámos que estava uma noite fria. Despedimo-nos e fomos todos embora.

Dia 27

Data: 3 de Fevereiro de 2012

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

Quando cheguei à Horta estavam duas crianças ciganas à porta do centro. Lá dentro estava uma outra que me abriu a porta. Disse-lhe obrigada, por abrir a porta e ela disse-me muito docemente “de nada”. Cumprimentei o Pedro e fui para a sala de ensaio onde estava a Sónia com duas raparigas que eu não conheci, mas que logo percebi, pela conversa, serem estagiárias do centro. Quando entrei falavam sobre uma actividade que querem realizar e que tem que ver com a criação de espaços de recreio no bairro. A Sónia perguntou-lhes se já tinham as coisas e se já tinham pensado como iam fazer isso, ao que elas disseram que está tudo tratado. Que têm uma arquitecta paisagista que é irmã de uma delas e que vão fazer um espaço de merendas e um parque para as crianças brincarem. A Sónia olhou para mim e sorriu-me. Acho que as duas estávamos a pensar até que ponto a ideia seria realmente uma boa ideia e se as pessoas se iam identificar com aquilo. Elas disseram que não vão colocar escorregas nem baloiços porque acham que depois acaba por ficar tudo destruído e que querem fazer uma coisa simples que não tenha manutenção.

Estava lá a Natália também. Enquanto elas falavam eu observei-a, com um gorro na cabeça que lhe fazia parecer que tinha umas orelhas de gata. A dada altura pareceu-me que estava a falar sozinha. Depois levantou-se e quando passei por mim eu disse-lhe: “Oh Natália eu vi mal ou tu ‘tavas a falar sozinha?’” Ela desatou a rir e disse que era mais ou menos isso.

Entretanto a Sónia continuava a conversa com as estagiárias e dizia-lhes que ia precisar de ajuda mesmo era no verão, pois costumam fazer um capo de férias de uma semana num sítio em Albufeira se bem me lembro. Ela disse que vão fazer na Páscoa também, mas que o mais fixe é no verão, porque saem à noite e é muito fixe. Disse em tom de brincadeira que acontecem coisas que não se podem contar.

Entretanto chegou o resto do pessoal mas eu tive que sair da sala porque o meu telemóvel tocou. Era uma voz de homem, que me perguntou se estava a falar com a Dra Vânia, ao que eu respondi “Com a Vânia, sim.” A voz pareceu-me familiar, mas estava a ouvir muito mal. Disse-me que tinha recebido as minhas propostas de formação e da Aurora e que estava interessado em aceitar. Eu perguntei de que instituição era ao que ele me disse qualquer coisa que não percebi. Pedi-lhe para repetir várias vezes e continuava sem perceber, ainda lhe disse que estava a ouvi-lo muito mal ao que ele me disse que estavam com problemas no telefone. Então eu disse que já que estávamos com dificuldade em falar assim, talvez fosse melhor enviar-me um mail para agendarmos uma reunião. Disse-me que sim e que ia passar ao seu secretário. Eu achei aquilo muito esquisito, do secretário e quando ouvi a voz do outro homem pareceu-me que também o conhecia. Foi então que vi a Júlia a espreitar e percebi. Deixei de falar e fui até ao gabinete onde estava o Pedro a falar ao telefone e quando me viu desligou. Desatámos a rir. A Mafalda disse que não tinha nada a ver com aquilo e eles disseram que ainda não me tinham praxado, portanto tinham que preparar alguma. Fartei-me de rir. Entretanto fiquei por lá, falava-se de projectos e de umas propostas duvidosas que tinham feito à Mafalda na CVP, para um projecto na cidade Hayward.

Quando voltei para a sala de ensaio já estavam todos, menos o Valentim que disse ao Márcio que não ia e a Ana que tinha ido ao dentista. O que me lembro de ter acontecido de mais significativo antes do ensaio foi a Cristina, que estava o tempo toda agarrada ao telemóvel e que já não me lembro como acabou por se descoser e dizer que tem um namorado. Parece que já gostava dele há muito tempo, mas que ele ainda não tinha querido nada com ela. Para mim fez-se luz, isso explica a boa disposição dela, toda extrovertida e cheia de sorrisos e segredos, nas últimas semanas. Parece que o rapaz é músico e é de outra comunidade, penso eu que será daquela para onde ela tem ido ter com a irmã.

A Sónia não ficou para ensaiar e preparávamo-nos para começar quando alguém bateu à porta. A Mafalda, que tinha vindo para assistir ao ensaio, foi ver quem era e chamou a Cristina que acabou por ter que ir para casa. Era a mãe dela a chatear-se porque ela não tinha lavado a loiça nem varrido o chão, pelo que o pai estava a chamá-la e parece que a coisa estava feia. Teve que ir portanto e ficámos com um único elemento, a Natália, no grupo do ballet.

Ensaíamos na mesma. Ao início eles estavam desmotivados como sempre, mas depois começaram a levar a coisa a sério e puseram-se a ensaiar mesmo, sobretudo a postura na dança. Depois o João teve que sair também. Foi também a mãe que veio chamá-lo. Ele que até tinha dançado para substituir o Valentim. Em todos os ensaios a Júlia tem entregado a máquina ao João e é ele quem tira fotografias. Neste ensaio não foi excepção e tirou fotos a todos, até a mim porque o vi apontar-me a máquina quando me sentei à mesa. Depois disse: “Já tenho uma foto de todos”. Quando eu lhe disse que só faltava uma foto dele, disse-me mais uma vez que não. Ah... e ele já criou o tal grupo no facebook. Chama-se “Minoria Doghetto”.

Mas enfim, fizemos pela primeira vez o ensaio de teatro com a dança incorporada então o ensaio tratou de ver como podemos fazer a ligação com as coreografias e a representação que já tínhamos ensaiado. Na primeira vez que ensaiámos a Mafalda disse que não percebeu nada, o que não admira porque ninguém se lembrava muito bem do que fazer, mas à segunda ela já percebeu.

E pronto, de mais significativo, que eu me lembro, não aconteceu nada.

Dia 28

***Data:** 7 de Fevereiro de 2012*

***Local:** Centro Comunitário Horta da Areia*

***Assunto:** Conversa com o Valentim no facebook*

Ontem estava no facebook quando o Valentim me disse “Olaa”, ao que lhe respondi “Olá! Tudo bem Valentim? Não foste ao teatro!” “nao”, disse-me. “Foi fixe”. “Pois” “porque não foste? Estiveste a namorar?” “So que não podia ir”, disse-me. Disse-lhe que tudo be, vai para a próxima. “Yaph”. “Estás na escola?”. Disse-me que não, na “bebloteca”. “Muito bem, a estudar, calculo”. “Msm”. “A sério? Ou estás a brincar comigo?” “Nao”, respondeu. Então perguntei-lhe se gosta de andar na escola, ao que me disse que sim. Quando lhe perguntei do que mais gosta, disse-me de “todo”. Eu disse ainda que quando andava na escola na idade dele o que gostava mais era dos intervalos para estar com os amigos e ele não me disse mais nada.

Reparei nas respostas dele, sempre curtas, sem desenvolver assunto. Pergunto-me se será porque tinha que escrever, ou se isto foi uma pequena amostra daquilo que poderá ser fazer-lhe uma entrevista. Vou ter que esperar para ver.

Dia 29

***Data:** 17 de Fevereiro de 2012*

***Local:** Centro Comunitário Horta da Areia*

***Assunto:** Ensaio de Teatro*

A Júlia tinha-me avisado duma festa que ia haver nesta sexta-feira à tarde na horta da areia. Disse-me que os pequeninos iam apresentar a peça que têm estado a trabalhar. Avisou-me também de que era possível que não houvesse ensaio, mas que não tinha a certeza e que depois me avisava.

Como eu estava em Faro, por volta das 16h30m dei um saltinho à Horta, a pensar que mesmo que não houvesse ensaio, sempre podia passar lá algum tempo.

Quando cheguei o bairro estava tranquilo como sempre o que achei estranho porque na minha cabeça, quando a Júlia me falou duma festa na Horta da Areia, imaginei que era do género daquela que tinham feito algures mais perto do verão, em que havia música alta e a comunidade na rua. Mas nada disso se passava. Estava tudo normalíssimo, havendo apenas movimentação naquela casa-contentor junto ao centro, pois estavam algumas pessoas ciganas na rua. A porta do centro estava fechada, mas no corredor estava a Mafalda que me veio abrir a porta. A primeira coisa que me disse foi porque não vim mais cedo, ao que respondi que era para estar em reunião com o Emílio mas que parece que ele tinha desmarcado e eu não tinha recebido o mail dele. Cumprimentei o Pedro no gabinete. Com a Mafalda, começámos a falar sobre a tese dela e enquanto isso vi que estava um alvoroço na sala de ensaio. A Sónia tinha acabado de sair de lá e fechado a porta atrás de si, com um sorriso e um olhar revirado de quem já não os pode aturar. Lá dentro vi a Filipa, o Márcio, Valentim e mais uns quantos que conhecia de vista e que sei que pertencem ao grupo de teatro dos mais novos. Na verdade não consegui ver todos, porque por entre os vidros da porta só via um alvoroço de gente barulhenta. Estavam a rir e brincar uns com os outros enquanto tentavam montar a mesa que se divide em muitas mesas pequenas. A Filipa tinha também um pano na mão e estava a limpar os tampos das mesas. A Sónia comentou connosco que estava para ver como é que eles iam arrumar aquilo, que àquele ritmo nem amanhã se despachavam.

Entretanto saiu a Júlia de dentro do gabinete e eu não a tinha visto porque a porta estava fechada quando entrei. A Sónia começou então a falar da colónia que vai fazer com os mais velhos na Páscoa e perguntou à Júlia se ela a podia ir ajudar. A Júlia perguntou as datas que eu já não me lembro, mas pelo que entendi vai ser na primeira semana das férias da páscoa, em Albufeira. A Sónia disse que precisava de ajuda e que tinha as estagiárias, mas que estava com pouca vontade de as levar e contou um episódio com um dos dois grupos de estagiárias, que a fez ficar de pé atrás: quando lhes falava da colónia de férias elas começaram a dizer se eles não iam passar fome lá e deram a entender que estavam com pena dos miúdos e que achavam que eles não iam ter comida ou dinheiro para comer. A Sónia disse que lhes respondeu que não, que os miúdos não passam fome e nem vão passar lá. Disse-nos que lhe pareceu que elas estavam com pena dos miúdos e que não está com vontade de as levar por isso, já que não precisa desse tipo de ambiente atrás dela. Depois disse que quando o João ia com ela é que era fixe porque ela sozinha não consegue cuidar de todos e precisa duma pessoa que tenha dinamismo para brincar com os miúdos. Depois perguntou à Júlia

quando é que ela tratava dos papeis para lhes arranjar um estagiário internacional. A Júlia disse que vai começar a tratar disso e a Sónia disse então que mesmo que não saiba falar português não faz mal, tem é que ser um rapaz dinâmico, exactamente para conseguir acompanhar a pica dos miúdos e brincar com eles. E que tinha que ser bonito também, acrescentou a brincar. Entretanto falava-se disso quando os jovens saíram da sala. A Sónia disse-lhes para fecharem as janelas e foi o que fizeram. Foi então que vi que a Ana também ali estava. Ela cumprimentou-me e disse: “Não há teatro hoje.” “Pois, já ouvi dizer.”, respondi-lhe. “Ooh”, acrescentou. Com as janelas fechadas, saíram. Vi então que ali estava também o Sérgio. Faltavam portanto a Cristina, a Natália e o João.

Quando ali estávamos no centro ainda chegou uma senhora loira, uma cigana. Eu lembro-me dela dali do bairro e porque já nos cruzámos algumas vezes fora do bairro também. Ela distingue-se bem das restantes mulheres do bairro pelo cabelo loiro e os olhos azuis. É a mãe da Sara, se não me engano. Lembro-me de há uns anos atrás, ainda eu estava longe de imaginar que ia parar à Horta da Areia, tive uma conversa com essa senhora na câmara Municipal de Faro. Não me lembro o que eu estava lá a fazer na sala de espera da câmara, calculo que fosse alguma entrevista de emprego, mas lembro-me muito bem o que ela lá fazia. Disse-me que era o dia de atendimento do presidente da câmara à comunidade e que estava ali para falar com ele. Trazia um filho ao colo, também ele loiro e lembro-me que algures enquanto conversávamos ela com muita naturalidade deita-o no colo dela e começa a dar-lhe mama, mesmo sendo o miúdo já grande. Foi ela que meteu conversa comigo, já não me lembro porquê. E algures durante a conversa o que me marcou mais foi ela dizer que se eu fosse à casa dela, ia ver que era a mais limpa e arranjada. Que gostava de ter a casa sempre cheirosa e limpinha enquanto que havia gente que não tinha cuidado nenhum com a casa e era desmazelada. E que por isso nunca lhe haveriam de tirar a casa dela, porque ela cuidava bem dela.

Quando a encontrei nesta sexta-feira, percebi o porquê daquilo que disse. Estava muito bem arranjada, com o cabelo penteado e atado em rabo-de-cavalo com um gancho. Tinha uma blusa, saia por baixo do joelho, um cinto e botas castanhas de cunha. Os tons que vestia andavam entre o branco e o preto. A blusa era branca e distinguia um colar de “pérolas” pretas, mais o cinto da mesma cor. A saia era preta também. Tinha batom vermelho nos lábios. Eu reparei nos pormenores todos porque ela tinha uma imagem visivelmente cuidada. Não percebi muito bem o teor da conversa dela com a Sónia porque entretanto estava dentro do gabinete a falar com a Mafalda, mas quando

saí pareceu-me que falava de piolhos e da filha e dizia à Sónia que não sabia o que fazer “com a moça”, apontando para a porta. À porta do centro estava uma menina vestida de princesa, com um vestido cor-de-rosa com folhos, dum vestido acetinado e esvoaçante e um chapéu a condizer na cabeça.

Quando saímos a senhora perguntou se “Algum dos meus amores vai para os lados da minha irmã?”. A Júlia disse que não porque estava de bicicleta e eu e a Mafalda perguntámos onde é a casa da irmã. Ela disse que só que a levássemos até ao Refúgio já era bom, que tinha que ir ver a irmã que há um tempo que não aparecia lá e depois diziam que ela não a ia ver. Como eu vinha para S. Brás e vinha pela estrada de olhão, acabou por ser a Mafalda a levá-la.

Eu e a Júlia ficámos ainda na rua a conversar e apareceu a Cristina. Vinha sorridente e arranjada como sempre, toda a fazer pandã. Eu comentei que ela estava toda *tigress* e a Júlia concordou. Ela riu-se com aquele ar bem disposto que tem andado ultimamente. Ficámos por ali um bocado. A Júlia perguntou à Cristina sobre o namorado dela, se ele não vinha vê-la, ao que ela disse que hoje não. O Floriano chegou a meio da conversa e disfarçámos. Ele trazia uma caixa de ovos que disse que era para atirar à cabeça de dois rapazes que não me lembro o nome. A Júlia disse-lhe num tom pouco condescendente, numa conversa séria tentando transmitir-lhe alguns valores sem dar lições de moral, que aquilo não era muito inteligente, que os ovos servem para comer e não para ser desperdiçados assim. E perguntou-lhe se a família dele não é pobre. Ele não respondeu, estava a olhar para o chão. “É. E a minha também. E na minha família nós nunca estragámos comida assim”, disse-lhe. Quando ele passou um bocado jogou um ovo ao chão em frente a nós, ela disse-lhe que ficou muito desiludida com ele e que é ali que ele mora e que ele não devia sujar assim o lugar dele e de todos, ainda por cima em frente à casa das outras pessoas. Ele foi ouvindo num ar que me pareceu uma mistura de envergonhado com contrariado. A Júlia foi conversando com ele, tentando responsabilizá-lo pelas coisas. Falou-lhe também pelo teatro, que ele não foi ao teatro e depois anda ali a fazer aquelas coisas. E disse-lhe ainda sobre a Sónia, que estava chateada com ele e que ele deve ter feito alguma coisa de muito errado, que a Sónia nem lhe quis dizer o que era. Ele disse atabalhoadamente que ela é que tinha sido parva com ele e que se o chateava muito ainda ele lhe dava um murro, ao que a Júlia voltou a insistir no quanto estava a ficar desiludida com ele por estar com aquele tipo de conversas. A mim deu-me a sensação, pelas fracas palavras e o olhar cabisbaixo, que ele

estava só a falar por falar, para se armar em forte, mas que no fundo estava a ouvir cada palavra que a Júlia lhe dizia e só não queria dar parte de fraco ali à nossa frente.

Entretanto falou-se do desfile de carnaval, no sábado de manhã, o dia seguinte portanto. A Júlia disse que o Márcio lhe tinha dito que ia vestido de mulher e o Floriano disse que ia também, assim vestido. A Cristina disse que gostava de ir ver mas que a mãe não deixava. E que tinha muita vontade de ir, “só se a Sónia fosse...”. A Júlia disse que a Sónia também tem direito ao fim de semana livre e perguntou-lhe se ela não podia ir mesmo. A Cristina voltou a insistir que a mãe não deixava. “Vais com alguém daqui... E a Filipa e a Ana não vão?”_perguntou-lhe. Ela disse que não, que também não as deixam ir. Acrescentou ainda que a mãe não a deixa ir com ciganos. Só se fosse com a Sónia. A Júlia perguntou se a mãe dela não vai, ao que respondeu que não. E insistiu que gostava muito de ir, parecendo no entanto conformada com o facto de que não lhe era permitido.

Entretanto eu perguntei-lhe se naquela outra semana que ela teve que sair se o pai se tinha chateado muito com ela. Respondeu-me “Não!”, franzindo o sobrolho. Acrescentou que a mãe é que tinha feito um grande filme porque estava chateada com outra coisa, mas que não aconteceu nada.

Lembro-me que a dada altura calhou a Júlia perguntar à Cristina se ela morava ali, naquelas casas junto ao centro ao que ela respondeu imediatamente: “Eu não, nestas barracas! Eu vivo numa casa ali ao fundo”. Deu-me a sensação de que morar “numa casa lá ao fundo” é motivo de orgulho e que isso a distingue de alguma forma dos que vivem nas barracas. Eu disse que não sei o que há lá para o fundo, que só conheço aquela parte da frente e que um dia destes tenho que ir dar uma volta para ficar a conhecer melhor.

Passado um bocado o Floriano lá levou os ovos que entretanto a Júlia tinha descoberto estarem fora de prazo desde dia 7 de Fevereiro. Ele disse que ia atirar para a estrada, para os carros. Eu disse-lhe para ele não atirar para um carro preto que esse era meu, ao que ele me gritou antes de se sumir para lá das casas: “Eu sei.”

Quando fui embora passado um bocado, estava a tirar fotos à ria e ele que andava por ali meteu conversa novamente: “Tantas fotos que tu tiras”. Isto porque enquanto estávamos a falar eu tinha tirado fotos dele, da Júlia e da Cristina. Eu expliquei-me: “É porque a ria está muito gira a esta hora. Vocês são uns privilegiados por terem esta vista”. Ele perguntou-me se eu vivo nos “prédios”. Eu disse que não, que nem sou de Faro, mas de S. Brás. “S. Brás? Isso fica muito longe?” “Meia hora de

caminho, uns 30 km de distância”. Abri a porta do carro, ele já estava ao pé de mim. “E quantos minutos dá?” Não percebi bem a que se referia, pensei me estava a perguntar quanto tempo levava eu até S. Brás. Voltei a dizer “meia hora mais ou menos”. “Não, o carro”. “O carro? Queres saber a velocidade? Os km por hora?”. “Os números, onde é que estão os números?” Ainda sem saber muito bem a que se referia, mostrei-lhe o conta quilómetros. Ele espreitou. “Dá quanto?”. “No máximo 220km/h mas eu ando a 80, 90, às vezes 100. Depende da estrada”. “100?”. Perguntou, subitamente surpreendido? “E onde é que fica o 100?”. Mais uma vez mostrei-lhe. “Eh! 100 é muito!”. Eu não tenho até hoje certeza se estávamos a falar da mesma coisa, mas espero que sim. A conversa ficou por aqui. Despedimo-nos e cada um foi para seu lado.

Dia 30

Data: 26 de Fevereiro de 2012

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

Deixei o carro onde tenho deixado ultimamente, no outro lado da estrada junto à ria. Prefiro fazer o curto percurso até ao centro a pé, já que está bom tempo. Quando estacionei vi duas pequenas figuras, uma delas a empurrar algo que se assemelhava a um carro de compras do supermercado mas mais baixo, carregado com um saco preto. Caminhavam na berma da estrada junto ao bairro e quando atravessei a estrada cruzei-me com elas. Eram duas meninas ciganas. Estavam sozinhas a vir não sei de onde e falaram logo comigo como se me conhecessem a vida toda. Quando parei para lhes dizer olá uma delas agarrou-se imediatamente à minha cintura, enquanto a outra sorrindo para mim continuava a segurar no carro que empurrava. Eu teria achado estranho não fosse já ter percebido que naquele bairro toda a gente parece lidar com os estranhos que por ali passam sem qualquer tipo de estranheza. Confirmei então que dentro do carro transportavam um saco de plástico preto cheio de qualquer coisa. “Onde é que vocês vão com isso?”, perguntei. “Para casa.”, disse a menina que empurrava, acrescentando que ali estava roupa que a mãe da outra que me abraçava tinha escolhido. Eu achei as miúdas um amor, mas tinha que me ir embora então despedi-me e elas lá foram à vida delas.

No bairro, junto ao centro comunitário, como na maior parte das vezes, a única movimentação que havia era numa barraca de ciganos que lá estavam na rua, velhos e adultos homens e duas meninas de 3, 4 anos a brincar por ali.

A Cristina abriu-me a porta do centro comunitário. Brincámos mais uma vez com o facto de ser quase sempre ela a abrir-me a porta e disse-me ainda que a Sónia e a Natália estavam no gabinete. Eu bati à porta encostada e cumprimentei-as, entrando, a pensar que podia fazer uma pergunta à Sónia sobre as entrevistas que tenciono fazer. Entretanto a Sónia saiu e ficou a Natália que quando falou comigo me pareceu chateada. Perguntei-lhe isso mesmo, se estava chateada, ao que me respondeu que sim e que estava a falar com a Sónia sobre isso. Caiu-me a ficha. Perguntei-lhe se tinha interrompido a conversa, ao que me disse que sim. Pedi-lhe desculpa e expliquei que a Cristina me disse que estavam no gabinete, mas não que estavam a ter uma conversa privada. Com isto aprendi aquilo que calculo que seja uma regra básica do centro: quando aquela porta está encostada significa que não é para entrar.

Quando a Júlia chegou entrou também no gabinete e disse-me que precisava de falar comigo. Saí e fomos até à sala de ensaio onde estavam a Ana, a Filipa e a Cristina. Sentado no chão estava o Sérgio, com uma cara séria de aborrecido. A Júlia disse que a Sónia lhe tinha pedido para ela arranjar uma desculpa para eu sair do gabinete porque elas estavam a falar e eu disse-lhe que tinha acabado de perceber isso mesmo. Enfim, são coisas que acontecem. Entretanto disse à Cristina para sorrir porque me pareceu entretanto que tinha visto uma coisa diferente nos seus dentes e quando o fez tive certeza, havia um brilhante no dente dela. Perguntei-lhe se pôs um *piercing* no dente, ao que me respondeu que não, que colou um brilhante com cola três. Perante resposta tão eloquente restou-me rir e dizer: “És mesmo doida”. Depois acrescentou que vai fazer é um *piercing* no nariz, que a tia é que lhe vai fazer. E que já tinha tido uma vez, que a tia tinha feito, mas que saiu e como doía muito ela não conseguiu pôr então deixou fechar. Disse que vai comprar o brinco e depois a tia fura. Eu disse-lhe que fiz o meu num daqueles homens que fazem piercings mesmo e expliquei-lhe os cuidados que ele me disse para ter a nível de desinfeção, na esperança que ela tenha esse cuidado também.

Entretanto a Filipa estava debruçada sobre a mesa, meio a dormir. A Ana fazia rabiscos no quadro de ardósia e eu comecei a folhar uma revista que estava em cima da mesa e a falar de culinária. Sinceramente não me lembro se a revista era sobre culinária, mas penso que sim porque não vejo mais nenhum motivo para eu começar a dizer-lhes o quanto adoro cozinhar e como costumava ser má a fazer bolos, mas agora já me vou

ajeitando. A Ana ria-se e a Filipa continuava a dormir. Então perguntei-lhes se elas costumam cozinhar. A Ana disse que não, nem por isso e a Filipa levantou a cabeça meio estremunhada e disse que só às vezes, quando tem que ser.

O Sérgio mantinha-se calado lá no seu canto, sentado em cima de um tapete no chão.

Entretanto a Júlia entrou e disse à Ana, que já se tinha sentado ao lado da Filipa, que a irmã dela lhe tinha mostrado as costas, todas arranhadas e que tinha dito que tinha sido a Ana. Esta disse que sim, é verdade, foi ela. E muito séria disse que discutiram e que a irmã a tirou do sério. A Júlia perguntou como é que ela fez aquilo e ela disse que não se lembra, que era como se não estivesse em si naquele momento. Acrescentou ainda que foi sério, que sabe disso, mas que não se conseguiu controlar mesmo. Pareceu-me muito consciente da gravidade do que tinha feito. Perguntei se a irmã é mais velha ou mais nova, disse-me “mais nova”.

Entretanto chegaram o Pedro e o Paulo. Quando me encontrei com o Paulo disse que vou ter que o entrevistar um dia destes ao que me perguntou se ia ter que ir trajado a rigor. Eu disse que sim, claro, porque é um momento formal e é melhor ir de fato e gravata. No corredor estava uma senhora cigana com um carrinho de bebé e uma recém-nascida lá dentro, vestidinha de cor de rosa e ainda com os olhinhos fechados. Tinha o cabelo muito escuro e o Pedro comentou o ar amarelado da sua pele, dizendo que era icterícia e que seria melhor ela apanhar alguma luz do sol. Disse ainda que na quarta as enfermeiras estão no centro, que será melhor ela vir falar com elas. A Júlia perguntou quando é que ela teve a menina, disse que na segunda-feira. Foi então que me lembrei que mesmo na sexta-feira passada, ao sair do centro comunitário, tínhamo-nos cruzado com ela na rua e que estava com uma barriga enorme. E que na altura falou-se sobre o nome da menina, que ainda não estava bem definido porque os irmãos da menina não sabiam dizer aquele nome que ela tinha pensado.

Ficámos ali a adorar o bebé durante um bocado até que a Sónia chamou a senhora para lhe ir mostrar a criança.

Entretanto voltei à sala de ensaio onde a Filipa continuava a dormitar em cima da mesa. A Cristina disse que não sabia se ia ao ensaio, que ia a casa e já vinha. Eu disse-lhe que ela tinha que vir porque é uma das minhas alunas e eu preciso de alunas de ballet que são poucas. Ela disse que ia mas já voltava. O Márcio tinha chegado entretanto e juntou-se ao Sérgio.

Passado um bocado já estávamos no gabinete, a Sónia, eu, a Júlia e a Natália. A porta estava aberta, então a conversa em particular tinha terminado. Contudo, de certa forma continuava. A Natália estava a mexer no computador que estava ligado na página do facebook de um rapaz e estava a mostrar as fotos dele à Sónia. A Sónia disse que ele era giro mas que não valia a pena ela fazer tantas parvoíces por amor. Comecei então a perceber que a conversa delas tinha que ver com alguma paixoneta conturbada e problemática que andava a dar a volta à cabeça e ao coração da Natália. A Sónia disse-lhe ainda, a dada altura, que sabe que parece que o mundo vai acabar, mas que não acaba e que acaba por passar. A Ana entrou entretanto e a Sónia perguntou se ela sabia que a Natália se andava a cortar. Eu e a Júlia olhámos uma para a outra e uma de nós não deixou de sonorizar algo parecido com: “Tu andas-te a cortar?” e foi então que reparei nos antebraços da Natália descobertos por uma blusa de meia-manga. Tinham riscos vermelhos, arranhões e distinguiam-se letras e corações ali desenhados. A Sónia segurava numa tesoura que aparentemente lhe tinha tirado e não queria devolver-lhe, ou que ela lhe mexesse. A Ana disse que já tinha visto ela a fazer aquilo algumas vezes e que já se tinha chateado com ela. A Sónia chamou o Márcio e fez-lhe a mesma pergunta, se ele sabia daquilo de a Natália se cortar. Ele fez cara de espanto e disse depois que sabia que ela gosta desse rapaz mas que ele tem namorada. A Natália disse que já não tem, que acabou com ela e começou então a dizer uma série de coisas sobre o Márcio e as suas, ao que parece, mil e uma namoradas e ele, com a face ruborizada, acabou por sair da sala. Percebi que são confidentes um do outro e que devem conversar bastante.

Entretanto continuaram as conversas com a Natália, desta vez uma conversa alargada ao grupo de teatro. A Sónia perguntou ainda à Cristina e à Filipa, quando estas se juntaram a nós no gabinete, se elas também faziam aquilo, de se cortar, ao que estas disseram imediatamente “Eu não!”. A Sónia disse para elas porem juízo na cabeça da Natália. A Sónia disse-lhe ainda que se ela continuava a fazer aquilo que a mandava para a psicóloga e sugeriu-se que em vez de fazer isso ela arranjasse outras formas de desabafo, ouvindo música ou até mesmo através da escrita, já que ela gosta tanto de escrever.

Veio ainda outra preocupação da Natália à baila, que foi o facto de achar que está gorda. Isso resultou em que todos ficássemos a chamar-lhe a atenção para o facto de estar normalíssima e que a Sónia lhe explicasse que os ossos também pesam e que ela está muito bem assim, visto que já emagreceu o que tinha a emagrecer no verão. A

Ana e a Cristina acabaram por se pesar e a Natália disse que queria ter o peso delas, ao que a Sónia lhe explicou que elas têm estruturas ósseas diferentes e a Ana, por exemplo, sempre foi muito magra ao passo que a Natália quando era pequena era gordinha de mais.

Entretanto o Sérgio tinha-se já juntado ao grupo e mantinha-se a leste da conversa, parecendo desinteressado. Ele ainda é muito novo e creio que assuntos como estes, ainda lhe passam um bocado ao lado. Franzindo a testa como faz sempre, disse com um ar contrariado: “Nunca mais chego às 5.”. Isto porque ele chega sempre atrasado e justamente no dia em que chegou a horas o ensaio atrasou-se. A Sónia metendo-se com ele perguntou se ele gosta de alguém mas ele pareceu não estar interessado na conversa. A dada altura lembro-me dele sentado à secretária com o Márcio. O Márcio, mesmo com o computador desligado, dizia que ia entrar no facebook e teclava como se estivesse a inserir o seu *username* e *password*. O Sérgio, continuando lá no mundo dele, disse com o seu ar gorducho, amuado e a eterna testa franzida: “Tenho fome!”. A Júlia e eu, que estávamos ali ao pé e por isso nos apercebemos do que disse, rimo-nos.

Quando a conversa mudou e já se tinha percebido que não ia haver ensaio, tal como a Júlia disse, porque aquela era “uma conversa necessária”, falou-se ainda das roupas a levar na apresentação da peça no mercado municipal. Eu perguntei quando era, vai ser numa sexta-feira de manhã, dia 30 de Março. Ou seja, temos 3 ensaios para preparar a peça. A Júlia disse que p’ra semana quando se aperceberem que vão poder ensaiar só três vezes é que vão ficar todos aflitos e aí sim, vão querer ensaiar.

A Sónia tinha separado duas *sweats* largas com capuche e chamou o Márcio e a Filipa para experimentarem. O Márcio ficou com a preta, que lhe ficava larga como se pretendia. A Filipa experimentou uma cinzenta. Falou-se então da roupa do ballet, de se fazerem umas saias de tule para usarem. A Júlia ficou ainda de ver que roupa podia arranjar com a Mafalda da CVP na loja solidária, para as restantes pessoas do hip-hop. Por esta altura falou-se do João. Alguém disse que ele tinha dito que não vinha mais ao teatro. A Sónia disse que não admira, que os pais dele também nunca o deixam ir a lado nenhum. A Júlia disse que acha estranho que ele tenha desistido, que depois vai falar com ele.

Deviam ser umas seis horas quando saímos do centro comunitário. Todos dispersaram para as suas casas e fiquei com a Sónia e a Júlia na rua. Resumindo, elas começaram a falar de uma psicóloga que estava lá no centro a fazer um estudo com os

miúdos mas que desistiu dizendo que estes não colaboravam com ela. A Sónia acha que ela é que não soube cativá-los e não teve uma abordagem muito correcta.

Já a Júlia tinha ido embora, andávamos para os nossos carros, quando perguntei à Sónia sobre se hei-de fazer entrevistas colectivas aos miúdos, pois eu queria saber se ela achava que era possível encontrar uma hora em que conseguisse reuni-los todos. Ela disse que acha que sim, à terça-feira. Voltámos ainda à conversa da Natália, disse-me que ela não tem propriamente um ambiente familiar que a ajude a não fazer esse tipo de asneiras que anda a fazer. Disse que os pais fugiram nem ela sabe para onde, que a avó anda a leste e não repara nos comportamentos da neta e que há uma tia que também não ajuda muito. Há ainda um tio que tem 25 anos e não faz nada da vida. E pronto, resumidamente, parece-me ser este o ambiente familiar em que ela vive.

Dia 31

Data: 2 de Março de 2012

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

Por esta altura já dá para imaginar quem me abriu a porta quando cheguei na sexta-feira ao centro comunitário do bairro Horta da Areia. Sim, foi a Cristina. Quando a vi no corredor e ela me viu à porta rimo-nos, porque de facto nas últimas semanas é ela quem me recebe sempre. Quanto ao bairro não me lembro de nada marcante, estava silencioso como na maioria das vezes e nem os ciganos que costumam estar à volta da fogueira numa barraco à frente do centro comunitário, lá estavam na altura.

Comentei com a Cristina que ela estava gira, toda enfeitada. E de facto estava. Tinha colares compridos, brincos, bandolete na cabeça com umas penas e uns lábios cor-de-rosa que nem toda a gente suportaria usar. Nela ficava-lhe bem.

Quando cheguei à sala de ensaio vi a Sónia e a Natália. A Natália estava sentada numa cadeira e a Sónia alisava-lhe os caracóis com um ferro de alisar. Estavam ali também o Valentim e o Sérgio. Pousei a minha mala em cima da mesa e o Valentim disse: “Eehh”. Eu perguntei-lhe o que foi e ele disse que não era nada, que tinha pensado que eu tinha posto a mala em cima do telemóvel da Cristina. Afinal a Cristina tinha o telemóvel na mão.

Quando me aproximei da Natália e da Sónia, esta última disse que não ia poder ficar para o ensaio porque tinha surgido um problema familiar e desabafou ainda que

além disso teve um dia complicado e estava desejosa de se ir embora. A Júlia em conversas por mensagem já me tinha contado que o centro de manhã estava caótico.

Em seguida ela comentou com a Natália que o cabelo dela é difícil de alisar e que “já te estou a fazer isto há uma hora”. Não pude deixar de reparar que apesar do ar cansado ela falou com a Natália calmamente e com paciência continuava a alisar-lhe os cabelos, dando os últimos retoques a um cabelo que já estava todo liso à excepção de algumas raízes que insistiam em manter-se frisadas. A Natália disse que com o ferro dela faz em meia hora a ela própria e ela disse-lhe mantendo um tom de voz neutro e baixinho: “Então para a próxima faz tu com o teu ferro”. A Natália disse que o ferro dela tem potência máxima de 230 watts e a Sónia disse que então é por isso, o dela tem mais potência por isso faz mais rápido. Depois continuou a falar comigo. Disse que se enquanto eu e a Júlia ali estivermos aparecer alguém, para não abriremos a porta que a hora de atendimento já acabou. Acrescentou ainda que hoje já a chatearam bastante e que ainda por cima agora “eles quase nunca estão cá”, referindo-se, calculo eu, ao Pedro e Paulo que de facto nas últimas semanas não têm estado por ali na altura em que eu chego. Ou chegam depois e vão logo embora, ou não vêm. Penso que deverão andar a tratar de assuntos fora do bairro. Depois falou que ainda por cima hoje tinha estado lá um cigano a chateá-la. Acabou por acrescentar “podem-me dizer o que quiserem, mas os ciganos não são boa gente pá.”. Disse isto com o mesmo tom neutro que estava a usar desde que cheguei ao centro e não consegui perceber se este era um desabafo sentido ou se era só da boca para fora, resultado de um mau dia de trabalho. Fiquei a pensar que talvez seja resultado de um dia-a-dia vivido entre ciganos, muitos deles homens, que frequentam o centro e talvez não se relacionem muito bem com ela, por ser mulher. É uma suposição. Penso que na entrevista que lhe fizer poderei pedir-lhe directamente que me explique o porquê desta afirmação.

Entretanto chegaram a Filipa e a Ana. A Filipa vinha com fones nos ouvidos e assim se manteve. Sentou-se num cadeirão ao pé da janela e aí ficou sossegada.

Entretanto a Cristina pôs um cd de música cigana e indiana a tocar na aparelhagem e pôs-se a dançar. Disse-me que é uma coreografia nova que vai dançar sozinha no Mercado Municipal. Parecia contente. Tendo em conta a especificidade dos seus passos, perguntei-lhe onde tinha aprendido a fazer aquilo, ao que me disse que “este passo ensinou-me a minha tia” e repetiu o passo para eu ver. Resultou que eu fiquei com vontade de aprender a fazer aquilo e incapaz de resistir aos ritmos da música cigana, acabei por lhe pedir que me ensinasse. Antes de ir embora a Sónia ainda me

disse que eu tinha que deixar deslizar o pé e começou a dançar com a Cristina. Depois entregou-me as chaves do centro, disse ao pessoal para fecharem as persianas antes de irem embora e pediu que não me esquecesse de desligar os aquecedores. Ok, registado.

Quando a Sónia saiu a primeira coisa que a Cristina fez foi aumentar o volume da música. Pedi-lhe que baixasse um pouco e foi o que fez. Continuou-se a dançar, eu a esforçar-me por acompanhar a coreografia dela, mas ciente de que definitivamente me falta qualquer coisa. Há qualquer coisa inerente nos gestos dela que não sei explicar, mas faz-me pensar que dança com tanta naturalidade como anda. Quando lhe disse para me ensinar ela dançou para eu ver. Depois disse para eu dançar, mostrando-me como ela fazia. Não fez uma única tentativa verbal de me explicar como tenho que fazer, nem mesmo quando lhe perguntei “como é que fazes isso com o pé?”. Simplesmente, fez uma e outra vez para eu ver. Analisando agora, isto faz-me pensar que eu tinha que aprender por imitação. E foi o que tentei fazer. Entretanto a Natália, que tinha desaparecido para o gabinete, voltou com um cachecol exuberante de penas cor-de-rosa pelos ombros. Não faltou muito para que algumas das penas estivessem espalhadas pelo chão, o que nos fez chamá-la de galinha despenada. Agarrou num saco em cima da mesa grande e tirou de lá de dentro uns sapatos pretos de salto alto. Calçou-os e começou a desfilar. Depois a dançar com a Cristina que continuava a treinar a sua coreografia. A Filipa continuava sentada no mesmo lugar, ainda a ouvir música. Fui ao pé dela e perguntei se estava tudo bem, disse-me que sim. Eu continuei a dançar com a Cristina e cada pessoa que entrava na sala ela dizia para olharem para nós a dançar. A página tantas chamou a Filipa e disse-lhe, divertida: “Olha lá ela a dançar. Está a fazer tudo mal mas tem jeito”.

Quando a Júlia chegou trazia uma notícia. Disse que há uma proposta para irmos actuar em Albufeira e Portimão e que é possível que apareça lá o Ministro da Segurança Social. Ficaram todos radiantes. A Júlia queria saber se eles queriam ir e pelo entusiasmo deles percebeu-se bem que sim. Dito isto a Cristina quis mostrar a coreografia à Júlia, que lhe disse que ela tinha que olhar em frente, porque está sempre a olhar para o chão. Disse para ela olhar sem ver. A Cristina disse que não conseguia e tentou umas quantas vezes, mas os olhos procuravam sempre o chão. Depois a Júlia foi buscar a máquina fotográfica para filmá-la a dançar.

Entretanto chegou o Márcio, com a sua calma. A Natália acabou por descalçar os sapatos e depois começou uma sessão de fotografias com o Márcio. Era a Ana quem os fotografava, com o telemóvel. Foi por essa altura que a Cristina partilhou comigo que já

fez o brinco no nariz. De facto lá estava o brinco. Perguntei-lhe se doeu, “um bocadinho”, respondeu-me. “Tens desinfectado”. “Não, já nem dói.” Ok, nada a fazer.

Entretanto chegou a Mafalda. Ainda estivemos a dançar mais um pouco. A música da Cristina contagiava o ambiente e por mais que tentássemos, ninguém conseguia fazer os passos que ela fazia com a maior naturalidade.

Quando o ensaio começou finalmente, não foi fácil conseguir que eles se focassem no que se estava a fazer. Todos se lembravam da coreografia mais ou menos e fizemos a peça do início ao fim umas duas ou três vezes. Isto com a Júlia a ter que chamar sempre a atenção ao Márcio, ao Sérgio e ao Valentim, que ou estavam com os telemóveis, ou a implicar com as raparigas... a Natália manteve-se concentrada como sempre e a Ana, Filipa e Cristina também foram fazendo as sus partes. Por volta das seis e um quatro a Cristina lembrou-se que tinha que ir buscar os irmãos não sei onde e a Ana que tinha que ir buscar a irmã à escola. A Filipa ainda quis ensaiar mais uma vez, então aconteceu mais um ensaio.

Quando os jovens saíram fiquei com a Júlia e Mafalda. Elas falavam da tal apresentação em Portimão. A Júlia disse que logo se vê se os miúdos podem ir porque nessa altura já não estão nas férias da páscoa, portanto é um dia de escola normal e para alguns dos pais dos miúdos é importante que eles não falem à escola, portanto terá que se ver. Já não me lembro de toda a conversa, mas recordo-me dum aspecto importante que a Júlia focou às tantas e que para mim justifica que haja sempre uma balburdia natural durante os ensaios. Ela referiu que os miúdos já têm que se preocupar com tudo durante a semana, a escola, os pais, os irmãos e que para ela os ensaios devem ser um espaço em que eles não se sintam obrigados ou pressionados, mas que tenham espaço para fazer o que quiserem e onde se sintam à vontade. Para mim este é um aspecto importante não só da metodologia dela, mas também daquilo que pretende que o teatro e os ensaios sejam para este grupo de jovens.

Dia 32

Data: 9 de Março de 2012

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

Não houve ensaio. Faltaram o Márcio, o Sérgio e o Valentim foi mas estava a namorar ao telefone. Faltou também a Cristina. Basicamente, nesta que foi a semana do

Dia Internacional da Mulher, ficámos sem homens! E de certa forma aproveitámos isso para ter conversas de mulheres.

O Valentim já falava ao telemóvel quando eu cheguei ao centro comunitário. Reparei na doçura da voz dele ao dirigir-se à pessoa que estava no outro lado do auscultador. Era uma doçura dengosa, um carinho acrescentado na voz que me fez a mim e à Júlia rir umas quantas vezes enquanto inevitavelmente o ouvíamos. Até perguntou a mim e à Júlia se conhecíamos algum poema romântico. Eu disse logo que não, a Júlia também mas depois lembrou-se da Garota de Ipanema do Caetano Veloso e ele queria que fosse ela a dizer os versos ao telefone. Ela disse que ele é que tinha que dizer e ele muito envergonhado lá foi repetindo ao telefone as palavras que a Júlia lhe ditava: “Ai que coisa mais linda mais cheia de graça...”. A Júlia disse ainda para ele convidar a namorada para vir assistir ao teatro no dia 30, ele convidou-a imediatamente.

A Júlia estava no gabinete a fazer umas pesquisas sobre futebol para uma rapariga que eu ainda nunca tinha visto por ali. É cigana, com uns longos e fortes cabelos loiros, muito bem vestida e um rosto muito bonito. Não me lembro do nome, mas ela cumprimentou-me amavelmente. A pesquisa que a Júlia fazia, disse-me, era para um trabalho da escola. Ela encontrou-lhe um artigo que falava sobre a história do futebol e a rapariga foi pedir ao Paulo para imprimir. Ele deixou.

Estava também lá aquela senhora de etnia cigana, loira, muito bem arranjada, de que já falei há um ou dois dias atrás. Creio que o nome dela é Manuela, pelo menos para mim vai passar a ser já que levo o meu tempo a decorar nomes. Tinha uma camisa azul escura vestida que curiosamente era um pouco transparente e me chamou a atenção. Via-se o sutiã branco por baixo, mas não tinha um ar ordinário nem nada que se parecesse. Pareceu-me uma peça que aquela mulher bem arranjada de lábios vermelhos, botas, saia por baixo do joelho e olhos azuis, se pode dar ao luxo de usar como se de uma blusa normal se tratasse.

Na sala de ensaios estava a Sónia, mais uma vez a alisar o cabelo da Natália. Eu disse-lhe que aquilo estava transformado num salão de cabeleireiras, sem saber ainda na altura que de facto ela estava a fazer aquilo às meninas e raparigas desde manhã. Estava a penteá-las e alisar-lhes o cabelo em troca de um euro. O euro era para as despesas com material tal como laca e outros e em compensação as miúdas saiam dali com o cabelo muito bem arranjado. Enquanto eu lá estive, como o centro já estava fechado, arranjou o cabelo da Natália, Ana, Filipa e ainda da Manuela que descobri que afinal é mãe da Filipa. Descobri também, em conversas e porque vi, que a Filipa tem uma série de irmãs

e ainda que o pai dela não é cigano. Disse ainda que veio do Porto. Montes de informação nova, portanto.

Falava-se de dança quando a Sónia disse que a Filipa está a dançar mal, no grupo de dança ciganas do centro comunitário, “las ñinas” e que está a ficar preocupada. A Filipa concordou e disse que se está a esquecer, que está habituada a dançar outros géneros musicais e a ouvir outro tipo de música, que já não consegue dançar música cigana. A Sónia comentou então que como ela tem o lado do pai, não cigano, é normal que experimente outras coisas e que se desidentifique com o estilo cigano. A Júlia disse que são as raízes dela também, que ela não devia esquecer, ao que ela disse logo: “Eu não quero esquecer!”. Só que não consegue dançar como antes, disse ainda. A Sónia disse que ela tem que fazer como a Cristina, que sente a música. Que a música cigana é sentida, é improvisada e que ela tem que sentir. Ela ouviu atentamente e disse que vai tentar.

Dia 33

Data: 13 de Março de 2012

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Entrevista ao Paulo

Pela primeira vez fui ao centro num dia e horas normais, ou seja, em que está no seu funcionamento normal. Praticamente ao mesmo tempo que eu entrei entrou também um homem cigano, que vinha pedir ao Paulo se eles já tinham escrito a carta que ele tinha ido pedir. O Paulo disse-lhe que já trataram disso e entregou-lhe imediatamente a tal carta. Ele perguntou o que é que estava escrito na carta e o Paulo disse que dizia que não estavam de acordo com a decisão que tinha sido tomada pois não auferiam dos rendimentos que tinham sido mencionados na carta que lhe enviavam. Perguntou-lhe se não era isso de que tinham falado, ao que o senhor disse que era isso mesmo. Agradeceu-lhe e foi-se embora.

Entretanto entrou a Sónia no gabinete e estranhou ver-me ali, naturalmente. Eu disse-lhe que vinha entrevistar o Paulo e que depois ia querer entrevistá-la a ela também, mas que tínhamos que marcar depois uma data em que ela esteja disponível. Disse-me que sim. Ela pediu ao Pedro que fosse dar banho ao André (será?), que ao que parece tem o apelido de preto, porque anda sempre todo encardido, estavam eles a

comentar. Disse-lhe que tinha que ser ele a ir esfregá-lo porque ele tinha vergonha dela. O Pedro lá foi.

A conselho do Pedro, que estava a demonstrar-se preocupado com as condições de som e como ficaria a transcrição da entrevista, baseando-se nas suas próprias experiências com transcrições, aconselhou a irmos para o outro gabinete. Esperámos um pouco que ficasse livre, porque ao que parece estava lá uma Fátima (será este o nome da senhora?) que estava a fazer estudo acompanhado com a Filipa e a Ana que vão ter teste. Quando acabaram fomos para o gabinete e fiquei então a conhecer a senhora, de cabelo branco, que é voluntária no centro. Entretanto enquanto esperávamos o Paulo tinha imprimido umas coisas, dizendo-me que era melhor levar aquilo porque está sempre a falar daquelas coisas e acaba por estar sempre a repetir-se. Imprimiu três páginas.

Enquanto o Paulo falava com a Fátima, encontrei no corredor a Filipa que me parecia ter uma voz anasalada. Perguntei-lhe se estava constipada. Disse que acha que está com alergias, porque farta-se de espirrar e chorar.

Mesmo antes de começar a entrevista o Pedro aconselhou a fecharmos a porta para os miúdos não abrirem ou fazerem barulho ao passar no corredor. Apareceu com o André, ao que parece já desencardido e disse que a esponja tinha ficado preta. Não sei se estava a falar a sério ou a brincar, mas o miúdo estava com o cabelo quase loiro todo penteado e estava a sorrir.

Porta fechada, com uma cana encostada à maçaneta da porta e presa ao armário, começámos então a entrevista. Comecei por pedir autorização para gravar, ele acedeu com a cabeça e disse-lhe em seguida os pontos básicos de que a entrevista ia tratar. Sobre o bairro, o centro... ele fez um acenar com a cabeça e o olhar dele tinha qualquer coisa que me deu a entender que eu podia prosseguir com a entrevista, atalhando esta parte. Não sei explicar, mas a tranquilidade que demonstrou e demonstra sempre, deu-me a sensação de que não estava preocupado com o que eu lhe pudesse perguntar.

Comecei por lhe perguntar o nome, idade, habilitações e há quanto tempo trabalha no centro assim como as funções que desempenha. No centro se não me engano começou como voluntário, depois estágio profissional e depois ficou a trabalhar lá, sendo agora o Director Técnico e fazendo parte da equipa de técnicos. Foi respondendo às minhas perguntas de forma sucinta e explícita, sem rodeios, divagações ou hesitações, que eu me desse conta. Deu-me a sensação de que já tinha um discurso pensado no que se refere ao bairro e ao centro comunitário e ao tipo de estratégia e

atividades que desenvolvem. Aquele discurso de quem já está habituado a responder a estas perguntas e a reflectir sobre as coisas. Na verdade houve mesmo o momento em que lhe perguntei quais os serviços que proporcionam à população do bairro e aí colocou o dedo no ar e pegou imediatamente nas suas três páginas que percebi depois serem uma lista extensa dos serviços que prestam.

Do que me disse em toda a entrevista e para sumarizar as ideias, ressalvo alguns pontos que me marcaram: i) não considera a população do bairro Horta da Areia uma comunidade, porque acha que lhes falta a união e questões de solidariedade entre as famílias; ii) o trabalho desenvolvido com as famílias do bairro tem sido um trabalho de proximidade, não imposto, na tentativa de ganhar a confiança das pessoas e respeitar o seu próprio ritmo para avançar para o passo seguinte; iii) ao início a estratégia foi apostar no trabalho com as crianças, para assim conseguir dialogar e intervir nas famílias; iv) o trabalho com os jovens é considerado uma lacuna na sua intervenção; v) dão importância às parcerias com outras entidades que possam complementar o seu trabalho; vi) dispõem de uma vasta lista de serviços que me parece que têm como intuito tentar de forma prática lidar com as necessidades da população, que passam tanto por apoio e orientação na resolução de problemas práticos do quotidiano, até questões mais vastas como a inclusão; vii) considera o bairro guetizado devido à sua localização geográfica; viii) os ciganos têm dois tipos de problemas, o de serem pobres e viverem no bairro e o de serem ciganos e terem uma situação cultural diferente da maioria; ix) o bairro tem potencialidade ou aspectos positivos que têm que ver sobretudo com as questões de segurança para as crianças, que podem circular livremente pelo bairro e frequentar a casa da família alargada, que em muitos casos vive no bairro; x) o teatro do oprimido juntou no mesmo grupo jovens que de outra forma dificilmente viriam a ser amigos, contribuindo assim para a desconstrução de estereótipos nomeadamente dos não ciganos em relação aos ciganos e vice-versa; xi) considera que os jovens não têm uma relação fácil com o exterior, com pessoas fora do bairro e que isso está reflectido nas peças que abordam no TO; xii) acha que os jovens do grupo têm com as famílias uma relação de autonomia; xiii) pensa que quanto ao futuro dos jovens do bairro, no caso das mulheres acabam por muitas vezes casar e ter filhos, pois estão ainda muito sujeitas a pressões da sua família e família do marido, mas que lhes cabe a elas mudar a situação; xiiii) pensa que os percursos dos jovens, sejam ciganos ou não, acabam por ser percursos individuais e que não há nada que aponte para que vão seguir o caminho dos seus pais, dependerá das suas ambições.

Quando terminámos a entrevista fui ter com a Sónia, na sala de ensaio e vi uma coisa muito interessante. À volta da mesa grande estavam jovens e crianças. Do Minoria do Gueto estavam a Ana, Márcio, Filipa e Valentim. Depois estavam crianças, a maioria delas ciganas. Estavam muito sossegadas e caladas. Cada um tinha à sua frente um copo com sumo e um guardanapo. Havia no centro da mesa uma caixa com bolos e cada um deles, quando a caixa lhe foi entregue, escolheu um bolo. Quando todos tinham bolo e sumo, começaram a comer. Foi muito engraçado ver como a Sónia tinha conseguido organizá-los. Recusei o convite da Sónia para lanchar, estava sem fome, mas marcámos entrevista para quarta-feira, amanhã, pois vai haver uma actividade das estagiárias e ela vai ficar livre. E por falar em estagiárias, no fundo da sala vi duas raparigas sentadas à mesa com alguns materiais à sua frente. Penso que eram elas as estagiárias, acho que já as tinha visto por ali numa outra vez.

Dia 34

Data: 15 de Março de 2012

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

Quando cheguei ao centro comunitário vi o João. Estava encostado às traves de madeira que demarcam a entrada na pequena rua do centro. Vi também ali dois rapazes com câmaras de vídeo e fotografia nas mãos. Falei com o João. Perguntei-lhe se vinha ao teatro, ao que me respondeu que não. Perguntei-lhe porque desistiu, se não gostava da peça. Disse que não era isso, que já falou com a Júlia. Ok, disse-lhe eu, dizendo ainda que ele faz falta. Ele sorriu e continuou a mexer no telemóvel. Percebi que não queria conversa, pareceu-me que estava envergonhado. Fui bater à porta e ouvia-se música lá dentro mas ninguém veio abrir. Dei a volta até uma das janelas da sala de ensaio que estava aberta, afastei a cortina e espreitei para dentro. A Ana que estava no outro lado da sala junto ao quadro de ardósia viu-me e eu pedi-lhe que me abrisse a porta.

Os dois rapazes entraram comigo. Na sala de ensaio estavam duas pequeninas, mais a Filipa, o Floriano e a Sónia, que me pediu desculpa por não ter estado lá hoje mas andava com uma dor siética e teve que se ir tratar. Foi o segundo dia em que não a consegui entrevistar, mas não faz mal. A Filipa estava sentada e a Sónia fazia-lhe caracóis no cabelo com um ferro.

Passado um bocado entraram a Júlia, Ana e Natália que vinham do gabinete. A Ana vinha a dizer: “tá bué fixe o cartaz”, que ao que parece fez a Júlia, para publicitar a apresentação da peça. Talvez seja um convite, porque no outro dia tinha dito que ia fazer para eles entregarem a quem quisessem.

Demorou um bocado até o ensaio começar e quando começou faltavam o Márcio e o Sérgio. A Cristina também andava desaparecida e depois de a Ana a ter ido procurar a casa em vão, a Sónia descobriu que afinal ela estava fechada na casa de banho do centro comunitário, possivelmente a falar ao telemóvel. Saiu de lá a sorrir, quando a Sónia lhe gritou para ela sair. Além disso, a Sónia teve que tirar os telemóveis ao pessoal, para garantir que sobretudo a Cristina e o Valentim não se distraíam. Ensaiou-se primeiro as danças, depois a peça uma vez e depois na esperança que o Márcio e Sérgio chegassem entretanto a Sónia fez o ensaio das danças ciganas com a miudagem que entretanto foi entrando. Estavam muitos miúdos na pequena sala de ensaios, mas enquanto os grandes ensaiavam a dança e o teatro os pequenos olhavam atentamente e sem perturbar. Depois os mais pequenos dançavam e os outros viam. E no meio do caos conseguiu-se trabalhar bem, penso eu. Foi mais produtivo do que é muitas vezes quando estamos poucos. Entretanto chegou o Márcio e aí fez-se um ensaio mais, completo, com as danças e tudo. A Sónia tinha alterado alguns passos na primeira coreografia e o Márcio estranhou ao início e perguntou “O que é que ela ‘tá a fazer?” referindo-se à Natália, mas quando a Sónia lhe explicou fez logo bem.

No fim do ensaio de dança cigana a Sónia virou-se para o Valentim e disse que era melhor ele ir para casa. Disse que ele estava a prometer porrada às raparigas e que isso não podia ser, que elas tinham medo dele. E que se ele não queria estar ali que lhe dissesse e ela deixava-os ir. Acrescentou ainda que ele não fazia isso com a Filipa e a Cristina porque sabia que elas já são maiores e lhe batem a seguir, mas que com as pequenas elas não se defendem e ele não pode ser assim. Disse ainda que eles ‘tão habituados a bater nas mulheres mas que ali dentro não pode ser assim. O Valentim virou-se para trás e pediu desculpas umas três ou quatro vezes e acatou o pedido da Sónia e foi para casa. No fim eu comentei com a Sónia que ele não costuma ser assim e ela disse-me que de facto não, mas que devia estar aflito para falar com a namorada e começou a descarregar em cima de toda a gente. Eu para ser sincera estava tão embevecida a ver as pequenas a dançar que não me apercebi desse tipo de atitudes da parte dela, apenas reparei que a Sónia o foi repreendendo algumas vezes ao longo do ensaio.

Outro aspecto que achei curioso foi duas meninas loirinhas de olhos azuis, ciganas creio eu, que chegaram para ver o ensaio e não dançaram. São irmãs, muito parecidas uma com a outra mas de idades diferentes. A mais nova é do grupo de teatro da manhã, que a Júlia está a dinamizar com os mais pequenos. Ficou a olhar para mim e para a Júlia quando começámos a fazer sons com as mãos para a acompanhar a música e depois não conseguia reproduzir os nossos ritmos. Elas não dançaram e no fim ouvi a Sónia a explicar a uma das pequeninas, que lhe deve ter perguntado porque é que elas não estavam no grupo de dança, que elas não dançam porque a mãe tem uma religião que considera que a dança é um culto ao diabo e então não as deixa dançar. Eu perguntei qual é a religião e ela disse que é qualquer coisa protestante, não sabe bem. Disse-me depois que é errado porque as miúdas gostam e até vêm ver e tudo mas que tem que se respeitar.

Dia 35

Data: 23 de Março de 2012

Local: ESEC

Assunto: Entrevista com a Júlia

Fiz entrevista à Júlia a partir das 14h30. Quando cheguei esbaforida de subir as escadas a correr já ela esperava por mim no primeiro andar. Entrámos no núcleo, sentámo-nos, falámos sobre outros assuntos e depois pedi autorização para gravar e começámos. Acho que foi uma entrevista interessante porque ela já frequenta o bairro há algum tempo e é uma pessoa exterior ao bairro, que não vive nem trabalha lá, o que lhe permite, na minha opinião, ter uma visão diferente sobre o bairro, as famílias e o trabalho realizado pelo centro comunitário. É uma visão crítica também, muito baseada nas experiências dela e naquilo que vão sendo os seus contactos com o bairro, os seus habitantes, os jovens e o próprio centro.

Das informações que me deu, ficaram-me na cabeça algumas que fui depois procurar ao ouvir a entrevista: i) “Para mim é uma favela”. “É do outro lado da linha portanto é isolada”. O bairro está à parte da cidade, sendo que a divisão da linha do comboio e a orientação do sentido do trânsito guetizam o bairro; ii) “Tem lideranças próprias, tem regras internas; iii) De dia é um bairro tranquilo, onde as crianças podem circular livremente, mas à noite tem sérios problemas de segurança; “A polícia não vem” e vêm pessoas de fora traficar e comprar droga; é perigoso até para os seus

habitantes; iii) falou das crianças e do facto de estarem sempre acompanhadas por adultos ou por alguém. “têm um verdadeiro território de jogo e brincam muito. Não tao em casa em frente do computador sozinhos. Não tão sozinhos”; iv) sobre o centro comunitário disse que eles fazem um trabalho muito próximo e virado para a comunidade e que não apostam muito na visibilidade do seu trabalho fora o que leva a que muita gente não compreenda o trabalho deles. “Falta reconhecimento externo, porque do público eles têm”. Acha importante o trabalho que eles fazem com as crianças e jovens, de impor dentro do centro comunitário regras básicas de educação e de sociabilização, que eles na maior parte das vezes não recebem de fora e que podem levar para outros contextos como a escola por exemplo. “São regras para a vida... não são regras estúpidas”. Acha que é também importante que eles inculquem o respeito pelo espaço, o que faz com que as crianças e jovens sintam o centro comunitário como deles e estejam à vontade para o frequentar. Fala ainda da horizontalidade da relação entre técnicos e crianças; v) Falou ainda que as pessoas estão habituadas a receber pessoas de fora, que o centro tem levado grupos e pessoas lá pelo que ninguém estranha; vi) as pessoas gostam do trabalho do centro comunit. “é uma referência positiva no bairro”; vii) tem lideranças e regras internas, o bairro. “É pobre”; viii) tem um carimbo negativo mas “muitas vezes são pessoas de fora que vêm fazer a porcaria.”; ix) Falta de saneamento e condições habitacionais; x) “é dois carimbos, os ciganos são ciganos e é a horta da areia” “para quem não é cigano é a horta da areia que faz com que as pessoas não arranjam trab. Porque tão na horta da areia”; xi) O medo das pessoas do bairro, o preconceito “Há um medo dessas pessoas da horta da areia, parece que não são humanos!”; xii) o emprego é outro problema. Mais para os não ciganos do que para os ciganos que “desenrascam-se”; xiii) boas e más relações de vizinhança; xiv) “é uma comunidade e não é uma comunidade. Há subgrupos também.”; “Mas todos reivindicam a Horta da Areia... têm ou vergonha de vir de lá ou um certo orgulho também... as pessoas identificam-se como de lá. Tem uma história e experiências colectivas.”; xv) O centro tem uma equipa estável, durante anos. Não é um centro que trabalhe só com projectos, “está lá!; xvi) aspectos a melhorar no centro comunitário, falta recursos humanos, uma sala maior para dinamizar algumas actividades e era bom na sua opinião que começassem a haver jovens da comunidade a trab no centro, jovens da Minoria do Gueto por exemplo que se formassem e quisessem seguir a área social e pudessem ficar lá a trab., “ainda as pessoas utilizam o centro como um espaço de consumo não é? Pedem coisas.... Ainda não é um centro onde são os habitantes que ‘tão a organizar para

eles próprios”; xii) “Os miúdos são muito livres”; xiii) dos jovens em relação a gostarem de viver no bairro “Há muita vergonha... mas há muita raiva também pocha o meu bairro é o meu bairro, é o que é mas eles não pediram nada para viver lá, não é?”; xiv) teatro e dança quebram os preconceitos para quem vê; xv) “Eu aos 15 anos seria incapaz de fazer o que eles fazem. De dançar, de falar dos meus problemas no palco... é por isso que eu não os pressiono demasiado, fazemos um caminho juntos, os temas são escolhidos juntos... eles vêm porque querem”; “eles gostam muito de ‘tar juntos’”; xvi) “para mim é mais rico para o público, porque eles sabem... eles sabem como fazer para defender-se... o que eu acho que é forte para eles é ter o poder de poder apresentar os seus problemas “é assim que eu sou e é assim que eu vivo””; xvii) o teatro ajuda-os a construir lembranças positivas; “eles estão a construir entre eles uma memória de amigos. Uma memória positiva... isso é super importante”; xviii) o teatro pode ajudar a desconstruir/mudar preconceitos em relação ao bairro “eu espero que crie dúvidas... pelo menos dúvidas”, “isso é dar visibilidade ao bairro, sair do bairro”; xix) “Eu acho que as mudanças são muito lentas... há de tudo” (a nível do futuro dos jovens, sobretudo das raparigas ciganas).

Data: Ainda no mesmo dia...

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Entrevista com a Sónia e ensaio teatro

Quando cheguei ao bairro encontrei o Paulo junto à estrada a falar com um senhor que calculo que viva ali no bairro. Estavam à frente de uma casa junto á estrada que tinha a porta de entrada aberta. O que me marcou no senhor foi que estava de chinelos, tinha muletas e barba na cara. O Paulo estava vestido com um macacão azul escuro. Eu sabia o porquê da roupa dele, é que tiveram a limpar o bairro, em antecipação ao dia do Limpar Portugal que é amanhã. Com a Júlia eu já tinha falado que possivelmente hoje não iria haver ensaio, ela disse-me que começavam as férias da páscoa e tinham estado a limpar o bairro pelo que nem todos do Minoria Doghetto deveria estar por ali. Ela achou que era boa ideia fazermos os corações, objectos cénicos que vamos precisar na próxima semana quando apresentarmos a peça no mercado Municipal de Faro. Quando cheguei o Pedro abriu-me a porta. Cumprimentei-o e segui caminho até à sala de ensaio. Junto às casas de banho vi o Valentim que tinha um casaco vestido sem blusa por baixo. Cumprimentou-me todo sorridente. Acho que tinha

estado a tomar banho pois pareceu-me que tinha o cabelo molhado. Eu tinha combinado com a Sónia às 16h por isso quando cheguei à sala e não a vi perguntei às miúdas por ela. Estavam na sala a Natália, Ana e Cristina. A Cristina estava deitada ao canto em cima de um colchonete. Mexia no telemóvel. Meti-me com ela, que já não largava o telemóvel para nada e ela riu-se, voltando a virar o seu olhar e atenções para o pequeno aparelho que tinha entre mãos. A Natália escrevia o nome dos elementos dos Minoria no quadro. Perguntou-me o meu nome, ela lembra-se e esquece-se, depende dos dias. Escreveu e disse-lhe que levava um chapeuzinho em cima do “A”. Pôs. Estavam ali também umas pequenas, uma delas a irmã mais nova da Filipa. Estavam sossegadas na pequena mesa redonda ao canto, a pintar. Entretanto apareceu a Sónia e fomos para o gabinete para começar a entrevista, mas não sem que ela dissesse a todos que ia para o gabinete e não queria ser incomodada. Falámos um pouco sobre o tratamento que ela está a fazer para um problema de saúde que tem tido e que tem adiado as nossas entrevistas e começámos então a falar. Lembro-me que quando lhe fiz a primeira pergunta olhou para o gravador e achegou-se um pouco para a frente, mas depois parece tê-lo esquecido e falou naturalmente. O que gostei na entrevista dela foi que me trouxe informação baseada nos seus nove ou oito anos de trabalho naquele bairro e no centro, trazendo-me situações que partem do seu contacto com as pessoas. Veio confirmar-me muitas das questões referidas pela Júlia e pelo Paulo acerca por exemplo da conflitualidade entre as famílias, dos problemas de segurança à noite no bairro, das fracas condições de habitabilidade e até mesmo dos preconceitos que todos têm em relação ao bairro e os seus habitantes. Mencionou ainda uma estranheza que as pessoas demonstram quando ela diz que trabalha na Horta da Areia. Falou das questões da tradição cigana, o papel da mulher, a sua relação com os ciganos homens no centro e como nem sempre é fácil para eles lidarem com ela, já que não tem uma atitude submissa. Falou do futuro dos jovens, que depende deles e dos processos individuais de cada um, tal como o Paulo me referiu, mas que a empregabilidade é um problema, assim como o facto de serem ciganos, alguns. E sobretudo as raparigas, talvez acabem por casar e ter filhos, porque as mulheres ciganas gostam de ter filhos, como referiu. Referiu ainda que agora as raparigas ciganas já não casam tão cedo, há uma que vai casar aos 18 anos e que ainda não está muito convencida e que é a primeira no bairro a casar tão tarde, o que pode ser um sinal de mudança dos tempos. Disse que os jovens não gostam de viver no bairro, que têm vergonha. E concordou que o teatro do oprimido tem tudo

que ver com aquele grupo de jovens e que trabalha os problemas que eles sentem, que as peças têm tudo que ver com eles.

Dia 36

Data: 29 de Março de 2012

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

Quando cheguei pouco passava das duas da tarde. Na Horta, como no resto da cidade, estava um vento diabólico, de levar tudo pelos ares, mas não estava muito frio. Deixei o carro junto à ria e no outro lado da estrada, ao pé da porta das traseiras do Centro Comunitário, estava um grupinho de crianças ciganas. Com elas estavam o Vitor, Cristina e um outro jovem, um rapaz que me pareceu ser cigano, com cabelo muito escuro, que eu ainda não tinha tido oportunidade de ver por ali. Fui ter com eles. As pequenas já me conhecem do centro comunitário, duas delas se não estou enganada são irmãs da Filipa e fizeram-me logo adeus quando me viram a sair do carro. Cumprimentei todos e eles a mim. A Cristina estava de telemóvel na mão. O Vitor perguntou-me se íamos ensaiar “teatro” hoje e eu disse que sim, teatro, dança, tudo junto. Ele disse que não queria ir dançar amanhã, que não sabe dançar cigano. Eu disse-lhe claro que sabes, mas ele insistiu que não sabia dançar muito bem. Entretanto chegou o Floriano e juntou-se a nós. Ao lado da Cristina estava uma menina mais nova, que sei pertencer ao Las ñinas e quando olhei para elas juntas percebi que tinham o mesmo cabelo escuro e algumas parecenças no rosto. Perguntei à Cristina se são irmãs. O Vitor disse que não, que a pequena é irmã dele, a Cristina revirou os olhos ainda com atenções viradas para o que quer que fosse que se passava no seu telemóvel e o Vitor agarrou a pequena que creio que se chama Alexandra e começou a brincar com ela. A pequena levantou-se para fugir ao abraço daquele gigante (o Vitor é uma figura grande por si só e ainda maior parece quando está junto dos pequenos). Ele sentou-se então nos degraus ao lado da Cristina, começando a dizer que ela tinha uma qualquer coisa que eu não me lembro como lhe chamou no nariz, referindo-se a uma bolha que lhe estava a nascer junto ao brinco do nariz, calculei eu que por estar infectado. E eu sei disso porque deixei de desinfetar o meu durante uns dias e começou a aparecer qualquer coisa semelhante, embora menor, que logo desapareceu quando voltei a desinfetar. Eu disse então à Cristina que ela tinha que tratar de desinfetar aquilo, mas ela, fixa no telemóvel, continuou sem reagir.

Entretanto a Júlia chegou, na sua nova bicicleta que causou furor. Perguntaram-lhe quanto custou e ela disse 300€. O Vitor achou muito e ela acrescentou que foi uma oferta dos pais.

Voltaram a perguntar à Júlia sobre o ensaio. Ela explicou que íamos ensaiar hoje tudo junto e que amanhã de manhã tinham que estar às 9h no centro comunitário. O Vitor surpreendeu-se, achou cedo e disse que não gosta de se levantar tão cedo. Eu disse-lhe que é só um dia, ao que ele ficou a olhar para mim franzindo a sobrancelha naquele que me pareceu ser ar de quem estava a pensar no assunto.

Fomos todos para a porta do centro comunitário. Estava ainda fechado. Junto ao centro estavam dois homens e 3 mulheres. Uma mulher estava de pé com uma criança ao colo e as outras 2 estavam sentadas em cadeiras de plástico viradas para os homens que trabalhavam naquilo que me pareceu ser um daqueles carros ambulantes de venda de pipocas ou algodão doce ou cachorros quentes. Era um atrelado branco, não muito grande, com um toldo e uma parte frontal aberta. Estavam a arranjar aquilo. Sei que tinham um aparelho de soldar porque às tantas cheirou-me a queimado e quando olhei um deles tinha uns óculos postos e soldava qualquer coisa na zona bola do atrelado.

A Júlia ficou completamente rodeada pelos pequenos enquanto arrumava a sua bicicleta e eu fiquei ali ao lado ao pé da Clara, que estava ali já quando nós chegámos e do to que se lembrou de partilhar comigo as suas dúvidas em relação ao dia seguinte. Às tantas disse-me que não sabia se conseguia dançar, que tinha vergonha de dançar em público. Eu disse que ao início custa um bocado mas que o mais certo era ele quando começasse a dançar nem se lembrar disso e acabar por se divertir. Ele voltou a dizer “Mas dá vergonha. Vai ‘tar muita gente?”.

A Sónia chegou na carrinha da Fundação que estacionou junto à estrada, nas traseiras do centro. À frente vinha a Filipa e quando abriram a porta saíram da parte de trás a Natália, que a primeira coisa que fez foi espreguiçar-se, a Ana e a Isa. Chegavam da colónia de férias, onde estavam desde segunda-feira, em Albufeira. Reparei que só foram raparigas não ciganas, pois implicava dormir fora de casa. Também pelo que a Sónia já me tinha dito, normalmente os rapazes costumavam ir, quando lá estava o Mateus para dormir com eles. Agora com o Mateus a trabalhar não haveria ninguém para ficar no quarto dos rapazes durante a noite portanto foi só a Sónia com algumas raparigas. A Sónia veio abrir a porta do centro e todos os que já lá estávamos à porta entrámos. Entretanto a Sónia mandou logo alguns irem a casa dos que faltavam para os chamar.

Os pequenos ocuparam a sala de ensaios e os Minoria do Ghetto ficaram no gabinete onde estavam, em cima da mesa, perfumes, lacas e caixas com acessórios para o cabelo. Em cima da cadeira estavam algumas roupas da dança e gravatas, assim como os fatos dos rapazes.

Os pequenos começaram a ensaiar o teatro deles. Eu fiquei a ver porque ainda não os tinha visto a representar e foi super divertido e achei interessante a forma atenta como eles ouviam as orientações da Júlia, fazendo a seguir as coisas como deviam ser. Pareceram-me muito profissionais e empenhados.

Tirei a máquina para fotografar e sentei-me ao lado do Floriano que me perguntou se podia tirar fotografias. Disse-lhe que sim. Fui buscar a outra máquina fotográfica e ainda consegui filmar a peça dos pequenos antes que uma pequena que não estava a fazer teatro viesse pedir-me a máquina. Fiquei sem fotografar, mas em compensação fiquei com as fotos que eles tiraram que oferecem a visão deles sobre o que se estava a passar.

Entretanto chegou o Valentim. Havia uma confusão pois Valentim, Sérgio e Márcio não estavam e ninguém parecia saber deles. O Márcio foi o primeiro a chegar e vi a Júlia a respirar de alívio já que ele é uma peça fundamental. Quando o Valentim chegou, passado um bocado, vi que a Sónia estava no corredor a chatear-se com ele. Mesmo com o barulho que os pequenos faziam na sala de ensaios ouvi-a a gritar-lhe que ele sabia que tínhamos marcado ensaio a partir da duas da tarde e que era uma falta de respeito ele chegar àquela hora. O Valentim acabou por pedir desculpa. Mais tarde quando o Sérgio decidiu aparecer, repetiu-se o raspanete.

Entretanto a Sónia veio ter com o Floriano que estava sentado ao meu lado a fotografar. Perguntou-lhe se ele tinha lavado as mãos. Ele disse que sim. A Sónia mandou-o levantar a manga da blusa e quando ele levantou ela deve ter percebido que ele estava a mentir, porque começou a chatear-se com ele, a dizer-lhe que ele sabe que tem que vir para o curso lavado, etc. Ele levantou-se e foi-se lavar. Eu levantei-me passado pouco tempo e fui ao gabinete ver o que o resto do pessoal estava a fazer. As raparigas dos Minoria tinham experimentado as blusas amarelas com um *smile* que a Sónia ou a Júlia tinham arranjado para elas. A Sónia estava a perguntar à Cristina se a blusa estava boa, ao que ela respondeu que sim. Em seguida pegou no desodorizante em *spray* e mandou o Floriano levantar os braços. Pôs-lhe desodorizante debaixo dos braços mesmo por cima da blusa e ainda lhe pôs no peito. Depois pôs no Márcio e no Valentim também. Entretanto começou-se a falar da colónia de férias. Perguntei à Filipa onde tinham ido e ela disse-me que passearam em Albufeira, Portimão, foram ao cinema na Guia. “Foi muito fixe”, disse-me ela. A Sónia contou-me que enquanto elas as três andavam como umas loucas, a Isa andou o tempo todo contrariada. Ela disse que ela não gosta de estar na colónia e que aquilo é o que acontece quando os pais decidem obrigá-los a fazer as coisas. A mãe dela decidiu que ela tinha que ir e a Sónia levou-a porque pensou que ela se ia divertir mas parece que passou o tempo todo contrariada e enquanto as outras andavam como loucas ela mantinha-se à parte. E no último dia disse que ainda bem que já estava na altura de ir para casa. A Sónia acrescentou ainda que nem no cinema que é uma coisa que eles não vão muitas vezes ele pareceu ter ficado muito entusiasmada. Quando acabou o filme a Sónia perguntou-lhe o que achou ao que ela respondeu que foi mais ou menos.

Os pequenos fizeram um ensaio engraçado. A peça deles conta a história de uma professora que é vítima de *bulling* por parte de uma aluna que é má e ameaça os colegas que se contarem o que se passa na aula lhes vai fazer mal. Não pude deixar de reparar como a irmã mais nova da Ana, para além de se parecer com ela na cara também tinha muito jeito para

representar. Na peça deles haviam partes com teatro imagem e outro em que faziam um exercício que ela costuma fazer com eles que é o das moscas.

As pequenas continuavam a tirar fotografias. A máquina que o Floriano estava a usar tinha passado para uma outra e andavam as duas a fotografar mesmo que para tirar as fotos que queriam tivessem que entrar no meio do palco durante o ensaio. Quando pedi a uma delas a máquina porque queria deixar um pouco de bateria para fotografar o ensaio dos grandes, ela entregou-me a máquina sem ser preciso voltar a pedir.

A seguir ao ensaio dos pequenos foram as danças ciganas. Reparei particularmente na Filipa, que só dançava quando chegava a vez dela se chegar à frente. Reparei também na Cristina e na irmã mais nova, que dançavam com gosto, visivelmente. Nunca deixaram de dançar e faziam-no com ritmo, envolvendo todo o corpo e com um sorriso no rosto. Os rapazes também dançaram bastante, sendo que neles é mais visível os estilos diferentes. Cada um tem os seus próprios passos e ao passo que as raparigas dançam à primeira vista e numa observação menos cuidadosa todas da mesma forma, neles é logo notório as diferenças de estilo de pessoa para pessoa.

O ensaio dos Minoria Doghetto começou com a dança. A Sónia só mudou uns passos numa parte a solo da Filipa e ela decorou logo. O ensaio foi como sempre, um misto da Júlia a chamar-lhes a atenção por causa dos telemóveis, com eles a embirrarem uns com os outros e lá pelo meio uns quantos momentos de concentração em que conseguíamos ensaiar do princípio ao fim. A Cristina não fez os ensaios todos, ausentou-se a dada altura e quando a chamámos gritou da casa de banho que já não precisava fazer que já sabia. Escusado será escrever que de certeza que estava agarrada ao telemóvel. As raparigas mostraram-se sempre mais concentradas do que os rapazes. O Sérgio a mandar as suas bocas embirrentas, o Valentim com hesitações nas falas, o Márcio a implicar com a Natália... mas apesar de mais concentradas, estavam também mais cansadas, aparentemente. A Natália então mais para o fim parecia arrastar-se e brincámos que ela quase que se deixava dormir quando dançava com o Márcio. Foram portanto dias de diversão. Conseguimos por fim fazer uns dois ensaios finais em que a Júlia lhes disse que acontecesse o que acontecesse não parávamos de representar e se nos enganássemos em alguma coisa, continuávamos. Assim foi.

Antes do ensaio acabar a Sónia foi-se embora devolver a carrinha, um pouco antes das 5 da tarde e pediu às raparigas que fossem buscar as suas malas. A Natália chegou à sala com uma mala de viagem de rodas, cor-de-rosa, daquelas grandes de 30kg. Perguntei-lhe se ela tinha levado aquela mala e a resposta foi afirmativa. Disse que não tinha mais nenhuma. Enquanto as outras tinham uma pequena mala de fim-de-semana, ela tinha uma malona que nem eu levei quando passei duas semanas em Itália, quanto mais 4 dias numa colónia. Ela abriu a mala que estava cheia de roupa e disse que parecia que tinha mais roupa porque estava desarrumada.

Procurava o telemóvel, que parece que tinha perdido. Quando não o encontrou fechou a mala e disse que não queria saber, que não estava para se chatear mais com isso.

Dia 37

Data: 30 de Março de 2012

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Apresentação da peça no Mercado Municipal de Faro

Cheguei ao bairro passava um pouco das 9 horas da manhã. Estacionei em frente ao centro por causa da chuva. Haviam uns buracos à entrada do bairro, no chão de terra, que estava cheio de água lamacenta. À porta do centro estava a Júlia e um rebanho de pequenos, mais a Ana, Vitor e Valentim que chegaram ao mesmo tempo que eu. Perguntei à Júlia se a Sónia ainda não tinha chegado. Ela tinha dito que ia para lá às 8 da manhã e a Júlia disse que aparecia para a ajudar às 8 e meia. A Júlia encolheu os ombros. Esperámos. Estava lá também a mãe da Filipa e esta chegou passado um bocado com o cabelo molhado. Vinha com a Natália que trazia o cabelo esticado. Entretanto a Sónia chegou de mau humor. Disse logo que estava doente, com 40 de febre e antes de abrir a porta informou os miúdos que não queria barulho, que era para eles entrarem calados. Assim fizeram, entraram ordenadamente atrás dela e foram sentar-se à volta da mesa grande da sala de ensaio que já tínhamos deixado preparada no dia anterior. Sentaram-se silenciosos. A Filipa, Ana e Natália ajudaram a Sónia a trazer as coisas para cabelo e maquilhagem para cima da mesa. A Sónia viu quem faltava. A Cristina e mais alguém e disse que alguém os fosse buscar. A irmã da Cristina disse que ela tinha ficado a tomar banho.

A Sónia começou então a pentear as meninas. Uma delas estava toda desgrenhada no cabelo. Um dos pequenos perguntou porque é que o cabelo dela era assim e a Sónia respondeu que era porque ela não se penteava quando se levantava de manhã e que aquele cabelo como nunca via uma escova começava a ficar todo enrolado. A Júlia disse à pequena que ela tinha que se pentear porque se não o cabelo ficava com nós e tinha que se cortar. A pequena limitava-se a olhar e quando a Sónia lhe tentou passar a escova pelo cabelo disse: “Eu não acredito que a escova não passa”. Depois começou a chamar a atenção a todos, a dizer que já avisou que nos dias de apresentações eles têm todos que vir com os cabelos lavados e banhos tomados. Reparei então que de facto muitos deles vinham com cabelo molhado, sobretudo as meninas. Disse ainda que não sabia porque é que a A. deixava a miúda aparecer ali assim e que devia chamá-la para ela apanhar uma vergonha.

Entretanto a Júlia foi distribuindo as perucas pelos pequenos, assim como óculos, roupas e outros adereços para que eles decidissem o que queriam usar. Enquanto eu fiquei

depois encarregue de dar uma ajuda com os cabelos, a Sónia foi acabando de cozer duas das salas de tule das raparigas do ballet.

Depois dos penteados seguiram-se as maquilhagens. Todas elas queriam os olhos e lábios pintados e até quiseram que lhes puséssemos base na cara e tudo. No gabinete, quando passei por lá, vi que as maiores se tinham encarregado de arrumar as roupas da dança numa mala. Entretanto a Filipa não sabia o que fazer com o seu cabelo e eu lembrei-me que tinha um chapéu no carro que tinha trazido para o caso de alguém precisar. Ela quando viu o chapéu disse que acha que não é muito hip-hop e que não sabia se a Sónia ia gostar, mas quem achou imensa graça ao chapéu quando o viu foi o Valentim. Perguntou se podia pôr, eu autorizei e ele gostou. Pediu para usar para dançar, eu disse que sim desde que ele se responsabilizasse pelo chapéu. Passado um bocado andava o Migelinho, o seu irmão, com o chapéu e acabou por ser ele a usá-lo para dançar.

Sáímos do centro para o mercado com um atraso de meia hora. O Paulo foi buscar os miúdos na carrinha e levou-os em duas viagens. Na verdade faltavam p'rai uns 10 minutos para as 10 da manhã, hora em que era suposto estarmos no mercado, quando a Sónia e Júlia se começaram a perguntar quem iria fazer o transporte dos miúdos. Quando a Júlia falou com o Paulo ele disse que pensou que fosse a Sónia a fazer. Ainda bem que ele pôde vir depois porque foram precisas duas viagens para levar os miúdos, mais três no meu carro e os restantes no carro da Sónia.

Quando chegámos ao mercado já estavam algumas pessoas por lá e ia começar uma demonstração de Karaté com pessoas excepcionais. Os miúdos do teatro ficaram sentados no chão em frente ao palco a assistir. Quando foi a vez dos pequenos actuarem a Júlia apareceu como se fosse uma turista perdida, com um ar amalucado, à procura do teatro e a perguntar às pessoas se sabiam onde ia ser o teatro. Ao mesmo tempo foi organizando as crianças no palco e eles fizeram o seu papel muito bem. A irmã da Cristina era para fazer uma parte do exercício das moscas mas arrependeu-se e avisou a Júlia. A Júlia veio-me dizer a mim porque eu estava com o senhor a dar as indicações para colocar os sons na altura certa e veio falar com ela uma senhora de casaco vermelho que eu soube depois ser técnica da câmara. Veio dizer à Júlia para ela não se esquecer de mencionar os nomes, que os nomes eram importantes. Fez isto com um tom de voz autoritário e senti, eu própria que estava a ouvir, uma certa arrogância da parte dela. A Júlia disse à senhora para ter calma, que ela não se ia esquecer dos nomes e que ainda não tinha acabado aquilo que estava a fazer. A senhora voltou a reforçar a ideia dos nomes, que tinham que ser dito no início e fim para toda a gente ouvir. Com nomes ela referia-se à CMFaro, À CVP Faro e ao Centro Comunitário Horta da Areia. A Júlia não falou de nomes nenhuns no início, apenas apresentou os grupos e só no fim fez os agradecimentos.

A nossa apresentação correu mais ou menos. Acho que correu surpreendentemente bem a parte da dança, mas estavam um pouco menos concentrados na parte do teatro. Como eu

estava no palco com eles lá lhes fui dizendo o que fazer. Esqueceram-se da parte do autocarro, depois esqueceram-se que tínhamos que circular à volta da Natália e do Márcio. Tentaram falar alto mas o problema do mercado era a acústica, que não era boa. Quando estávamos a subir nas escadas para o mercado, a Júlia falava com a Ana e disse que como ela parecia saber gerir melhor o nervosismo, se o Valentim se esquecesse de alguma coisa na parte que faziam juntos, ela que avançasse e fizesse ela a proposta. Quando estavam os dois em palco reparei que quando era a parte do Valentim falar a Ana lhe disse baixinho o que ele tinha que dizer e ele repetiu.

Quando a peça acabou foram as danças ciganas que se atrasaram um pouco porque a Sónia estava com eles, a acabarem de se preparar nas casas de banho. A Júlia ficou um bocado a encher chouriços, fez uns exercícios e uma das pequenas juntou-se a ela e disse que queria fazer o exercício dos cavalos. Então fizemos os cavalos, um *energyser*, com a pequena a dizer o que tínhamos que fazer, apoiada pela Júlia que estava ao seu lado. A Natália, Ana mais umas três ou quatro miúdas que já não me lembro quem, foram também elas cantar uma canção. Também nesta parte a Júlia lá disse os tais nomes como a outra tinha insistido e agradeceu especialmente ao centro comunitário e à Sónia.

Entretanto chegaram Las Ñinas e Los Ñinos e começou o espectáculo de dança. A Sónia disse que notou que eles estavam muito nervosos. Eu achei-os felizes, estavam sorridentes e dançaram uma e outra música sem parar. Quando foi a vez da Cristina dançar fez um solo fantástico, toda sorridente. A Filipa também dançou do princípio ao fim, contrariamente ao que vinha acontecendo nos ensaios em que dançava o minimamente necessário.

Quando acabou, a Natália e mais umas duas ou três miúdas que não me lembro quem são, foram ao palco e começaram a saltar e dizer o nome da Sónia. Ela avançou e foi abraçá-las. Pegou no microfone, agradeceu à Júlia em nome do centro comunitário e da Fundação e disse que todos iam dançar mais uma vez e que estávamos convidados e juntar-nos a eles. Eu e a Aurora enchemo-nos de coragem e lá fomos, mais umas poucas pessoas. Crianças sim, foram, mesmo os que pequeninos que só participavam no teatro. Vi a Aurízia, uma das pequenas que estava proibida de dançar pela mãe, não resistiu.

Quando o espectáculo acabou arrumámos as coisas e preparámo-nos para ir embora. Ainda nos juntámos com a Júlia para conversar sobre a peça, ela disse-lhes que na dança tiveram muito bem e que o teatro ainda tem que ser trabalhado um pouco mas que tiveram bem também. A Natália disse que tinha falado muito baixo, a Júlia disse que o mercado não é o melhor espaço para fazer, que se ouve muito mal, mas que podemos trabalhar isso também depois.

A Sónia perguntou se eu podia ajudar com as pequenas e eu fui. Disse-me que preferia ir à casa de banho de baixo, perto do parque de estacionamento, porque quando elas se estavam a preparar na de cima uma senhora tinha entrado e foi um pouco desagradável portanto ela queria evitar esse tipo de situações. Disse também que o segurança a seguiu a ela e às crianças

até à porta da casa de banho. As meninas foram-se despindo, tirei-lhes os ganchos da cabeça e quando veio a Sónia arrumou tudo na mala. Entrou uma senhora entretanto, para usar a casa-de-banho, a Sónia pediu-lhe desculpa pela confusão e a senhora disse “Ora essa”, acrescentando que é perfeitamente compreensível.

Todos despachados, o Paulo levou a primeira fornada, as crianças mais pequenas, de volta para o centro. Os restantes ficaram espalhados pelo espaço, muitos deles a subir e descer nas escadas rolantes. A Cristina deixou os sapatos dela espalhados junto às escadas enquanto descia e subia e eu para implicar disse-lhe que aquilo é tudo dela, é como se tivesse em casa. Ela estava ao telemóvel mas ouviu-me e riu-se.

Levei o Vitor, Isa e Cristina de volta ao centro no meu carro. Pedi-lhes que entrassem no carro enquanto eu ia pedir um recibo porque a Júlia disse-me para pedir recibo do pagamento do parque para entrar nas despesas do TOcaTodos. Quando regresssei ao carro o Vitor tinha música cigana a tocar no telemóvel. Telemóvel que é muito caricato porque só tem a carcaça, não tem capa nem botões. A Cristina disse que não sabe como ele consegue mexer naquilo, ele disse que enquanto funcionar, não precisa de arranjar outro. A primeira coisa que me perguntou foi se o carro dava 220km no máximo. Disse-lhe que sim e lembrei-me que o Floriano tinha manifestado o mesmo interesse na outra vez. Pedi-lhes que pusessem o cinto antes de irmos. Pelo caminho falou-se das actuações. Eu disse ao Vitor que afinal até lhe tinha corrido bem. Ele disse que no início ‘tava esquisito mas que depois passou. A Cristina mostrou-se contente com a sua actuação, disse que ficou cansada porque dançar sozinha custa. A Isa queixou-se dos pés, porque estava a dançar com uns saltos altos enormes, como todas elas.

Deixei-os no bairro. Lá na rua estavam o Paulo com o marido da Sónia. O Paulo disse-me que eu ia ter que levá-lo de volta ao mercado, então esperámos pela Sónia. As pequenas foram para a cozinha. Vi-as a pegar cada uma no seu croissant e num guardanapo e a saírem todas contentes.

Dia 38

***Data:** 2 de Abril de 2012*

***Local:** Centro Comunitário Horta da Areia*

***Assunto:** Visita ao centro comunitário*

Fui ao centro comunitário um bocado no fim da tarde para combinar uma coisa com o Paulo sobre uma surpresa para a Júlia, que funcionará ao mesmo tempo como avaliação do teatro e que se baseará na montagem de um filme com recolha de testemunhos dos miúdos sobre o teatro.

Ao entrar no centro comunitário estavam lá dentro três senhoras, uma que sei que se chama Carla, deve ter uns 50 e tal anos e é tendeira. É uma daquelas mulheres pequenas de estatura mas com uma personalidade forte bem demarcada na forma desprendida como fala e como se movimenta. A outra fiquei a perceber depois que é sua filha e tem o mesmo nome que eu. Aparenta estar algures na casa dos 20. Vestia um casaco comprido que não lhe escondia uma barriga de 5 ou 6 meses de gravidez. A terceira senhora é mestiça, aparenta ter uns 50 e tal anos.

As senhoras conversavam com o Paulo. A Carla reclamava por causa da habitação e apesar de ter entrado a meio da conversa entendi que o que se passava é que ela queria saber o que é que no centro podiam fazer para lhe arranjar uma casa para a filha. O Paulo dizia que isso não era com eles, é responsabilidade da câmara e que nesse aspecto eles nada podem decidir. Quando o telefone tocou e o Paulo teve que atender a Carla contou-me, sem que eu lhe perguntasse nada, um pouco da sua história: a filha, a Vânia, foi entregue a uma família quando era pequena, que cuidou dela. Entretanto ela cresceu, foi morar em Portimão e quando a vida se complicou e não conseguia pagar 400€ de renda de casa a mãe chamou-a para vir morar com ela. Entretanto a família foi crescendo e ela nunca seria capaz de pôr a filha na rua, mas acha que ela tem direito a ter uma casa para morar ali, porque é dali que ela é. Quando continuaram a conversa com o Paulo e o Pedro que entretanto interveio também, falou ainda de umas casas que estão a ser ocupadas por “uns gaiatos” que têm a música alta a noite toda que aquilo mais parece uma discoteca. Falou ainda dos “outros ali no outro lado” que é só vender droga e que a polícia não faz nada. Disse que o mal dela é não saber vender droga também, porque a vida está boa é para esses. Falou ainda de uma casa que aparentemente não está ocupada e que costumava pertencer a alguma família que entretanto comprou um apartamento. Disse que o homem lhe tinha dito que a casa ficava de reserva o que a estava a revoltar porque ali estava uma casa vazia e “enquanto umas e outras têm 3 ou 4 quartos” ela vive numa barraca e tem que pagar os empréstimos da carrinha e do carro que comprou para poder trabalhar. A conversa terminou com ela a dizer que era mesmo esta noite que ia ocupar a tal casa vazia e que queria ver quem é que ia tirá-la de lá.

Dia 39

Data: 5 de Abril de 2012

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Recolha de testemunhos sobre o teatro

Hoje fui ao centro comunitário para começar a gravar os testemunhos. Deixei o carro estacionado à porta do centro, já que estava a choviscar. Cumprimentei um homem que estava a trabalhar no arranjo daquela rulote do outro dia. A Carla apareceu depois, cumprimentámo-nos

e eu disse-lhe que a rulote estava a ficar com um ar arranjado. De facto estava. No outro dia não tinha percebido qual seria a utilidade daquilo, agora percebi que tinha ali um tacho redondo no balcão e que o mais era ser para fritar churros e farturas.

Entreí no centro. Só lá estava o Pedro. Logo a seguir a mim entrou uma senhora cigana e à porta vi uma carrada de putos pequenos. Fui à porta para ver se algum deles era do teatro. Sim, três das meninas eram e duas delas abraçaram-se logo a mim. Conteí-lhes logo que ia precisar delas e que íamos gravar um filme para fazer uma surpresa à Júlia. Quiseram logo entrar para começarmos a tratar disso. Fui buscar a máquina de filmar e fomos para a sala de ensaios para aproveitar a parede verde a azul que dava um bonito “pano” de fundo. O Pedro improvisou aí uma plataforma para apoiar a máquina com uma mesa daquelas para trocar fraldas. A irmã da Cristina, Alexandra, estava ali e antes de começarmos perguntou-me se podia ir a casa. Foi. Entretanto eu já tinha começado a gravar o testemunho das pequenas que mais do que falar do teatro delas só me queriam falar do teatro dos grandes, Minoria Doghetto. Falavam dos corações, da dança, do Márcio e da Natália... quando lhes perguntei o que aprenderam no teatro uma delas disse que aprenderam a ler e a escrever, o que causou algum riso no Valentim que tinha chegado entretanto. Quando gravei o testemunho das pequenas o Valentim mostrou-me um desenho que ele estava a fazer e que estava a acabar de pintar com lápis de cera. Era o desenho de uma lagarta toda sorridente e havia no desenho um sol, céu azul e erva verdejante. Disse-me que foi ele que fez. Eu fiquei na dúvida na altura porque estava tão bonito que mais parecia um daqueles desenhos que costumam ter impressos em cima da mesa para pintar. Ele insistiu que tinha mesmo sido ele a pintar. Eu olhei melhor e de facto todo o desenho estava feito e muito bem feito a lápis de cera. Depois disse-me que tinha começado a pintar o céu a azul mas tinha ficado muito carregado e queria que eu lhe dissesse como tinha que fazer. Eu disse para ele fazer assim como estava mas para carregar menos, que assim estava bem. Ele ficou a acabar de pintar e enquanto a Alexandra não chegava as pequenas quiseram ver as suas filmagens uma e outra vez. Depois perceberam que eu tinha mais filmagens na câmara e quiseram ver as outras filmagens que eu tinha.

Quando a Alexandra chegou perguntei se ela não tinha visto a irmã, Cristina. Disse que ela estava em casa mas que não podia vir porque estava a cuidar da outra irmã.

Pedi a ela e ao Valentim que se sentassem no banco para gravar. Perguntei se gostaram do teatro. Disseram que sim. Perguntei em seguida o que gostaram mais. O Valentim disse que gostou da peça dele, aquela do Márcio e da Natália. “E eu também” disse a Alexandra, que em seguida me disse que do teatro dela o que gostou mais foi da parte da Irina. E riu-se. Perguntei em seguida se se divertiram com o teatro. Disse que sim, o Valentim e que aprendeu a dançar hip-hop e muitas coisas. A Alexandra ria-se.

Filmei então o testemunho da Alexandra, Valentim e Ana que chegou entretanto. Quando a Ana chegou disse que estava na biblioteca e tinha acabado de ver a minha mensagem

no facebook. Perguntei-lhe se sabia da Filipa, Natália ou Márcio, disse-me que não. No testemunho deles a Ana é que falou. O Valentim ria-se e a Alexandra sorria com os ombros encolhidos, parecendo-me um pouco constrangida perante a câmara, talvez, mas depois mais à vontade. A Ana disse em poucas palavras que adorou a experiência, que foi bom para mostrar o que eles valem e para aprender a representar. Disse “Senti-me muito bem, como uma verdadeira atriz.”

Depois chegou a Natália. Eu tinha visto que ela tinha respondido no facebook que vinha. Quando chegou expliquei o que se tinha estado a passar e o que se pretendia. Ela pediu à Ana para fazer com ela e lá foi a Ana outra vez para o banco. Filmámos algumas vezes. A primeira não contou porque as pequenas estavam a fazer barulho. As outras foram um resultado dos pedidos da Natália que queria ver os filmes depois de gravar e depois dizia sempre que estava alguma coisa mal. Ou era o cabelo, ou não tinha falado como achava que devia, ou não tinha dito uma ideia que queria dizer... ela avisou-me que é perfeccionista e que preferia fazer outra vez. A Ana deixou-se levar e pacientemente lá foi gravando uma e outra vez, sempre a sorrir e sem reclamar de nada. Acho que acabou por ser produtivo, porque em cada filmagem saíram ideias novas.

A Ana repetiu por outras palavras algumas das ideias que já tinha dito, referindo sempre aspectos positivos do teatro, quer porque se tinha sentido bem, quer porque tinha sido uma experiência positiva. Disse que “foi uma experiência inesquecível”. Falou ainda de estarem juntos, que foi bom poderem estar juntos. A Natália disse que para ela “foi uma coisa especial”. Que puderam “mostrar o nosso valor”. Quis ainda transmitir a mensagem de que aprendeu com o teatro de que é importante seguir os sonhos e não desistir nem ir pelo que as outras pessoas dizem ou pensam, como diz a mensagem que deixam no fim da peça. Disse também que gostou mais de conviver com as pessoas, principalmente nas pausas, que era muito engraçado.

Quando lhes perguntei se gostavam mais dos ensaios ou apresentações das peças, disseram que de tudo e riram-se. Disseram-me que nas apresentações das peças se sentiam “como verdadeiras atrizes”, disse a Ana e “nervosa” disse a Natália. Também acham que no futuro se vão sentir mais à vontade para representar e falar em público. “Foi muito bom conviver uns com os outros e partilhar o nosso momento”(Ana) “Os nossos interesses” (Natália). Quando perguntei o que significa o teatro para elas, a Natália disse “para mim o teatro representa a realidade”. Para a Ana significa “representar sonhos e mostrar como temos algo por dentro para ser actores”.

Quando acabou o Valentim estava ao telemóvel e quando a Ana se sentou ao seu lado, segredou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Ela disse-lhe qualquer coisa e voltaram a segredar. No fim ele pediu-lhe para ela não contar a ninguém. Ela disse que não contava, para ele não se preocupar. Não tinha passado um minuto estava ele a sussurrar-me que tem uma namorada, para

eu não contar a ninguém. Depois mostrou-me uma foto dela no telemóvel. E outra em que estavam abraçados.

Dia 40

Data: 10 de Abril de 2012

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Ensaio de Teatro

Ao mesmo tempo que cheguei ao centro comunitário estava a Manuela a chegar com o pequeno Márcio, irmão da Filipa que participa no grupo de teatro dos pequenos. Dentro do centro, no corredor junto à janela do gabinete do Paulo, estava um rapaz jovem. O Paulo tratava de qualquer coisa no computador e ele parecia-me estar à espera. Passado algum tempo vi o Paulo a entregar-lhe um papel mas não fiquei lá portanto não sei do que se tratava.

Disse ao Pedro que a Júlia me tinha dito que ia por ali passar à tarde, então havia o perigo de filmarmos os testemunhos hoje. Ele pediu ao pequeno que fosse buscar a pequenada, os dali e os de lá do outro bairro, apontando na direcção sueste. Quando ele foi conversámos mais e acabou por me dizer que se calhar não vão apresentar em Portimão isso, mas noutra ocasião mais tarde, porque isso passou para quinta e a rapariga que vai fazer a edição não deve ter tempo. Disse-me que depois se faz isso com mais calma e que até se não for eu a recolher os testemunhos, pode ser outra pessoa. Entretanto cumprimentei a Sónia, que estava no outro gabinete. Estava a falar com a Manuela sobre gatos. A Manuela tem duas gatas que tiveram gatinhos e os de uma delas morreram todos, só ficou um. Da outra ficaram todos vivos e pelo que percebi a Sónia conhecia um senhor a quem ia ligar para ele ficar com os gatos. A Manuela disse-me que não consegue matar os bichos, mas que depois é uma chatice porque não sabe o que fazer com eles. Entretanto mudaram de assunto e acabaram por entrar no gabinete. A porta acabou por ficar encostada e ouvi-as a conversar, mas não me pus a ouvir sobre o que falavam, obviamente. Fui para a sala de ensaio, espreitei pela janela e lá fora vi uma carroça. Fui até à rua. Estava uma rapariga jovem, com uns vinte e tal anos, encostada às tábuas do pátio de entrada para o centro comunitário. De roda da carroça havia homens e crianças. Estava lá uma mulher também, de saia comprida. Todos eram ciganos. Um dos pequenos não tinha calças, calções ou cuecas. Andava de rabo ao léu e uma t-shirt vermelha no peito. Um rapaz tentava convencer um cavalo a passar na rua estreita entre as casas e o cavalo parecia resistir porque eu de vez em quando via-lhe a cabeça branca a aparecer entre as chapas das casas e ele recuava em seguida. Finalmente o rapaz convenceu-o a passar e vi que era uma égua branca, com aspecto de já não ser nova, com uma barriga saliente mas ainda assim a ver-se um pouco as costelas. Lembrei-me da minha Cigana cheia de vitalidade e energia, ao passo que aquela parecia uma

água paciente e talvez com o peso da idade a pesar-lhe nas patas. Começaram a arreá-la, o rapaz que a trouxe e um senhor mais velho. Puseram-lhe a cabeçada primeiro e no fim a carroça. Reparei que não usaram freio, apenas umas correntes no cabresto que apertam à volta da boca quando se puxa as rédeas, como as que normalmente se usa nos burros. Antes de acabarem de a aparelhar moveram a carroça e deixaram-na empinada em posição contrária à que estava. Aí vi que dentro da carroça estava um cachorro pequeno que tinha escorregado e tentava em vão subir de volta para a parte da frente da carroça. Era preto e mesmo de longe percebi que tinha no pescoço aquilo que me pareceu ser uma coleira vermelha. Quando começou a ganir por não conseguir sair de dentro da carroça um dos pequenos que por ali andavam foi buscá-lo.

Vi que uma corda a bater-lhe na anca serviu de “incentivo” para fazer a égua rodar e andar para trás em direcção à carroça, para poderem completar o processo de emparelhamento. Com a égua emparelhada e pronta a puxar a carroça, as crianças subiram e um dos rapazes deitou-se em cima das costas da égua a dizer: “A minha égua, a minha égua” enquanto lhe fazia festinhas envolvendo-a com os braços. O senhor montou a carroça e o rapaz que o tinha ajudado a emparelhar tomou o controlo das rédeas. Saíram a trote e para trás ficou uma mulher, talvez a mãe, calculo eu, a gritar para ele ir devagar, para parar quando chegasse à estrada. Repetiu a parte da estrada umas quantas vezes, mas eu ouvi os passos da égua na estrada num trote acelerado e não demorou muito estava a vê-los passar na estrada, no espaço vazio entre uma casa e o centro comunitário.

Entretanto o Márcio pequenino voltou com umas pequenas, uma delas a Sara que veio logo abraçar-me e dar-me um beijo. Com a mãe chegou uma outra ciganita que eu não tinha encontrado ali ainda e a Sara estava a dizer-me que costuma brincar com ela e eu percebi ela me dizer que a outra é sua tia. Achei curioso porque a outra é mais nova que ela. Mostrou-me os brincos, uns corações cor-de-rosa que disse que não têm ferro, são como uma tatuagem. Verifiquei e de facto eram dois autocolantes. Mostrou-me ainda as sapatilhas. Umas sapatilhas pretas. Perguntei-lhe e disse-me que são novas.

Entrámos e sentámos no banco no corredor. Depois chegou a Raquel e a irmã mais velha. A irmã da Raquel vinha radiante, disse que teve umas férias muito fixe na casa da avó. Chegou a irmã da Filipa também. O Pedro passou ali entretanto e deu ordem para que todos fossem para a sala de ensaio e se sentassem em silêncio. Eles foram mas o silêncio durou pouco tempo. Queriam saber se ia haver teatro. Quando lhes disse que não perguntaram o que é que eu estava ali a fazer, se ia fazer alguma coisa com eles. Eu disse que não, que estava só a fazer uma visita. Perguntaram porque é que o Pedro mandou chamá-las. Eu disse que não sabia a pensar para mim que até sabia mas que não se ia concretizar a ideia inicial para hoje, que era filmar os testemunhos. Entretanto a irmã da Filipa sorriu-me e disse: “Sabes siiim”. Quando o Pedro chegou sentou-se à volta da mesa connosco e muito descontraidamente começou a fazer-lhes perguntas, a dizer que amanhã começavam a escola e o curso.

A irmã da Raquel quis contar-nos qual era a roupa que ia levar vestida amanhã para a escola porque ia haver uma festa. Quis começar pelos pés. Ia levar umas botas pretas com o desenho de uma boneca branca com o cabelo preto para o ar. O Pedro perguntou se a boneca era a Pucca. Eu fiquei espantada pois não fazia ideia que havia uma boneca chamada Pucca, que sei agora, porque acabei de ver na net, que é uma boneca chinesa! Acho que as miúdas também ficaram porque durante uns segundos ficaram a olhar para ele em silêncio. A irmã da Raquel continuo a falar das botas pretas e da roupa e estava toda sorridente. Pareceu-me entusiasmada e claramente com muita vontade de nos contar. O Pedro, no seu ar sério mas que eu já sei que é a brincar, disse-lhe para ela ter atenção às botas que já está calor para usar botas e que ela deve começar a usar sandálias. Ela insistiu que ia levar botas pretas. E um vestido de “manga por aqui”, indicando no seu braço por debaixo do ombro, ou seja, manga curta. E uma blusa cinzenta de gola alta por baixo. O Pedro voltou a dizer-lhe que estamos quase no verão e que gola alta já não é aceitável. Ela disse que não era gola alta, indicando a manga curta e dizendo que ia vestir por baixo. Acho que ela queria dizer que ia vestir uma manga comprida por baixo do vestido de manga curta mas atrapalhou-se com as intervenções do Pedro. Eu perguntei-lhe que festa era essa que ia haver na escola e ela disse que não sabia, que a Isa lhe tinha dito. O Pedro disse para ela ter atenção porque não deve haver nenhuma festa na escola, se calhar é só o início do período lectivo e para ela ter atenção com o que ia vestir. Entretanto ele distribuiu uns packs com seis lápis de cor, um para cada um e disse para depois agradecerem à Júlia que ela é que tinha trazido. Entretanto chegou a Filipa. O Pedro perguntou se eles já tinham almoçado e a maioria disse que não. Deviam de ser umas três da tarde.

A Raquel veio perguntar-me, quando ele saiu da sala, se não ia haver teatro esta semana. Eu disse que achava que não. Ela disse que a Júlia tinha dito e que ela não tinha ido esta semana p’ra da avó por causa do teatro e que agora não havia teatro. A pequena Sara ao meu lado disse muito séria: “Temos que ter uma conversa com a Júlia”.

Entretanto entrou a Sónia. A primeira coisa que fez foi perguntar à Sara porque é que ela estava de pé na cadeira e mandou-a sentar-se. Corrigiu mais uma e outra coisa e os miúdos voltaram a ficar em ordem.

Quando regressou o Pedro trazia um bolo do futebol clube do porto. Trazia também pratos e um garfo. Pediu para eles irem passando os pratos uns aos outros. A Filipa sentou-se ao meu lado e já não me lembro o que aconteceu que perguntei-lhe se não tinha vindo de casa. Disse-me que não, que estava a “vadiar”, que tinha ido “ao chinês” com uma amiga. O bolo foi distribuído por todos, eu recusei porque os últimos dias foram críticos em termos de cometer pecados alimentares e sentia-me meio enjoada de doces. A Sónia que entrou entretanto não quis pelos mesmos motivos. A Manuela foi convidada a ficar e a comer também, mas antes de se sentar deu a informação de que tinha que ir comprar uns sapatos para a filha mais pequena,

porque amanhã começa a escola. Perguntou à pequena qual é o nº que ela calça. Ela respondeu-lhe 33. A Filipa disse-lhe que no chinês estavam sapatos baratos, a 4€.

Depois de comerem o bolo limparam a mesa e levaram os pratos e talheres para a cozinha. Enquanto experimentava canetas de feltro com ajuda da Filipa, para pôr de parte as que falhavam, a Sónia encetou a conversa sobre as colónias de férias. A irmã da Raquel perguntava porque é que a Sónia não a levava, que ela andava ali desde pequena e nunca tinha ido. A Sónia explicou que a mãe dela é que nunca a deixava ir, que não podia fazer nada. Ela insistiu que gostava de ir. A Sónia disse aos restantes para começarem a poupar um euro por dia até ao verão que era para a colónia. A Manuela disse-me, em conversa transversal, que às vezes as pessoas lhe perguntavam como é que ela deixa ir as filhas dela 5 dias para fora de casa, mas que ela deixa porque confia na Sónia e sabe que com ela as miúdas estão bem. Depois falou-se do inglês. O pequenito Márcio já sabia dizer as cores em inglês e *rabit* e mais umas quantas coisas que a Sónia lhe foi perguntando. A mãe disse que ele lá em casa às vezes fala inglês.

Entretanto a Filipa perguntou sobre sexta, Portimão. A Sónia disse-lhe que afinal vai ser quinta e que vamos logo de manhã, vai ser o dia todo e almoçamos no MCDonald's. A Filipa disse logo à mãe que ia precisar de dinheiro. A mãe disse que já tinha falado com a Sónia e que lhe ia dar 5€. A Filipa disse que podiam ser 10€. A Sónia disse que acha que ela vai ter que levar mesmo só 5€ porque já esteve a falar com a mãe dela. A Filipa disse: “Eu sei, eu ouvi” e a conversa ficou por aqui. Lembro-me de a seguir a Manuela perguntar à Filipa se ela sabia do pai. A Filipa disse que não sabia, que ele lhe tinha pedido para ela fazer umas sandes e que ela fez e ele foi-se embora. A Manuela disse que se calhar ele foi pescar. A Filipa disse que ele deixou a mochila e as canas. A Manuela encolheu os ombros franzindo a sobrancelha.

A seguinte conversa que me lembro de surgir em torno da mesa foi a do culto. A Manuela dizia que às vezes vão para o culto e depois dizem que são muito bons, mas em casa é só gritaria. A Sónia falou do caso da Raquel e irmã que não podem dançar, que a mãe delas veio falar com a Sónia, lhe pediu desculpa e disse que elas tinham que sair do grupo de dança. Disse que não concorda mas tem que aceitar.

Por fim, combinei com a Sónia quando poderia fazer o *focus* com os Minoria. O único dia possível é quinta, disse-me, de preferência não esta semana porque estive de férias e esta semana é para arrumar a sala de ensaios e fazer compras de material. A Natália é a única que não pode à quinta porque está no 7º ano e tem os horários diferentes dos outros. Ou quinta ou à sexta, na hora do teatro. Fiquei de falar com a Júlia e ver isso depois.

Quando saí a Sónia tinha acabado de recrutar a ajuda de todos para limpar a carrinha. Saíram para a rua todos saltitões com uns sacos de bolos nas mãos, que ela tinha distribuído por todos. Quando me despedi e fui embora, lá ficaram de roda da carrinha branca da Fundação.

Data: 12 de Abril de 2012

Local: Portimão

Assunto: Apresentação da peça “Namoro Proibido” no ???

Cheguei ao bairro às 10h da manhã. Numa das barracas estavam 3 homens ciganos sentados ao sol. Havia ao pé deles uma carroça com um cavalo castanho de porte pesado atrelado. Fazia vento e sentia-se um ar frio. O centro estava com a porta fechada, com a luz acesa. Ouvi logo reboliço lá dentro. Bati à porta e alguém que já não me lembro quem veio abrir. Já estavam lá todos, pareceu-me. A Júlia falava ao telemóvel, a Filipa e Sara estavam em frente ao espelho a maquilhar-se. Entrei na sala de ensaio onde estava o resto do pessoal. As raparigas tinham os cabelos arranjados, olhos maquilhados e lábios pintados. Vestiam as t-shirts amarelas com um *smile* do teatro. Riam-se e estava barulho lá dentro, o reboliço habitual dos dias de apresentação de peças. A Sónia quando me viu disse-me logo que estava capaz de matar alguém, explicando em seguida que teve que andar atrás da Cristina que não queria ir porque não tinha *leggings* para vestir. A Cristina sorriu. Tinha vestidas umas calças cremes elásticas e umas perneiras pretas. Saí da sala para o corredor. A Júlia desligou o telemóvel e cumprimentou-me. Disse em seguida que o Valentim não vem, que foi para a escola. Eu disse que é chato porque ele é uma personagem importante. A Júlia concordou e disse que a Filipa ou o Sérgio vão ter que fazer o papel dele. Mais tarde voltámos ao assunto do Valentim e perguntei se foram os pais que não deixaram, ela disse-me que não, os pais assinaram a autorização e tudo, só que ele foi à escola.

Ficámos à espera da Mafalda, que ia trazer as carrinhas da CVP. Enquanto esperávamos a animação manteve-se. O Sérgio, Márcio, Natália e Filipa passaram o tempo todo a implicar uns com os outros, tanto que a dada altura a Sónia, em nome de algum silêncio que já fazia falta, mandou a Filipa e a Natália para dentro do gabinete. Todos eles pareciam estar entusiasmados, a brincarem e mandar bocas uns aos outros. As mais calmas eram a Clara, Cristina e Sara. A Sara ia connosco só para assistir à peça, porque com a falta do Valentim havia um lugar vago. A Clara é calma por natureza, não costuma meter-se em grandes confusões e normalmente nem damos quase pela sua presença. A Cristina estava mais interessada no telemóvel, houve mesmo uma altura em que desapareceu e quando demos pela falta dela veio-se a verificar que estava fechada na casa de banho, a falar ao telemóvel.

Estava no centro uma senhora que eu ainda não tinha visto por ali, mas que percebi que é a senhora que faz a limpeza. A dada altura chegou um senhor com uma carrinha da Fundação, já estávamos nós atrasados e a questionar porque é que a Mafalda não chegava. Era um senhor alto de cabelos grisalhos. Vestia um fato. Entrou. A Sónia cumprimentou-o com um visível à vontade. O senhor andou por ali a rondar e a falar e depois foi com a senhora da limpeza buscar uma ou duas caixas de bolos que foram deixados na cozinha. Quando ele foi embora a Sónia perguntou quem é que tinha fome e não tinha tomado o pequeno-almoço. O Sérgio foi o primeiro a dizer que tinha comido mas que já tinha fome, o que nos fez a todos rir. O Sérgio está sempre com fome! A Natália disse que não tinha comido e que não tinha fome. A Sónia chateou-se com ela e a mania das dietas e mandou-a ir comer um bolo. Disse-lhe ainda que ai dela que ao almoço quisesse comer um hamburger, que ela ia comer uma salada com couve roxa e alface. O Márcio disse que salada é a comida preferida dele.

O Sérgio foi o primeiro a entrar na cozinha. Cada um deles escolheu um bolo. A Júlia comeu um também, assim como a senhora da limpeza que me perguntou se eu não queria, mas eu tinha tomado um bom pequeno-almoço e não me apetecia comer bolos de manhã.

Nas pirraças entre o Márcio, Sérgio e Natália, falaram das férias do verão. O Márcio disse que a Natália tinha dito que ia para Londres ter com a mãe mas que ela era mentirosa porque ele sabia que ela não tinha ido, porque ele tinha passado as férias com ela. A Natália não disse nada. A Sónia disse-lhe que ela não tem nada que contar sobre a vida dela, para ela guardar essas coisas para ela que os outros não têm nada que saber.

A dada altura uma senhora cigana bateu à porta. A Sónia disse-lhe que o centro estava fechado hoje. A senhora foi embora. Passado um bocado chegou um rapaz. Espreitou para dentro, disse qualquer coisa e foi embora. Todos começámos a rir porque foi engraçado. Depois, uma outra senhora, também ela cigana, apareceu à porta. A Sónia mais uma vez disse que o centro estava fechado e a senhora disse que só queria que a Sónia visse uma coisa sobre umas consultas. A Sónia aceitou o papel e disse à senhora que a consulta dela é amanhã e que a da filha é noutro dia que já não me lembro. Depois voltou a frisar que a dela é amanhã, para ela não se esquecer. A senhora aceitou o papel de volta e então disse, com um ar pesaroso: “Então e o meu Valentim, foi p’ra escola!”. Foi então que reparei nas semelhanças da senhora com o Valentim, sobretudo nos olhos, pela cor e formato um pouco rasgado do olho verde. Era a mãe dele. Disse ainda que assinou o papel e tudo e que ele deve ter-se esquecido. A Sónia

disse que ele não se esqueceu, que ele sabia que era quinta-feira e não quis foi vir, mas que depois ele logo vai ouvi-las. A senhora disse que dava para irem buscá-lo à escola, que ainda tínhamos tempo. A Sónia disse que não ia fazer isso, porque para já não o deixavam sair da escola assim e depois ela não tinha como justificar uma falta em que ele esteve lá e foram buscá-lo. Voltou a dizer que ele sabia e portanto não veio porque não quis. A senhora acabou por sair, agradecendo e dizendo que ele logo vai para a próxima.

E finalmente chegou a Mafalda. Eram quase onze horas. Fez-se a distribuição do pessoal pelas duas carrinhas. A Sónia disse que a Sara tinha que ir na mesma carrinha que ela, presumo que talvez porque disse aos pais dela que a mantinha debaixo de olho, como condição para ela ir. Os rapazes, Cristina e Clara foram numa carrinha com a Júlia e duas senhoras da CVP. Na outra carrinha fomos eu, Mafalda, Sónia, Sara, Ana, Filipa e Natália. A viagem começou logo animada, com a Mafalda a aumentar o volume da música e a Natália e Ana a dançar. Quando estávamos a chegar a Almancil a Ana e Filipa começaram a tirar fotos uma à outra com o telemóvel. Perguntei-lhes se elas queriam a minha máquina, disseram que sim e continuaram a sessão fotográfica.

Estávamos a passar por Lagoa quando parámos no semáforo e no campo à nossa direita estava uma manada grande de vacas castanhas. A Ana perguntou-me se aquilo eram vacas. Eu disse que sim. Ela sorriu e mantendo o olhar na manada disse-me: “Nunca tinha visto vacas a sério.” “São grandes não são?”, disse eu. “Sim”.

Chegámos a Portimão por volta do meio-dia. Fomos primeiro ao Museu para saber onde ficava e ir ter com o Paulo e Pedro que já lá estavam. Quando saímos das carrinhas os rapazes disseram que a Cristina tinha vindo ao telemóvel todo o tempo. A Júlia disse que ela ainda vai apanhar um cancro na cabeça e que qualquer dia temos que fazer uma peça sobre o uso do telemóvel.

O Paulo estava à porta a falar com o outro Paulo, o da CVP, coordenador do projecto + Próximo do qual a Mafalda faz parte e que no fundo é o projecto que paga os honorários da Júlia. O Pedro estava sentado num banco no lado direito e fomos ter com ele. O Paulo juntou-se a nós e a pedido dos Minoria aí tirámos a primeira foto. Alguém tinha sugerido tirarmos uma foto de grupo, mas a Cristina e Clara que estavam sentadas no banco, a Cristina ao telemóvel, não quiseram levantar-se. O resto do grupo tirou duas ou três fotos e depois eu disse para irmos tirar ao pé do rio, que era mais fixe. Fui para lá com todos menos Cristina e Clara que só se juntaram a nós depois. Junto ao rio tirámos fotos de grupo, fotos de pares, fotos individuais, todas resultado das sugestões e

dos pedidos deles. Quando olho para as fotos percebo que elas mostram diversão, sorrisos nas caras, espontaneidade... sempre que tirávamos uma foto eles queriam vir ver como ficava e por vezes as raparigas diziam: “Põe esta no facebook”. Há uma coisa que tenho vindo a reparar algum tempo que é na calma e tranquilidade da Ana e na facilidade como aceita as coisas. Houve momentos em que ela queria que eu lhe tirasse fotos individuais e havia sempre alguém que corria e se juntava a ela o que não me deixava tirar-lhe a foto que ela queria. Ela ria-se comigo e nunca reclamou ou afastou o pessoal. O Sérgio andava o tempo todo a dizer “Toma lá morangos”, completamente tipo disco riscado e ninguém reclamava com ele. O Márcio andava o tempo todo a implicar com a Natália e ela ria-se e ainda queria tirar fotos com ele. A Cristina e a Clara só começam a aparecer nas últimas fotos que tirámos.

Entre as brincadeiras deles e as fotografias que registam esses momentos, deu-me a sensação de que eles se divertem juntos e que cada um tem o seu feitio, mas que eles aceitam as suas diferenças muito bem. Por esta altura cada vez me faz mais sentido a ideia de que acima de tudo eles gostam de estar juntos. E se não é isso que as fotos que tirámos hoje mostra, então não sei o que será.

Ficámos a tirar fotos até o segurança vir de dentro do museu expulsá-los de cima de uma estrutura de ferro que estava à frente do edifício, junto ao rio. Era uma estrutura fortíssima e alta, mas por algum motivo o senhor achou que eles não podiam estar ali. Também estava na hora de almoçar, então fomos juntar-nos ao resto do pessoal que mantinham a sua posição junto ao banco e fomos todos almoçar no Acqua, o novo centro comercial de Portimão. No caminho a Mafalda já tinha perguntado o que é que o pessoal queria comer. Acordámos que íamos todos comer hamburgers. Ao chegar ao Acqua saímos das carrinhas, estacionadas no parque de estacionamento de fora e a nossa carrinha foi logo abordada por uma senhora velha que andava de canadianas e suplicava que lhe déssemos uma moedita que ela estava com fome. A Mafalda virou-se para a senhora e fez-lhe o encaminhamento, disse se ela tinha fome para ir à segurança social e por fim disse-lhe para ela chamar a polícia. A Sónia ficou tocada e as miúdas ficaram também a olhar para a senhora e acabaram por tirar uma bolacha de dentro da mala e dar-lhe. A Sónia disse que ela pôs a bolacha no bolso. A Mafalda, com quem eu entretanto já me tinha afastado em direcção aos outros que esperavam por nós à entrada do *shopping*, disse que aquilo era esquema. Quando voltámos a olhar para a mulher ela ia num passo acelerado até ao próximo carro que tinha umas pessoas lá ao pé, acabadas de chegar ou a preparar-se para abalar. As canadianas iam levantadas.

Antes de entrar no *shopping* reunimos todos lá fora e a Sónia chamou a atenção dos miúdos, disse que era para eles se portarem bem e não fazerem reboliço. Assim foi, fomos todos caminhando normalmente até ao último piso, zona da restauração. Chegados lá decidimos em conjunto que íamos mesmo ao McDonalds. Para os miúdos foi um BigMac, menu. Os adultos como não quisemos todos a mesma coisa fomos os últimos a ser servidos e enquanto esperávamos os miúdos foram arranjando lugar para comermos todos juntos, levaram as suas coisas para lá e foram-se sentando. Quando chegámos à mesa eles estavam sentados, calados e cada um tinha um tabuleiro à sua frente com a comida e bebida intocada. Esperaram por nós e só começaram a comer quando todos estávamos sentados e a nossa comida distribuída. Nós fomos comendo e conversando entre nós e quando acabei a refeição lembro-me de olhar para o lado e ver que todos eles tinham o hamburger inteiro à sua frente. Comentámos isso entre nós e perguntámos a eles porque é que não comiam o hamburger. A Natália disse que estavam a deixar para o fim para saborear melhor. Depois das batatas fritas comeram então o hamburger e depois disso foram comprar cada um o seu gelado. Só a Ana e Sara não comeram mais. A Cristina perguntou à Natália como se chamava o que elas estavam a comer. A Natália disse McFlurry. A Cristina disse que não sabia dizer isso, pedindo-lhe para ela vir com ela e a Clara pedir. A Natália foi.

Uma das conversas que surgiu durante o almoço ainda foi a das notas. A Júlia disse que a Ana era a única que não tinha negas. A Ana corrigiu e disse que a Filipa também já não, que levantou as notas. A Filipa sorriu mostrando-se contente. A Júlia disse que não compreende porque é que têm negas, que é bem mais fácil quando se tem boas notas porque os pais deixam fazer o que eles quiserem depois e não ficam de castigo.

Quando nos levantámos da mesa comentávamos sobre a dependência da Cristina que continuava muito vidrada no telemóvel. A Clara também. A Sara disse que a mãe dela (Cristina) não fazia nada. E que às vezes ela fica a noite toda a falar. A Sónia confirmou. Eu perguntei se ela no dia seguinte vai à escola, a Sónia disse-me que sim. A Júlia disse que um dia temos que fazer uma peça sobre o uso do telemóvel. A Natália disse que podíamos fazer sobre a bulimia e anorexia. A Ana concordou que era fixe.

Descemos as escadas rolantes. A Cristina e o Sérgio comentaram que “Dá medo”, porque as escadas são muito altas. Entretanto no caminho lembro-me da Sónia comentar comigo que é fácil sair com eles porque não é preciso estar sempre a vigiá-los. Eles circulavam normalmente, sem se afastarem ou sem grande alarido, apenas o

entusiasmo normal, penso eu, de um grupo de jovens amigos que estão num *shopping*. Quando a passar à frente duma papelaria que tinha algumas chichas miniatura na montra, todos se juntaram junto à montra. A Júlia estava com eles. Quando eu cheguei para ver o motivo de tanto interesse estavam a comentar sobre uns isqueiros que tinham folhas da marijuana desenhadas.

Quando chegámos à porta do centro comercial o Paulo, que tinha saído depois do almoço com o Pedro, estava escondido atrás duma máquina qualquer e pregou um susto à Cristina que vinha ao pé de mim. Depois disse qualquer coisa mas eu estava já a passar a porta e com o vento não percebi. Voltei para trás porque todos ficaram lá dentro e ouvi a Júlia a dizer que bem lhe tinha parecido que tinha sentido alguém atrás. Eu perguntei o que se tinha passado e o Paulo disse que o segurança veio atrás de nós até à porta. A Sónia disse descontraidamente que é normal isso acontecer sempre que vai com pessoal da Horta da Areia a algum lado.

Voltámos para as carrinhas e para o museu. Entretanto a Júlia já me tinha dito que íamos actuar no espaço do *coffee break* porque lá dentro do auditório tinham um palco ridículo que não dava para nada. Chegámos à porta do museu e mais uma vez a Sónia pediu ao pessoal para não fazerem barulho quando estivessem lá dentro. A Ana foi a primeira a entrar e nós ficámos um pouco mais para trás e vi uma senhora a falar com ela, ainda à porta. A Mafalda foi lá dizer quem eram e então a senhora abriu-nos a porta. Primeiro fomos à casa-de-banho e depois subimos as escadas para ver o espaço que nos tinham reservado para actuar. Ia ser no primeiro piso no patamar à saída do auditório. Quando subimos estivemos a ver como seriam os passos de dança e a ambientar-nos com o espaço. A Júlia decidiu que era melhor rever a peça porque não tínhamos tido um ensaio e já tinha passado algum tempo desde a última apresentação. Ensaíamos toda a peça uma vez, dizendo as falas em voz baixa e fazendo as danças sem música. Fizeram-se umas últimas correcções e estávamos prontos. Então o pessoal começou a retocar a maquilhagem e a preparar os figurinos. Ainda tivemos tempo para mais fotos de grupo, desta vez com a Júlia a tirar fotos à Ana e Natália, o Márcio a tirar fotos à Natália, eu a tirar fotos à Filipa e Sara e a todos os que estavam desprevenidos. O Sérgio aproveitou para jogar *PlaysFilipaon* (PSP).

A dada altura fomos à entrada do auditório para ver o que se estava a passar. Entretanto entrou uma senhora que queria ir para a sala e quando nos viu parece ter ficado meio atrapalhada, pediu desculpa, ia dar meia volta e disse que entrava pelo outro lado. A Júlia disse que ela podia passar e disse obrigada e lá entrou. Entrelhámo-nos

sem perceber muito bem o porquê de tanta hesitação quando bastava pedir licença para passar.

Voltámos para fora e passado um bocado a Júlia disse que faltavam vinte minutos para actuar. Explicou-nos que o Paulo da CVP ia apresentar o projecto e que depois ela ia apresentar o grupo e a seguir as pessoas saíam para fora e nós actuávamos. Quando foi a vez de começar a apresentação sobre o projecto nós fomos ver. Primeiro fui eu com a Júlia e a Ana. Depois o resto do pessoal juntou-se a nós, sentados na última fila. Quando passaram umas imagens do bairro, num filme que fizeram para a apresentação, a Filipa e a Sara fizeram ou disseram qualquer coisa que as fez rir e tiveram que sair. Reparei que umas senhoras algures no meio da sala ficaram a olhar e depois comentaram alguma coisa. E voltaram a olhar quando elas voltaram a entrar. No fim do documentário saímos e a Júlia tinha-me pedido para fazer um exercício de concentração com eles enquanto ela apresentava o grupo lá dentro. Saímos e pedi ao pessoal que formassem um círculo. Disse-lhes para respirarem fundo, para se concentrarem, que estávamos ali para nos divertir e se acontecesse alguma coisa de se esquecerem ou enganarem para agirem como se nada se passasse. A Ana completou, dizendo “Improvizamos”. Fiz o que a Júlia tinha feito quando apresentámos a peça na universidade, no fim pedi que juntássemos todos as mãos ao centro e que gritássemos Minoria do Gueto, sabendo eu que se ia ouvir lá dentro. Eles gritaram bem alto e as senhoras no rés-do-chão mandaram-nos calar, mas já estava feito.

A peça decorreu sem enganos tirando o facto de que era uma sala nova para nós, um espaço diferente no qual não tínhamos ensaiado como devia de ser. Na parte do suposto beijo da Gabriela e do Bruno eles deviam de se ter virado para o público e no final quando fizemos os agradecimentos também tive que os redireccionar pois estavam virados para as escadas onde não estava ninguém, mas são coisas que acontecem. Quando estavam na dança nº 2, a parte em que o Márcio fazia o seu solo, olhei para ele e vi-o respirar fundo antes de ir lá e fazer os passos. Quando ele fez, na filmagem vê-se, há uma senhora que tem uma bebé ao colo que ficou de boca aberta.

A seguir à apresentação foi o *coffee break* e pudemos descer e petiscar qualquer coisa. Ainda fiquei lá em cima um pouco e o Paulo veio perguntar o que é que eu tinha achado da parte da Horta da Areia no filme que eles tinham passado. Eu disse-lhe que estava curta, relativamente aos outros bairros que tinham sido mostrados. E estava. Focaram-se muito mais tempo nos outros bairros do que na Horta. Além disso, nem mostraram o grupo de teatro, só falaram dum senhor que comprou uma roulotte de

faturas através do microcrédito. E no entanto, éramos nós, o grupo de teatro, que estava agora ali a dar a cara pelo bairro. Até a Ana comentou que só apareceram numa foto pequena.

Quando desci a Ana chegou ao pé de mim e disse: “Uma senhora disse-me que gostou muito da nossa peça. Nunca tinha ouvido elogiarem alguma coisa que eu faço.”. Disse-me isto a sorrir e percebi que gostou do ouvir aquilo. Fui petiscar qualquer coisa e quando me juntei ao grupo eles comentavam os elogios que algumas pessoas lhes tinham dado. Veio ainda, quando ali estávamos, uma senhora da CVP que tinha vindo connosco na carrinha e disse-nos, dirigindo-se sobretudo a eles pois era para aí que o seu olhar estava direccionado, que gostou muito do que viu e que está muito bonita a peça. Eles agradeceram em unísono.

Quando chegou a hora de ir embora, estávamos a chegar à carrinha e com o vento umas folhas duma senhora que estava a participar no seminário e que por acaso eu e a Júlia conhecemos, tinham voado. Ainda antes que a cumprimentássemos já o Márcio e o Sérgio tinham ido ajudar a senhora a apanhar as folhas espalhadas pelo chão. Ela agradeceu-lhes e disse ainda que gostou da peça que apresentámos.

Na altura de entrar nas carrinhas o Sérgio e o Márcio disseram que queriam ir na nossa carrinha porque a outra era uma seca. E claro, houve brincadeira o caminho todo. Eu como me tinha mudado para a frente pois os lugares atrás ficaram todos ocupados, ia a conversar com a Sónia e a Mafalda e de vez em quando a Mafalda queixava-se que a carrinha estava a abanar de mais, para eles estarem quietos. A Sónia também os mandou calar umas quantas vezes. Mas não serviu de nada, eles estavam simplesmente demasiado divertidos para estar quietos. Já no último traçado do percurso lembro-me de ter olhado para trás e vi que a Natália, enroscada nela mesma e com a cabeça encostada ao vidro, já estava a dormir.

Dia 42

Data: 13 de Abril de 2012

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: Visionamento de vídeos e fotos

A Júlia decidiu aproveitarmos a tarde de hoje para ver fotos e filmes. Eu disse-lhe que levava tudo o que tenho também e aproveitava para lhe entregar essas coisas. Quando cheguei já estavam lá a Clara, Natália e o Sérgio, que foi quem me abriu a

porta. Estavam também a Júlia, Sónia e Pedro. Eu e a Júlia montámos os computadores e a Júlia começou a mostrar-nos fotos que tinha tirado em 2010, ainda eu não estava no grupo e eles eram muito diferentes e mais crianças. Mostrou também filmagens. Vimos uma filmagem de um casamento em que o Márcio e a Filipa faziam de noivos. Aparecia a Filipa vestida de noiva a casar com o Márcio e no fim dançavam. A Natália fartou-se de rir e de dizer “Que horror” referindo-se a como eram diferentes. O Sérgio e a Clara também apareceram nas filmagens algumas vezes. O Sérgio estava sentado ao meu lado e ria-se, a Clara, mais discreta lá atrás, quando apareceu a cantar disse à Júlia para cortar aquilo, mas estava também a sorrir enquanto olhava. Entretanto a conta gotas chegaram a Filipa, Ana e passado algum tempo o Valentim que disse que não sabia da apresentação ontem, que a mãe não lhe tinha dito. A Sónia disse “Então a tua mãe é mentirosa”, explicando-lhe que não foi isso que ela nos disse ontem. No fundo acho que tudo ficou meio por esclarecer, a palavra do Valentim contra a da mãe. A Sónia disse que o problema dele é que no teatro não tinha a namorada. Mais tarde, quando ele se foi embora porque disse que lhe aborrecia estar a ver fotografias, a Sónia comentou que ele não está connosco, que está num mundo só dele.

Quando a Filipa chegou a primeira coisa que a Natália lhe disse foi para ela não ver as filmagens. A Filipa quis saber porquê. Qualquer coisa como “porque ‘tavas bué diferente” ouviu-se e a Natália continuou a falar de como a Filipa tinha o cabelo e de como ela própria era gorda e estava mal vestida em determinado dia. Às tantas a Filipa acabou por dizer: “Não quero ver”, mas depois veio perguntar-me a mim se eu tinha as fotos do dia anterior. A Sónia diz que realmente elas estão diferentes desde que começou a arranjar-lhes os cabelos e a maquilhá-las.

Antes de irmos para a televisão ver as filmagens e fotos de Portimão falou-se da possibilidade de apresentar a peça na escola deles. A Sónia disse que queria apresentar também as danças ciganas e perguntou-lhes se eles tinham vergonha de dançar danças ciganas na escola. A Filipa, Valentim e Clara disseram que sim. O Márcio também disse que na escola dava vergonha apresentar o teatro porque as pessoas o conhecem, mas passado um bocado disse que não se importava de apresentar. Este assunto ficou então por decidir.

Para ver o filme da apresentação da peça em Portimão o Márcio, a Filipa e o Sérgio deitaram-se no chão em cima do tapete e a Ana e Natália ficaram no banco. O Valentim, que ainda não se tinha ido embora, ficou atrás de mim sentado na cadeira, com a Clara ao lado. O visionamento do filme permitiu-nos ver o que tínhamos feito

menos bem. A Júlia chamou-lhes a atenção para se virarem sempre de frente para o público. O Márcio disse uma parte que não gostava de fazer. A Júlia disse que podemos mudar depois. A Sónia disse que temos que trabalhar mais a peça, ficar mais seguros. A Júlia concordou que têm que ter mais expressão corporal, sobretudo na dança e que podemos trabalhar tudo isso depois.

Entretanto umas quantas pessoas foram bater à porta do centro. Uma rapariga porque queria um creme para pôr nos lábios que estavam secos, um homem que não sei o que queria... a verdade é que durante as idas da Júlia e da Sónia à porta disseram que estava a haver reboliço no bairro com a polícia. Alguém disse que tinham era por causa do irmão do Márcio. O Márcio encolheu os ombros e disse que quando foi a casa deixar a mochila a polícia estava lá mas não sabe o que se passava. Continuámos a ver as fotos de Portimão que eu lhes tinha tirado. A Júlia disse que eles parecem uma banda importante a tirar fotos para revistas ou a capa de um cd. Eles pareceram divertir-se a ver as fotos, riram, fizeram críticas aos “beijos” e poses da Natália, elogios à fotogenia da Sara e brincaram com a Clara e Cristina que não apareciam em quase fotos nenhuma porque estavam entretidas com os telemóveis. Recordaram entre eles o que se estava a passar quando tiraram cada foto. O Márcio disse ainda, por causa das fotos em que aparece com a Natália que não são poucas, que ela está sempre a implicar com ele mas depois não o larga. Eu disse que tem que se dizer que eles ficam muito bem juntos. A Sónia disse que eles têm química.

Quando as fotos de Portimão chegaram ao fim, começaram a passar fotos do ensaio geral do teatro dos pequenos. O Sérgio começou a reclamar a dizer que aborrecia ver fotos que não eram deles e a pedir para ver mais deles mas estava na hora e tivemos de ir embora. Quando saímos fiquei ainda a falar com a Júlia que me falou da importância que as fotos têm para eles, porque são a construção de uma imagem colectiva positiva que eles não têm. E que eles dizem que não querem ver e que não gostam das fotos de como eram antes, mas que no fundo se divertem a ver e faz-lhes bem. Disse que eles não têm fotos de família guardadas como a maioria de nós temos e portanto é algo importante para eles, porque têm famílias cheias de problemas e estes momentos passados em grupo são momentos felizes, talvez os únicos.

Dia 43

Data: 20 de Abril de 2012

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Hoje só fui à Horta da Areia porque tinha pensado que não passava de hoje a marcação do focus com os miúdos. Sentia-me com dor de cabeça, corpo esquisito, cheia de frio e com vontade de ficar em casa. Cheguei já passavam uns dez minutos das 5 da tarde. Quando bati à porta o Paulo que estava no gabinete abriu. Disse-lhe um “Alô” que me custou um “Estás ao telefone para estares a dizer alô?” e a seguir cruzei-me com o Pedro que também me cumprimentou. Fui logo para a sala de ensaio porque não me apetecia muito conversar. Quando abri a porta a primeira coisa que senti foi o cheiro a cabeleireira que significava que alguém tinha estado outra vez a arranjar o cabelo. E claro, quando entrei na sala vi a Natália a alisar o cabelo. Disse boa tarde e meti-me com ela. Ela riu-se e mostrou-me a franja que está maior. Depois das tesouradas valentes que lhe deu aquela franja tem sido um desafio constante para ela. O Sérgio e o Valentim estavam sentados à mesa assim como a Clara. A Clara estava calada e sossegada como é costume. Vi também a Júlia e uma rapariga mulata que já conhecia de vista da universidade e como elas estavam a fazer qualquer coisa junto à televisão e não deram por mim achei por bem não as interromper. O Valentim disse que queria pintar um carro, referindo-se aos desenhos que costumam estar disponíveis para pintar na mesa dos pequenos. O Sérgio acrescentou que queria pintar o Faisca McQueen que não sei como se escreve. O Valentim pediu-me para ir buscar um desenho à mesa, se fazia favor. Eu fiz e trouxe o do Sérgio também. O Sérgio começou a pintar o seu carro de amarelo todo muito bem pintadinho. O Valentim disse que era para fazerem uma corrida e ganhava quem pintasse mais rápido. Começou a pintar tudo fora das linhas e eu disse-lhe que ganhava quem pintasse mais rápido dentro das linhas o que ele discordou. O Sérgio continuou a pintar calmamente o seu Faísca Macqueen amarelo mas não demorou muito estavam os dois a riscar e não a pintar o que me fez chamar-lhes a atenção e dizer que estavam a estragar a folha e que se era para fazerem desenhos abstractos mais valia usarem uma folha em branco. A Júlia entretanto, com a tal rapariga, veio para a mesa e cumprimentou-me. Tinham uma chave de fendas e pousaram o leitor de dvd em cima da mesa. Enquanto desapertavam os parafusos a Júlia fez as apresentações, dizendo-me que a Márcia está a tirar a licenciatura em educação social e vai fazer as filmagens do “Namoro proibido”, o filme. A mim apresentou-me como a “infiltrada” que está a fazer um trabalho para o mestrado tb em educação social. A Márcia falou-me um pouco de si, disse que fez o curso de Artes visuais e agora está a

tirar Ed. Social. Mais tarde fiquei a saber que já viveu ali no bairro, quando falava com a Ana e lhe disse que vivia “ali atrás”. Também percebi que conhecia os irmãos de alguns dos miúdos pois a dada altura disse que o Sérgio é igualzinho ao irmão em termos de feitio. Disse que os conhecia a todos mas que ainda não tinha visto o Valentim nem a Clara. Acho-a uma rapariga marcante de alguma forma. Tem fisicamente um ar duro e uma voz grossa e marcante. Tem uns olhos escuros com contorno preto de lápis e o cabelo encaracolado solto. Vi também uma tatuagem no braço com uma frase escrita em inglês que dizia qualquer coisa sobre sobrevivência ou resistência, já não me lembro. Lembro-me porém que era uma mensagem forte. A dada altura a Clara perguntou-lhe se aquilo [referindo-se à tatoo] era caneta ou tinha sido feito com agulha. Ela disse com agulha e quando a Clara lhe perguntou o que estava ali escrito limitou-se a dizer que era “uma frase em inglês”. Perguntou à Clara se ela sabia ler em inglês. A Clara disse que sim e a conversa ficou por ali.

Bom, mas antes de tudo isto acontecer o Valentim continuava a riscar a folha. A Júlia repreendeu-o enquanto continuava a tentar tirar o CD de dentro do leitor de DVD pois este aparentemente tinha ficado entalado algures e não saía. A Ana chegou. Passou a porta, deu um salto em frente e aterrou com os braços para cima, as pernas e disse qualquer coisa como “Tcharã”. A Cristina veio a seguir e sentou-se puxando a cadeira bruscamente. Não me falou. Eu fiquei a observar o que a Júlia estava a fazer com a Márcia até que tiraram o cd. Depois fui ao pé da Cristina, pus-lhe as mãos nos ombros e disse-lhe “boa tarde ou preciso de te telefonar para me falares?”. Ela reagiu com uma risada. Passado um bocado começou a ouvir-se música cigana vinda do seu telemóvel pousado em cima da mesa.

Com o leitor de dvds no lugar, a Júlia dirigiu as suas atenções para a sala novamente. O Valentim continuava a riscar a folha que já tinha passado de branca para castanha cheia de riscos. O Sérgio também tinha desistido de pintar o seu desenho e estava também ele a riscá-lo. A Ana estava sossegada como a Cristina e a Clara. A Natália ainda estava a alisar o cabelo e depois levantava-se, molhava a franja e voltava para a sala. A Júlia perguntou de quem eram aqueles lenços que estavam no chão e mandou apanhar. Chamou a atenção do Valentim e Sérgio por causa dos desenhos e fê-los lembrar dos efeitos que aquilo teria se a Sónia soubesse. A Sónia não estava pois já tinha saído. Eu reparei que a mesa já estava riscada e disse ao Valentim que era melhor ele ir limpar aquilo. Ele foi buscar um pano e limpou, levou o “desenho” e disse à Júlia que os papéis do chão não tinha sido ele, eram “deles”. A Júlia disse “Mas este papel é

teu” apontando para um guardanapo enramalhado que estava em cima da mesa onde ele tinha estado. Ele disse que não era dele, que tinha deitado o dele fora depois do lanche. A Júlia insistiu que não sabia de nada, estava na mesa dele e era para ele pôr no lixo. Ele pôs.

Entretanto chegou a Filipa e pouco depois o Márcio. Estávamos todos à volta da mesa por indicação da Júlia, porque a Márcia tinha umas coisas para nos dizer. A Ana tinha-me dito que achava que hoje íamos para a escola filmar e perguntou se era verdade. Eu não tinha ouvido falar de nada e foi isso que lhe disse. O Paulo entrou mais ou menos por esta altura e lembro-me que o Sérgio estava a implicar com a Natália e com o Valentim. A Júlia já tinha separado o Valentim dele, mas este tinha acabado por se ir sentar novamente ao pé dele e a conversa continuava. A Júlia disse que os pequenos, na parte da manhã, tinham-se portado muito melhor do que eles se estavam a portar agora à tarde. Depois chamou a atenção do Sérgio, que ele tinha querido ir para o grupo dos grandes porque estava farto de criancices e queria fazer teatro e apresentar, mas que agora que ali estava só estava a desestabilizar. O Sérgio à maneira dele, com a testa franzida e um ar amuado, lá foi rezingando e às tantas disse que se ia embora. A Júlia disse qualquer coisa como “então vai” e passado mais um bocado de conversa séria, ele acabou por se levantar e sair porta fora. A Márcia começou a explicar sobre como seria o processo de filmagens do filme. Explicou que vamos ter que filmar várias vezes a mesma cena e que será filmada de planos diferentes porque depois isso vai ser tudo editado para dar o filme final. Enquanto ela explicava ouviu-se bater à porta. O Paulo foi abrir. Passado um bocado o Sérgio entrou e meio a sorrir sentou-se de volta no seu lugar com o olhar cabisbaixo. Todos achámos graça à situação. O Paulo lembrou-o de qualquer coisa que tinham combinado como condição para ele voltar e então ele disse em voz alta: “Desculpem”. A Márcia continuou a explicar as coisas com as interrupções normais o que levou algum tempo.

Ficou decidido que íamos já fazer uma filmagem ali mesmo naquela sala para eles perceberem como funcionava. Também ficou decidido que íamos filmar o dia todo, na sexta-feira. A Ana perguntou em que sítios íamos filmar. A Márcia perguntou-lhe em que sítios se passa a peça. A Ana respondeu na escola. A Júlia acrescentou que vamos filmar na escola e que vamos ter também um autocarro que vamos ter que encher com gente portanto eles podem convidar família e amigos. O Paulo disse que vamos ter também uma sala de dança. A Ana olhou para mim e lembro-me de lhe ver um sorriso que me deu a sensação de que estava entusiasmada.

O Paulo acabou por ir-se embora. Antes de desmobilizar o pessoal e aproveitando que estávamos sentados em círculo, mais ou menos concentrados, pedi um minuto à Júlia para falar do grupo de discussão com eles. Lembrei-lhes o que tinha falado na primeira vez que estive com eles, que estava a fazer um trabalho para a universidade sobre o bairro e o teatro. Disse-lhes que quero fazer com eles uma coisa que se chama Grupo de discussão e expliquei-lhes que é uma conversa para termos todos juntos em que não há respostas certas nem erradas e que lhes vou fazer algumas perguntas sobre o bairro e sobre o teatro. Acrescentei que me interessa saber a opinião deles sobre estes assuntos e que é muito importante para mim ouvir o que eles têm para dizer. Pedi que me dissessem quando achavam que podia ser a melhor altura para o fazer porque eu queria fazer na semana que vem. Eles começaram a falar entre eles. Alguém disse sexta mas dissemos que não porque é as filmagens. A Ana disse quinta. A Natália lembrou-se então que quer entrar para o softball ou qualquer coisa no género, onde os rapazes andam que é à quinta-feira. O Sérgio começou a reclamar e eu não ouvi bem porque a Ana me estava dizer qualquer coisa e só ouvi depois a Júlia dizer que podem fazer uma equipa de raparigas e uma de rapazes, que o professor é que sabe. Perguntei então a que horas é que eles poderiam estar na quinta e no meio da confusão lá saíram as 4 horas. Disse-lhes então quinta às 4 ali no centro e rapidamente o assunto ficou encerrado, o que me deu a sensação de que no meio daquilo tudo era bem capaz de eles se irem esquecer.

Continuámos com o assunto das filmagens. A Júlia ficou a pensar que cena poderíamos fazer ali na sala. Uma cena onde entrassem todos e poderia até ser uma cena inventada porque no filme podíamos mostrar mais coisas, disse. Como o meu telemóvel começou a tocar saí da sala para atender porque com a algazarra que estava sabia que não ia conseguir ouvir nada. Quando saí da sala sabia que estava barulho mas sinceramente como estava concentrada a pensar na cena poderíamos criar ali na sala nem reparei quem estava a implicar com quem. Depois do telefonema voltei para a sala. Tinham passado uns 2 minutos, não mais do que isso. Na sala vi todos de pé. A Márcia estava em cima do Sérgio segurando-o com o joelho. O Sérgio estava estendido no chão. A Júlia estava a agarrar no Márcio e a puxá-lo para trás. A Natália estava toda descabelada ali ao lado de toda aquela confusão. Na sala estava um silêncio daqueles, como se um vácuo tivesse roubado o som. Depois ouvi a Márcia dizer ao Sérgio para ele se acalmar que ela ia largá-lo. Ele levantou-se ainda com ela a encosta-lo bruscamente ao armário. Ele disse umas quantas palavras contra a Natália e esta

respondeu-lhe com uma voz grossa e um tom sério que eu nunca tinha ouvido antes e veio pôr-se ao lado da Cristina e Ana enquanto ajeitava a blusa e o cabelo. Perguntei à Ana, ao meu lado, o que se passou. Ela disse, no seu ar calmo de sempre que me fez ter a sensação de que nada se tinha passado, que o Sérgio e a Natália tinham começado à porrada. A Márcia levou o Sérgio para a rua. A Júlia disse que aquilo era inadmissível. Chateou-se com a Natália porque reagiu assim e com o Márcio porque com o Sérgio estão sempre a picá-la. O Márcio defendeu-se e disse que a culpa não tinha sido dele, que até foi ajudar a Natália. A Júlia acabou por acrescentar, quando a Márcia voltou, que a Natália não tem desculpa pelo que fez mas que também é verdade que o Sérgio está insistentemente a picá-la e que ela tem tido muita paciência. Informou a todos que vai contar ao Paulo e à Sónia e que aquilo vai ter as consequências que eles os dois decidirem. Disse que eles podem fazer o que quiserem lá fora, mas ali dentro não e eles sabem disso e portanto têm que ser responsabilizados.

Acalmados os ânimos fomos então para as filmagens. Decidiu-se que se ia criar uma cena de sala de aulas com os dois grupos (hip-hop e ballet) juntos na aula e que depois a aluna nova chegava e sentava-se ao lado dos do ballet. Eu fiquei de fora por decisão da Júlia. Ainda bem, pensei eu, que continuava a sentir-me fisicamente esquisita e assim pude sentar-me tranquila a observar. A Júlia fez de professora.

Foi um momento interessante de ser ver. O grupo estava tranquilo. A Natália tinha ido até ao espelho retocar o cabelo e perguntou-me se a franja estava bem. Mostrou-me uns cabelos curtos que a Sónia tinha cortado e perguntou-me se se via. Eu disse que se via cada vez que ela levantava a franja mas que se a deixasse estar para baixo não se percebia nada. Ela acabou por atar o cabelo deixando só a franja solta. Fizeram umas quatro ou 5 filmagens da cena. 1º a cena normal. Depois noutra perspectiva. Depois dois takes da Natália a entrar. A seguir um close-up das expressões faciais que o grupo do Hip-hop fazia para mostrar desagrado em relação à aluna nova.

Antes de entrar em cena a Natália estava sentada ao meu lado e comentou comigo que a última aula de cinema dela foi uma seca. Eu perguntei-lhe se tem cinema na escola. Disse que sim. Perguntei se gosta. Disse que sim, mas voltou a dizer que a última aula foi uma seca.

Quando terminaram de filmar quiseram ver o resultado. Enquanto a Márcia rebobinava a cassete a Júlia falou um pouco de como tinha corrido de manhã. Disse à Ana que a irmã dela tem muito jeito. A dada altura lembro-me da conversa verter para presunções sobre as consequências de fazerem o filme. A Júlia disse que depois

podíamos apresentar o filme ali no bairro e fazer uma sessão de cinema com pipocas. Ana alinhou na conversa e falou sobre darem autógrafos, serem famosos e por aí adiante, mostrando-se entusiasmada com a ideia da rodagem do filme e da ideia de, pelas suas palavras, “ser artista”.

Com a cassete rebobinada rapidamente se percebeu que não dava para vermos tofos aquilo no pequeno ecrã da máquina de filmar, portanto a Márcia ligou os cabos à televisão e aí vimos. Quando a imagem apareceu na televisão, a câmara captou a imagem deles sentados no chão. Isso gerou murmurinho e a Márcia, que estava a tentar explicar-lhes como ia funcionar o processo de montagem e mais uma vez o porquê de terem que fazer tantos takes de cada cena, teve que virar a câmara para a parede. Vimos as filmagens e depois a Márcia, porque lhe perguntaram quanto tempo ia demorar a fazer o filme, explicou que muito tempo e começou a falar que cada take tem 25 segundos, etc, etc. A Natália disse que nas aulas de cinema aprendeu que são 24 segundos. A Márcia disse que é à volta disso, aqui na Europa e depois começou a explicar-lhes a diferença entre o modelo europeu e o americano. Eles ouviram durante um bocado, mas terminada a explicação principal voltaram à brincadeira entre eles.

A Júlia deu indicação para que fechassem as persianas da sala e depois saímos para o corredor. A Filipa, Natália, Ana e Márcio andavam a brincar uns com os outros. O Valentim queria ver o tal cd que a Júlia tinha que ficou preso no leitor e que não sei o que tinha, mas penso que fotos ou filmagens do interesse dele. A Júlia tentou no gabinete de atendimento e depois no do Paulo mas não conseguiu mostrar-lhe. Sinceramente não me lembro da Cristina e da Clara, não sei se por esta altura já tinham saído para a rua ou o que estavam a fazer. É que elas são tão recatadas ultimamente, sobretudo a Clara, que acabo por focar as minhas atenções muito pouco nelas.

Acabámos por sair. Aproveitei para relembrar de quinta-feira. A Filipa, Ana e Natália confirmaram-me. O resto não sei, vamos ver. Um ou dois dias antes mando mensagem pelo facebook a relembrar e a pedir para se avisarem uns aos outros.

Dia 44

Data: 24 de Abril de 2012

Local: Sem local

Assunto: Conversa com a Júlia e outros assuntos

Encontrei-me com a Júlia ontem. Ela disse-me que já falou com eles no centro a informar sobre o que se passou e que não sabe se vai haver filmagem sexta-feira, nem se eles vão participar numa actividade proposta pela Ana Baião, na Universidade do Algarve, a 21 de Maio. São dois dos possíveis castigos a aplicar, mas a equipa de técnicos do centro é que irá decidir isso.

Enviei, também na segunda, mensagem à Sónia a avisar do GD na quinta para ela tomar conhecimento e avisar os colegas.

Dia 45

Data: 26 de Abril de 2012

Local: Centro Comunitário Horta da Areia

Assunto: 1ª tentativa de fazer Grupo de Discussão

Quando cheguei ao centro estava lá dentro uma senhora cigana que carregava o filho pequeno sentado na sua cintura e que saiu ao mesmo tempo que eu estava a entrar. Disse-lhe boa tarde e não a ouvi dizer-me nada o que foi estranho porque foi a primeira vez que alguém dentro do centro não me falou.

A Sónia entrou no gabinete enquanto eu cumprimentava o Paulo. Estava a falar ao telefone e não demorei muito tempo a perceber que falava com a Júlia e que falavam sobre o castigo de não haver teatro. Acontece que no início da tarde eu tinha recebido uma mensagem da Júlia a dizer que o teatro ia ficar suspenso até dia 14 de Maio por motivos profissionais e que de qualquer forma tinha que se fazer uma reavaliação da actividade. Eu sabia que a mensagem se devia ao motivo de durante duas semanas a Júlia ir à França a trabalho, mas sabia também que o facto de não irmos filmar na sexta, enquanto a Júlia ainda estava cá, fazia parte do castigo pelo comportamento da última sessão. Mas com a conversa da Sónia percebi que tinha havido novamente alteração de planos.

Quando ela desligou o telefone disse-me logo que não sabia se eu ia conseguir fazer o GD e que amanhã sempre íamos filmar por causa da sala de ballet que tinha já sido requisitada à Fundação Pedro Ruivo (Conservatório de Faro) e eles tinham acabado de confirmar. Havia também a situação com o autocarro da câmara de Faro onde também íamos filmar e os contactos também já tinham sido feitos portanto mais uma vez seria chato desmarcar.

Fomos para a sala as duas. Quando entrei reparei em primeiro lugar nas flores em cima da mesa dentro duma jarra e no saco de estrume no chão. Estavam a Filipa e o Márcio na sala, mais um grupo dos mais pequenos, que se entretinham a pintar. A Sónia disse para me sentar ao lado dela e começou a contar-me sobre os desenvolvimentos da história Sérgio-Natália. Ela falou com o Sérgio e ele estava muito agressivo e então está fora do teatro e proibido de entrar no centro, disse-me. Ele disse que ia dar um murro na Márcia, que não pedia desculpas, etc. A Sónia disse que não tolera esse tipo de atitudes e que assim, agressivo, revoltado e a querer bater em toda a gente não o quer no centro. Pôs-me também a par da situação familiar dele, que ele está habituado a que lhe façam as vontades todas. Que tem tudo o que quer. Que a mãe está doente e não tem mão nele, desde que adoeceu ele está muito pior. Não sabe onde ele aprende a ser assim, mas calcula que é uma reprodução dos comportamentos que vê nos irmãos. Sussurrou-me qualquer coisa que não ouvi por completo porque os miúdos estavam a fazer barulho, mas a parte que entendi tem que ver com um dos irmãos vender droga o que explica o facto de não lhe faltar nada em casa. Acabou a dizer que são uma das famílias problemáticas do bairro.

Depois explicou-me o que eram aquelas flores. Resultavam de uma actividade que as estagiárias tinham iniciado de manhã. Tinha trazido uns garrafões cortados ao meio e terra e umas sementes que os miúdos tiveram a pôr nos garrafões. Os garrafões também foram pintados pelos miúdos, mas acontece que a tinta estava toda a saltar e a Sónia não gostava daquilo então arranjou umas latas (que estavam também em cima da mesa) e pintou para transferir a terra e as sementes. A Filipa e o Márcio tinham uma tarefa que era colocar os nomes dos pequenos em pequenos copos de shot que estavam numa pequena estufa. Depois a Sónia pediu-lhes que embebessem o algodão em água e pudessem dentro dos pequenos copos. Eles assim fizeram. O Pedro chegou e disse-lhes para não colocarem tanta água no algodão e depois deu indicação para que colocassem os feijões em cima do algodão. No fim foi buscar um pulverizador com água e enquanto os copos eram distribuídos pelos seus “donos”, dois copos a cada um, o Pedro foi pulverizando o feijão dentro do copo e em tom de brincadeira a cara dos miúdos, o que lhes provocou muitas risadas. O Márcio e a Filipa também quiseram feijões. Eles estavam a implicar um com o outro e a Sónia lançou-lhes uma boca sobre estarem apaixonados. Eles negaram mas não sei o que pensar do sorriso envergonhado do Márcio.

Quando a Ana chegou a Sónia perguntou-lhe pela Cristina e Clara. Ela disse que não sabia. A Sónia pediu que ela fosse ver se elas estavam em casa. A Ana não estava com vontade de ir sozinha. A Filipa disse que não ia com ela portanto eu ofereci-me para a acompanhar. Foi a primeira vez que me embrenhei no bairro, mais além da entrada, onde ficam as barracas e o centro comunitário, mas mesmo antes de desaparecermos atrás das barracas olhei para trás e vi a irmã mais nova e a mãe da Cristina. Disse à Ana e ela perguntou à mãe se ela sabia da filha. Disse que não, que se calhar ela estava na escola. Achei curioso porque parece que por ali os pais parece que nunca sabem muito bem onde andam os filhos. Para lá das barracas vi um caminho de terra batida. Reparei numa casa aparentemente desocupada pois não tinha janelas, mas vi depois que tinha lá dentro roupa estendida, que dava para ver pois havia uma corda à altura da janela. A Ana comentou comigo que o ambiente estava sossegado. Eu perguntei-lhe porquê, se não costuma ser assim. Disse que não. Vi ao longe umas casas. Era um lance de casas pintadas de branco, todas juntas umas às outras numa rua cimentada. A Ana disse-me que tínhamos que descer por ali. Havia uma espécie de muro/degrau em cimento à altura do caminho de terra onde estávamos. Aí sentados estavam umas pessoas, um senhor de bigode e uma mulher. A Ana não lhes disse nada, eu disse boa tarde e retribuíram-me o cumprimento. Na rua de cimento estavam uns miúdos a jogar à bola. Conheço-os do centro. Um meteu-se com a Ana e disse que podia atirar-lhe a bola porque é primo dela. Havia uma porta aberta. Lá de dentro saiu uma mulher a gritar com os putos, disse que tinham atirado a bola contra a parede. Comentei com a Ana que ali o ambiente já não estava assim tão calmo, ao que ela disse a sorrir “Ya”. Nessa mesma porta a Ana parou e perguntou pela Cristina. A rapariga que estava lá dentro, talvez um pouco mais velha do que a Cristina, disse que não sabia. Pelas feições e pelo cabelo preto imaginei que pode ser uma irmã mais velha. Voltámos para trás. A Ana perguntou ao senhor sentado no muro pela Clara. Ele não sabia. Perguntou-nos as horas. Eram quatro e um quarto, mais ou menos. Voltámos para o centro. Comentei com a Ana que nunca tinha ido ali atrás e ela espantou-se. Disse-lhe que normalmente só vou ao centro então nunca tinha calhado ir para ali.

No centro comunitário a Ana disse que não as encontrámos e a Sónia mostrou-se chateada. Disse que a Cristina se não vier na sexta está fora do teatro, que ela só quer é namorar ao telemóvel. Acrescentou ainda “e a Clara também”. Encarregou a Ana de à noite ir a casa dela para a avisar que no dia seguinte ia haver filmagens.

A Sónia replantou as sementes nas latas que tinha pintado e mandou o Márcio ir buscar água para as regar. Depois a Filipa e o Márcio colocaram etiquetas e em cada etiqueta o nome dos pequeninos. A seguir plantou as podas de flores que estavam numa jarra com água. Arranjou algumas jarras de vidro e nelas colocou a terra e as flores. Para cada jarra chamou um conjunto de miúdos e disse-lhes que aquelas eram as flores deles. O Márciozinho não quis partilhar o seu vaso com uma pequenita que estava lá e que tinha uma ferida na orelha. Disse que não queria porque ela tinha “aquilo”. A Sónia disse-lhe que ali dentro não admite nenhum tipo de discriminação e que se ele não quer partilhar o vaso então não tem direito a flor. A mim disse-me depois que eles [os técnicos] os tratam a todos de igual forma e que não admite que eles [os miúdos] sejam preconceituosos.

Quando o Valentim chegou com o telemóvel nos ouvidos estava confuso sobre o dia de amanhã. A Sónia disse-lhe que era para estar no centro às oito e meia e ele mostrou-se espantado, tirou os fones e perguntou se não era às 5h.

A irmã mais nova da Filipa disse, sem motivo aparente e para quem quisesse ouvir, que a Filipa ia sair da dança cigana para ir para o hip-hop. A Sónia repreendeu-a e disse-lhe que ela não tem nada que andar a falar da família dela, que tem que perder esse hábito porque ninguém tem nada que ver com a vida deles e porque depois as pessoas começam a falar.

A Filipa perguntou o quê, quando ouviu o seu nome. A Sónia disse-lhe que é por causa dela ser transferida da dança cigana para o hip-hop. A Filipa disse “yes” a sorrir.

A Natália foi a última a chegar. Eram quatro e meia. A Sónia perguntou-me se eu queria fazer o focus, mas pensei que era capaz de ser apertado e não queria estar a fazer a coisa com o tempo contado. Além disso a Cristina e a Clara não estavam e a Sónia tinha-me dito logo ao início que se eu não fizesse hoje, faria no dia seguinte de certeza. Pensei que no dia seguinte poderia contar com todos, afinal íamos estar a gravar todo o dia.

Dia 46

Data: 27 de Abril de 2012

Local: Faro (vários sítios) e Centro comunitário

Assunto: Filmagens e 2ª tentativa de fazer GD

Cheguei às 9h30. Quando bati à porta não me lembro quem abriu, talvez o Paulo no gabinete. Lembro-me da Ana, Cristina e Filipa estarem no corredor e de me dizerem um bem-disposto bom dia. A Ana disse-lhes ainda, “eu disse que ela vinha” e penso que se calhar, dado o adiantado da hora, já teriam estado a falar que eu me tinha esquecido ou algo do género.

A Aurízia estava lá e agarrou-se logo a mim a dizer: “Que boniitaaa!”, num tom meio cantado que ela usa para falar às vezes. A Aurízia é uma menina cigana, loira com cabelo longo e ondulado. Tem pele e olhos muito claros e é uma doçura. Também anda sempre muito bem arranjada.

A Sónia disse-me que a Cristina não vinha e que estava fora do grupo. Acrescentou para a Júlia que não vale a pena, que se ela não quer ir não se pode obrigar e substitui-se por outra. A Júlia concordou.

Fomos para a sala de ensaio onde a Sónia começou a esticar o cabelo às meninas. O Paulo saiu e a Júlia, que devia estar ao pé dele, entrou na sala a dizer que ele tinha ido buscar a Márcia à escola, porque tinha combinado que a trazia e esqueceu-se. Fomos falando entre nós sobre maquilhagens e essas coisas. A Clara disse que queria pintar o cabelo. A Sónia perguntou se ela tinha mesmo que pintar o cabelo e ela disse que sim, que não gosta de ver o cabelo “assim”. A Sónia disse que se ela quer pintar, então que pinte, mas que tenha cuidado com a cor que escolher. Ela disse que queria pintar de castanho dourado e a Filipa disse que essa é a cor que ela tem. A Sónia achou muito claro e disse para ela ter cuidado porque cores muito claras podem-lhe ficar mal. Ela mostrou a cor das pontas, mais clarinhas e disse que queria pintar daquela cor. A Sónia disse que sim, daquela cor, fica bem.

Discutiui-se quem ia levar o quê vestido. Todas elas mudaram de roupa menos a Filipa. Ficou também decidido que a Ana faria o papel da Natália pois esta não vinha filmar na parte da tarde.

Quando saímos do centro a Márcia vinha a chegar com uma colega, carregadas com a câmara e tripé. Perguntámos-lhe pelo Paulo. Ela disse que estava à espera dele desde as 9h e como ele não apareceu veio-se embora mas que falou com ele entretanto e ficaram de se encontrar aqui.

Fomos para o conservatório levando o pessoal no meu carro e no da Sónia. No conservatório fomos recebidas por uma senhora que nos mostrou a sala de ensaio, uma sala de ballet, com espelhos, barras e um chão onde só podíamos pisar descalços. Eu entrei com a Márcia e a amiga e o resto do pessoal ainda demorou uns bons 10 minutos

a aparecer. Quando vieram as miúdas estavam maquilhadas e começámos a filmar. Filmámos a cena da aula de ballet. Tal como no outro dia, repetimos de vários takes diferentes. A Aurízia, a fazer o seu papel pela primeira vez, pois ela estava a substituir a Cristina, saiu-se muito bem. Ela parecia ter-nos observado bem porque até sabia as minhas falas que andava a repetir lá no centro comunitário antes de sairmos: “Costas dirreitas”, dizia ela. Como a sala era cheia de espelhos todos tiveram que sair e ficámos só nós as 5 com a Márcia, para evitar que alguém aparecesse sem querer reflectido no espelho.

Quando acabámos a filmagem a Júlia disse que devíamos aproveitar e filmar à porta da sala um momento de confronto entre o grupo de hip-hop e o de ballet. Assim fizemos, aproveitando o espaço e que estávamos ali. Fizeram-se filmagens do grupo de ballet a sair da sala e depois em pormenor filmou-se as caras e as “bocas” que o grupo de hip-hop mandava. Filmou-se também os olhares apaixonados dos protagonistas naquele que deveria ser o seu 1º contacto.

À saída do conservatório filmámos a cena da mãe ir levar a aluna nova à aula de ballet. A Sónia fez de mãe já que antes era a Ana que fazia. Foi um movimento divertido porque o Paulo estava a mandar bocas para implicar com a Sónia e a dizer-lhe como é que ela deveria fazer o seu papel. A Sónia aceitou a coisa bem e também alinhou na brincadeira.

De seguida fomos para o jardim, a mata de João de Deus ao lado do liceu. O dia estava cinzentão e ameaçava chover, mas aí filmámos a 1ª cena do passeio entre os dois pombinhos, já que ainda nos sobrava algum tempo. Aproveitámos os figurantes Júlia e Paulo e mais algumas pessoas que calharam a passar, só para dar um ar natural à cena. A Ana e o Márcio, de mãos dadas, passearam-se caminho abaixo e caminho acima segundo as orientações da Márcia, rindo e fingindo conversar. No fim deram um suposto “beijo” atrás de uma árvore. Com isto voltámos aos carros para ir para casa almoçar. O Márcio e o Valentim discutiram sobre quem ia à frente. Eu disse ao Valentim que deixasse ir o Márcio porque ele já tinha vindo antes.

Às 2h da tarde voltei ao bairro. O Paulo parou o carro ao pé de mim e disse que a Márcia já estava no centro. Eu disse ok mas fiquei à espera lá fora. Havia um grupo de miúdos a jogar à bola. Passou uma mulher cigana a empurrar um carrinho de bebé. Não deviam haver 5 minutos passados desde a minha chegada, avistei a Filipa que animada me disse uma sonora “boa tarde”. Retribuí e comentei com ela que mudou de roupa. Disse que quando chegou a casa foi para a banheira.

Chegaram os restantes. Quando a Aurízia veio trazia 3 fatias de pão com manteiga e um casaco grande. Ela tinha-se queixado com frio de manhã pois só tinha uma blusa vestida e por baixo a t-shirt que usam no teatro. Antes que alguém lhe perguntasse alguma coisa explicou que a mãe tinha feito um ovo com cebola e batatas para o almoço e que como ela não gostou estava a comer pão com manteiga. Quando entrámos no centro, à chegada da Sónia e da Júlia, já nós estávamos todos lá fora, encontrámos a Márcia na sala de ensaio a rebobinar as filmagens de manhã. Disse que íamos ver um bocadinho para os incentivar. A Sónia comentou que incentivados já eles estavam.

A Sónia perguntou à Filipa pelos irmãos. Esta disse que não sabia. A Sónia mandou-a ir à procura dele e depois disse que ela faz tudo para se livrar dos irmãos. Eles eram precisos para fazer de figurantes no autocarro que precisava de estar, ou pelo menos parecer, cheio. Quando voltou já os trazia consigo. O Márciozinho tinha uma t-shirt vestida e vinha sem casaco. A irmã dela mostrou a sua roupa à Sónia para ver se esta aprovava. A Sónia pediu ao Márciozinho que fosse a casa buscar um casaco e o pequenote lá saiu sem pestanejar. Quando regressou já trazia o dito casaco.

Vimos as filmagens da manhã e depois fomos embora. Saímos todos a pé pois íamos filmar por trás do jardim da Alameda, no estaleiro da câmara que nos tinha disponibilizado um autocarro.

Pelo caminho as conversas foram diversas. O Valentim e o Márcio iam a ouvir Boss Ac. Eu disse que tinha ido ao concerto mesmo no dia anterior e quiseram saber onde. Ao chegar ao estaleiro ouvi a Márcia, atrás de mim, comentar com o Paulo como as coisas estão diferentes, que agora miúdos como o Valentim (ciganos, portanto), já ouvem hip-hop e outros tipos de música que não ouviam antes. O Paulo comentou que a música acaba por ser uma linguagem abrangente.

Chegados ao estaleiro deparámo-nos com a Lídia e um grupo de rapazes. Eram da casa dos rapazes, em Faro e estavam ali para se juntar a nós e fazer figuração a convite do Paulo, segundo me explicou mais tarde a Lídia. Com eles vinha uma professora que a Ana assim tratou e a quem foi logo dar 2 beijinhos quando a viu. Esta foi muito simpática com ela e mais tarde ouvi-a a comentar com o Paulo como ela está grande. À Ana disse na altura o quanto ela está bonita. Esta sorriu-lhe com um ar simpático.

Também passou por ali o João. Eu vi-o e chamei-o, fui com a Júlia falar com ele. A Júlia convidou-o para ser figurante mas ele disse que tinha aula de educação física a

seguir. A Júlia disse para ele faltar que o centro justifica. Ele disse que se faltasse o pai matava-o. A Júlia concordou que ele tem razão, acrescentando que as aulas são importantes também.

Filmámos no autocarro. Todos nos sentámos para ocupar o autocarro de trás para a frente. A Márcia improvisou com um skate de um dos miúdos convidados uma plataforma rolante para poder filmar ao longo do autocarro. Fiquei sentada no banco de trás ao lado da Lídia, do pequeno Carlitos e do Valentim. O pequeno Carlitos e o Valentim estavam loucos. O Valentim pôs música no telemóvel, o Carlitos brincava com ele e ria-se a bandeiras despregadas. A Lídia comentou comigo o quanto o Valentim cresceu e está diferente. Acrescentou que nem disse aos rapazes onde vinham porque se lhes tivesse dito que era para ir ter com pessoal da Horta da Areia eles não queriam ir. Disse que há um estigma muito grande. Só lhes contou quando chegaram ao estaleiro e disse-lhes que os conhece e que são malta fixe. Eles quando nos viram a chegar reconheceram alguns e disseram que sim, são fixe. Enquanto filmávamos a Márcia disse para falarmos uns com os outros com normalidade, como se tivéssemos mesmo no autocarro a conversar com a pessoa do lado. Reparei que os rapazes da casa dos rapazes estavam curiosos em relação ao teatro e percebi que faziam algumas perguntas à Júlia. Também disseram que já têm alguma experiência porque também já fizeram um filme. Estavam igualmente interessados em saber se o nosso filme ia passar na televisão. A Júlia disse-lhes que não mas que depois vamos fazer uns cds para lhes dar e até podemos fazer uma sessão de cinema na casa dos rapazes.

Seguimos para o jardim da Alameda. A ideia era atravessar o jardim porque na entrada do outro lado está uma bus stop e queríamos filmar lá a Ana a “apanhar” o autocarro. Mas quando atravessávamos o Paulo teve a ideia de filmarmos ali novamente o passeio dos namorados. Teve ainda a brilhante ideia de acrescentarmos efeitos especiais à cena então foi comprar tremoços. Isto porque os pombos comem tremoços e os efeitos especiais seriam os pombos a esvoaçar enquanto eles caminhavam de mão dada. Pois então assim foi. Escolheu-se a fachada da biblioteca como pano de fundo. A Ana que estava lá ao fundo com a Júlia a dar indicações e o Márcio chamou-me a pedir os calções dela que eu tinha guardado na minha mala. Levei-lhe os calções e o Márcio começou a gozar com ela porque ela não queria tirar o pompom de tule e vestir os calções ali à frente de todos. O Márcio disse que ainda se ela tivesse “alguma coisa para ver!” A Júlia disse que isso não é coisa que se diga e que é normal que ela tenha vergonha, estranho seria se não tivesse.

Estando tudo pronto, o Paulo e alguns dos rapazes convidados atiraram os tremoços. A Ana e o Márcio passaram de mão dada e os pombos esvoaçaram à frente deles. 2 dos rapazes convidados ficaram sentados no banco de jardim a fazer figuração e houveram algumas pessoas que frequentavam o jardim que passaram por ali também. Na 2ª vez que filmaram os pombos foram preguiçosos e em vez de levantarem voo afastaram-se. Reparei que a Filipa, Clara e Aurízia ficaram afastadas do resto do grupo, sentadas num banco.

Em seguida seguiu-se a paragem de autocarro. Quando íamos a chegar estava um autocarro a abalar o que significa que tivemos que esperar algum tempo. Alguém foi perguntar de quanto em quanto tempo passava um autocarro por ali no quiosque do jardim. A senhora disse que mais ou menos de dez em dez minutos mas depende. Nós esperámos mais de dez minutos. A Ana foi para a paragem com alguns dos rapazes convidados e a Márcia fez uma filmagem deles a partir do chão. Entretanto, terminado esse trabalho lembrou-se que a Ana no autocarro tinha filmado com o tule a fazer de saia e ela tinha acabado de a filmar sem calções. A Ana voltou a pôr o tule e a Márcia filmou outra vez. Quando o autocarro passou finalmente correu tudo mal. O motorista, não sei se porque viu a câmara e toda aquela movimentação em torno da paragem, hesitou em parar. Quando parou foi já afastado da paragem e os rapazes e a Ana ficaram sem saber o que fazer. A Márcia fez-lhes sinal com o braço para que seguissem para o autocarro e finalmente lá foram. O pior é que no meio deles estava uma senhora que queria mesmo entrar no autocarro e por pouco este quase passava sem parar. A Márcia disse que não tinha ficado muito bem por causa das hesitações mas ficámos por ali pois começava a ser tarde. Além disso, eu ainda tinha que fazer o grupo de discussão antes das 5h, a Sónia estava com dores por causa da hérnia e a Clara estava em manga curta e cheia de frio.

De volta ao centro comunitário passaram mais 2 autocarros por nós, quase a seguir um ao outro.

No centro não perdemos muito tempo. Eu fiquei na sala com eles. Eles sabiam que se ia passar qualquer coisa porque já tinha sido avisados. Como os 3 pequenos também estavam lá acabaram por participar. Pus a câmara de filmar em cima de um armário para conseguir filmar toda a mesa. O Valentim ficou logo curioso com a câmara e acabei por lhe ensinar como é que aquilo funcionava. Ele começou a filmar o Márcio e os restantes que estavam na sala. Depois quis ver o filme. Em seguida interessou-se pelo gravador. Mostrei-lhe como funcionava e ficou espantado quando ouviu a voz. Comecei

o focus por lhes dizer a história do outro dia de não haver respostas certas ou erradas e que o que queria é que eles falassem e que se alguém discordar de alguma coisa que os outros disserem pode mostrar o seu ponto de vista. O Márcio quis pintar. Eu disse que podiam pintar desde que falassem comigo. Comecei por perguntar o que acham da cidade de Faro. Acho que ninguém me respondeu muito bem. As pequeninas disseram que preferem cidades grandes como Lisboa. A Filipa disse-me que prefere o Porto. Sobre o bairro saíram opiniões não muito diversificadas. Ficou claro que nenhum deles gosta do bairro nem das pessoas do bairro. Só quando perguntei o que acham do centro comunitário disseram que gostam e quando lhes disse que então sempre há qualquer coisa que gostam no bairro não pareceram ligar ou querer aprofundar o assunto. O Márcio aproveitou para dizer que não gosta de ninguém do bairro e percebi que aquilo era uma boca directa para a Filipa e Ana porque olhou para elas e riu-se.

Entretanto a Júlia juntou-se a nós e tentou ajudar fazendo também ela algumas perguntas. O pequenino Márcio disse que gostava de viver no bairro porque podia brincar na rua, andar de skate e jogar à bola. A Clara disse que gostava de morar em Pechão porque tem lá a família, os tios e primos. Alguém disse que ela tem lá o namorado. O Valentim por sua vez disse que gostava de morar em Olhão, também porque tem lá família. A Filipa disse que gosta de morar no Porto. A Júlia perguntou à Ana se é verdade que ela vai morar de casa. A Ana disse que não sabe ainda. O Márcio fez algures por esta altura uma pergunta que me surpreendeu: “E tu vânia, o que achas do bairro?”. Pela frontalidade no tom de voz dele percebi que aquilo era uma provocação. Respondi com a verdade. Disse que acho que é um bairro que está afastado do resto da cidade e separado pela linha do comboio. Que tem uma localização privilegiada ao pé da Ria Formosa. Que tem ruas de terra e casas feias. E que tem pessoas que me parecem ser simpáticas. O Márcio disse que as pessoas não são assim. A Júlia disse que eles são e eles moram ali.

Por esta altura as pequeninas já estavam a dispersar, a brincar. Faltava-me perguntar-lhes o que tinham a dizer sobre o teatro do oprimido. A primeira reacção foi do Márcio que franziu a testa e perguntou o que é o teatro do oprimido. A Júlia explicou que é que nós fazemos e que nunca falou em teatro do oprimido porque não calhou mas que é um teatro feito por pessoas que têm coisas a dizer. Eles repetiram algumas ideias que já tinham falado nos testemunhos e face à bagunça e desconcentração que já se tinham instalado na altura, pois estávamos já todos cansados, até mesmo eu, achei que

era altura de parar de insistir com eles. Foi mesmo a horas porque entretanto percebi que já passavam 5 minutos das 5 da tarde e estava na hora do centro fechar.

Dia 47

Data: 21 de Maio de 2012

Local: Faro

Assunto: Conversa Informal com Júlia

Eu e a Júlia estivemos de viagem duas semanas e entretanto muita coisa aconteceu no bairro, segundo o que a Júlia me contou. Quando estávamos em França soubemos que a Sara fugiu com o namorado da Cristina. Mas agora que a Júlia foi ao centro soube a história toda contada pelos técnicos. Como a Sara já tem dezoito anos e ainda não está casada, pelo contrário já foi largada uma vez, faz-se sentir sobre ela a pressão da família. Sabendo disso a Cristina, que já não queria casar com o rapaz com quem andava a falar e pelos vistos era suposto casar, convenceu a Sara a fugir com ele dizendo que a família dele é rica. A Sara deixou-se levar e a Cristina parece ter combinado tudo com ele para ele vir buscar a Sara. E assim foi só que a Sara, quando iam algures no Alentejo caiu em si, apercebeu-se do que estava a fazer e entrou em pânico tendo telefonado ao pai para a ir buscar. O pai foi, a Sara contou-lhe tudo o que a Cristina tinha dito e armou-se a guerra entre as duas famílias no bairro. O pai da Cristina rapidamente decidiu casá-la com um rapaz de Lisboa e agora a Cristina está a viver em Lisboa e a sua família ao que parece foi expulsa do bairro. A Júlia diz que acabou por se virar o feitiço contra a Cristina porque ela acabou por ter que casar com um rapaz que não gosta, mas ao que parece a Filipa falou com ela e ela diz que está bem.

Hoje foi a apresentação na Universidade da peça dos miúdos do bairro na aula da Ana Baião. Os Minoria do Gueto eram para ter ido mas não foram por todas as confusões que têm acontecido ultimamente que implicaram a saída de elementos do grupo, pelo que agora a Júlia diz que vai ser preciso fazer uma reavaliação da actividade e arranjar novos elementos para o grupo, mudando também a história. Mas o grupo dos pequenos foram apresentar a sua peça que parece estar cada vez mais sólida.

Dia 48

Data: 29 de Maio de 2012

Local: Bairro Horta da Areia

Assunto: Visita ao centro comunitário e ao bairro com o grupo de “La Casa Grande”

Hoje foi dia de visita ao bairro com o pessoal do Projecto La Casa Grande, que envolve pessoas do Perú, Bolívia, França e Portugal. Eu estava desejosa de ir participar nesta visita

porque mesmo já conhecendo o bairro minimamente sabia que daqui podiam resultar dados importantes, por ser um contexto diferente e por haver pessoas que não conheciam o bairro e por isso poderiam fazer uma série de perguntas que a mim não me ocorrem. Para mim esta visita ao bairro acaba por ser o momento mais propício para terminar com o meu registo de observações e foi uma visita que me ajudou de facto a perceber aspectos que me passaram completamente ao lado neste ano de observações e que dizem respeito ao próprio bairro em si e à sua organização e aspectos simbólicos.

A visita começou pelo centro comunitário. O Paulo brevemente apresentou as instalações, que são pequenas e em seguida fixámo-nos na sala de ensaios onde estava montado um *datashow*. Aí o Paulo fez uma apresentação do bairro com tudo o que já sei sobre o seu surgimento e população. Daqui surgiu informação nova ou complementar à que eu tinha recolhido nas entrevistas. Mencionou que as relações entre as pessoas não são muito boas e que isso tem que ver em parte com o facto de que não escolheram viver aqui, mas foram para aqui trazidas pelas circunstâncias da vida. Referiu os problemas principais que têm que ver com a pobreza, exclusão e estigmatização do bairro. Focou que o estigma é tanto que há jovens que para conseguirem emprego têm que colocar uma outra morada quando preenchem candidaturas ou até mesmo quando começam a trabalhar.

À semelhança do que já me tinha dito na entrevista, referiu que o ponto fraco do seu trabalho no centro é o trabalho com os jovens a partir dos 13-14 anos. Isto porque não há estruturas físicas nem técnicos suficientes para fazer um trabalho mais assertivo. Há uma grande percentagem de jovens que não conseguem acompanhar e que acabam depois por deixar de ir à escola. Sobre os jovens acrescentou mais tarde que o que observam em relação àqueles que têm contacto com o centro comunitário é que estes têm percursos mais soltos enquanto estão a frequentar o centro, mas que depois casam e voltam às suas famílias o que resulta que se fechem, pois a pressão da família é muito forte.

No que às habitações diz respeito, referiu que a maioria das casas são ocupadas por pessoas da mesma origem familiar. As relações são muito centradas no bairro e desde que começaram o trabalho com o centro comunitário é que as pessoas se habituaram a receber visitas no bairro. Explicou que as pessoas deixam que se entre nas suas vidas, sabem que quando eles organizam uma visita ao bairro é no sentido de formar as pessoas que visitam e não de olharem para eles como se fossem uns coitadinhos.

Quanto às famílias ciganas, primeiro são portuguesas, depois são ciganos, disse. Referiu que as famílias não são unidas, pelo contrário. Contou que há uns tempos fizeram um estudo para preparar um possível realojamento e os ciganos disseram que não queriam viver ao lado dos ciganos, muito menos se fossem familiares seus. *Isto vai muito de encontro ao que li num dos livros do ACIDI, sobre os ciganos preferirem viver ao lado de “portugueses” ou tendeiros*

em vez de ciganos. Referiu ainda que os ciganos em Faro têm um pensamento muito arcaico, que ainda são muito importante as tradições, os casamentos arranjados e tudo isso.

O Lorenzo perguntou como é a relação dos ciganos do bairro com a terra. O Paulo disse que não é uma boa relação. Mencionou que se entrarmos numa casa e virmos a forma como arrumam os cobertores vemos que é uma relação despegada da terra, sem raízes. Arrumam-nos dobrados e empilhados uns em cima dos outros, o que é significativo ainda das suas raízes de “nómadas forçados”, assim disse. Arrumam-nos assim porque assim os transportavam nas carroças e os punham nas tendas, preparados para a qualquer momento terem que pegar neles e sair à pressa expulsos de uma terra qualquer.

Quanto ao centro comunitário, desabafou ainda que sente que trabalham muito sozinhos, que deveria haver uma política de apoio social alargada ao país e às instituições públicas. Que seria bom que não estivessem tão centradas em si.

Mencionou como ponto de ligação para o que nos queria mostrar no *datashow* que há também muita gente que quer crescer à custa da luta contra a pobreza e exclusão e que tiveram um caso desses recentemente ali no bairro. Eu já estava informada disso, mas aqui consegui perceber melhor os contornos alucinantes desta história.

Tudo começou com uma ideia das estagiárias de educação social que pensaram em fazer uma exposição de fotografias que, tal como diz no placar inicial da exposição, “tem como principal objectivo mostrar o dia-a-dia da comunidade residente nesse local”. O Paulo explicou-nos que a ideia das fotos era mostrar o bairro tal como é. Para tal contaram com o apoio de um fotógrafo freelancer que foi umas quantas vezes ao bairro e tirou as ditas fotografias. Só que o dito fotógrafo tinha conhecimentos na CMFaro e conseguiu colocar as suas fotos em exposição fora do bairro sem sequer obter autorização do centro comunitário ou das pessoas a quem tinham sido tiradas fotos. Isso é ainda mais grave porque, segundo o Paulo, as fotos são artísticas, o que deixa espaço a que sejam interpretadas pelos olhos de quem vê. E se os olhos de quem vê estiverem já cheios de preconceitos em relação ao bairro, a verdade é que as fotos não ajudam a quebrar ou desconstruir isso, como era a ideia inicial, pelo contrário, podem ajudar a reforçar. Ele acha que sendo um bairro estigmatizado, as fotos vão exactamente de encontro a muitos dos preconceitos em relação ao bairro, sendo que para quem não o conhece na verdade ou nunca foi lá, só vêm reforçar os seus aspectos negativos. Na opinião do Paulo as fotos mostram aquilo que já se sabe do bairro e não há, por exemplo, qualquer alusão ao trabalho do centro, que faz também parte do dia-a-dia do bairro. Há mesmo situações tiradas nas fotos que os técnicos do centro, em 10 anos de irem lá diariamente, nunca viram acontecer e que crêem que são situações encenadas para a foto.

Quando viu as fotos o Paulo reuniu com o Museu e com o dito fotógrafo e negociou para que pelo menos colocassem legendas para ajudar a clarificar aquilo que se queria mostrar. Negociou ainda que algumas fotos fossem tiradas, como por exemplo uma que mostra um

pitbull todo enraivecido contra outros cães legendada como “a lei do mais forte”. Falou ainda na questão de que não foi pedida autorização às pessoas para expor as fotos e há fotos de crianças, o que é uma violação aos direitos de imagem das pessoas. Acontece que essa questão acabou por ser contornada pois, sem que os técnicos do centro comunitário dessem por isso, o fotógrafo e/ou os do museu conseguiram que as pessoas fotografadas assinassem um papel a autorizar. O Paulo disse que é fácil enganar as pessoas porque a maior parte delas não sabe ler.

Em seguida mostrou-nos as fotos no *datashow* e foi explicando os seus significados: Há uma foto com sapatilhas penduradas numa corda, que são, para quem sabe, um símbolo de que se vende droga em determinado local ou casa. Aparece uma foto de um *grafitti* que diz “Minoria do Ghetto” e depois uma outra foto do tal “gang”. São mais uma vez fotos ligadas ao tráfico de droga pois aquele é um grupo constituído por jovens, muitos deles que nem são do bairro, mas que utilizam o território do bairro para as suas actividades ilícitas uma vez que não há vigilância policial. Na verdade são um grupo que amedronta a própria população do bairro, que muitas vezes tem medo de sair de casa à noite por causa deles. Mostrou a tal foto do *pitbull*. Referiu uma foto de um cigano montado num cavalo que tem como legenda “os ciganos jamais conseguirão viver sem cavalos”.

Contou que a população do bairro está revoltada com a exposição e que mesmo os jovens assim o ficaram. Que os jovens do TO viram as fotos no jornal e depois quando viram as estagiárias a tirar fotos no centro não quiseram que lhes tirassem fotos. Que nenhum deles gostou das fotos ou se identificou com aquilo. Para mim houve uma situação marcante, que foi a de que, durante o resto da visita ao bairro, estavam dois meninos junto a nós e eu fui-lhes tirar uma foto. Pela primeira vez os dois me disseram terminantemente e mesmo bruscamente que não querem que eu lhes tire fotos e, ao contrário do que fazem normalmente que é pousarem para a foto ou mesmo pedir-me a câmara, mostraram-se irredutíveis nessa questão. Pela primeira vez senti que a presença da minha câmara os incomodava, tanto que não tirei mais fotos às crianças e creio que isso é já um reflexo desta exposição.

Tirando este incidente com os miúdos, que a própria Júlia me disse mais tarde que também se passou com ela, o resto da visita ao bairro foi tranquila. Fomos para o lado que tem estrada alcatroada, a Mafalda disse-me que o Paulo evita ir para trás das barracas para evitar confusões, creio que porque é ali o território do tal gang. Pelo caminho encontrámos pessoas, na sua maioria ciganos, que vinham à rua falar-nos. Visitámos o Sr. Manuel que na sua casa apertada com uma cozinha-sala-quarto na mesma divisão minúscula, faz com as suas próprias mãos e no meio das suas maleitas, magníficas obras de arte com fósforos.

Encontrámos uma cigana que nos levou até às traseiras da sua casa onde os filhos tinham a mangueira com água ligada porque supostamente estariam a refrescar-se. A mangueira tinha água a correr, mas dos miúdos não havia sinal. Vimo-los passado um bocado a espeitar detrás de umas coisas, em cuecas. Estavam a esconder-se com vergonha.

Visitámos o Sr. Rafael com a mulher sorridente, que estava sentada na rua à sombra com um pequeno fogareiro a assar carne. Cheirava maravilhosamente bem a churrasco. O Sr. Rafael fartou-se de falar com o pessoal, num português rápido e cantarolado, adicionando ali pelo meio algumas palavras em espanhol. Contou-nos que tem ali os filhos e os netos e que por ali vai ficar até que Deus o leve. Mas que já viveu no norte e centro do país e que também ia muito a Espanha comprar coisas. Que toda a família vive ali no bairro e que portanto não tem para onde ir, vai ficar perto dos filhos. A Mafalda disse-me depois que ele é o patriarca da comunidade.

Havia ainda, quando nos íamos embora, um grupo de homens ciganos que se reuniam junto a um carro e tinham música cigana a tocar.

Fomos em seguida ao museu visitar a exposição “Perspectivas de um bairro: a vida na Horta da Areia”. No início da exposição havia um quadro explicativo sobre o porquê da exposição, no qual constava a frase que já transcrevi atrás. Havia ainda um breve enquadramento sobre o fotógrafo, com “formação académica em gestão de animação turística”.

Tirei foto a algumas das fotografias que mais me marcaram:



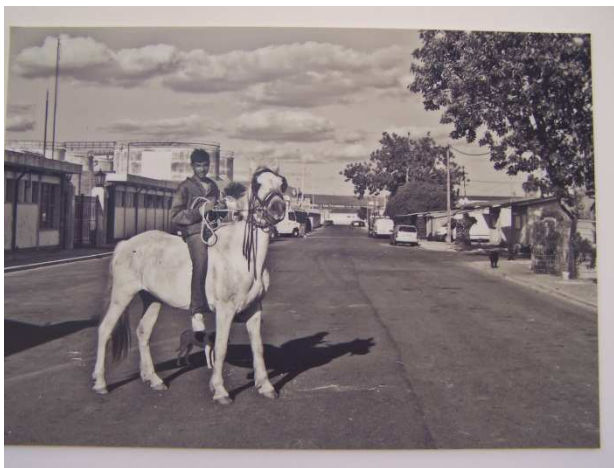
Legenda: “A necessidade é a pior das condições e a maior das escolas”



Legenda: “Um grupo de ciganas junta-se como de costume, todas as tardes, para fazer bordados à mão”



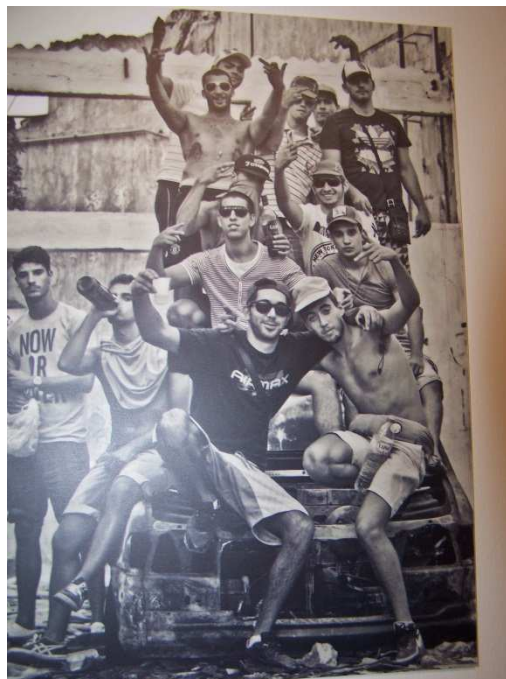
Legenda: Realidade provisória



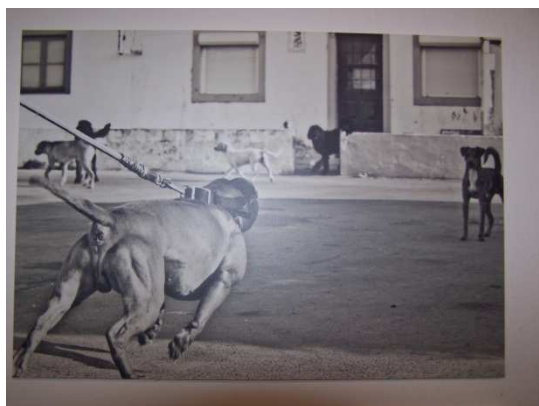
LEGENDA: “Os ciganos nunca saberão o que é viver sem cavalos, não por ignorância mas por fidelidade”



Legenda: “Mudam-se os tempos marginalizam-se as vontades”



Legenda: “a união no rebanho obriga o leão a deitar-se com fome”



Legenda: “A lei do mais forte”

No fim da exposição, junto ao caderno de visitas, há uma nota explicativa do autor onde se podem ler frases como: “As pessoas, essas, fazem da necessidade uma inspiração”, “O bairro é feito destas histórias. Respira tristezas e maus amores. É um reflexo simples da necessidade.” “O lado positivo deste bairro tem um nome: resiliência” “Este é um bairro cheio de resilientes”. E é assim o retrato do bairro aos olhos de quem vem de fora.

Dia 49

Data: 29 de Julho de 2012

Local: Bairro Horta da Areia

Assunto: Entrevista com Márcio

A entrevista com o Márcio começou com o visionamento das fotos e em simultâneo eu ia-lhe colocando as perguntas. Reparei que ao mesmo tempo que me ia respondendo com uma voz muito baixinha e um pouco trémula, mantinha sempre o olhar no ecrã, para ver as fotos. Usou poucas palavras, frases curtas e respostas diretas às minhas perguntas. Algumas vezes hesitou em responder e penso que da minha parte deveria ter respeitado mais os tempos de silêncio, para lhe dar algum tempo para organizar o raciocínio.

Para si o teatro é uma forma de falar dos problemas e gosta mais da apresentação das peças, o que para mim coincide com a sua atitude nos ensaios, que sempre achei que fora a brincadeira, às vezes o aborreciam um bocado. Gosta do bairro, mas gostava de viver noutra sítio. Não gosta do lixo.

Diz que a família não tem problemas com os ciganos e que as confusões são mais na parte de baixo, que é onde a Ana vive, o que explica que para ela tenham mais impacto e importância as confusões do bairro e o barulho.

Não acha que as regras dos ciganos sejam boas, quando o Henrique e Rita foram embora sente que perdeu dois amigos.

Sente vergonha de viver no bairro, mas nunca mentiu sobre o sítio onde vive. Quando lhe disse que então para ele não há problema de viver no bairro, encolheu os ombros e a sua expressão facial com as sobrancelhas ligeiramente franzidas fez-me pensar que não concordava completamente comigo. Eu disse-lhe “Há um bocadinho” e ele sorriu. Senti que não estava muito à vontade para abordar o assunto, pelo que mudei de conversa.

Diz que não sentes discriminação dos colegas de turma, face a ele viver no bairro.

Quanto ao futuro, gostava de seguir os estudos e tirar engenharia, baseado no curso que o namorado da irmã está a tirar. Isto faz-me pensar que as referências que tem agora, lhe dão outras perspectivas de futuro.

Concordou que o teatro é uma forma de estar num ambiente mais descontraído.

Dia 50

Data: 8 de Agosto de 2012

Local: Bairro Horta da Areia

Assunto: Entrevista com Ana

Comecei por entrevistar a Ana. Tinha combinado com ela às 15h45 mas passaram 10 minutos e ela ainda não tinha aparecido pelo que liguei-lhe. Disse que tinha acabado de sair do banho, já vinha ter comigo. Quando chegou trazia o cabelo molhado e fez um comentário ao meu: “Cortaste a franja!”.

Começámos a entrevista por ver as fotos. Esperei que visse primeiro as fotos todas, para evitar que ficasse dividida entre vê-las e responder-me, como aconteceu no início da entrevista do Márcio. Enquanto as fotos passavam íamos fazendo alguns comentários divertidos. No fim ela disse que gostou muito das fotos e disse que mostram “grandes aventuras” que vivem juntos.

Respondeu às minhas perguntas com um discurso elaborado, não hesitando em demonstrando, com uma certa animação na voz, que os momentos passados no teatro são divertidos e que são importantes para ela, que gosta.

Disse que começar foi complicado, porque pensava que fazia mal as coisas, mas depois percebia que até fazia bem.

Diz que aprendeu coisas novas, estar com os amigos, trabalhar em equipa, representar e encarnar personagens. A questão de trabalhar em equipa é algo que ainda não tinha sido mencionado.

Acha que fazer teatro foi um sonho tornado realidade.

Nunca se sentiu nervosa, mas um bocado insegura, com medo que corresse mal. Disse que agora se sente mais confortável e que conta com os amigos para a ajudarem se alguma coisa correr mal, o que para mim mostra a importância do trabalho de grupo para ela e de se apoiarem uns aos outros, mostra confiança nos outros.

Percebi que a apresentação em Portimão foi marcante para ela, sobretudo pelos elogios que ouviu, pois menciona isso como um dos momentos que mais gostou na apresentação de peças.

A 2ª peça foi a que mais gostou pela oportunidade que teve de dançar.

Acha que as peças são reais, mas a 2ª é uma realidade que só conhece através do cinema, portanto é uma realidade distante.

Para além dos aspetos mais imediatos das aprendizagens no teatro, como aprender a dançar e representar, mostrou alguma dificuldade em apontar outros aspetos e quando lhe falei de que se calhar há coisas que está a aprender e só depois, no futuro, é que se vai dar conta, mostrou-se hesitante, franziu a boca e disse-me que pode ser, por acaso tenho razão.

O teatro parece-lhe abrir novas perspetivas de futuro, pois imagina-se a ser atriz, cantora ou. Algo que não está nada ligado, treinadora de golfinhos.

Diz que o teatro faz esquecer os nomes que lhe chamam, pois pelo que entendi gozam com ela às vezes por ser tão grande.

Não gosta do bairro, pelo lixo e confusões. Sobretudo as confusões parecem ter algum impacto na sua vida pois diz que essa não é a sua forma de estar e parece incomodá-la pois foca isso de forma muito clara.

Gostava de viver noutra sítio que não sabe explica, mas parece-me ter a certeza que no bairro não. Diz que tenta respeitar as leis ciganas mas custa-lhe quando isso implica perder amigos. E de todos os entrevistados foi a que me pareceu mais incomodada também pelo facto dos vizinhos se meterem na sua vida e quererem sempre saber onde vai quando sai de casa.

Diz que fica fura quando falam mal do bairro e que já sentiu necessidade de dizer que vive noutra sítio porque é muito mau aquilo que dizem do bairro. Refere que já a confundiram com uma cigana.

Fala da Joana e de como a vida dela é diferente da das raparigas ciganas, pois tem uma vida que se assemelha muito à sua.

Assunto: Entrevista com Valentim

Encontrei o Valentim por acaso no bairro e aproveitei para o entrevistar enquanto a Filipa não chegava. Ele aceitou e no gabinete mostrei-lhe as fotos e a primeira coisa que me disse foi que não tinha fotos dele. Eu disse que era porque aquelas fotos eram de antes dele estar no grupo e de Portimão, onde ele não tinha ido. Mostrei-lhe algumas de ensaios onde ele aparecia. Um pouco à semelhança do Márcio e da Ana, o discurso dele foi pouco elaborado, com frases curtas e sem desenvolver muito os assuntos, o que me obrigou a recorrer a exemplo e a ter que reformular as perguntas algumas vezes.

Pareceu-me à vontade a falar comigo, tinha os ombros descontraídos quando estava encostado na cadeira e olhou sempre para mim. Com o Márcio eu tinha-me sentado na cadeira do lado de dentro da secretária, que é maior e com rodas e pensei depois que esse é o lugar que eles ocupam normalmente, pelo que com os restantes já me sentei na cadeira pequena do lado de fora, deixando a secretária para eles, como estão habituados.

Sobre o teatro senti que não estava muito certo sobre o que dizer, tive que ir sempre exemplificando as coisas com o cuidado de dar exemplos diversificados, positivos e negativos, para não o induzir na resposta. Disse que acha o teatro fixe, que se sente bem, que não gostou de apresentar na biblioteca porque correu mal e que o improvisado é particularmente difícil.

Sobre o bairro disse que não há nada que ache surpreendente e admitiu que diz ser de Olhão. Diz que gostava de viver em Albufeira e pareceu-me que isso tem que ver com a experiência recente que teve na colónia de férias, pelo facto de ser uma cidade com animação noturna.

Não sente que os vizinhos se metam na sua vida, mas admite que há conflitos parvos dentro do bairro. A discrepância nas respostas sobre os vizinhos, parece-me ter que ver com a zona do bairro que se ocupa, mas também com o tipo de família e reflexão sobre as coisas, já que para a Ana é motivo de incómodo e sente o controlo dos vizinhos, ao passo que o Márcio e Valentim e mesmo a Filipa não referem isso.

Ele é o único que faz referência a um líder no bairro, o que para mim é normal já que é cigano e diz que acha as leis estúpidas mas que tem que se respeitar se não arranja problemas. Esta pareceu-me ser uma certeza muito interiorizada, a de que respeitar a lei cigana, mesmo que não se compreenda ou concorde, é algo que tem que ser para não haver consequências.

Tal como a Ana, disse que quando houve falarem mal do bairro se cala, mas que isso lhe provoca ódio e vontade de bater em alguém.

Ao contrário do Márcio e Ana, que começam a pensar em perspetivas de futuro, o Valentim define a importância de estudar pelo que a mãe lhe diz, compreender as coisas e tirar a carta de condução, o que me faz lembrar a conversa dos autores sobre ciganos portugueses e a escola, que tem a importância de lhes facultar as aprendizagens primárias.

A entrevista do Valentim acrescentou outro dado importante que foi o facto de os pais o proibirem de levar para casa amigos não ciganos e de não o deixarem de namorar raparigas portuguesas, o que mais uma vez coincide com a literatura.

Acha que em relação às raparigas ciganas, não há uma diferença na liberdade que têm. Para mim este foi uma resposta imediata e que tem que ver com o facto dele ser rapaz e não sentir o que as raparigas ciganas sentem, se calhar nem se aperceber disso. Isto porque tanto a Ana como a Filipa têm outra

perspetiva relativamente a este assunto. O Márcio não pareceu querer falar sobre este assunto, ou ter muito a dizer sobre isso, mais uma vez, parece-me a mim, porque é rapaz e não faz uma reflexão sobre estes assuntos, nem uma analogia entre rapazes e raparigas.

Sobre a família o que diz que o incomoda é que gozem com ele ou que lhe mandem bocas sobre os seus namoros com as portuguesas.

Assunto: Entrevista com Filipa

A entrevista da Filipa começou com análise das fotos e com ela a criticar o seu aspeto nas mesmas, tendo apenas gostado de se rever nas mais recentes, de Portimão, que no fim da entrevista quis pôr no facebook. Também me perguntou, quando víamos as fotos, se eu as pus na internet e como já sei que se preocupa muito com as fotos suas que possam surgir na internet, tratei de assegurar que estavam na net mas como privado, o que significa que só eu quando acedo à conta é que posso ver, mais ninguém.

Na entrevista também ela foi breve nas respostas, o que, um pouco como com o Márcio e o Valentim, não me permitiu ver aprofundados os assuntos, mas possibilitou-me a confirmação de questões que já tinha percebido pelas entrevistas aos técnicos e pelas minhas observações.

Diz que gostou de apresentar em Portimão porque fizeram tudo bem e acha que das primeiras vezes para agora melhorou em termos de representação.

Houve uma coisa que me intrigou na sua entrevista e que teve que ver com uma contradição que me causa a nível dos dados. Diz que nunca se sentiu discriminada por viver na Horta da Areia e nunca ouviu comentários sobre o bairro, nem nada. O Márcio também não sentiu discriminação, o que me faz pensar que tem que ver com o contexto escolar deles, já que os dois têm a mesma idade e frequentam o mesmo ano escolar, daí que seja provável que sejam da mesma turma. Além disso sei de antemão, por alguma conversa que ouvi, que os colegas deles, a maior parte, são beneficiários do RSI, o que a mim me faz pensar que se pertencem a uma turma de colegas de famílias também em situações de pobreza, é natural que não sintam este tipo de discriminação.

Outra questão interessante é que me respondeu que gosta do bairro e de viver lá, mas quando lhe perguntei em seguida o que mudava no bairro, disse que era o viver noutra sítio e aí mudou o discurso, não indo mais além da ideia de que o que queria mesmo era estar fora do bairro. Isto faz-me pensar que ao início, quando lhe fiz a pergunta “o que é que achas do bairro” ela sentiu algum constrangimento em dizer logo que não gostava, daí que tenha hesitado e repetido a minha pergunta “o que é que eu acho do bairro”, como que a ganhar tempo para organizar o raciocínio, ou para ler em mim o que eu queria que ela respondesse. Depois, por algum motivo que não consigo perceber, mudou de opinião, talvez porque pela minha insistência em tocar este assunto lhe tenha sido difícil manter a posição inicial por falta de elementos que justificassem porque é que gosta do bairro e de viver nele.

Outro aspeto bem claro nesta entrevista é a divisão a nível de identidade. Ela parece sentir o peso das regras da lei cigana, o que faz que mencione estas regras, todas, como aquilo que não gosta na sua família. Ao mesmo tempo, quando se refere às mulheres ciganas diz “Tipo elas, as ciganas não podem namorar e isso, eu posso”, o que me faz pensar que existe uma dualidade nela entre o ser cigana e o não ser, mas que se identifica mais como uma não cigana. O que faz sentido se pensar num relato deste mesmo diário em que ela dizia que já não consegue dançar cigano.

Dia 51

Data: 22 de Setembro de 2012

Local: Bairro Horta da Areia

Assunto: Sessão de partilha e discussão dos dados

Fez-se na sexta-feira dia 21 de Setembro a discussão dos dados, na parte da tarde. Estavam convocados pelos técnicos do Centro Comunitários, os jovens dos *Minoria do Ghetto* mais outros 5, 4 deles de etnia cigana, que sendo jovens do bairro podem vir a integrar, quando reiniciado o T.O. neste novo ano letivo 2012-2013, o grupo. Foram chamados porque a reunião era para a discussão dos dados e em simultâneo para se combinar horários e datas do reinício da atividade. Dos *Minoria do Ghetto* estavam a Ana, Carlos, Zé, Clara, Filipa e Verónica. Dos adultos, estavam a Sofia, Júlia, Sónia, Telmo e David.

A Verónica estava presente porque regressou de Londres. A tia optou por fazê-la voltar para o bairro já que as coisas por lá não correram muito bem e a Verónica acabou por fazer algumas asneiras. Isto era o que eu sabia quando a encontrei, pois a Júlia já me tinha contado num outro dia de conversa.

O João e o Sérgio não estavam presentes. O Sérgio porque, segundo ouvi, faltou ao respeito à Sónia o que agregado a outros eventos relatados por mim nas notas de campo, tornou a sua presença no Centro Comunitário e no grupo de T.O., difícil. O João, segundo comentava a Sónia com a Júlia, nunca é presença assídua porque a mãe não deixa.

Como não estava a conseguir transmitir o filme pelo leitor de dvd's para vermos na televisão, o David optou por passar no computador de um dos gabinetes e tivemos que dividir o grupo, já que não seria produtivo colocar todos ao mesmo tempo num espaço não muito grande.

Os primeiros dos *Minoria do Ghetto* a ver o filme foram a Tatiana, Verónica, Zé, Carlos, Leandra e, dos técnicos, o David.

Quando começou o filme, com uma das coreografias da peça "Namoro Proibido", uma das raparigas que vai entrar para o grupo, disse "Que fixe!", ao vê-los a dançar.

Enquanto passavam as imagens e as frases foram surgindo alguns comentários. Muitos deles eram sobre as fotos, outros sobre as músicas. As fotos, como já seria de esperar, suscitaram muito interesse. A Verónica fazia comentários como "Já pus esta no facebook" ou "esta não tenho, quero esta!". Também percebi que eles se reviam em algumas das frases que iam acompanhando as fotografias. Reparei nisto pelas trocas de olhares e sorrisos cúmplices que a Filipa e o Carlos fizeram comigo em alguns momentos, nomeadamente quando passou a frase "Tipo elas, as ciganas, não podem namorar e eu posso né?", ou "Eu não gosto das regras todas, todas mesmo!" sobre a lei cigana. Nestes dois momentos a Filipa olhou para mim de sobrelha franzida como que para obter a confirmação de que tinha sido mesmo ela a dizer aquilo e quando abanei a cabeça em sentido afirmativo sorriu e voltou a olhar para o ecrã. Quando passou a frase "Quando eu saio de casa têm sempre que bisbilhotar para onde é que eu vou" também se ouviram burburinhos e a Filipa e o Carlos, mais uma vez, manifestaram-se. "É mesmo puto", disse a Filipa, "Ya, bué", murmurou o Carlos. Achei curioso porque lembro-me de, na entrevista, a Filipa ter dito que não se sentia controlada pelos vizinhos, sendo que acabei por ter, nesta oportunidade, confirmação do contrário.

O Carlos reagiu quando surgiu a frase “ Às vezes não me deixam fazer tudo o que eu quero... não posso trazer amigos para casa... e contam para eu não me meter com portuguesas”. Olhou para mim de olhos muito abertos, acho que surpreso por ver as suas palavras reproduzidas e quando lhe apontei o dedo discretamente, riu-se.

Quanto ao teatro, foi exigido silêncio quando passou um excerto de gravação da peça “A minha camisola vale mais que a tua casa”, uma parte em que a Zilda e o Zé, os meninos ricos, estavam a mandar bocas aos meninos pobres. Aí todos disseram: “Olha, a Zilda!”. O Zé chegou-se à frente para ouvir melhor e pediu a todos que se calassem.

A parte referente ao T.O. foi a que suscitou menos comentários, penso que porque tinha mais falas e vídeos, o que gerou risos e, também, alguma confusão.

O 2º grupo a visionar era composto pelo Telmo, Sónia, Júlia, Sofia e dos Minoria do Ghetto estava só, ao início, a Joana, mas depois voltaram o Carlos, Ana e Verónica para espreitar outra vez. Muitos dos jovens que estavam presentes não pertenciam ao grupo quando fiz o estudo, mas achei que já que estavam no espaço, deveriam assistir ao filme para saberem do que se tratava.

Acho que a mensagem não passou tão bem quanto ao primeiro grupo, a Júlia acabou por ler alguma das frases em voz alta, pois comentou-se que as frases passavam muito rápido. Também o grupo estava mais disperso, creio que por não lhes dizer diretamente respeito, ou por não se reverem no que estava a passar. A Júlia comentou comigo, durante o filme, que achava que eles podiam não perceber que as frases eram deles, tendo eu explicado que com o outro grupo tinha sido diferente.

Quando surgiu a frase sobre os conflitos com o “Cabeça Grossa”, que terminam, normalmente, em expulsão de algumas famílias do bairro, ouviu-se um burburinho. Isto porque a filha do senhor estava na sala e um dos jovens disse-lhe: “Olha, tão a falar do teu pai”, ao que ela reagiu com um comentário que não percebi, mas que pelo tom de voz pareceu de desagrado.

A Sónia e o Telmo saíram a meio do filme, porque entretanto chegou um distribuidor com bolos e iogurtes, portanto tiveram que ir arrumar. Na verdade isto alterou um pouco a dinâmica que eu tinha planeado, pois tinha pensado iniciar uma conversa com todos logo a seguir ao visionamento do filme. Em vez disso aconteceu que foram sendo distribuídos alguns alimentos pelos jovens que foram a casa guardar as coisas para não descongelarem. O Telmo continuou a organizar os alimentos, a Sónia teve que sair, assim como a Sofia, o David estava ocupado com o telefone e sobrámos eu e a Júlia, com os jovens que entretanto regressaram.

Quando viu o gravador em cima da mesa a Filipa perguntou-me: “Entrevista?” “Não, hoje é só uma conversa”.

Enquanto não começávamos estive a falar com a Verónica sobre como foi a sua experiência em Londres. Perguntei-lhe se estava contente por estar de volta, franziu os lábios e disse que gostava mais de estar em Londres. Perguntei-lhe como eram os dias lá, disse que não visitou monumentos, ficou sempre em casa e no bairro onde mora a tia e às vezes ia jogar à bola no campo do bairro, ou que ficava a brincar com as primas. Depois perguntei-lhe o que é que correu mal, para a tia a mandar de volta para a Horta da Areia. Contou-me que foi passar o fim-de-semana com a mãe e que era para ter voltado no domingo mas a mãe não fez o que tinha combinado com a tia dela e ela só voltou na segunda. Mas que a tia lhe disse

que quando ela tiver 16 anos lhe dá outra oportunidade. A conversa ficou por aqui, mas reparei que durante a sua estadia em Londres fez uma pequena tatuagem no ombro direito, atrás.

Quando os jovens voltaram começámos a conversa, ainda que de forma um pouco atabalhoada. Revi a situação do GD, estávamos eu e a Júlia com os jovens na sala, sozinhas, a tentar controlar o entusiasmo e as conversas transversais que iam tendo uns com os outros. A Sónia teve que sair, a Mafalda também e o Paulo e Pedro estavam na cozinha a tratar das arrumações dos produtos que receberam, pelo que não participaram da discussão.

Comecei por perguntar se tinham conseguido ler o que estava a passar nas fotos. O Valentim disse que “algumas coisas não, passava bué da rápido”. Expliquei-lhes que aquela informação era das entrevistas a eles e aos técnicos, que tinham resultado algumas coisas sobre o bairro e sobre o teatro. Em seguida perguntei se se reviam em algumas das coisas que estavam escritas. A Filipa disse que sim, com algumas coisas. Eu perguntei em quais, ela disse que “isso é que eu não posso dizer” e riu-se. O Valentim também acabou por dizer que a frase das “portuguesas” é dele. Em seguida, eu disse: “uma das coisas que eu achei interessante nas entrevistas foi as coisas que vocês sentem sobre o bairro, pareceu-me que vocês por um lado gostam do bairro porque é o vosso bairro, é onde tá os amigos e a vossa família, mas por outro lado não gostam muito porque gostavam que tivesse mais limpo, que tivesse menos confusão...” Entretanto começaram a falar e a Júlia repetiu a pergunta com as suas palavras “gostam do bairro e não gostam do bairro”. O irmão do Valentim, que estava presente, disse “mete nojo”. A Filipa disse, com um sorriso, que gosta do bairro e quando a Júlia lhe perguntou porque é que gosta, respondeu: “moro cá, tenho que gostar não é?”. Pela forma como falou pareceu-me que estava a ser irónica, então eu disse que no entanto ela gostava de viver noutra lado, ao que me respondeu “Adorava!”. O próximo tópico foram as regras ciganas. “Eu odeio as regras ciganas!” disse logo a Filipa. “Eu também!” referiu o Valentim. “Eu não gosto de ser cigano” disse o irmão do Valentim. A Lúcia, que também estava presente, perguntou-me “Vânia, porque é que sempre perguntam sobre ciganos?” Disse-lhe que no meu caso foi porque se falou disso nas entrevistas. Ela perguntou se é porque são diferentes, a Júlia disse que, sim, é por isso.

A Lúcia e uma amiga que também estava na sala, uma cigana de pele mestiça, disseram alegres que gostam das regras e de ser ciganas. A Ana disse-lhes que é porque elas são só ciganas, a Filipa não, é meia-cigana. A Filipa disse que gostava que a mãe não fosse cigana. A Júlia perguntou à Ana se ela gosta das regras ciganas. A Ana encolheu os ombros, pareceu-me hesitante. Em seguida disse que não. A mesma pergunta foi feita ao Márcio. Ele disse que tanto faz, não é com ele. A Júlia disse que pelos amigos que ele tem, o que é que ele acha. Ele acabou por dizer que não concorda. A Verónica também disse logo que não concorda, que não acha bem que tenham que andar de saias compridas nem que tenham que casar novas. O Valentim disse “Odeio, todas as regras ciganas.”. Depois começou-se a falar das suas namoradas, de ele não poder namorar portuguesas. “Não podes?!” disse a Júlia em tom de brincadeira, já que ele anda sempre a namorar com portuguesas.

Mudei de assunto e comecei a falar sobre o teatro, o facto de ser uma forma de os levar para fora do bairro, de “mostrar o vosso valor lá fora e doutras pessoas vos conhecerem e saberem que vocês fazem coisas diferentes. Acham que isso é verdade?”. “Humhum” disse a Ana ao meu lado. “Talvez sim, talvez não. Um dia mais tarde.”, disse a Filipa. “Distante”, acrescentou a Ana. “Mas temos que acreditar hã?”, acrescentou a Júlia.

Em seguida abordou-se a admiração que os mais pequenos têm por eles e que até querem reproduzir aquilo que eles fazem. A Júlia concordou logo. Disse “Sim, querem sempre. Admiram muito. O teatro dos grandes é sempre melhor.”

A Natália resolveu mudar de assunto, disse “Eu acho que se nós fizéssemos tipo coisas mais a mostrar a realidade da escola, e tipo o que as pessoas fazem na escola, tipo, o que falam...” “Sim, pode ser”, retorquiu a Júlia. “Vocês tão na mesma escola todos?”, perguntou aos jovens. “Todos os que ‘tão aqui são da mesma escola.”. “E na mesma turma?”, voltou a Júlia a perguntar. Começaram todos a falar ao mesmo tempo, lembro-me que a Natália e a Ana, ao meu lado, disseram que são da mesma turma juntamente com a Filipa. Começaram a falar da escola, dos chumbos, das disciplinas, sempre com grande algazarra, a falar ao mesmo tempo. Passados uns minutos a Júlia perguntou se eu tinha outra pergunta, eu achei melhor não continuarmos, por sentir que não era o ambiente certo para continuar a falar e que já tinham dispersado no assunto, pelo que seria difícil retomar a conversa séria.